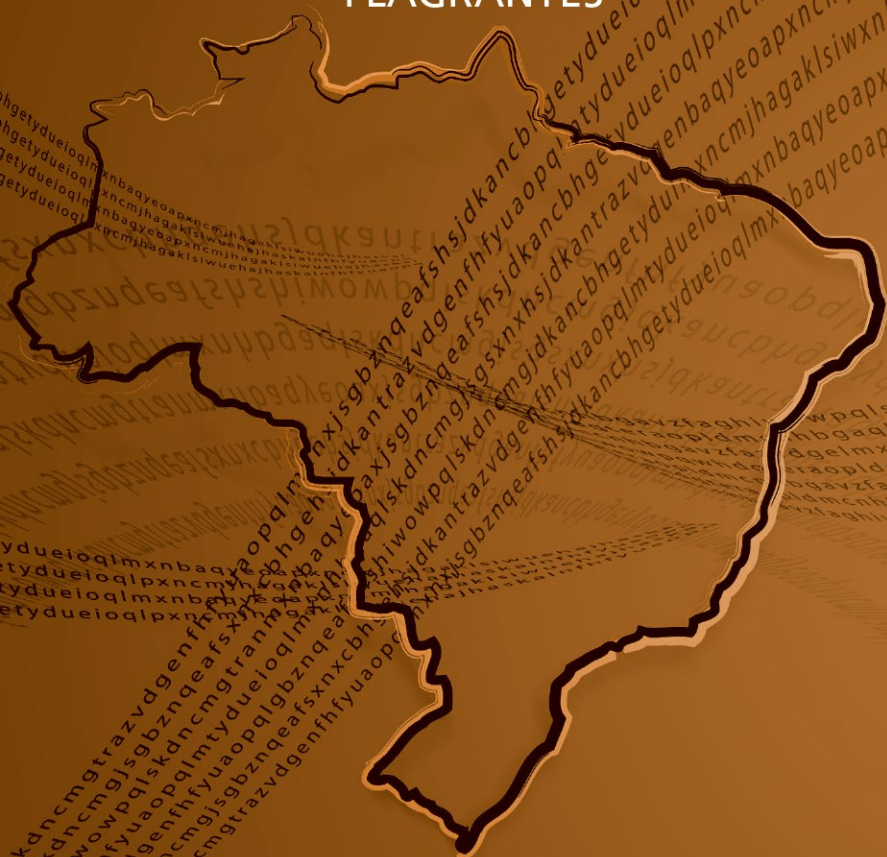


PANORAMA DA COMUNICAÇÃO E DAS TELECOMUNICAÇÕES NO BRASIL

2012/2013

FLAGRANTES



VOLUME 3



Brasília-DF
2013



PANORAMA DA COMUNICAÇÃO E DAS TELECOMUNICAÇÕES NO BRASIL

2012/2013

FLAGRANTES



VOLUME 3

Governo Federal

Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República

Ministro interino Marcelo Côrtes Neri



Fundação pública vinculada à Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, o Ipea fornece suporte técnico e institucional às ações governamentais – possibilitando a formulação de inúmeras políticas públicas e programas de desenvolvimento brasileiro – e disponibiliza, para a sociedade, pesquisas e estudos realizados por seus técnicos.

Presidente

Marcelo Côrtes Neri

Diretor de Desenvolvimento Institucional

Luiz Cezar Loureiro de Azeredo

Diretor de Estudos e Relações Econômicas e Políticas Internacionais

Renato Coelho Baumann das Neves

Diretor de Estudos e Políticas do Estado, das Instituições e da Democracia

Daniel Ricardo de Castro Cerqueira

Diretor de Estudos e Políticas Macroeconômicas

Cláudio Hamilton Matos dos Santos

Diretor de Estudos e Políticas Regionais, Urbanas e Ambientais

Rogério Boueri Miranda

Diretora de Estudos e Políticas Setoriais de Inovação, Regulação e Infraestrutura

Fernanda De Negri

Diretor de Estudos e Políticas Sociais

Rafael Guerreiro Osorio

Chefe de Gabinete

Sergei Suarez Dillon Soares

Assessor-chefe de Imprensa e Comunicação

João Cláudio García Rodrigues Lima

Ouvidoria: <http://www.ipea.gov.br/ouvidoria>

URL: <http://www.ipea.gov.br>

Socicom – Federação Brasileira das Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação



Presidente

Margarida M. Krohling Kunsch (Abrapcorp)

Vice-presidente

Maria Berenice da Costa Machado (Alcar)

Diretora Administrativa

Maria Cristina Gobbi (Folkcom)

Diretora de Relações Nacionais

Dione Oliveira Moura (SBPJor)

Diretora de Relações Internacionais

Maria Dora G. Mourão (Socine)

Conselho Fiscal

Anita Simis (ULEPICC Brasil)

Eneus Trindade Barreto Filho (ABP2)

Adolpho Carlos França Queiroz
(Politicom)

Conselho Deliberativo

Presidente – José Marques de Melo
(Intercom)

Site: www.socicom.org.br

Socicom

Federação Brasileira das Associações
Científicas e Acadêmicas de Comunicação
Av. Brigadeiro Luís Antonio, 2050, 3º Andar
Bela Vista, SP – CEP 01318-002
E-mail: socicom@hotmail.com

PANORAMA DA COMUNICAÇÃO E DAS TELECOMUNICAÇÕES NO BRASIL

2012/2013

FLAGRANTES



Organizadores

João Cláudio Garcia R. Lima
José Marques de Melo

Editores

José Marques de Melo
Iury Parente Aragão

VOLUME 3

ipea

Brasília, 2013

Panorama da comunicação e das telecomunicações no Brasil :
2012/2013 / organizadores: João Cláudio Garcia R. Lima,
José Marques de Melo.- Brasília : Ipea, 2013.
4 v. : gráfs., mapas, tabs.

Inclui bibliografia.]

Conteúdo: v.1. Indicadores e tendências I / editor: João
Cláudio Garcia R. Lima – v.2. Indicadores e tendências II /
editor: João Cláudio Garcia R. Lima – v.3. Flagrantes / editores:
José Marques de Melo, Iury Parente Aragão – v.4. Memória /
editores: Marialva Carlos Barbosa, Maria Berenice da Costa
Machado, Igor Sacramento.
ISBN 978-85-7811-174-8

1. Comunicação. 2. Telecomunicações. 3. Brasil. I. Lima, João
Cláudio Garcia Rodrigues. II. Melo, José Marques de. III.
Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

CDD 384.0981

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
---------------------------	----------

PREFÁCIO	11
-----------------------	-----------

PARTE I

FLAGRANTES INTERNACIONAIS

CAPÍTULO 1

CENTENÁRIO DAS CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NOS ESTADOS UNIDOS: PRESENÇA BRASILEIRA NO CONGRESSO DA AEJMC (CHICAGO, 2012)	15
Roseméri Laurindo	

CAPÍTULO 2

COMUNICAÇÃO E ENGAJAMENTO COMUNITÁRIO: EIXO TEMÁTICO INDUTOR DE PARTICIPAÇÃO NO V COLÓQUIO BRASIL-ESTADOS UNIDOS DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO	21
Sonia Virgínia Moreira	

CAPÍTULO 3

A PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA NO CONGRESSO DA IAMCR EM DURBAN, ÁFRICA DO SUL	39
Fernando Oliveira Paulino	

CAPÍTULO 4

COMUNIDADE LUSÓFONA: CONGRESSO DE LISBOA DENOTA CRESCIMENTO CONSISTENTE	47
Antonio Hohlfeldt	

CAPÍTULO 5

COMUNIDADE LATINO-AMERICANA: ALAIC CONFIRMA EM MONTEVIDÉU 2012 O ACERTO DA ESTRATÉGIA EMBU-GUAÇU 1992	53
César Bolaño	

CAPÍTULO 6

COMUNIDADE IBERO-AMERICANA: FÓRUM DE QUITO VISLUMBRA PERSPECTIVAS DE COOPERAÇÃO ENTRE AMÉRICA LATINA E EUROPA IBÉRICA	65
Margarida M. Krohling Kunsch	

CAPÍTULO 7

ESCOLA LATINO-AMERICANA DE COMUNICAÇÃO: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE BAURU – AGENDA “O DIÁLOGO CIÊNCIA-ARTE-TECNOLOGIA”	73
Maria Cristina Gobbi	

CAPÍTULO 8

FICÇÃO TELEVISIVA: SEMINÁRIO OBITEL/SÃO PAULO DESCORTINA TRANSNACIONALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO IBERO-AMERICANA	93
Maria Immacolata Vassallo de Lopes	
Maria Cristina Palma Mungioli	
Claudia Pontes Freire	
Clarice Greco Alves	

CAPÍTULO 9

A TRAJETÓRIA DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE INVESTIGADORES EM <i>BRANDING</i> – OBSERVATÓRIO DE MARCAS	113
Elizete de Azevedo Kreutz	

CAPÍTULO 10

BRASIL-DINAMARCA I: FESTIVAL ORECOMM-2012 ABRE PERSPECTIVAS PARA COOPERAÇÃO BRASIL-DINAMARCA	121
Cicilia M. Krohling Peruzzo	

CAPÍTULO 11

BRASIL-DINAMARCA II: SINACOM 2012 RESGATA PRECEDENTES DE COOPERAÇÃO ACADÊMICA NA FUNDAÇÃO DA INTERCOM	123
José Marques de Melo	

PARTE II

FLAGRANTES NACIONAIS

CAPÍTULO 1

CINQUENTENÁRIO DAS CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NO BRASIL: CONGRESSO DO RECIFE 2011 CELEBROU PIONEIRISMO PERNAMBUCANO	129
Aline Maria Grego Lins	

CAPÍTULO 2

MAPA DAS CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NO BRASIL: TENDÊNCIAS OBSERVADAS NOS CONGRESSOS INTERCOM 2012	145
Marialva Carlos Barbosa	

CAPÍTULO 3

XXI ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS CONSOLIDA PESQUISA EM COMUNICAÇÃO NA ZONA DA MATA MINEIRA	155
Iluska Coutinho	

CAPÍTULO 4

JORNALISMO I: FNPJ REITERA EM UBERLÂNDIA A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO ESPECÍFICA	163
Marcelo Engel Bronosky Mirna Tonus	

CAPÍTULO 5

JORNALISMO II: CONGRESSO DA SBPJOR EM CURITIBA ATESTA EXPANSÃO DA PESQUISA	171
Dione Oliveira Moura, Ana Paula Rosa, Claudia Irene de Quadros, Denise Stacheski, Demétrio de Azeredo Soster, Francieli Mognon, Iluska Coutinho, Josenildo Luiz Guerra, Julius Nunes, Kati Caetano, Kênia Maia, Leonel Aguiar, Luciana Mielniczuk, Mônica Cristine Fort, Mônica Kaseker, Myrian Del Vecchio e Victor Gentilli	

CAPÍTULO 6

JORNALISMO III: PRÊMIO ADELMO GENRO FILHO VALORIZA A TRAJETÓRIA DE PESQUISADORA E PROFISSIONAL DO JORNALISMO CIENTÍFICO	179
Graça Caldas	

CAPÍTULO 7

PROPAGANDA I: A ABP2 E O FORTALECIMENTO ACADÊMICO DA PUBLICIDADE E PROPAGANDA	187
Eneus Trindade	

CAPÍTULO 8

PROPAGANDA II: POLITICOM DIVULGA CARTA DE CURITIBA, PROPONDO MUDANÇAS NO HORÁRIO POLÍTICO GRATUITO DO RÁDIO E DA TV	195
Roberto Gondo Macedo Luciana Panke	

CAPÍTULO 9

RELAÇÕES PÚBLICAS: ABRAPCORP FOCALIZOU DISCURSO
DAS ORGANIZAÇÕES COMPLEXAS NO CONGRESSO DO MARANHÃO201
Cláudia Peixoto de Moura

CAPÍTULO 10

CINEMA E AUDIOVISUAL I: NOVAS CONFIGURAÇÕES PARA O ENSINO211
Aída Maria Bastos Nepomuceno Marques

CAPÍTULO 11

CINEMA E AUDIOVISUAL II: NOVAS CARTOGRAFIAS DO CINEMA MUNDIAL ..221
Maria Dora Mourão

CAPÍTULO 12

CIBERCULTURA: ABCIBER DEBATE O ENTRETENIMENTO DIGITAL227
Angela Schaun

CAPÍTULO 13

ECONOMIA POLÍTICA DA COMUNICAÇÃO: 2012, UM ANO PRODUTIVO
PARA A EPC NO BRASIL 239
Ruy Sardinha Lopes

CAPÍTULO 14

FOLKCOMUNICAÇÃO: REDE FOLKCOM AVANÇA ACADEMICAMENTE,
ALTERNANDO INTERIORIZAÇÃO E INTERNACIONALIZAÇÃO 245
Marcelo Pires de Oliveira

CAPÍTULO 15

HISTÓRIA DA MÍDIA: O MOSAICO REGIONAL DA ALCAR – SÃO BORJA,
VILA VELHA, TERESINA, DOURADOS E BELÉM 249
Maria Berenice da Costa Machado

CAPÍTULO 16

COMUNIDADE DOS ESTUDOS SEMIÓTICOS ENCERRA EVENTOS
DO CAMPO COMUNICACIONAL EM 2012 259
Iury Aragão

CALENDÁRIO DE EVENTOS INTERNACIONAIS E NACIONAIS 263

Iury Aragão

POSFÁCIO

UM PASSO DECISIVO PARA A CONSOLIDAÇÃO DAS CIÊNCIAS
DA COMUNICAÇÃO 269
Elias Machado

APRESENTAÇÃO

Esforços para compreender melhor a evolução e as possibilidades dos processos comunicacionais e dominar as tecnologias da informação têm ajudado diversos países no caminho do desenvolvimento inclusivo e sustentável. Nesse sentido, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada tem orgulho de apresentar, em parceria com a Federação Brasileira das Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação (Socicom), os resultados das pesquisas realizadas no âmbito do projeto *Panorama da Comunicação e das Telecomunicações 2012/2013*.

Trata-se do terceiro ano desse profícuo projeto, que rendeu ao Ipea o Prêmio Luiz Beltrão de Ciências da Comunicação 2012 (promovido pela Intercom e Globo Universidade) na categoria Instituição Paradigmática e que, agora, soma onze volumes publicados, reunindo mais de 180 textos com análises e propostas de iniciativas e políticas públicas para o setor. Algumas delas, que já começaram a promover transformações em outras partes do mundo, são, para o Brasil, mais acessíveis e promissoras do que imaginamos. A exemplo da TV interativa e sua miríade de possibilidades de utilização como veículo de acesso a serviços e informações. Nesse campo, a capacidade criativa do brasileiro em busca de soluções deve ser reconhecida e estimulada – haja vista o exemplo do bem-sucedido *middleware* Ginga, tecnologia nacional que possibilita a criação de aplicações interativas para TV digital.

Conhecer melhor os hábitos brasileiros de utilização dos meios de comunicação neste histórico período de transição para as mídias digitais, assim como nossa capacidade de adoção das tecnologias mais inovadoras, é crucial e estratégico para os elaboradores de políticas públicas. É com esse objetivo que o Ipea e a Socicom entregam à sociedade mais quatro volumes do *Panorama da Comunicação e das Telecomunicações*, desta vez abordando a realidade nacional em estudos comparativos com o Cone Sul (Argentina, Chile, Paraguai e Uruguai).

Nos dois primeiros livros, bolsistas e servidores do Instituto, além de pesquisadores convidados, desenvolvem temas como a formação em comunicação, o uso de novas mídias, cenário das indústrias criativas, cooperação no setor das TICs, sistemas de produção e circulação dos bens simbólicos e conteúdos culturais, regulação e comunicação pública. Os volumes 3 e 4, que completam a edição 2012/2013, trazem, respectivamente, flagrantes e a memória do campo comunicacional brasileiro, dando continuidade à estrutura da edição 2011/2012.

A popularização das novas mídias, acelerada pelo desenvolvimento inclusivo recente, traz oportunidades e desafios para um país que busca aprofundar direitos e deveres inerentes à democracia, combinando liberdade de expressão e iniciativa com ampliação do acesso à produção e ao consumo de informação em todas as suas formas. A pluralidade, valor intrínseco ao Ipea, volta a ser brindada com o conjunto de reflexões originais que compõem esta obra.

Marcelo Côrtes Neri
Presidente do Ipea

PREFÁCIO

Em 2012, a comunidade acadêmica de comunicação vivenciou momentos significativos para sua consolidação como área legitimada do saber.

No plano mundial, a celebração do centenário da Association for Education in Journalism and Mass Communication (AEJMC) marcou a edição de 2012 do congresso anual da entidade, realizado em Chicago entre 7 e 12 de agosto desse ano.

No plano nacional, os preparativos para a comemoração do cinquentenário das ciências da comunicação em território brasileiro constituem indicadores da maturidade acadêmica alcançada pelo campo da comunicação. Este se configura a partir do jornalismo para assumir, no decorrer do século XX, um perfil comunicacional, incluindo outras disciplinas de natureza aplicada e várias disciplinas de matiz humanístico.

O panorama aqui delineado corresponde a um espelho da movimentação das sociedades científicas agrupadas em torno da Federação Brasileira das Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação (Socicom) e de suas interfaces com as entidades mundiais e regionais da mesma área de conhecimento.

Trata-se de flagrantes documentais que evidenciam o estágio alcançado pela pesquisa, pelo ensino e pelas profissões, beneficiários de todo o processo de produção, recepção e crítica do saber acumulado.

Para tecer esse panorama, a Socicom recebeu a colaboração dos dirigentes institucionais que estão na vanguarda da comunidade acadêmica, produzindo peças que foram sendo ordenadas por Iury Parente Aragão para compor o universo aqui delineado.

Sua produção não poderia chegar a bom termo se não se contasse com o apoio do Ipea, fundação vinculada à Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, que assegurou a publicação deste *Panorama da comunicação e das telecomunicações* pela terceira vez consecutiva. Desta maneira, o campo comunicacional ganha visibilidade em todo o país e começa a suscitar a atenção de parceiros internacionais.

Por isso mesmo, este volume contém “flagrantes” que documentam a ação rica e produtiva não só das sociedades científicas do campo comunicacional, mas também de instituições correlatas, empenhadas na difusão do pensamento comunicacional de natureza acadêmica.

Completa este volume o calendário dos eventos programados para 2013, ano emblemático, pois o Brasil estará celebrando cinquenta anos de ciências da comunicação. Tais efemérides estão registradas no volume 4 deste periódico, editado com o apoio da Sociedade Brasileira de História da Mídia, sob a coordenação de Marialva Barbosa.

José Marques de Melo

**Presidente da Federação Brasileira das Associações Científicas e Acadêmicas
de Comunicação (Socicom) na gestão 2010-2012**

PARTE I

FLAGRANTES INTERNACIONAIS

CENTENÁRIO DAS CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NOS ESTADOS UNIDOS: PRESENÇA BRASILEIRA NO CONGRESSO DA AEJMC (CHICAGO, 2012)

Roseméri Laurindo*

1 INTRODUÇÃO

Participar do congresso que marcou o centenário da Association for Education in Journalism and Mass Communication (AEJMC), realizado de 7 a 12 de agosto de 2012, em Chicago, foi uma oportunidade para refletir sobre o ritmo e produção daquela organização e – parodiando o professor José Marques de Melo, em seu livro bilíngue *Jornalismo made in USA* (2012) – para observar que nem tudo que é feito nos Estados Unidos é ruim para o Brasil. Um paralelo com os congressos da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) vem à mente. Contudo, este texto limita-se a informações sobre o evento que também servem para pensar a realidade brasileira.

Chicago sediou o maior congresso dos últimos anos (em cem anos, foram 95), tendo registrado 2.476 participantes, 363 sessões e 878 *papers*. Nos anos anteriores foram, respectivamente, 2.192, 355 e 896 (em St. Louis, 2011); 2.189, 372 e 853 (Denver, 2010); 2.435, 365 e 861 (Boston, 2009). A diferença entre os números é pequena, retratando uma estabilidade no porte do evento.

Quando tudo começou, em 30 de novembro de 1912, justamente em Chicago, eram apenas 23 homens numa Associação de Professores de Jornalismo, com o objetivo de fazer uma conferência anual para reunir interessados no ensino de jornalismo. No segundo encontro, de 1913, já era AEJMC. Hoje é uma organização de educadores, pesquisadores e profissionais da mídia, tendo a missão, segundo Jennifer McGill, diretor executivo da associação, de “promover os mais altos padrões possíveis de jornalismo, comunicação e educação, cultivar a maior gama de pesquisa em comunicação, incentivar a implementação de uma sociedade multicultural a partir da sala de aula e currículo, bem como defender e manter a liberdade de comunicação em um esforço para alcançar uma melhor prática

* Bolsista do CNPq (PDJ) no Pós-Doutorado em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa e mestre em Comunicação e Culturas Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora da Universidade Regional de Blumenau e do Instituto Blumenauense de Ensino Superior. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Gêneros Jornalísticos (Intercom).

profissional e um público mais bem informado”.¹ Cem anos depois, a associação conta com 3.600 membros pelo mundo (no Twitter, em março de 2013, conta com 5247 seguidores).

À distância, um evento massivo ressalta pela aparência, em especial por ser ambientado no luxuoso Hotel Marriot, com salões de carpetes extensos decorados e macios, lustres dispostos em tetos com pé direito altíssimo e luminárias artísticas, salas de apresentações com painéis digitais à porta indicando início e fim de cada sessão e registrando a presença. Mais de perto, revela-se o funcionalismo estadunidense, em que teoria e prática não apenas fazem parte dos princípios de cartas como a de 2012 –² que prega o compromisso da AEJMC com avanços da educação em jornalismo e comunicação de massa para atingir “uma melhor prática profissional, público mais informado e mais ampla compreensão humana” – como traz os negócios profissionais para a arena dos debates. Nos corredores dos numerosos andares do suntuoso hotel ou no *lobby bar*, encontravam-se pessoas animadas em conversas mais direcionadas a planos comerciais e de emprego que assuntos acadêmicos, adstritos à programação oficial. A conferência de abertura com o convidado Richard Gingras, chefe de produtos inovadores da Google, que falou sobre como as tecnologias afetam o jornalismo, foi um aperitivo para os resultados esperados ao longo do evento.

Oficialmente, as funções que a entidade exerce para cumprir seus objetivos são:

- a) promover altos padrões acadêmicos e profissionais de educação em comunicação de massa;
- b) promover a pesquisa acadêmica sobre comunicação de massa; facilitar a publicação e distribuição ao público de relatórios com base em tal atividade;
- c) apoiar a liberdade de comunicação em consonância com o ideal expresso na Primeira Emenda da Constituição dos Estados Unidos.³

No século passado o *anglo-americanocentrismo* foi combatido em vários momentos por adeptos de visões mais universais ou, algumas vezes, por interesses igualmente imperialistas. Eventos com a dimensão do congresso da AEJMC

1. Tradução nossa. Disponível em: <<http://www.aejmc.org/>>.

2. “AEJMC: 75 Years in the Making,” *Journalism Monographs*, Number 104, November 1987. Citado em <http://www.aejmc100.org/lookback/>. Acesso em 23/03/2013.

3. “Congress shall make no law respecting an establishment of religion, or prohibiting the free exercise thereof; or abridging the freedom of speech, or of the press; or the right of the people peaceably to assemble, and to petition the Government for a redress of grievances” (http://www.archives.gov/exhibits/charters/bill_of_rights_transcript.html). “O Congresso não legislará no sentido de estabelecer uma religião, ou proibindo o livre exercício dos cultos; ou cerceando a liberdade de palavra, ou de imprensa, ou o direito do povo de se reunir pacificamente, e de dirigir ao Governo petições para a reparação de seus agravos”. Tradução USP: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos-antiores-%C3%A0-cria%C3%A7%C3%A3o-da-Sociedade-das-Na%C3%A7%C3%B5es-at%C3%A9-1919/constituicao-dos-estados-unidos-da-america-1787.html>.

ajudam a descortinar um pouco o poderio dos Estados Unidos expresso, no caso, no campo do ensino do jornalismo e da comunicação.

2 O EMBAIXADOR DA COMUNICAÇÃO DO BRASIL

Em termos quantitativos, a presença do Brasil foi mínima, mas as intervenções pontuais de brasileiros merecem registro, principalmente pelos alicerces ali deixados. Destaque-se a presença do professor José Marques de Melo, um verdadeiro embaixador da comunicação brasileira no exterior. Primeiramente, por ter lançado seu livro bilíngue *Jornalismo made in USA*, um estudo sobre o sistema norte-americano de pós-graduação em jornalismo, fruto de seu pós-doutorado na Universidade de Wisconsin, de 1973-1974, cujo relatório havia sumido das bibliotecas após sua demissão da USP sob acusação de práticas subversivas, em 1974.

Entre as entidades que, à época, contatou para sua pesquisa, Melo citou a Association for Education in Journalism (AEJ), pela disponibilização de dados institucionais. Foi o professor Dr. Raymond Nixon, ex-presidente da International Association for Mass Communication Research (IAMCR), então diretor da *Journalism quarterly*, que, segundo Melo, abriu as portas da AEJ para ele. O mesmo Nixon que o encorajou a apresentar uma comunicação sobre as tendências no estudo do jornalismo no Brasil, durante o congresso da AEJMC de New Orleans, em 1974, marcando o pioneirismo do brasileiro, que lembrou aquele evento ao percorrer os salões do Marriot. O texto apresentado foi publicado na revista *Journalism educator*, em março de 1976.

No relatório de seu pós-doutorado, Melo menciona a importância da AEJMC, na década de 1970, para a discussão dos problemas relacionados à formação de jornalistas para a imprensa americana, recordando de seminário que reuniu a American Newspaper Publisher Association Fundation (ANPA) e a AEJMC.

No entanto, além do laço histórico com o passado, a presença de Melo no congresso centenário buscou consolidar alianças para o futuro. Em reunião com a presidente recém-eleita da IAMCR, professora Janet Wasko, da Universidade de Oregon, o brasileiro reivindicou uma gestão menos anglo-amerocentrista, solicitando que a entidade seja, de fato, internacional. O Brasil, assinalou Melo, tem os requisitos para entrar na agenda política da entidade. Afirmou, ainda, que o mais importante não é a barreira da língua (como aconteceu em Portugal, onde em um encontro internacional de comunicação, a própria língua portuguesa, daquele país, estava interdita, admitindo-se apenas o inglês), mas o agendamento de questões estratégicas para o universo científico da comunicação para além das fronteiras. Sublinhou que não há avanços sem a diversidade e a inclusão das novas gerações de pesquisadores. E, por fim, convidou Janet Wasko para o congresso da Intercom de 2013, em Manaus, aceito por ela.

Melo esteve presente na posse do novo presidente da AEJMC, Kyu Ho Youn, da Universidade de Oregon, tendo estimulado também a este e à Linda Steiner, da Universidade de Maryland, presidente da entidade até então, para visitarem Manaus, de modo a aprofundarem a cooperação entre a AEJMC e a Intercom. Apesar de todo o trabalho com a organização do congresso centenário, Linda Steiner se fez presente no encerramento do 5º Colóquio Brasil-Estados Unidos de Comunicação, no dia 8 de agosto, na Universidade De Paul, em que apresentou sua pesquisa intitulada *A ética jornalística “prosumidor”*, que compreende a análise de 28 sites de jornalismo cidadão. Ao final, debateu o assunto com os brasileiros, a quem ofereceu acolhida no congresso da AEJMC.

3 COMUNICAÇÕES DE BRASILEIROS⁴

Representando o Brasil, a diretora de relações internacionais da Intercom, Sonia Virgínia Moreira, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), participou da *Pre-conference* (pré-conferência) da AEJMC 2012, com a apresentação de sua experiência como autora do plano de aula na primeira edição do *Modelo curricular da Unesco para o ensino de jornalismo*, em 2007, na disciplina jornalismo internacional e jornalismo para o desenvolvimento e como revisora técnica da versão em português, em 2010, já que no primeiro momento as edições foram em francês, espanhol, russo, chinês e nepalês (Unesco, 2010).

Sonia Virgínia Moreira relatou que, inicialmente, o programa não fazia parte do currículo regular e estava inserido num contexto de diploma obrigatório para os jornalistas brasileiros. A partir de 2009, enfrentou novas circunstâncias em função da decisão do Supremo Tribunal Federal pela liberação do requisito da formação em jornalismo para o exercício da profissão. Um dia antes da comunicação de Moreira nos Estados Unidos, o Senado Federal aprovou Proposta de Emenda à Constituição (PEC) nº 33/2009 para o retorno da obrigatoriedade do diploma e a matéria seguiu para a Câmara dos Deputados.⁵ Quanto ao modelo de currículo, algumas recomendações da Unesco foram incorporadas nas diretrizes brasileiras definidas por uma comissão de especialistas instituída pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC).

O Brasil também esteve em pauta nas comunicações da professora Heloiza Herscovitz, que já atuou na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) e na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e vive há seis anos nos Estados Unidos, onde leciona na Universidade do Estado da Califórnia, Long Beach. No painel sobre “O jornalista global no século XXI”, ela apresentou uma pesquisa realizada no Brasil, em 2009, com estatísticas obtidas a partir das respostas de 506 jornalistas brasileiros, cujo resultado está publicado no livro *The*

4. A programação completa da AEJMC Conference 2012 está disponível em: <<http://www.aejmcchicago.org/wp-content/uploads/2011/09/2012ChicagoPreliminaryCopy-2.pdf>>.

5. Mais informações no Portal Atividade Legislativa do Senado Federal. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/atividade/materia/detalhes.asp?p_cod_mate=92006>.

global journalist in the 21st century, organizado por David Weaver e Lars Willnat, e recém-editado pela Routledge Communication Series. Este livro traz um levantamento da situação dos jornalistas em vários lugares do mundo. A obra atualiza a edição de 1998, com o acréscimo de mais de doze países, inclusive o Brasil, que aparece no capítulo de Herscovitz, permitindo dados comparativos.

Para a amostragem de sua pesquisa, Herscovitz compilou informações da Associação Nacional dos Jornais (ANJ), Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão, Associação Nacional de Editores de Revistas (Aner), Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) e a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), além de órgãos públicos e organizações privadas de notícias. Selecionou 48 jornais em capitais e grandes cidades, 62 revistas de circulação nacional e regional, oito emissoras de rádio e TV, 25 portais de internet e agências de notícias, num total de 143 organizações em 26 estados. Entre as várias conclusões da pesquisadora, ressalta-se a consideração que fez quanto à percepção dos jornalistas sobre a transição para a mídia *on-line*, pois, ao mesmo tempo que comemoram a velocidade, o retorno e a diversidade alcançados, acreditam que pouco foi feito para aumentar a precisão e a credibilidade. O sentimento geral é de que há mais informação, contudo, menos qualidade.

Herscovitz participou, ainda, de sessão comemorativa dos 100 anos da AEJMC, com debate sobre o tema “Um século de jornalismo e novas mídias na América Latina e Caribe” (*A century of journalism and news media in Latin America and the Caribbean*). Ao abordar *Uma perspectiva da trajetória do Brasil* (*A perspective of the trajectory of Brazil*), falou sobre o controle público dos meios de comunicação no Brasil e em sua palestra considerou a existência de grupos políticos que lutam para reduzir o poder das corporações de mídia. Considerou que, das 433 escolas de jornalismo no país, em sua maioria privada, “poucas têm boa reputação”.

No congresso, Heloiza Hercovitz foi eleita chefe da Divisão Internacional de Comunicação da AEJMC.

Outro brasileiro radicado nos Estados Unidos, Rosental Alves, também participou do congresso em coordenação de mesas e apresentou a experiência latino-americana, a partir dos estudos que realiza na Universidade do Texas, em Austin.

Sobre o Brasil, no tópico *New settings and approaches to agenda setting*,⁶ encontra-se, ainda, na programação, a comunicação de Tania Rosas-Moreno, que desenvolveu um estudo junto à imprensa de Loyola Maryland sobre a popularidade de Lula e a impopularidade de Bush.

Os anúncios das universidades estadunidenses no caderno do congresso chamam a atenção pela valorização que fazem aos professores e alunos, nomeando-os.

6. Novas configurações e abordagens para a teoria do agendamento. Tradução nossa.

São peças publicitárias que, em vez dos conhecidos *slogans* e frases de efeitos e fotos produzidas, como se vê no Brasil, destacam as pessoas que fazem parte das instituições. E um brasileiro também está lá. Na programação impressa distribuída aos congressistas, a AEJMC exibe em anúncio de página inteira, a entrada do brasileiro Raul Reis na Universidade Internacional da Flórida. Decano da Escola de Jornalismo e Comunicação Social, nasceu em Belém, onde realizou graduação em jornalismo na Universidade Federal do Pará (UFPA). Fez mestrado na Universidade de Oregon e atuou em vários meios de comunicação no Brasil e nos Estados Unidos. É o primeiro brasileiro a conquistar este mérito. Em setembro de 2013, Reis expõe no XXXVI Congresso na Intercom, em Manaus, um pouco de sua experiência nos Estados Unidos.

Para acompanhar os trabalhos apresentados em 2012 no congresso da AEJMC, recomenda-se visitar a página com os resumos, organizados de acordo com as divisões temáticas do evento.⁷

Por fim, com a observação de alguns momentos do congresso centenário da AEJMC, em 2012 em Chicago, nota-se a inserção de brasileiros na esfera internacional. Uma participação tímida em quantidade, mas destacada em qualidade, na medida em que os poucos nomes que enfrentam os desafios no exterior dialogam em pé de igualdade com as autoridades de fora, ocupam funções de relevo e são reconhecidos publicamente. Pode-se imaginar, então, qual o cenário quando esta realidade se multiplicar.

REFERÊNCIAS

MELO, J. M. Brazilian interest grows in communications studies. **Journalism educator**, v. 31, n. 1, p. 46-48, Mar. 1976. Disponível em: <<http://jmc.sagepub.com/content/31/1/46.full.pdf+html>>.

_____. **Jornalismo made in USA: olhar brasileiro** (100 anos de pós graduação e pesquisa). 1. ed. São Paulo: Intercom, 2012. v. 1. Obra bilíngue, título em inglês: *journalism made in USA: a Brazilian perspective* (100 years of graduate studies and research). Tradução de Ana Resende.

UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. **Modelo curricular da Unesco para o ensino do jornalismo**. Tradução de Aline Paz Rogers. Brasília: Unesco, 2010. Título original: *Model Curricula for Journalism Education* (Paris: Unesco, 2007).

WEAVER, D; WILLNAT, L. (Orgs.). **The global journalist in the 21st century**. London: Routledge Communication Series, 2012.

7. Disponível em: <<http://www.aejmc.org/home/2012/03/2012-abstracts/>>.

COMUNICAÇÃO E ENGAJAMENTO COMUNITÁRIO: EIXO TEMÁTICO INDUTOR DE PARTICIPAÇÃO NO V COLÓQUIO BRASIL-ESTADOS UNIDOS DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

Sonia Virgínia Moreira*

1 INTRODUÇÃO

O Brasil tem presença recorde em mídias sociais como o Orkut e o Facebook. Isto pode representar a identificação, pelos brasileiros, de um tipo de participação midiática estimulado pela reiterada distância entre as notícias publicadas nos meios de comunicação de massa e o cotidiano real das pessoas. Talvez seja admissível afirmar que comunidades virtuais têm constituído o território mais frequente para encontros de grupos em torno de temas, ideias, bandeiras ou demandas. O ambiente livre e cada vez mais acessível da internet estaria sendo usado por públicos diferentes daqueles que até o final da década de 1990 estavam vinculados a meios alternativos de comunicação, como a radiodifusão comunitária. Estas questões reúnem pistas a partir das quais é possível inferir o caráter do engajamento comunitário no Brasil.

Nos Estados Unidos, são usuais as associações configuradas em grupos civis criados para defender ou amparar pessoas ou causas, que se formam à medida que circunstâncias sociais demandem respostas – exemplos clássicos são os Vigilantes do Peso e os Alcoólicos Anônimos. No Brasil, há evidências de que agora, por meio da internet, os movimentos civis encontraram o seu motor. Diversos estratos da sociedade organizam suas vozes no espaço digital nitidamente demarcado. Com base na longa tradição de movimentos constituídos em torno de causas que se apresentam em momentos distintos, o engajamento comunitário nos Estados Unidos, por sua vez, opera centrado em ações da sociedade em domínios que carecem de afinação. No Brasil, a mobilização expressiva da sociedade por mudanças ou em apoio a causas se ampliou com maior intensidade a partir dos anos 1980 com base em grupos identificados como comunitários. No início da década de 1990, a promulgação da Lei de Radiodifusão Comunitária reforçou as propostas de mobilização dos segmentos interessados em manter os seus

* Professora da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); e diretora de relações internacionais da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom).

próprios canais no conjunto dos meios de comunicação. Naquele momento, coube à mídia impressa e digital promover e registrar debates sobre temas de interesse coletivo, enquanto o rádio comunitário e a televisão segmentada investiram na exploração do uso dos espaços de informação, educação e também entretenimento. Durante toda a década, foram valorizados em momentos e intensidades distintas: o rádio como instrumento da informação local; os canais segmentados da TV por assinatura com conteúdo comunitário e regional; e os *sites* e portais independentes na internet.

2 V COLÓQUIO BRASIL-ESTADOS UNIDOS DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

As formas de interação entre instituições e grupos geralmente estão incluídas entre os assuntos que demandam ações das comunidades. Para debater este tema, sob perspectivas históricas e contemporâneas, 22 pesquisadores brasileiros e americanos se reuniram durante dois dias de agosto em Chicago, nas dependências da DePaul University, parceira da Illinois State University na organização do encontro, tendo à frente o professor John R. Baldwin. Os artigos selecionados para apresentação no quinto colóquio a reunir professores do campo da comunicação do Brasil e dos Estados Unidos abrangeram manifestações apuradas da cultura sobre comunidade predominante em cada país. O primeiro colóquio ocorrera em 2004, na Universidade do Texas, em Austin, sob a coordenação do professor Joseph Straubhaar.

Na mesa de abertura do colóquio em 2012, Lance Lippert e Stephen K. Hunt, professores da Illinois State University, mostraram algumas matrizes do sentido de comunidade para o cidadão americano nas respectivas apresentações sobre engajamento político e cívico como disciplina do campo da comunicação.¹ Neste contexto, ganham relevo as formas de comunicação entre grupos ou equipes, em especial os pontos comuns entre ambos. Os professores argumentam que, ainda que para muitos um grupo seja apenas um conjunto de pessoas, esta é uma definição incompleta. Entre as referências dos estudos sobre grupos, Wood (2011) entende que um grupo é formado obrigatoriamente por três ou mais pessoas que interagem ao longo do tempo, interdependem um do outro e compartilham normas de conduta de modo a atingir uma meta comum. Wilson (2002) avança na questão relacional ao argumentar que, além dos compartilhamentos de interesse e de conduta, um grupo é formado por indivíduos com a disposição de serem mutuamente influenciados. Destacam-se entre as características dos grupos elementos como:

- interdependência – o reconhecimento pelos integrantes do grupo de que precisam uns dos outros;

1. Palestra intitulada *Civic & Political Engagement in the Communication Discipline*.

- interação – baseada na intenção de resolver problemas, desempenhar papéis, montar equipes e ganhar confiança;
- sinergia – o todo é mais importante que a soma das suas partes;
- metas comuns – muitas vezes opostas às metas individuais;
- normas compartilhadas – estabelecidas pelo próprio grupo como comportamento aceitável; e
- coesão – no sentido de conexão e participação como principal qualidade da interação.

Sobre a relação específica entre grupos e o campo comunicacional, é conveniente citar Rojas, Shah e Friedland (2011). Estes reconhecem na comunicação a origem da integração social ao considerarem que “a integração, que ocorre no nível do sistema via consumo da mídia e no nível individual por meio de discussão interpessoal, é ampliada mediante laços formais e informais no nível comunitário” (*op. cit.*, p. 690, tradução nossa). Tal interação, concluem os autores, estimula o engajamento cívico a partir do consumo da informação e, especialmente, da troca de ideias. É justamente este intercâmbio social que constitui a base do portal MediaNOLA,² criado na internet para coleta e apresentação de narrativas sobre a produção cultural em Nova Orleans. O portal, concebido para incentivar a preservação da memória coletiva, reúne recursos de arquivamento para o público, que pode assim refletir sobre o excepcional acervo da cultura local. Segundo Vicki Mayer, da Tulane University, o MediaNOLA é ao mesmo tempo arquivo e ferramenta para escrever e mapear histórias da produção cultural em Nova Orleans de 1880 até hoje. O MediaNOLA trata da pesquisa em comunicação e do envolvimento de comunidades usando o recurso tecnológico do sistema de informação geográfica (SIG). Dessa forma, o portal equilibraria distância e proximidade.

Distância e distanciamento têm sido tecnologias para a história. Desde meados do século XIX o historicismo moderno engloba a ideia de um passado que pode ser considerado como isolado do produtor e do consumidor no presente (Salber Phillips 2004). O historicismo negava outros compromissos do passado, tais como memória ou uma experiência emocional derivada do reconhecimento explícito do passado. Para contrabalançar esta tradição, histórias orais, depoimentos, relatos pessoais fundamentados em trabalho de campo e histórias participativas têm tido o efeito de trazer produtores e consumidores mais próximos do passado. Proximidade como tecnologia tem o efeito de multiplicação de histórias do passado (Mayer, 2012, p. 3 tradução nossa).

2. Ver: <<http://medianola.org>>.

Em outro trabalho na mesma linha de integração, mas a partir da intervenção em um dado contexto social, Teresa Mastin, Alexandra Murphy e Andrew Riplinger, da DePaul University, e Elizabeth Ngugi, da Universidade de Nairóbi, avaliam como a parceria estabelecida entre pesquisadores e uma organização local sem fins lucrativos pode oferecer apoio e recursos a mulheres quenianas que são ou foram prostitutas e querem alcançar outras formas de sustento econômico. Ao reconhecer a necessidade de equilibrar a condição econômica com fatores sociais e culturais locais, o projeto destaca o poder da comunidade na liderança de mobilização destinada a criar um espaço de apoio social e comunitário, assim como uma mídia que estimule a mudança de conceitos culturais e defenda as necessidades deste grupo de mulheres, muitas delas crianças e adolescentes entre 12 e 18 anos. Os autores entendem que

a mobilização da comunidade combinada com uma abordagem de liderança é estratégia comprovadamente eficaz quando o objetivo é incentivar as pessoas com o mesmo tipo de problema a trabalharem juntas para resolvê-lo. (...) Neste tipo de abordagem, o trabalho de sensibilização da comunidade pelos líderes locais inclui o fornecimento de informações para mobilizar o público-alvo. (...) O uso dos recursos de mídia influencia a maneira como determinado assunto é tratado e orienta a promoção de estratégias sociais que mostram como a abordagem pode ser feita a partir de várias perspectivas – como a da saúde, por exemplo (Mastin *et al.*, 2012, p. 9-10, tradução nossa).

Ainda no âmbito das pesquisas sobre comunicação e envolvimento de comunidades, a metodologia selecionada por professores, profissionais e estudantes vinculados à Universidade de Brasília (UnB) está no centro do artigo sobre o projeto de *comunicação comunitária* criado em 2007 como decorrência da inserção no currículo da Faculdade de Comunicação da UnB, a partir de 2002, de uma disciplina com o mesmo título. O projeto parte do conceito de Amartya Sen (Sen, 2000) ao entender desenvolvimento como liberdade, logo, como a capacidade das pessoas de fazer escolhas na vida. O método da pesquisa participativa se relaciona à forma de avaliação até agora realizada por meio dos registros do trabalho de campo, em reuniões entre professores e alunos, em oficinas para apresentação de relatórios e na produção de textos. No futuro imediato, a avaliação será feita com participação interna e externa, em fórum a ser organizado como parte da semana de extensão na universidade. Com o emprego deste expediente metodológico, pretende-se medir de modo acurado a eficácia das ações de comunicação comunitária realizadas principalmente em Planaltina, cidade periférica do Distrito Federal. Em 2008, com recursos dos ministérios da Educação e da Cultura, foram desenvolvidas atividades de promoção de saúde, cultura, educação ambiental e de direito à comunicação. Em 2009, com recursos do Ministério da Cultura (MinC), reorganizou-se o Museu Histórico e Artístico de Planaltina (Paulino e Bizerril, 2012). O texto difere dos relatos dos participantes americanos no item

financiamento, considerando-se que aqueles exibiram análises de ações nos Estados Unidos e no Quênia realizadas sem subsídios financeiros de agências oficiais.

Quatro artigos alternaram-se no exame das áreas de relações públicas e de mídia comercial, considerando recortes de comunidades étnicas, locais e profissionais. Juliana Trammel, da Savannah State University, apresentou resultados da análise de pôsteres correspondentes ao período de doze anos (1999-2011) da campanha da semana de aleitamento materno no Brasil, patrocinada pela Sociedade Brasileira de Pediatria. Escolhendo a cultura como fio condutor, a autora avalia as disparidades étnicas, culturais e sociais na apresentação das mensagens e argumenta que, apesar de a comunicação para a saúde “ser planejada com a meta de promover a melhoria da saúde junto a um público-alvo”, esta não constitui um recurso mágico em si (Trammel, 2012, tradução nossa). Os estudos da comunicação para a saúde geralmente “ênfatizam o seu papel na construção e no reforço das relações dominantes de poder, ao mesmo tempo em que marginalizam determinados setores da sociedade” (*op. cit.*, 2012, tradução nossa). Daí a necessidade de teorias e práticas que contemplem o papel essencial da cultura para este tipo de comunicação, influenciada em particular pela teoria crítica baseada no conceito de poder, ideologia e hegemonia. A autora conclui que a presença maciça de atores, atrizes e modelos de pele clara em 85% das peças e de cabelos lisos em 96% destas, entre outras características, como padrão regular das campanhas conduzidas no período analisado, demonstra que as campanhas de aleitamento materno no Brasil “servem aos interesses de mulheres brancas, ricas e educadas. Essas campanhas sustentam uma cultura de marginalização que mostra como as práticas dominantes de comunicação para a saúde criam e apoiam condições de subordinação” (Trammel, 2012, tradução nossa).

Outro artigo a abordar questões de etnia e inserção social foi apresentado durante o colóquio por Jamila A. Cupid, do The College of New Rochelle, localizado no estado de Nova Iorque. Interessada em examinar aspectos da diversidade multicultural em um escritório de relações públicas, a autora verifica as experiências de profissionais afrodescendentes considerando duas questões: se acreditam que são vítimas de discriminação no ambiente profissional e se haveria evidências tanto desta discriminação como de obstáculos que impedissem o seu crescimento na profissão. Baseado em entrevistas com quatorze participantes distribuídos em diversos níveis – oito consultores, um integrante da equipe de apoio e cinco executivos em cargo de direção –, o estudo conclui que, apesar dos indícios de discriminação verificados no ambiente examinado, há evidências de noções e de práticas de inclusão para todos os consultores, independentemente de raça ou etnia, que compõem um paralelo com as práticas gerais de inclusão registradas na estrutura de classes sociais brasileira. Tal *status* indica, para a autora, que

um aumento no número de profissionais com origem multicultural em agências de relações públicas representa a oportunidade de absorção de maior conhecimento cultural e sensibilidade pela indústria. (...) A importância de reconhecer e praticar o multiculturalismo está se tornando cada vez mais importante à medida que mercados e públicos estão se tornando cada vez mais globais (Cupid, 2012, tradução nossa).

Outro segmento no campo profissional das relações públicas foi objeto da investigação dos professores Peter M. Smudde e Jeffrey L. Courtright, da Illinois State University. No desenvolvimento de uma pesquisa sobre estratégia de relações públicas e práticas discursivas, eles perceberam que o acervo do prêmio de melhores práticas concedido a cada ano, desde 1947, pela Associação Americana de Relações Públicas poderia ser uma fonte natural para encontrar exemplos e até mesmo padrões de discursos julgados pelos próprios pares como “excelentes”. O levantamento do material arquivado, porém, não resultou em informações específicas sobre a excelência da produção premiada. Por entenderem a necessidade de ir além de dados disponíveis em arquivos, Smudde e Courtright optaram por identificar os padrões de excelência com a ajuda de outras teorias, em especial a da retórica, da narrativa e a linguística, “a fim de demonstrar como as estratégias disponíveis para a construção de mensagens são mais variadas e utilizáveis no planejamento de relações públicas do que geralmente se acredita” (Smudde e Courtright, 2012, tradução nossa).

O papel da mídia nas relações entre órgãos públicos e comunidades em momentos de crise é apresentado por Reis e Zucco (2012), da Universidade Regional de Blumenau, como recurso indispensável para a gestão da comunicação por meio do diálogo em episódios de catástrofes naturais nas suas diversas formas – tornados, tempestades, enchentes, furacões etc. Os autores mostram que estudos multidisciplinares dão pistas para métodos de enfrentamento destas situações ao analisarem desde a vulnerabilidade de regiões a eventos climáticos, a capacidade de recuperação material até o papel da comunicação nas diferentes fases de uma situação de calamidade pública. O referencial teórico se apoia nas funções da comunicação, informativa e persuasiva; na gestão de crise – direção eficaz da informação aos principais interessados; e na qualidade da mensagem distribuída à comunidade pelos meios de comunicação, moldando percepções e atitudes e influenciando o comportamento da população afetada. É justamente na relação do poder público com a mídia que Reis e Zucco identificam em Mileti (1999) – autor da proposta de agenda temática baseada em mitigação, preparação, resposta, recuperação – o modelo teórico de aplicação qualificada em casos de catástrofes como a enfrentada em novembro de 2008 pela Prefeitura Municipal de Blumenau. Na época, inundações atingiram mais de cem mil pessoas e emissoras de rádio transmitiram ao vivo o que estava acontecendo na cidade: redes de energia, de telefonia e de abastecimento de água danificadas, transporte coletivo suspenso e rede de saúde pública afetada pela destruição total ou parcial de instalações.

Em episódios de tal extensão, os meios de comunicação exercem uma função social fundamental, prestando um serviço de interesse público na orientação da comunidade, que se descobre totalmente desamparada com a situação. (...) A atuação ao longo da catástrofe, com transmissões ao vivo e sem interrupções, consolidou a confiança da população no trabalho informativo do rádio, que foi o principal, senão o único, meio de informação para grande parcela das vítimas, que se situava em pontos inacessíveis e sem os serviços de energia elétrica e de telefonia. Além disso, com a elevação das águas, a maioria das emissoras de televisão e os jornais suspenderam as suas atividades, aumentando ainda mais a importância do rádio na tragédia (Reis e Zucco, 2012, tradução nossa).

Tais condições, aliadas à frequência e à intensidade dos eventos climáticos atuais, contribuem, segundo os autores, para chamar a atenção para o papel social da comunicação no enfrentamento dos desastres, assim como da pesquisa acadêmica na área.

A sessão seguinte do colóquio, sobre alfabetização de mídia e leitura crítica dos meios, foi composta por três apresentações. Na primeira, as professoras Regiane Ribeiro e Rosa Dalla Costa, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), situam o início da consolidação de uma identidade brasileira para os estudos da área de comunicação no período do pós-guerra, de acordo com uma nova ordem econômica internacional que se estabelecia na época na América Latina, traduzida em representações sociais difundidas primeiro pelos programas de rádio e em seguida pela televisão. A dualidade teórica – funcionalismo e teoria crítica – que se estabelece na época na comunicação era reflexo do período da Guerra Fria, com a dualidade político-econômica representada pelo capitalismo e pelo socialismo. As autoras fundamentam o artigo nas teorias da comunicação que dão conta dos contextos e desdobramentos de um pensamento comunicacional que se estendeu pela América Latina e usam duas experiências de leitura crítica de mídia: o projeto nacional *Veja em Sala de Aula*, da revista publicada pela editora Abril, e o projeto regional *Ler e Pensar*, do jornal curitibano *Gazeta do povo*. Entre as conclusões, defendem que

a revisão histórica do projeto de leitura crítica e desses dois projetos apontam para o papel dos meios de comunicação na sociedade. (...) Como recurso de aprendizado, ajudam os professores a criar atividades didáticas que contribuem para o processo de aprendizagem, incentivando os alunos a compreender o mundo por meio de uma leitura crítica da mídia (Ribeiro e Dalla Costa, 2012, tradução nossa).

Samantha Joyce, da Universidade de Indiana em South Bend, analisa a representação do Brasil no seriado *CSI Miami*, produzido pela rede de TV CBS, atentando que o país é tradicionalmente apresentado para públicos estrangeiros por meio de estereótipos. O ponto de partida da autora são os desafios enfrentados pelos pesquisadores das áreas de televisão e de cultura na definição do seu objeto de estudo: “o que é exatamente cultura e como

podemos definir televisão?” (Joyce, 2012, tradução nossa). Nesse sentido, argumenta que, apesar de a semiótica e a análise de texto serem criticadas pela subjetividade, ambas representam uma ferramenta valiosa para os pesquisadores de mídia, cultura e sociedade.

Precisamos ter uma compreensão complexa e mais profunda dos textos culturais que podem ajudar na orientação de pesquisas sobre recepção e efeitos dos meios de comunicação. A análise interpretativa requer a obtenção do significado denotativo sob a superfície e o exame do sentido social conotativo implícito e tido como certo. Esta abordagem considera a cultura como uma narrativa ou um processo de contar histórias no qual determinados textos ou “artefatos culturais” (programas de televisão, por exemplo) consciente ou inconscientemente se vinculam a questões maiores em jogo na sociedade (Joyce, 2012, tradução nossa).

A análise semiótica empreendida pela autora de um dos episódios do seriado americano revelou três tópicos principais: o Brasil como terra exótica e sem lei; a ideologia do nós contra eles; e a ideologia da supremacia tecnológica, segundo a qual o acesso dos Estados Unidos ao nível mais avançado da tecnologia o situa como “moderno e eficiente” em contraste com outros países “primitivos e retrógrados”.

Em linha semelhante de análise, Phil Chidester, da Illinois State University, trouxe resultados de pesquisa centrada na interseção entre raça, classe e gênero, na qual examina como a brancura se impõe com destaque mesmo na ausência do *outro* racial. Ele se baseia no fato de que os estudiosos, quando dão atenção para o conceito do público sobre raça, nos Estados Unidos contemporâneos, costumam explorar a representação da brancura em contraste com as representações do *outro* pela mídia. No estudo de caso da segunda temporada de *Sweet home Alabama*, exibida em 2012 em um canal de música *country*, Chidester investiga a representação de gênero e classe no contexto do que chama de *brancura monolítica* (Chidester, 2012). Além da divisão dos personagens entre grupos “da cidade” e “do campo” e do enquadramento da mulher como recompensa aos esforços dos pretendentes, o programa defende a brancura como imagem da mulher pura. A pesquisa revela ainda como as identidades são negociadas e reforçadas nos produtos modernos da mídia.

A sessão intitulada *O global, o local e o hiperlocal* reuniu três apresentações de pesquisadores brasileiros e um artigo de pesquisadora americana. No âmbito global, Luiz Fernando da Silva, analista de pesquisa e conteúdo na TV *Globo* e doutorando em comunicação na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), apresentou o contexto histórico do tema central de sua pesquisa – satélites e globalização midiática – ainda em andamento. A partir do contexto brasileiro, o autor pretende com o seu projeto

trazer um novo olhar sobre os satélites de comunicação e sua importância para o desenvolvimento das redes de televisão, bem como a sua contribuição para o processo de globalização cultural. Embora esteja sendo desenvolvido no Brasil, trata-se de um fenômeno global e tem entre as referências teóricas estudos das geografias da comunicação, da economia crítica da comunicação e da globalização cultural (Silva, 2012, tradução nossa).

No âmbito regional, Daniela Ota apresentou os resultados da primeira fase da pesquisa, desenvolvida na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) em parceria com Mario Luiz Fernandes, reunidos em um portal de mídia regional no qual foram publicados dados básicos de 126 jornais localizados em 44 municípios do estado.³ A coleta inédita de informações pretende reunir material que contribua para diagnosticar este segmento do mercado em relação aos seguintes pontos:

1) Ordem estrutural – a) apuração do número de pequenos jornais existentes no estado; b) levantamento da estrutura da pequena empresa jornalística; c) identificação das características do produto jornal; d) elaboração do perfil dos seus jornalistas; e) identificação do perfil dos empresários do setor; 2) Ordem conjuntural – a) avaliação do índice de crescimento dos veículos; b) identificação dos fatores socioeconômicos e tecnológicos que contribuem para esse desempenho (Ota e Fernandes, 2012, tradução nossa).

O artigo de Maria José Baldessar, Pedro Vieira Dellagnello e Giovanni Letti, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), discute no contexto do hiperlocal as alternativas buscadas pelas empresas de comunicação como forma de superar a crise de confiança e de público e audiência que se estabelece a partir de meados dos anos 1990 com a ascensão da internet. Os autores entendem o jornalismo como um território, espaço simbólico institucionalizado cujas bases históricas estão na forma de produção e transmissão de notícias. Neste ambiente,

as experiências de jornalismo hiperlocal, seja via redes sociais como o Twitter ou através de *sites* que privilegiam determinado espaço geográfico (bairro, região e mesmo uma rua), são exitosas e estão tendo a capacidade de desafiar os filtros editoriais e econômicos das corporações de comunicação – e a comprovação dessa capilaridade está na criação de espaços idênticos dentro dessas corporações (Baldessar, Dellagnello e Letti, 2012, tradução nossa).

Para os pesquisadores, quando um jornal concentra a cobertura em uma comunidade local, geográfica ou não, assume uma posição de relevância neste território. Mas para que se insira de fato em uma comunidade é necessário conseguir a aceitação e a participação dos seus integrantes. Além disso, as características do hiperlocalismo não são claras no campo teórico porque suas aplicações e usos são

3. Ver: <<http://www.portaldemidia.ufms.br>>.

múltiplos. Em relação à sobrevivência econômica, os autores acreditam que um dos maiores desafios do hiperlocalismo é “voltar a cativar o pequeno anunciante local, que mantinha ou ainda mantém o jornalismo comunitário” (Baldessar, Dellagnello e Letti, 2012, tradução nossa). Orientados para a comunidade, com a contratação de editores com raízes locais e a produção de notícias originais de modo a preencher as lacunas da cobertura da mídia tradicional, a mídia hiperlocal consegue atingir uma expectativa razoável de existência.

Com dados de pesquisa em desenvolvimento em contextos internacionais, Sonia Virgínia Moreira (Moreira, 2012), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), avalia formas de representação de comunidades e a diversidade da programação na radiodifusão pública por meio do exame de conceitos e conteúdos possíveis para sistemas ou emissoras de rádio e TV que se apresentam como públicos no Brasil e nos países que compõem a União de Nações Sul-Americanas (Unasul). Resultados anteriores mostram que a participação da comunidade na produção de programas, quando existe, é influente. A pesquisa também confirma que o modelo de radiodifusão pública no Brasil e na América do Sul está, ainda hoje, fundamentado em grande medida nos padrões de canais educativos de rádio e televisão da primeira metade do século XX, tanto aqueles elaborados no próprio país como os *formatados* por agências estrangeiras de fomento e de apoio à atividade agrária. Por isso, o contexto da pluralidade e da diversidade ainda hoje está vinculado a três situações; pluralismo em relação às fontes de informação; diversidade de vozes na programação; e o embate entre mídia pública e conglomerados de mídia.

Adriane Stoner, da universidade de Illinois, por sua vez, estudou o fluxo de estudantes universitários americanos em intercâmbios no exterior. Ela argumenta que, apesar do movimento intenso nas últimas décadas, a literatura sobre o assunto ainda não explorou suficientemente os possíveis efeitos do uso das tecnologias de mídia inerentes à experiência. Para Stoner, este é um aspecto relevante porque a *arquitetura da participação* se manifesta de inúmeras formas, incluindo as redes sociais, *blogs* e espaços de compartilhamento de arquivos. Por isso,

ter acesso às novas tecnologias de mídia englobadas pela *web* 2.0 permitiu que os usuários da internet entrassem para um mundo virtual em expansão, no qual podem experimentar oportunidades aparentemente ilimitadas de compartilhar, conectar e interagir com outros usuários, independentemente da localização geográfica. Nesse mundo virtual, a localização geográfica tornou-se menos proeminente. Em contraste, a mesma localização geográfica é indiscutivelmente um, senão o principal, aspecto da experiência de estudar no exterior (Stoner, 2012, tradução nossa).

A partir de uma lista inicial com 3.600 endereços eletrônicos fornecida pelo Departamento de Estudo no Exterior da DePaul University, a autora encaminhou um questionário com quinze perguntas, nenhuma delas pessoal ou identificadora,

usando um sistema comercial de pesquisa na *web*. Cerca de quinhentas mensagens tiveram problemas de entrega. A taxa final de resposta foi de pouco mais de 3% (99 respondentes) e entre alguns resultados estão: 88% tiveram acesso à internet pelo menos uma vez por semana; 39% acessaram a rede regularmente em locais públicos; 26% usaram a internet para entretenimento; e a média de horas na internet enquanto estiveram no exterior foi de apenas 1,7 hora por semana. Este dado indica para a autora que a maioria dos estudantes no exterior aproveitaram o seu tempo para imersão na cultura local.

A sessão de estudos comparados, a única permanente em todas as edições do colóquio independente do tema central, reuniu três artigos e a participação especial da doutora Rosita Albert, brasileira radicada nos Estados Unidos, professora da Universidade de Minnesota. Convidada pela organização, ela apresentou algumas ideias baseadas no livro *Manual de conflito étnico: perspectivas internacionais*, publicado em coautoria com o psicólogo Dan Landis, no qual os capítulos se distribuem de acordo com conflitos étnicos na África, na América Latina, na Europa, nos Balcãs e no Oriente Médio. A partir deste trabalho de coleta de dados, a professora estima que atualmente, mais que conflitos entre nações, cerca de dois terços dos conflitos no mundo têm origem étnica. Com o conhecimento acumulado sobre o assunto, a professora Rosita apresentou considerações sobre estratégias para a redução de conflitos, entre as quais se destacam o diálogo e a comunicação e o ensino intercultural (Albert, 2012).

Gisely Hime, das Faculdades Metropolitanas Unidas, em São Paulo, trouxe uma reflexão sobre a influência da cultura americana na transformação da condição feminina no Brasil por meio de estudo sobre o jornal vespertino paulistano *A gazeta* na década de 1930. Com o trabalho, ela defende a utilização da imprensa “nas suas mais diversas formas estéticas e narrativas contemporâneas geradas pelas novas tecnologias” para o estudo das transformações socioculturais na pós-modernidade, “considerando a produção midiática, compreendida no que deveria ser seu tripé fundamental: informação, entretenimento e educação” (Hime, 2012, tradução nossa). Ao avaliar estas questões com base na experiência como pesquisadora em história da comunicação e professora de pós-graduação, a autora tenta identificar

algumas metas que possam auxiliar a desenvolver um modelo libertador de ensino nesta área, estimulando a renovação da produção midiática de maneira crítica, competente e criativa. Acreditamos que a relação ensino-aprendizado legitima-se na produção reflexiva. Daí a proposta de estabelecimento de um laboratório de crítica e produção midiática voltado para o aprofundamento das questões junto a segmentos e públicos específicos (Hime, 2012, tradução nossa).

Um estudo comparado dos obituários do *The New York times* e da *Folha de S. Paulo* foi outro artigo selecionado para o colóquio. A professora Monica Martinez investiga, no contexto das narrativas biográficas do jornalismo literário,

o conteúdo de uma semana de publicação de obituários (Martinez, 2012). Com isso, tenta compreender os imaginários brasileiro e americano e suas representações sobre a morte a partir da linha editorial de dois jornais de circulação nacional. A pesquisa examinou elementos como os critérios de seleção dos jornais; a frequência da publicação; a incidência de gêneros; o espaço, a autoria e a linguagem do texto; e as causas da morte. Entre os resultados, cita o número de anônimos como uma característica do jornal brasileiro, em comparação com a maior porcentagem de nomes conhecidos no jornal americano.

O professor Dean Kazoleas e a estudante de pós-graduação Martine Sanne, da Universidade do Estado da Califórnia em Fullerton, fecharam a sequência de estudos comparados com o artigo em que fazem considerações sobre o idioma como barreira para a pesquisa e a colaboração acadêmica em especial entre investigadores das Américas do Norte e Latina. Os autores partem de uma pergunta feita em 2007 pelos biólogos brasileiros Menghini e Packer: existe ciência além dos limites do inglês? Utilizando o método da análise de conteúdo e agregando dados a uma versão inicial da pesquisa (de 2007), os autores selecionaram 59 *websites* de periódicos relacionados à comunicação para saber se havia artigos publicados em um segundo idioma; se havia resumos em outros idiomas; e se as publicações estavam abertas para consulta sem a necessidade de pagamento de taxas ou assinatura. Entre os 59 periódicos científicos, o estudo identificou apenas um com publicação em outro idioma além do inglês (*Global media journal*); cinco publicações com resumos em outros idiomas (a maioria publicada pela International Communication Association – ICA); e a existência de apenas nove periódicos publicados em sistemas de acesso aberto. Os autores finalizam o relato argumentando que,

dada a natureza da economia global, o ambiente de mídia global e a presença de tecnologia que facilita a tradução, são poucas as razões ou justificativas para a carência de periódicos científicos publicados em outros idiomas, especialmente as versões eletrônicas. Como pesquisadores em uma comunidade global precisamos ter mais voz na defesa de maior acesso a sistemas abertos de publicação para assegurarmos estudos em múltiplos idiomas (Kazoleas e Sanne, 2012, tradução nossa).

A sexta e última sessão do colóquio, Mídia social, interativa e participativa, contou com apresentações de três investigadores americanos e uma pesquisadora brasileira – Sonia Regina da Cunha, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), que relatou o processo de apropriação de recurso audiovisual (vídeo digital) para a prática participativa em contexto sociocultural de minorias. O artigo relata a iniciativa oficial do Ministério da Cultura na instalação de Pontos de Cultura, iniciada em 2008 com o apoio do governo do estado (Cunha, 2012). Naquele ano, no Rio Grande do Norte, dos 127 projetos registrados em 47 cidades, 52 foram selecionados como Pontos de Cultura. A pesquisa foi realizada nas

oficinas de cinema e vídeo organizadas pelos Pontos de Cultura Cinema para Todos, destinadas a jovens de quatro cidades na região nordestina do semiárido, com índice de desenvolvimento humano (IDH) inferior ao registrado pelo estado. “As oficinas utilizaram uma metodologia que integrou leituras, debates, exibição de filmes, roteiro, produção, gravação, edição e, no final, a oportunidade de assistir na praça central da cidade ao filme ou vídeo produzido” (Cunha, 2012, tradução nossa). Em médio prazo, diz a autora, a pesquisa contribuiu para que a maioria dos participantes das oficinas desenvolvessem capacidade de autonomia em outras áreas, além do poder de decisão para planejar e agir individual e coletivamente.

Laura Robinson, da Universidade Santa Clara na Califórnia, apresenta o encaminhamento e os resultados de pesquisa por meio da qual investiga a participação da audiência e o debate democrático nas edições digitais do jornal brasileiro *O Estado de S. Paulo*, do francês *Le monde* e do americano *The New York times* (Robinson, 2012). Ao analisar o surgimento de um “lugar-comum” digital, compartilhado por muitas pessoas, o projeto explora as contribuições dos leitores em conversas e em processos interativos. Baseado em informações coletadas via entrevistas, o projeto mostra como repórteres, editores e outros profissionais dos jornais estão redefinindo o papel da participação da audiência nesse “lugar-comum” digital. Também revela como o cidadão comum, com acesso a recursos de mídia, participa cada vez mais do processo interativo mediado pela imprensa digital.

O professor Joseph Straubhaar, da Universidade do Texas em Austin, discute em seu artigo dois conjuntos distintos de discursos sociais e forças de mudanças: o primeiro, mais amplo, trata do discurso sobre o impacto da informação digital e das tecnologias de informação e comunicação (TICs) e da exclusão digital daqueles que não têm meios para ter acesso a este ambiente. O segundo conjunto versa sobre o papel da exclusão racial na criação de barreiras que impedem a participação de afrodescendentes em contextos sociais. Esta também tem ramificações globais, mas tende a ser mais crítica nas Américas do Norte, Central e Sul, onde a escravidão e a diáspora africana criaram grandes grupos populacionais e abrangem das minorias nos Estados Unidos à grande multiplicidade no Brasil. Estudioso do Brasil desde a década de 1970, Straubhaar relata por meio de vários estudos de casos as suas experiências em programas de inclusão digital na Bahia no Brasil, bem como a evolução de comunidades socialmente inseridas (Straubhaar, 2012).

Finalizando as apresentações, Linda Steiner, da Universidade de Maryland, apresentou a pesquisa na qual analisa o treinamento sobre ética disponível em 28 sites de jornalismo cidadão nos Estados Unidos – inclusive aqueles dirigidos pelos próprios cidadãos, os empresariais, os híbridos, os hiperlocais e os financiados por universidades (Steiner, 2012). Ela pondera que a identificação “jornalismo cidadão” se aplica a formas diferentes de participação, com modelos de financiamento,

geografias e níveis de intenção diferentes, porque hoje os cidadãos estão envolvidos de maneiras diferentes na criação de conteúdo *on-line*, de comentários sobre matérias produzidas por profissionais, bem como na produção e inserção *on-line* de reportagens originais. Isto acontece porque se trata de cidadãos equipados com recursos que permitem registrar e compartilhar rapidamente texto, foto, vídeo, áudio e qualquer outro conteúdo. Steiner observa ainda que a maioria dos *sites* de jornalismo cidadão publica os seus valores éticos gerais e instruções sobre aspectos diversos para colaboradores, como a inserção de informações, mas poucos oferecem orientações sobre como postar comentários ou como reunir informações.

3 COMENTÁRIOS FINAIS

O encontro desse grupo de pesquisadores e seus temas de pesquisa sinaliza o interesse mútuo pela produção científica em comunicação no Brasil e nos Estados Unidos e a possibilidade de aprendizado e troca em meio à construção regular de pontes entre conhecimento, cultura e inovação nos relacionamentos acadêmicos internacionais. Pode-se falar em aprendizado porque a quinta edição do colóquio recebeu um participante especial, o professor José Marques de Melo, pela primeira vez presente neste evento entre os dois países, por uma razão simbólica: o lançamento do volume bilíngue *Jornalismo made in USA, olhar brasileiro* (Melo, 2012), como parte da comemoração dos cem anos de fundação da Associação para o Ensino em Jornalismo e Comunicação de Massa (AEJMC), cujo congresso anual se realizou na mesma semana, em seguida ao colóquio. Acontecia ali a afluência com outro acontecimento de significado particular para o Colóquio Brasil-Estados Unidos: os quatro anos do pós-doutorado do professor José Marques, que dedicou o seu ano acadêmico nos Estados Unidos, no início da década de 1970, a estudar o sistema americano de pós-graduação em jornalismo fixado na University of Wisconsin, em Madison. José Marques viajou também para conhecer cursos e conjunturas de outras quatro universidades: University of Illinois, Indiana University, University of Minnesota e Michigan State University.

José Marques relatou para a plateia binacional de pesquisadores, com a forma de contar histórias com detalhes interessantes que lhe é peculiar, a sua primeira experiência de morar nos Estados Unidos. Estava plantada ali a semente deste colóquio. Nos dias seguintes, o professor foi recebido com reverência e carinho por pesquisadores dos Estados Unidos, da América Latina e da Europa, nos vários ambientes de encontros, mesas e sessões do congresso da AEJMC montados no hotel no centro de Chicago. Jovens e nem tão jovens investigadores receberam com interesse o seu livro. Conclui-se que o que é bom para o Brasil pode ser muito bom para os Estados Unidos.

REFERÊNCIAS

- ALBERT, R. **Intercultural relations, ethnic conflict and what Brazil can contribute to international relations**. In: BRAZIL-US COLLOQUIUM ON COMMUNICATION STUDIES, 5., Chicago, 7-8 Aug. 2012. (Panel on Comparative Studies).
- BALDESSAR, M. J.; DELLAGNELLO, P. V.; LETTI, G. **Journalism as a territory: hiperlocalism, community, and the sense of belonging**. In: BRAZIL-US COLLOQUIUM ON COMMUNICATION STUDIES, 5., Chicago, 7-8 Aug. 2012. (Panel The Global, the Local, and the Hiperlocal).
- CHIDESTER, P. **Courting the duke: CMT's Sweet Home Alabama and the representations of whiteness**. In: BRAZIL-US COLLOQUIUM ON COMMUNICATION STUDIES, 5., Chicago, 7-8 Aug. 2012. (Panel Media Literacy and Critical Inquiry).
- CUNHA, S. R. S. **We are our media: structuring the economy network of the audiovisual segment in Rio Grande do Norte (Northeastern Brazil)**. In: BRAZIL-US COLLOQUIUM ON COMMUNICATION STUDIES, 5., Chicago, 7-8 Aug. 2012. (Panel on Social, Interactive, and Participatory Media).
- CUPID, J. **Blurring color lines beneath glass ceilings: multicultural diversity and afro-Brazilian practitioners in the Brazilian PR agency**. In: BRAZIL-US COLLOQUIUM ON COMMUNICATION STUDIES, 5., Chicago, 7-8 Aug. 2012. (Panel Public Relations and Commercial Media).
- HIME, G. V. C. **The influence of U.S. American culture in female condition in Brazil, a case study from the Brazilian press in the 1930s**. In: BRAZIL-US COLLOQUIUM ON COMMUNICATION STUDIES, 5. Chicago, 7-8 Aug. 2012. (Panel Comparative on Studies).
- JOYCE, S. N. **On drugs, favelas and shoot outs – AKA what CBS has taught me about Brazil**. In: BRAZIL-US COLLOQUIUM ON COMMUNICATION STUDIES, 5., Chicago, 7-8 August 2012. (Panel Media Literacy and Critical Inquiry).
- KAZOLEAS, D. C.; SANNE, M. **Lost in translation II: language as a barrier to international communication research and collaboration**. In: BRAZIL-US COLLOQUIUM ON COMMUNICATION STUDIES, 5., Chicago, 7-8 Aug. 2012. (Panel Comparative on Studies).
- MARTINEZ, M. **Life in 700 words: obituaries in *The New York Times* and *Folha de S. Paulo***. In: BRAZIL-US COLLOQUIUM ON COMMUNICATION STUDIES, 5., Chicago, 7-8 Aug. 2012. (Panel Comparative on Studies).

MASTIN, T. *et. al.* **Sharing insights regarding various community engagement collaborations in Nairobi, Kenya.** *In:* BRAZIL-US COLLOQUIUM ON COMMUNICATION STUDIES, 5., Chicago, 7-8 Aug. 2012. (Panel on Communication Research and Community Engagement).

MAYER, V. **Where in the world is communication history?** Media digital mapping. *In:* BRAZIL-US COLLOQUIUM ON COMMUNICATION STUDIES, 5., Chicago, 7-8 Aug. 2012. (Panel Communication Research and Community Engagement).

MELO, J. M. **Journalism made in USA, a Brazilian perspective.** São Paulo: Intercom, 2012.

MILETI, D. **Disasters by design:** a reassessment of natural hazards in the United States. Washington, DC: Joseph Henry Press, 1999.

MOREIRA, S. V. **Community and diversity in the context of public broadcasting in Brazil.** *In:* BRAZIL-US COLLOQUIUM ON COMMUNICATION STUDIES, 5., Chicago, 7-8 Aug. 2012. (Panel The Global, the Local, and the Hiperlocal).

OTA, D.; FERNANDES, M. L. **The small regional press:** media in cities and communities of Mato Grosso do Sul. *In:* BRAZIL-US COLLOQUIUM ON COMMUNICATION STUDIES, 5., Chicago, 7-8 Aug. 2012. (Panel The Global, the Local, and the Hiperlocal).

PAULINO, F. O.; BIZERRIL, M. X. **Communitarian communication:** social change and evaluation of methodologies. *In:* BRAZIL-US COLLOQUIUM ON COMMUNICATION STUDIES, 5., Chicago, 7-8 Aug. 2012. (Panel Communication Research and Community Engagement).

REIS, C.; ZUCCO, F. D. **The relationship between the crisis committee and the media during the disaster of November 2008 in Blumenau (SC):** implications for dialogue with the community. *In:* BRAZIL-US COLLOQUIUM ON COMMUNICATION STUDIES, 5., Chicago, 7-8 Aug. 2012. (Panel Public Relations and Commercial Media).

RIBEIRO, R. R.; DALLA COSTA, R. M. C. **Critical reading studies in the Brazilian society of the 21th century** – from the ideological struggle to exercise of citizenship. *In:* BRAZIL-US COLLOQUIUM ON COMMUNICATION STUDIES, 5., Chicago, 7-8 Aug. 2012. (Panel on Media Literacy and Critical Inquiry).

ROBINSON, L. **From chat to interactive:** the evolution of the digital commons. BRAZIL-US COLLOQUIUM ON COMMUNICATION STUDIES, 5., Chicago, 7-8 Aug. 2012. (Panel on Social, Interactive, and Participatory Media).

ROJAS, H.; SHAH, D. V.; FRIEDLAND, L. A. A communicative approach to social capital. **Journal of communication**, v. 61, p. 689-712, 2011.

SEN, A. K. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 409 p.

SILVA, L. F. **Television, regionalization, and globalization: the role of communication satellites**. *In*: BRAZIL-US COLLOQUIUM ON COMMUNICATION STUDIES, 5., Chicago, 7-8 Aug. 2012. (Panel The Global, the Local, and the Hiperlocal).

SMUDDE, P.; COURTRIGHT, J. **In search of best practices in the archive of silver anvil award winners**. *In*: BRAZIL-US COLLOQUIUM ON COMMUNICATION STUDIES, 5., Chicago, 7-8 Aug. 2012. (Panel Public Relations and Commercial Media).

STEINER, L. **Prosumer journalism ethics**. *In*: BRAZIL-US COLLOQUIUM ON COMMUNICATION STUDIES, 5., Chicago, 7-8 Aug. 2012. (Panel on Social, Interactive, and Participatory Media).

STONER, A. **New media, culture, community and the study abroad experience**. *In*: BRAZIL-US COLLOQUIUM ON COMMUNICATION STUDIES, 5., Chicago, 7-8 Aug. 2012. (Panel The Global, the Local, and the Hiperlocal).

STRAUBHAAR, J. **Race, identity, drumming and digital inclusion in Salvador, Bahia**. *In*: BRAZIL-US COLLOQUIUM ON COMMUNICATION STUDIES, 5., Chicago, 7-8 Aug. 2012. (Panel on Social, Interactive, and Participatory Media).

TRAMMEL, J. M. S. **Breastfeeding campaigns and ethnic disparity in Brazil: the representation of a hegemonic society and quasi-perfect breastfeeding experience**. *In*: BRAZIL-US COLLOQUIUM ON COMMUNICATION STUDIES, 5., Chicago, 7-8 Aug. 2012. (Panel Public Relations and Commercial Media).

WILSON, G. L. **Groups in context: leadership and participation in small groups**. Boston: McGraw Hill, 2002.

WOOD, J. T. **Communication in our lives**. 6th ed. Boston: Wadsworth, 2011.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BENNETT, W. L.; WELLS, C.; FREELON, D. Communicating civic engagement: contrasting models of citizenship in the youth web sphere. **Journal of communication**, v. 61, p. 835-856, 2011.

CAMPBELL, S. W.; KWAK, N. Mobile communication and civic life: linking patterns of use to civic and political engagement. **Journal of communication**, v. 60, p. 536-555, 2010.

GIBSON-GRAHAM, J. K.; ROELVINK, G. An economic ethics for the antropocene. **Antipode**, v. 41, n. 1, p. 320-346, 2009.

KAHN, L. K.; LIPPERT, L.; PAYNTON, S. T. **Survey of communication study**. Creative commons, open source version. 2011. p. 128-144. Disponível em: <http://en.wikibooks.org/wiki/Survey_of_Communication_Study>. Acesso em: 15 out. 2012.

KIM, Y.-C.; BALL-ROKEACH, S. J. Community storytelling network, neighborhood context, and civic engagement. **Human communication research**, v. 32, p. 411-439, 2006.

A PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA NO CONGRESSO DA IAMCR EM DURBAN, ÁFRICA DO SUL

Fernando Oliveira Paulino*

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa em comunicação realizada por acadêmicos brasileiros esteve presente no Congresso da International Association for Media and Communication Research (IAMCR), realizado na Universidade Kwazulu-Natal, em Durban, África do Sul, entre 15 e 20 de julho de 2012. Após a apreciação dos responsáveis pelas sessões, 45 trabalhos, produzidos por cerca de 60 pesquisadores brasileiros, foram selecionados para apresentação. Este número corresponde a 6,4% do total de trabalhos aceitos (700) pelo congresso. Regionalmente, o Sudeste foi responsável pela apresentação de 25 trabalhos (55,6%). Com exceção da região Norte, que não teve nenhum representante no evento, as outras regiões brasileiras tiveram número semelhante de pesquisadores, sendo sete trabalhos do Nordeste, sete do Sul e seis do Centro-Oeste. A Universidade de São Paulo (USP) foi a instituição com o maior número de apresentações selecionadas (6), e a Universidade de Brasília (UnB), a segunda em número de trabalhos escolhidos (5).

Registros importantes para a comunidade acadêmica brasileira foram a eleição de Denize Correa Araujo – da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP) – como membro do Conselho Internacional da IAMCR, a escolha de Adilson Vaz como vice-coordenador de Comunicação Comunitária e a reeleição de Cláudia Lago como vice-coordenadora do Grupo de Educação e Pesquisa em Jornalismo. A diretoria da entidade foi renovada com a eleição da americana Janet Wasco, como presidente; da mexicana Aimée Vega Montiel e do indiano Pradip Thomas, como vice-presidentes; da grega Maria Michalis, como secretária-geral; e do belgo Nico Carpentier, como tesoureiro.

* Professor dos cursos de graduação e pós-graduação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB), onde coordena o Programa Comunicação Comunitária (www.fac.unb.br/comcom); pesquisador do Laboratório de Políticas de Comunicação (www.lapcom.unb.br); membro da Rede Nacional de Observatórios de Imprensa (Renoi); e diretor da Associação Latino-Americana de Investigadores em Comunicação (ALAIIC). Endereço eletrônico: <paulino@unb.br>.

A IAMCR estabeleceu-se com o apoio da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) em 1957, e tornou-se a organização em âmbito mundial do campo de pesquisa em mídia e comunicação. Ela estimula a inclusão global e a excelência nas melhores tradições de investigação crítica na área. Entre os objetivos da associação, estão: fortalecer e incentivar a participação de novos pesquisadores, das mulheres, e daqueles que provêm de regiões menos favorecidas, incluindo os pesquisadores da África, Ásia e América Latina.

Esse evento científico, de tema as Conversas entre Sul e Norte, teve a intenção de debater as assimetrias nos fluxos nacionais e internacionais de comunicação, e contou com a participação de acadêmicos e responsáveis por políticas públicas de várias partes do mundo.

2 PRESENÇA BRASILEIRA NAS SESSÕES E NOS GRUPOS DE TRABALHO DO IAMCR

Em quase a totalidade dos grupos, houve a participação de pesquisadores brasileiros. Só não havia presença de pesquisas nacionais nos seguintes temas: Diáspora e mídia; Comunicação e crise; Rede de professores emergentes; Mídia e esporte; Mídia, religião e cultura; Políticas globais de mídia; Pós-socialismo e Pós-autoritarismo; Pesquisa sobre comunicação participativa; e Serviço público e políticas de mídia. Nas outras vinte sessões ou grupos de trabalho, houve presença, brasileira como pode ser visto a seguir.

Na sessão *Audiência* do Congresso, foram selecionados os trabalhos O jornalista como audiência e trabalhador: resultados de pesquisa empírica com jornalistas *free-lancer* de São Paulo, estudo realizado por Roseli Fígaro, Rafael Grohmann e Cláudia Nonato da USP; Reavaliando a agenda pública sobre meio ambiente na web: o caso do sistema de recomendação de notícias do Portal 180 Graus, de Jan Alyne Barbosa da Universidade Federal do Piauí (UFPI); e Consumo consciente: campanha de sacolas ecológicas na cidade de São Paulo, de Luiz Peres Neto da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM).

No grupo de trabalho HIV e comunicação e mudança e comunicação e saúde, Verônica de Sousa Figueiredo e Dione Oliveira Moura, ambas da UnB, foram responsáveis pela pesquisa Silenciando e vulnerabilidade natural: cobertura da imprensa brasileira sobre a saúde de povos indígenas.

O estudo Comunicação, internet e governo aberto: análise comparativa de municípios brasileiros, de Fabio Josgrilberg, Leandro Carrera, Camila Franciscan e Jamile Bittar, todos da Universidade Metodista de São Paulo, foi apresentado na sessão Políticas de comunicação e tecnologia.

A pesquisadora Cosette Castro da Universidade Católica de Brasília (UCB) teve seu trabalho, denominado de A indústria de conteúdos digitais na América Latina: uma proposta diferente para a inclusão digital e social, selecionado para a apresentação do grupo Exclusão Digital.

No tema Meio ambiente, ciência e comunicação de risco, a professora Isaltina Gomes da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) debateu a pesquisa Antrax e pânico: um espetáculo criado pela mídia.

A pesquisa comparada *Ombudsmans* além das fronteiras norte-sul: a experiência portuguesa e brasileira, realizada por Fernando Oliveira Paulino da UnB em parceria com Madalena Oliveira e Joaquim Fidalgo da Universidade do Minho foi discutida no grupo Ética da sociedade e ética da comunicação junto ao trabalho O interesse acadêmico no Brasil de construir um conceito de objetividade em base de um realismo crítico, de Ben-Hur Demeneck, do Instituto Blumenauense de Ensino Superior (Ibes/SOCIESC).

Na sessão sobre Gênero e comunicação, houve a apresentação dos trabalhos Sociologias da voz: uma análise empírica sobre autonarrativas e diversidade em uma revista brasileira, de Marcus Assis Lima, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); e Heroínas: histórias biográficas na mídia e no cinema brasileiros, de Ana Carolina Escosteguy e Cristiane Freitas Gutfreind da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Na sessão sobre história, houve a seleção do artigo Extra! Extra! Institucionalização histórica e economia política das bancas no Rio de Janeiro, de Viktor Chagas da Universidade Federal Fluminense (UFF). Em Comunicação internacional, os pesquisadores Marcus Assis Lima e Dannilo Duarte Oliveira da UESB foram escolhidos para debater sobre Retratos da crise, jornalismo televisivo no Brasil e crise na Europa. Fernando Resende da UFF marcou presença no grupo Islã e mídia com o trabalho Inventando muçulmanos como a outra cultura no Brasil do século XIX.

O tema Educação e pesquisa em jornalismo obteve o terceiro maior número de pesquisas brasileiras, atrás apenas de Cultura visual e economia política, primeiro e segundo lugares, respectivamente. Cinco estudos foram escolhidos para a apresentação. Foram eles: Discurso da radiodifusão e construção de sentido: a voz por notícias políticas, de Marcus Assis Lima e Alana Souza, da Faculdade de Ciências Humanas (Esuda); Convergência *versus* diversidade: repensando a qualidade das notícias na TV, de Beatriz Becker, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Inovações no jornalismo digital contemporâneo: características, práticas e tipologia, de Elizabeth Saad Correa, da USP; Discurso de jornalistas brasileiros: o perfil e as novas práticas profissionais, de Roseli Fígaro, Rafael Grohmann e Cláudia Nonato, também da USP; e A formação profissional por um “novo jornalista”, de Ernane Correa Rabelo, da Universidade Federal de Viçosa (UFV).

Na sessão de tema Lei, dois trabalhos foram debatidos: Imprensa brasileira e censura judicial, de Silvio Henrique Vieira Barboza, da Faculdade Cásper Líbero; e Lei e o direito à comunicação: história de padrões normativo-judiciais no Brasil, de Fernando Oliveira Paulino e Pedro Henrique Ramalho Gomes, da UnB.

Três trabalhos brasileiros foram aceitos na sessão Pesquisa sobre mídia e educação. Os pesquisadores Cláudia Lago, Richard Romancini e Patrícia Horta Alves, da Universidade Anhembi-Morumbi, desenvolveram o estudo Como incluir mídia e educação em escolas públicas? A implementação do curso de mídia e educação no estado de São Paulo. Denize Correa Araujo, da UTP, desenvolveu a pesquisa Wikipedia: uma enciclopédia transcultural; e Rosane Silva Borges, da Universidade Estadual de Londrina (UEL), foi responsável pela pesquisa Educação para a mídia e as relações de raça no Brasil.

Outros três temas foram debatidos na sessão citada anteriormente. São eles: Comunicação mediada, opinião pública e sociedade; Ideologia, reconhecimento e comunicação mediada: o caso do trabalho doméstico infantil, de Rousiley Celi Moreira Maia e Danila Gentil Rodriguez Cal, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); O discurso utópico e a memória dos revolucionários dos anos 1960, de Jacques Alkalai Wainberg da PUCRS; e Notas sobre pesquisa participativa em psicologia social de Cibele Mariano Vaz de Macêdo e Regina Glória Nunes Andrade da UERJ.

No grupo Pesquisa sobre comunicação política, os pesquisadores Ricardo Fabrino Mendonça e Ana Carolina Ogando, da UFMG, foram selecionados para debater o tema Discurso sobre o feminino: ética do cuidado e estratégia essencialista na campanha presidencial de Dilma; e Alessandra Ald e João Guilherme Santos da UERJ apresentaram a pesquisa sobre Petições públicas e batalhas *on-line* no Brasil.

A sessão com o segundo maior número de trabalhos brasileiros aprovados foi a de Economia política. Entre os sete artigos selecionados, estão: Criatividade, eurocentrismo e luta epistemológica, de César Bolaño, da Universidade Federal de Sergipe (UFS); Cultura e economia política: considerações sobre a telenovela brasileira, de Maria Immacolata Vassallo de Lopes da USP; Comunicação digital: os conflitos na transmissão e distribuição de informação na era da economia do conhecimento, de Cecília Carrosini Bezerra Cavalcanti da UFRJ; O modelo de propaganda e a imprensa, de Antonio Martins de Araujo Neto das Faculdades Integradas Barros Melo; Estratégia retórica de proprietários de mídia como escudo contra o debate social sobre a regulação do setor, de Edgard Rebouças da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes); Comunicação pública, estatal e governamental: diferenças e semelhanças que emergem na Empresa Brasil de Comunicação (EBC), de Mariana Martins Carvalho e Elen Geraldine da UnB; e *The Economist* e a tão falada crise de 2008: o papel ideológico gerando legitimidade ideológica, do recém-falecido e inesquecível pesquisador Valério Cruz Brittos e seu companheiro Bruno Lima Rocha, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

Dois estudiosos da USP, Eduardo Vicente e Rosana Soares, representaram o Brasil no grupo de trabalho Cultura Popular, com o estudo Centro cultural da juventude: um olhar sobre a diversidade musical em São Paulo.

Na sessão Cultura visual, os brasileiros foram destaque em oito apresentações de um total de 29 trabalhos selecionados, correspondendo a quase 28% do total. Neste grupo, Beatriz Morgado de Queiroz da UFRJ apresentou Hélio Oiticica e a negação do cinema; Thalita Bastos da UFF foi selecionada com o estudo As estratégias de realidade no cinema de horror; e Julio César Lemes de Castro da USP foi responsável pelo Discurso lacaniano e as estratégias retóricas na publicidade. Outras pesquisas também foram escolhidas: Memória discursiva e filmes de publicidade de marcas consagradas, de João Anzanello Carrascoza, da ESPM; Circuitos culturais entre norte e sul: pós-colonialismo e linguagem visual das escolas de samba brasileiras em Portugal, de José Maurício Moreira da Silva, da Universidade Mackenzie; Norte-Sul: imaginário visual e fronteiras imaginárias, de Denize Correa Araujo, da UTP; A última pintura: morte e vida da fotografia de Rosângela Renn, de Fernando do Nascimento Gonçalves, da UERJ; e o pôster Ler imagens de ficção e poesia: uma experiência sagrada de comunicação, de Roberta Simon, da UnB.

3 SESSÕES ESPECIAIS DA IAMCR

Além das sessões citadas anteriormente, o Congresso da IAMCR foi desenvolvido por meio de plenárias e sessões especiais enfatizando reflexões sobre diálogos entre norte e sul. Uma delas, proposta pela Associação Latino-Americana de Investigadores em Comunicação (ALAIIC) em parceria com a Associação Europeia de Investigação em Comunicação (Ecrea), teve como tema a Avaliação de produção acadêmica: fecundações cruzadas entre Europa e América Latina nos estudos de mídia e comunicação.¹

Esse painel, coordenado por Fernando Oliveira Paulino da ALAIIC e Nico Carpentier da Ecrea, contou com a presença de investigadores latino-americanos e europeus, entre eles: Bart Cammaerts, London School of Economics, Reino Unido; Gabriel Kaplún, Universidad de la República, Uruguai; Aimée Vega Montiel, Universidad Autónoma de México, México; e Katrin Voltmer, Universidade de Leeds, Reino Unido. Também houve a leitura de uma declaração de César Bolaño da UFS, presidente da ALAIIC.

A sessão especial se baseou na ideia de que o desenvolvimento teórico, metodológico e empírico do campo da comunicação e dos estudos de mídia é caracterizado por uma diversidade que também tem dimensão espacial. Embora existam oportunidades de intercâmbio global, as comunidades acadêmicas estão situadas no local, de modo que, por razões institucionais, financeiras e linguísticas, as comunidades urbanas e regionais funcionam como grupos imaginários. A diversidade regional é um ativo importante para os estudos de comunicação, mas ao mesmo tempo deve-se evitar processos contraproduti-

1. Esses trabalhos estão disponíveis em: <www.alaic.net>.

vos de isolacionismo intelectual ou hierarquização por meio da organização de diálogos criativos e intercâmbios.

As contribuições no painel ALAIC-Ecrea tiveram por objetivo promover um diálogo inter-regional, enfatizando as especificidades e a inserção contextual de teorias, metodologias e tradições de pesquisa na América Latina e na Europa; e comparar criticamente os pontos fortes e fracos para então articular estas diferenças como oportunidades de enriquecimento intelectual de ambas as comunidades acadêmicas.

O painel promoveu ainda discussão e diálogos inter-regionais sobre os sistemas de avaliação no campo da comunicação e estudos de mídia, tais como o sistema de avaliação pelos pares, produção e publicações acadêmicas e modelos de publicação e validação e aprovação do trabalho intelectual.

Os modelos e sistemas projetados para medir os sistemas de avaliação na produção acadêmica, obviamente, refletem as condições políticas, técnicas e operacionais de um país, tanto atuais quanto potenciais. Como evidenciado pela experiência latino-americana de avaliação acadêmica, até o momento, as organizações internacionais podem desempenhar um papel no planejamento, criticar, ou ajustar os sistemas de medição e avaliação da produção acadêmica.

Os propósitos da avaliação da produção acadêmica e seus usos foi o principal tema do painel ALAIC-Ecrea em Durban. As vantagens das abordagens, das metodologias e dos instrumentos específicos, bem como o impacto esperado foram debatidos para estimular consensos e estabelecer declarações conjuntas de avaliação acadêmica entre pesquisadores de comunicação e estudos de mídia na América Latina e na Europa.

Foi especialmente útil debater as possibilidades de apresentar, seguindo a visão de cada associação, metodologias utilizadas e a cobertura de sua avaliação acadêmica. Ainda mais importante é a reflexão sobre o alinhamento destas metodologias com a finalidade e utilização do sistema de avaliação acadêmica. Se os dados fornecidos pelas avaliações devem ser utilizados para melhorar a investigação, os instrumentos têm de refletir exatamente isto.

A ascensão dos países Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul (BRICS) foi um tema também presente na programação do congresso, além de ser objeto de uma sessão especial coordenada pelo professor Daya Thussu da Universidade de Westminster, e contar com a apresentação sobre o sistema midiático no Brasil, realizada por Joseph Straubhaar da Universidade do Texas.

4 CONCLUSÕES

Apesar da distância e dos custos que envolviam a viagem do Brasil para a África do Sul, os pesquisadores brasileiros conseguiram manter o índice de participação no Congresso da IAMCR superior a 6%. Em 2010, quando da realização da Conferência em Braga (Portugal), a delegação nacional alcançou cerca de 10% do total de participantes.

Nas sessões e nos grupos de trabalho, tem havido diversificada presença brasileira, e nos próximos anos vale o esforço para se tentar um número ainda maior de apresentações e de participação como coordenadores e vice-coordenadores das atividades, além do envolvimento em grupos e sessões que não tiveram a apresentação de brasileiros nesse congresso.

Com a estabilidade econômica e a tentativa do Estado de projetar o Brasil como competidor internacional, é essencial que haja esforços dos acadêmicos brasileiros em criar laços internacionais e estudos comparados que contribuam com a qualificação das atividades nacionais de ensino, pesquisa e extensão.

A atual diretoria da IAMCR já sinalizou interesse em realizar mais atividades pautadas no Brasil e nos demais países da América Latina e dos BRICS. Assim sendo, existe espaço possível para a proposição de eventos conjuntos e sessões especiais nas atividades que forem realizadas.

O próximo Congresso da IAMCR acontecerá em Dublin, Irlanda, entre 25 e 29 de junho de 2013. Mais informações a respeito estão disponíveis na página da associação: <www.iamcr.org>.

COMUNIDADE LUSÓFONA: CONGRESSO DE LISBOA DENOTA CRESCIMENTO CONSISTENTE

Antonio Hohlfeldt*

1 INTRODUÇÃO

Ao final da década de 1990, pesquisadores portugueses e brasileiros da área de comunicação social ampliaram contatos e pesquisas estabelecendo seus primeiros encontros. Em uma ação conjunta da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação (SOPCOM) e da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) nasceu a ideia, assim, de aproximar as entidades representativas dos pesquisadores destes dois países, resultando no I Encontro Luso-Brasileiro de Ciências da Comunicação, ocorrido na Universidade Lusófona, em Lisboa, em 1996.

Os congressos seguiram: em 1997, em Aracajú, resultando na constituição formal da entidade e, em 1999, na Universidade do Minho, outra vez em Portugal.

Um primeiro boletim que começou a ser divulgado enfrentou problemas para a sua continuidade. Além do mais, a diretoria da entidade resolveu apostar mais nos encontros, fixados bianualmente, e na ampliação da entidade, reunindo pesquisadores da Galícia – por sua proximidade linguística – e de países de expressão portuguesa da África.

O encontro de 2000 ocorreu no estado de São Paulo, em São Vicente, no Brasil. Já em 2002, para dar concretude às decisões anteriores, realizou-se o V Congresso da Federação das Associações Lusófonas de Ciências da Comunicação (Lusocom) em Maputo, Moçambique, por iniciativa da Associação Moçambicana de Estudos da Comunicação (Amescom).

2 PROTOCOLO DE MAPUTO

Neste encontro produziu-se o chamado Protocolo de Maputo, em que as entidades signatárias assumiam compromissos com as ações a seguir descritas.

* Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS); presidente da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom); pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); e membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

- Criar condições para que nos países e comunidades ibero-afro-ásio-brasileiras haja desenvolvimento de estudos das ciências e políticas de comunicação no espaço lusófono.
- Desenvolver relações entre o conjunto de países e comunidades de cultura lusófona por meio de intercâmbio que permita garantir uma posição de relevo à pesquisa em ciências da comunicação ibero-afro-ásio-brasileira.
- Provocar o incremento do debate acadêmico e sua extensão para o âmbito das atividades profissionais e empresariais da comunicação dos países e comunidades de cultura luso-galego-ásio-afro-brasileira.
- Estimular diferentes tipos de ações entre os países e pesquisadores das referidas nações e comunidades, particularmente no Encontro Lusófono de Ciências da Comunicação, a realizar-se de dois em dois anos, em local a ser designado pela direção da Lusocom, sob proposta do país candidato à organização.
- Estimular a participação dos pesquisadores e comunidades lusófonas nos congressos das associações de comunicação nacionais, de modo a fomentar o intercâmbio no campo da pesquisa, materializando-se principalmente nos grupos temáticos e similares, em especial com a participação efetiva nos congressos das diferentes associações constituidoras desta federação.
- Aumentar a projeção internacional da comunidade lusófona – Brasil, Portugal, Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOPs), comunidades lusófonas e demais países –, que congrega hoje uma das maiores comunidades acadêmicas no campo das ciências da comunicação.

Este tem sido o documento regulador e orientador de todas as atividades da Lusocom. Seu VI Congresso aconteceu na Universidade da Beira Maior, em Portugal, e, em 2006, pela primeira vez, a Universidad de Santiago de Compostela liderou o VII Congresso. O VIII Congresso regressou a Lisboa e à Universidade Lusófona, sendo o IX Congresso realizado em 2010, na Universidade Paulista (UNIP), em São Paulo.

No ano de 2012, portanto, quebrando o tradicional período intervalar, o X Congresso ocorreu novamente em Lisboa, na Universidade Técnica de Lisboa, por intermédio de seu Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, no período de 27 a 29 de setembro.

Pelo seu significado, no que toca às relações entre Portugal e suas antigas colônias, merece um registro especial a escolha deste local. Ainda ao tempo da política colonialista de Portugal, Lisboa mantinha uma sociedade de geografia que preparava, em nível superior, os funcionários técnicos que seriam enviados às

colônias para lá exercerem funções administrativas. Ainda antes dos acontecimentos que culminaram em 1974, com o fim da ditadura e a libertação das antigas colônias, esta sociedade de estudos gerou uma instituição de estudos técnicos de nível superior e, posteriormente, a própria universidade. Neste sentido, a instituição não poderia ter sido mais bem escolhida, pois guarda relação direta aos acontecimentos pretéritos que possibilitaram a constituição deste universo, hoje denominado de comunidade lusófona.

3 O CONGRESSO DE 2012

De fato, em que pese a crise econômico-financeira que avassala a Europa e invade Portugal, o congresso teve forte adesão, tanto de estudantes portugueses quanto galegos, com enorme participação de pesquisadores brasileiros e uma importante presença africana, em especial a de Cabo Verde.

O X Congresso da Lusocom teve como tema central Comunicação, cultura e desenvolvimento, abordado sob diferentes óticas, ao longo das mesas temáticas. Assim, após a sessão de abertura, seguiu-se a mesa denominada Ciências da comunicação em contexto lusófono, com a participação dos pesquisadores Moisés Lemos Martins (SOPCOM), Antonio Hohlfeldt (Intercom), Xosé López (Agacom), Nelia Del Bianco (Intercom) e Augusto Santos Silva (SOPCOM), com a mediação da professora doutora Maria Augusta Babo (Universidade Nova de Lisboa).

A segunda sessão plenária temática ocorreu no dia 28, pela manhã, com foco na Mídia, desenvolvimento e interculturalidade, e a participação de Rosa Cabecinhas (Universidade do Minho), Margarita Ledo (Universidade Santiago de Compostela), Estrela Serrano (Centro de Investigação Media e Jornalismo – CIMJ) e Regina Brito (Universidade Presbiteriana Mackenzie), com a mediação do professor doutor Paulo Serra (Universidade da Beira Interior).

A última sessão plenária, que também encerrou o encontro, ocorreu no dia 29, pela manhã, com a participação dos pesquisadores Antonio Hohlfeldt (Intercom), Rosa Cabecinhas (Universidade do Minho), Margarita Ledo (AGACON), Silvino Évora (Universidade Piaget – Cabo Verde) e Alice Trindade (Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas), com a mediação do professor doutor Moisés Lemos Martins (SOPCOM). O tema enfocado foi Comunicação e lusofonia, caminhos para o futuro.

Quarenta e oito sessões temáticas paralelas ocorreram ao longo dos três dias do congresso, com uma média de cinco trabalhos cada uma, o que significa um recorde de inscrições de cerca de 250 participantes, além daqueles que apenas assistiram ao encontro.

O mais importante, contudo, foi a reafirmação dos compromissos firmados em Maputo. Assim, fixou-se a cidade de Vigo como a sede do próximo congresso,

a ocorrer em 2014. Também se decidiu, no sentido de apoiar a formação de uma associação nacional entre os pesquisadores de comunicação social em Cabo Verde, que seu primeiro congresso nacional, planejado para ocorrer em 2013, deverá contar com a participação dos presidentes das três entidades – SOPCOM, Agacom e Intercom –, às suas próprias expensas. A princípio, tem-se projetado o congresso de 2016 naquela nação.

Por sua vez, a Intercom assumiu a responsabilidade de editar, por sua conta, um volume que se constituirá na primeira antologia de pesquisas no campo da comunicação de autores cabo-verdenses. A direção da Intercom também assumiu compromisso de enviar exemplares de suas publicações para a biblioteca a ser formada pela futura instituição, no sentido de facilitar o acesso aos estudos de comunicação social, tendo em vista a escassez de bibliografia disponível.

Em outra iniciativa importante, foi lançado o sítio da entidade (www.lusocom.org), que contou com a colaboração de pesquisadores portugueses e brasileiros em sua constituição. O sítio reúne a documentação formal da entidade, como seus objetivos, a história, a memória dos congressos anteriores e, especialmente, o conjunto de edições do *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona*, publicado desde 2003. À exceção das quatro primeiras edições, que ainda deverão ser disponibilizadas gratuitamente, as publicações dos anos de 2007 a 2011 já podem ser consultadas. Também foi lançado o livro eletrônico Lusofonia e interculturalidade, que se constitui nos anais do congresso ocorrido em São Paulo, na UNIP, em 2011. Este volume também tem acesso gratuito.

4 PERSPECTIVAS

O principal saldo que se pode registrar em relação ao congresso de 2012 é que alguns dos objetivos levantados no documento de Maputo há uma década começam a se tornar realidade. Muitos pesquisadores atravessam o oceano, desenvolvendo pesquisas em outras instituições ou em grupos internacionais de pesquisa, o que aproxima instituições e perspectivas. Por conseguinte, alunos de pós-graduação e professores pesquisadores já desenvolvem relações de mais tempo, o que denota uma proximidade e uma identidade, facilitando as pesquisas em desenvolvimento. Mais que isso, surgem estudos comparativos entre as situações da comunicação social entre Portugal e Galícia; Portugal e Brasil; Brasil e países de expressão portuguesa na África etc., tanto no âmbito da graduação quanto no da pós-graduação.

Isso significa, especialmente, melhor conhecimento, entre os pesquisadores, das diferentes realidades enfrentadas pelo campo da comunicação social em diferentes geografias. Tal perspectiva aproxima os pesquisadores, melhora a compreensão das realidades existentes e dos desafios a serem enfrentados e possibilita o surgimento de novos projetos conjuntos de pesquisa. Deve-se destacar, neste caso

especialmente, a insistência com que a Lusocom vem perseguindo a aproximação com a África. O grande problema enfrentado é que, pelos estatutos da Lusocom, integram sua diretoria as associações nacionais que congreguem pesquisadores em comunicação social. Contudo, as diferentes situações político-partidárias de cada nação têm dificultado tais objetivos. No caso de Angola, a dependência a um partido único ainda existe e faz com que a entidade perca representatividade. No caso de Moçambique, começa-se a observar traços de revitalização, tanto que em meados de novembro ocorreu a Conferência do Centro de Estudos Interdisciplinares de Comunicação (CEC), ainda liderada pelo professor doutor Eduardo Namburete. Mas já há uma nova geração, representada pelo professor Ernesto Constantino Nhanale, por exemplo, que evidencia a possibilidade de desenvolvimento mais dinâmico da área e gera expectativas quanto à possibilidade de, em abril de 2013, concretizar-se a criação de uma entidade representativa dos pesquisadores em comunicação social em Moçambique.

No que toca a Guiné-Bissau, a instabilidade político-institucional praticamente impede qualquer avanço. Um novo golpe de Estado ocorreu em abril de 2012 e inviabilizou quaisquer projeções. Sabe-se, não obstante, que o Brasil tem procurado apoiar o intercâmbio de estudantes entre os dois países. Ainda agora, há alguns alunos, em nível de graduação, estudando na Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), onde estão concluindo seus cursos. Contudo, as dificuldades político-partidárias em seu país fizeram com que as bolsas originais de seus governos fossem suspensas. Os estudantes vivem com os repasses do governo brasileiro e de dinheiro que eventualmente suas famílias lhes enviam.

O país que, neste momento, mais expectativas positivas gera é o Cabo Verde. Pesquisadores do Cabo Verde participaram, recentemente, de duas mesas promovidas no âmbito do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Intercom, e evidenciaram o surgimento e o bom diálogo entre diferentes gerações de pesquisadores naquele país. Foram os casos dos professores Manuel Brito-Semedo, autor de uma publicação de referência sobre a história do jornalismo em Cabo Verde, e do jovem professor Silvino Lopes Évora, um dos responsáveis pela organização da associação nacional dos pesquisadores daquele país.

Neste sentido, a reunião da diretoria da Lusocom, ao final do congresso, ratificou sua política de continuar buscando o diálogo com as associações africanas de pesquisadores na comunicação social. Admitiu, contudo, que, enquanto tal realidade de institucionalização não se concretizar, buscará trazer para seu âmbito pesquisadores individualmente considerados, com bons trabalhos de pesquisa e trânsito na comunidade lusófona, de modo a gradualmente constituir o novo panorama desejado.

COMUNIDADE LATINO-AMERICANA: ALAIC CONFIRMA EM MONTEVIDÉU 2012 O ACERTO DA ESTRATÉGIA EMBU-GUAÇU 1992

César Bolaño*

1 INTRODUÇÃO

Este texto faz uma rápida avaliação do congresso da Associação Latino-Americana de Investigadores de Comunicação (Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación – ALAIC) de 2012, de acordo com o projeto global de reestruturação da entidade, desenvolvido desde 2009 pela atual diretoria. Na seção 2, explica-se, em breves linhas, o essencial da questão. Na seção 3, reproduz-se basicamente a prestação de contas da diretoria apresentada à assembleia-geral em Montevidéu, referente ao período 2009-2012, atualizada até novembro de 2012. Na seção 4, avançam-se os planos, também apresentados naquela ocasião, para o período 2012-2014. Na conclusão, volta-se ao essencial, sugerindo-se a necessidade de um programa de investigação coletivo (que vem sendo trabalhado em textos mais densos, em outras ocasiões) adequado à nova realidade econômica, política, social, cultural e comunicativa que se desenha neste início de século.

2 O PRINCIPAL

O congresso de 2012, da ALAIC, realizado em Montevidéu, sob a coordenação de Gabriel Kaplún, sócio emérito da entidade, ideológica e afetivamente comprometido com seu desenvolvimento e com os rumos do pensamento crítico latinoamericano (para o qual tem dado inestimável contribuição, seguindo os passos do pai, Mario, figura do primeiro plano do campo da comunicação em nosso subcontinente), pode ser visto como um momento crucial de consolidação da nova etapa da entidade, que pretendemos ter inaugurado em 2009.

Não cabe retomar aqui a longa história da ALAIC,¹ mas vale pelo menos mencionar um par de momentos emblemáticos. Fundada com o apoio e em

* Professor da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

1. Ver, a esse respeito, Gobbi (2008), Bolaño (2012) e Paulino (2012). E ver, sobretudo, os trabalhos de José Marques de Melo e da Cátedra da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura/Universidade Metodista de São Paulo (Unesco/UMESP), por ele dirigida. Vale conferir, principalmente, Melo (2007). No portal da cátedra Unesco/UMESP, pode-se encontrar uma versão em português dessa obra, a qual o autor deste capítulo teve a honra de produzir um prefácio.

direta interação com instituições como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) ou a International Association for Media and Communication Research/Association Internationale des Études et Recherches sur l'Information et la Communication/Asociación Internacional de Estudios en Comunicación Social(IAMCR/AIERI/AIECS), participou ativamente da construção, em nível institucional, teórico e epistemológico, do pensamento comunicacional e das lutas pela democratização da comunicação no plano internacional, destacando-se – ao lado de figuras como Pasquali, Beltrán, ou o próprio Kaplún – o também uruguaio Roque Faraone, expositor no congresso de 2012, e Juan Díaz Bordenave, que proferiu a palestra de abertura.

Outro momento importante da história da ALAIC foi quando Jesús Martín-Barbero, seu então presidente, lançou o programa de investigação que se desdobraria ao longo dos anos 1980, promovendo uma verdadeira ruptura de paradigma no campo, fortemente influenciado – como o autor reconhecerá incontáveis vezes – pelas especificidades da cultura popular latino-americana. Convidado para fazer a palestra de encerramento em Montevideu, o professor não pode estar presente, por motivos de saúde, mas gravou uma longa e bem editada entrevista, especialmente para a ocasião. Discípulos de Barbero, como Rossana Reguillo ou o próprio Kaplún, representavam também esta outra importante linha de pensamento comunicacional da América Latina.

Um terceiro momento importante foi quando, debilitada com a desestruturação do movimento em torno da Nova Ordem Mundial da Informação e da Comunicação (NOMIC) e da Comissão Mac Bride, foi reconstruída, a partir do fim dos anos 1980, pelas mãos de José Marques de Melo, de acordo com o formato mais atual de organização das entidades acadêmicas. O primeiro congresso, de 1992, em Embu-Guaçu – aproveitando a presença, ademais, no estado de São Paulo, de eméritos representantes do campo internacional da comunicação, vindos para o congresso da IAMCR/AIERI/AIECS no Guarujá – marca a nova fase e comemorava, em Montevideu, seus vinte anos, com a presença, entre outros, de Marques de Melo e Margarida Kunsch, figura essencial nesta construção, a quem se fez uma merecida homenagem durante a mesa de abertura.

Marques de Melo já havia recebido também uma homenagem, no congresso de Bogotá, em 2010 – o primeiro sob essa coordenação, que foi aberto por Héctor Schmucler e encerrado por Germán Rey –, explicitando o compromisso da nova gestão com a história do campo e com o reconhecimento das grandes contribuições dos pioneiros do pensamento comunicacional latino-americano. Não se trata de um mero exercício de celebração do passado, senão da consciência da geração a que pertence o autor deste capítulo de sua responsabilidade histórica

de facilitar o diálogo daqueles expoentes com a massa de novos pesquisadores, que cresce dramaticamente com a consolidação dos cursos de graduação e de pós-graduação na área em todo o subcontinente nas últimas décadas.

Em Montevideu, as diferentes linhas e tendências históricas do pensamento latino-americano estavam presentes, bem representadas, seja pelos citados convidados especiais, seja pelo conjunto dos expositores, seja pelo exército dos novos coordenadores de grupo de trabalho (GT), que se reuniram presencialmente pela primeira vez depois do longo processo de reforma, concluído em 2011. Este é um segundo compromisso básico desta gestão: a renovação. O reconhecimento das tradições da pesquisa latino-americana tem por objetivo iluminar o debate sobre os problemas atuais, pensando no futuro deste campo, na contribuição que pode ser dada ao debate internacional e na liderança que se possa construir em seu interior. Nesse sentido, não se trata de mitificar o passado, ou de evitar a crítica aos fundadores, mas entender que esta crítica se dá no interior de um campo autônomo de produção, em que o conhecimento se expande e atualiza.

Trata-se, em última análise de reconhecer nosso destino comum, profundamente vinculado ao grande pensamento crítico latino-americano. Esta foi a preocupação central na escolha da temática geral do congresso e as suas mesas centrais. Como bem disse Gabriel Kaplún, em sua avaliação pessoal do evento, trata-se de *“recuperar y actualizar el pensamiento crítico latinoamericano, en diálogo intercultural con los de los pueblos originarios del continente, con otras epistemologías y otras formas de entender el mundo, descolonizando nuestras cabezas pero sin perder el diálogo con la tradición eurocéntrica”* (Kaplún, 2012). Este é um terceiro compromisso desta gestão, que se materializa, por exemplo, na relação que está se construindo com a Associação Latino-Americana de Ciências Sociais (Alas), também presente no congresso, ou no intento, ainda não concretizado, de aproximação da Sociedade de Economia Política da América Latina (Sepla).

Um quarto compromisso é com o diálogo inter-regional com entidades, como a Associação Europeia de Pesquisa em Comunicação (European Communication Research and Education Association – Ecrea) ou a Associação Nórdica (The Nordic Information Centre for Media and Communication Research – Nordicom), presentes também em Montevideu, com a Unesco, com quem foi retomada a colaboração já em 2009. Este diálogo – assim como a participação dedicada dos membros da ALAIC na construção da Confederação das Associações Científicas da Comunicação (Confibercom) – visa a um reposicionamento em relação às entidades globais, como a IAMCR/AIERI/AIECS ou, mais recentemente, a International Communication Association (ICA),

a fim de estabelecer um espaço adequado para a América Latina no debate teórico e epistemológico internacional e na construção de sua institucionalidade e de suas agendas, em benefício de uma comunicação comprometida com um desenvolvimento inclusivo, sustentável e justo.

Pode-se resumir esses quatro compromissos em um objetivo geral, que vem sendo perseguido desde 2009 de forma consciente e bem explícita: promover o debate interno e reforçar os grupos de trabalho, visando ganhar forças para enfrentar o desafio de uma inserção mais adequada no debate internacional. Este objetivo maior se desdobrará depois na reforma dos GTs, na criação das representações regionais e dos seminários regionais, nos diálogos aqui referidos e em outros, na criação do *Journal of Latin American Communication Research* (JLACR) e em todas as atividades que serão apresentadas neste capítulo.

Tudo isso estava explícito em Montevideu e, fundamentalmente, como se observará na programação, no reconhecimento da comunicação como um *carrefour* em que se encontram não apenas as diferentes ciências sociais, as humanidades, mas também as artes, as técnicas, até as engenharias, se quisermos; campo, portanto, de confluências, de contradições. Tudo isto deve vir à tona, todos os enfoques, toda a complexidade do campo latino-americano da comunicação com suas mais diversas influências, histórias, diálogos. Do reconhecimento desta complexidade e daquele destino comum, já referido neste texto, é que nascerá o novo pensamento comunicacional latino-americano, um projeto necessariamente coletivo e transversal.

O desafio é grande, mas os números de Montevideu não deixam dúvidas.

Ya a fines del año pasado, cuando llegaron 1500 resúmenes de trabajos intuimos que el Congreso sería más grande de lo habitual. Los coordinadores de los diecinueve grupos temáticos seleccionaron 900 de esos trabajos, de los cuales casi 800 finalmente se presentaron en el Congreso. Participaron 1200 personas provenientes de veinte países, se realizaron más de noventa sesiones de los grupos temáticos, una veintena de mesas redondas, paneles, talleres y reuniones especiales, se presentaron setenta libros y posters. Las sesiones plenarias se realizaron en el Paraninfo de la Universidad, que quedó chico varias veces, y el resto de las actividades en otros seis locales universitarios, utilizando unas cuarenta salas, con la muy especial colaboración de las Facultades de Derecho y Ciencias Sociales. Resultó entonces el mayor congreso realizado por ALAIC, y también el mayor encuentro de comunicadores realizado en nuestro país (Kaplún, 2012).

Vale a pena, como sugere Kaplún, verificar o material posto à disposição no endereço eletrônico da ALAIC² que inclui os oitocentos trabalhos apresentados e várias conferências e entrevistas realizadas pelos membros de sua competente equipe.

2. Disponível em: <www.alaic2012.comunicacion.edu.uy>.

Em Montevideu, ocorreu também a renovação da diretoria da ALAIC. Manteve-se essencialmente a mesma equipe, mas trata-se agora de uma nova fase do projeto iniciado em 2009. O sentido geral permanece, mas os desafios são outros. Nos dois próximos itens, é reproduzido um pequeno balanço das realizações da primeira fase (2009-2012) e dos planos para a segunda fase (2012-2014), que já se encontram em pleno desenvolvimento.

3 RELATÓRIO (2009-2012)

Nesta seção, encontra-se o relatório da diretoria apresentado na assembleia de Montevideu, atualizado até novembro de 2012. Salvo esta atualização, e eventuais revisões, não foram feitas, por comodidade, alterações no texto, originalmente escrito em espanhol.

- 1) Actualización de membrecía, renovación de listados y cuentas, campaña de afiliación, política de descuentos y recuperación de antiguos socios y reforma del sitio web (primera fase: automatización del sistema de pagos, de elecciones, listas de socios e inicio de la digitalización de contenidos).
- 2) Acuerdo con Unesco para realización de seminarios y publicación del *Journal of Latin American Communication Research*. La coordinación de las acciones junto a ALAIC, entre 2009 y 2011, estuvo a cargo de Fernando Paulino y movilizó a todo el directivo en la organización de seminarios locales previos. La creación y organización del JLACR contó con la colaboración de Carlos Arcila, editor, y de un grupo importante de socios, que figuran en el expediente.
- 3) Realización del congreso de Bogotá 2010 y del Seminario de São Paulo 2011, con el apoyo de Unesco, coordinación local a cargo de Ruy Sardinha y apoyo de Valério Brittos, para el diálogo con el equipo de coordinación de Confibercom.
- 4) Organización del congreso de Montevideo 2012, coordinado localmente por Gabriel Kaplún.
- 5) Implantación de las representaciones regionales y organización del I Seminario Regional Cuenca Amazónica (Belem, 2011). Lo que se pretende de los seminarios regionales es buscar una mayor inserción local de ALAIC y estrechar lazos de trabajo con las asociaciones nacionales y las instituciones locales del campo, con el objetivo de avanzar en dirección a otras formas de cooperación, en investigación, publicaciones, etc. El listado de los representantes regionales (Cono Sur, Región Andina, Cuenca Amazónica, Norte y Centro América, Caribe) se encuentra actualizada en la página de ALAIC.

- 6) Acuerdo ALAIC-Ecrea. Organización de una mesa común en el congreso de IAMCR (2011), en Estambul, a que se siguieron otras tres, en el 2012, en los congresos de ALAIC (Montevideo), IAMCR (Durban) y Ecrea (Estambul). En Montevideo se invitó también a Nordicom y Unesco. En Ecrea 2012 (Estambul) se invitó a IAMCR y a ULEPICC.
- 7) Acuerdo ALAIC-ALAS. Organización de una mesa en el congreso de ALAS (Recife, 2011) y otra en ALAIC (Montevideo, 2012), a la que se invitan otras asociaciones latino-americanas. Una tercera iniciativa común ha sido la participación coordinada de Silvia Lago y César Bolaño como coordinadores de sesiones del RC14 en el seminario de ISA, en Buenos Aires, con el apoyo del socio Elías Said. El objetivo implícito es tener una buena participación latino-americana en el congreso de ISA, en 2014, en Yokohama.
- 8) Contactos han sido establecidos con otras entidades, como ICA, PANAM, NCA, LASA y la asociación asiática (AMIC), sin mayores avances por el momento. Varios socios de ALAIC, por otra parte, tienen actuación destacada en IAMCR, que sigue presentándose como espacio para articulaciones internacionales, como fueron dos de las mesas ALAIC-ECCREA.
- 9) Propuesta de publicaciones comunes ALAIC-ALAS están siendo planeadas. En Montevideo se discutió la propuesta de un número especial de la revista de ALAS (en español) y del JLACR (en inglés) sobre el pensamiento crítico latino-americano, cuyo *call for papers* ya se encuentra en preparación, con publicación prevista para 2013.
- 10) Apoyo a la formación de asociaciones nacionales en América Latina. En 2012, tenemos nueve asociaciones nacionales, afiliadas o en proceso de afiliación (contra 4 en 2009): Intercom (Brasil), AMIC (México), ABOIC (Bolivia), Invecom (Venezuela), Seicom (Ecuador), ACCS (Cuba), Incom-Chile, APEIC (Perú) y Acicom (Colombia). En Uruguay, a consecuencia del congreso, se ha organizado una red que pretende transformarse en asociación en el futuro.
- 11) Acuerdo con la Asociación Cubana de Comunicadores Sociales (ACCS), sección de investigadores. Se ha firmado una carta de intenciones, en abril del 2012, en la Habana y, en mayo, en Montevideo, se ha concretado la afiliación de ACCS a ALAIC. En el 2013 se realizará el seminario intermedio de ALAIC en Cuba. Tres temas han sido elegidos para estructurar el seminario: comunicación popular y participativa, comunicación y patrimonio, comunicación y desastre. A partir de ese contacto es que se decidió crear la representación regional para el Caribe.

- 12) Participación activa en la creación y organización de Confibercom. El seminario del 2011 de ALAIC se ha realizado en São Paulo, como evento paralelo al primer congreso de la confederación, lo que ha permitido una amplia participación de nuestra parte en el mismo. También hemos participado de la organización del foro de Quito (2012) y de la formación del nuevo directivo que se ha elegido en esa ocasión. Varios socios de ALAIC participan del directivo y de la coordinación de los tres foros temáticos en que Confibercom se divide.
- 13) Apoyo a la creación de una red de posgrados de América Latina, coordinada por el socio Valerio Brittos. Una primera reunión ha sido hecha en Bogotá (2010) y una segunda en Montevideo (2012), coordinada por Bruno Rocha Lima, representando a Brittos, que se encontraba enfermo. Con su fallecimiento otra solución deberá ser encontrada.
- 14) Apoyo a la formación de la red de revistas (Reviscom), en el marco de Confibercom, coordinada por Cicilia Peruzzo, socia de ALAIC. La representación de ALAIC está a cargo de Carlos Arcila, director del JLACR.
- 15) Reforma de los GT. Este punto es significativo porque (1) concluye un complejo esfuerzo de reforma de muchos años y que todavía deberá ser perfeccionado. En Montevideo, de hecho, se reúnen, por primera vez, los nuevos grupos y se aplican completamente las nuevas normas, ampliamente discutidas. (2) Lo esencial, no obstante, es que se trata de una rearticulación que tiene por objetivo ampliar y reforzar el debate académico interno, preparando cada sub-campo para el debate internacional que se está buscando activar a través de las diferentes acciones mencionadas.

4 PLANO DE TRABALHO (2012-2014)

Além do trabalho rotineiro, dos diferentes diretores, das coordenações das revistas ou dos representantes regionais – que não cabe esmiuçar aqui –, estão sendo desenvolvido os seguintes projetos especiais:

- 1) Reforma dos GTs e automatização. Uma vez concluída a reforma, está sendo criada uma sistemática de trabalho entre a diretoria e os GTs, com o objetivo de avançar na automatização dos processos de recepção e avaliação de textos, na digitalização de conteúdos e na política de publicações. No seminário de 2013, pretende-se fazer um teste do sistema de recepção e avaliação de textos, para os grupos de interesse; em 2014, todo o sistema deverá estar funcionando plenamente.

- 2) Política de publicações e digitalização de conteúdos. Ambas as ações estão conectadas e sob a coordenação da vice-presidente, Délia Cровi, com o apoio da diretoria de comunicação e da presidência. A ideia é que se chegue, no futuro, a uma ampla digitalização do pensamento latino-americano em comunicação. Trata-se, portanto, de um projeto estrutural, envolvendo toda a diretoria, os coordenadores de GT, as associações nacionais do campo etc. No período anterior, já se avançou na automatização, não apenas do sistema de pagamentos e da secretaria, mas também no ingresso da revista da ALAIC na plataforma sistema eletrônico de editoração de revistas (SEER) e na criação do JLACR, um jornal puramente eletrônico de que já se falou neste texto.
- 3) Estado da arte. Todos os antigos coordenadores de GT, substituídos em suas funções com a reforma concluída em 2011, foram convidados a preparar um artigo descritivo da história e da situação atual de seus diferentes subcampos, sob a coordenação de César Bolaño, Délia Cровi e Gustavo Cimadevilla. A ideia é construir um panorama, o mais amplo possível, da pesquisa em comunicação na América Latina (suas tradições, interlocuções etc.), que sirva para o diálogo interdisciplinar interno e externo, na linha do objetivo geral citado. Para tanto, pretende-se que a publicação seja feita em três idiomas (espanhol, português e inglês). A primeira versão está programada para ser apresentada em 2013, no seminário de Cuba.
- 4) Os próximos eventos da ALAIC e o diálogo internacional. O último evento de 2012 será o I Seminário ALAIC da Região Andina, em Cochabamba, em uma parceria direta com a Associação Boliviana de Investigadores da Comunicação (ABOIC). Com isto e com a mesa ALAIC-Ecrea, em Istambul, encerrou-se o ano e já se iniciou a organização do que está planejado para 2013 e 2014, até o congresso de Lima, quando termina a atual gestão. É importante dividir a programação de eventos, a partir de agora, em três categorias:
 - 4.1) Seminários intermediários (anos ímpares) e congressos (anos pares). Ambos já estão programados, um para a cidade de Havana, entre 31 de julho e 2 de agosto de 2013, e outro para Lima, de 6 a 8 de agosto de 2014. No primeiro caso, as negociações que nos levaram ao acordo citado com a Asociación Cubana de Comunicadores Sociales (ACCS) tiveram o apoio inestimável de Francisco Sierra Caballero, que realizou o primeiro contato, visando à organização de um seminário da União Latina de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura (ULEPICC), entidade da qual é secretário-geral. Consequentemente, o seminário será realizado em paralelo com a realização de um evento da ULEPICC.

A intenção é estimular as associações nacionais da América Latina a participarem, de modo que se espera ter um conjunto muito significativo de representantes da pesquisa em comunicação da América Latina para discutir o tema central do evento: Integração, criatividade e hegemonia. Os subtemas já definidos são: *i)* comunicação popular e emancipação; *ii)* tecido social e patrimônio cultural; e *iii)* comunicação, prevenção e desastre. Já o congresso de Lima – sob a liderança, mais uma vez, de um sócio emérito da ALAIC, o Dr. Juan Gargurevitch – pretende ser exemplar em termos de organização acadêmica e de atuação das diferentes instâncias da ALAIC, especialmente os GTs. O tema central será: O pensamento latino-americano frente aos desafios da contemporaneidade. Os subtemas serão: *i)* hegemonia e integração; *ii)* mudanças no cotidiano; e *iii)* direitos e contradições.

- 4.2) Seminários regionais. Já foram explicitados neste texto os objetivos ligados à realização destes seminários, inaugurados em Belém e Cochabamba. Neste caso, não há periodicidade ou formato plenamente definidos. O fundamental é que se consiga ampliar as ações conjuntas com as associações nacionais e outras instituições locais de interesse. No momento, estão planejados, ou em negociação, um primeiro seminário na região da Bacia Amazônica, na cidade venezuelana de Barquisimeto, em abril de 2013; um segundo na Região Andina, para a cidade de Loja, no Equador, em 2014; dois seminários na região do Cone Sul, em 2013 e 2014, ambas na Argentina (La Plata e Córdoba, respectivamente); um na região do Caribe, em Porto Rico, em 2014; e um na região Norte, no México, em lugar ainda não definido, no fim de 2013 ou em 2014.
- 4.3) Mesas e pequenos eventos em associação com entidades de fora do âmbito latino-americano ou entidades latino-americanas de outros campos de conhecimento. Neste último caso, prosseguem as iniciativas com a Alas (por exemplo, uma mesa no congresso Alas de 2013, no Chile, está em planejamento, bem como uma possível participação comum no congresso da International Sociological Association – ISA –, em Yokohama) e tratar-se-á ainda de retomar os contatos com a Sepla (uma tentativa de organizar uma mesa da ALAIC em recente congresso da Sepla, no Haiti, não pode-se concretizar por problemas de tempo e logística). No segundo caso, está sendo organizada uma mesa ALAIC-Nordicom, com a coordenação local da associação galega Asociación Galega de Comunicación (Agacom), no dia 29 de maio de 2013, na abertura

do congresso da Associação Ibero-Americana de Comunicação (Assibercom), na cidade de Santiago de Compostela, que se seguirá ao foro da Confibercom, na cidade do Porto. Também está sendo organizada a participação nos congressos da ICA e da IAMCR de 2013, que ocorrerão, respectivamente, em Londres (14 a 21 de junho) e Dublin (25 a 29 de junho). Uma das iniciativas da ALAIC, já proposta para as direções da Nordicom, da Ecrea e da própria IAMCR, é a de um encontro de entidades regionais (macro) durante o congresso da IAMCR. Nos dois casos (maio, na península ibérica, e junho, nas ilhas britânicas), trata-se de ações estratégicas para a interlocução de que se falou.

Além desses, outros eventos são apoiados pela ALAIC, por solicitação de instituições, redes e laboratórios, da mesma forma que publicações e outras iniciativas de sócios individuais ou institucionais. As solicitações até o momento foram estudadas caso a caso. Para as publicações, a ALAIC dispõe agora de uma política e normas, produzidas pela vice-presidência e amplamente discutidas na diretoria e entre os coordenadores de GT, que se encontram publicadas em seu endereço eletrônico. Isto também será feito para as solicitações de fornecimento da *logo* da ALAIC para eventos. Vale lembrar, a título de exemplo, a importância do apoio que foi dado à realização do seminário na Universidade do Chile, momento estratégico para a constituição da associação chilena.

5 DE MONTEVIDÉU A LIMA

O crescimento da ALAIC – e seu avanço para novas áreas antes pouco articuladas, como a própria Região Andina, ou Cuba, de forma emblemática – mostra, por si só, a necessidade de novas formas de organização e de integração da pesquisa latino-americana no interior da ALAIC, incluindo as associações nacionais, suas sócias e parceiras institucionais. Por seu turno, a ampliação se deu também no conjunto dos pesquisadores que acabam por formar parte do *staff* da entidade e de suas atividades. Assim, além da diretoria e dos conselhos fiscal e consultivo, ou dos conselhos das duas revistas, o número de coordenadores de GT quase triplicou, pois, apesar da redução de seu número total, com a reestruturação, agora cada um deles tem coordenação tripla. Os jovens pesquisadores são chamados, assim, a envolver-se com a construção institucional. Muitos se oferecem para atividades puramente voluntárias, de apoio à informatização, à ação nas redes sociais etc.

Essa energia criativa é que permitirá à ALAIC avançar na consecução do objetivo geral. Muitos dos jovens pesquisadores têm maior domínio, que os pesquisadores das gerações anteriores, de certas ferramentas informáticas e, principalmente, da língua inglesa, estratégica para as pretensões da ALAIC. É preciso

levar a estes jovens a informação completa sobre a história do campo e a força do pensamento crítico latino-americano, patrimônio comum de todas as gerações que nos distingue, dá autonomia e permite à ALAIC enfrentar ativamente o debate internacional. Nesta construção, o papel dos antigos coordenadores de GT – chamados, como apontado, a produzir um documento que pretende ser um instrumento de ação política e epistemológica – é absolutamente central. A continuidade de sua participação nos novos GTs, preservando a história e o diálogo com a nova geração, será o melhor índice da correção do trabalho.

O desafio, para Lima, é fazer com que toda a estrutura montada até Montevideu se mova na direção apontada neste capítulo. Em última instância, trata-se de estimular a criatividade e canalizá-la para a construção de um novo programa de investigação de grande amplitude, transversal, interdisciplinar, diverso e capaz de retomar, em um nível superior de articulação interna, a liderança que a América Latina teve em diferentes momentos no mundo da pesquisa em comunicação. Talvez este seja o tema mais indicado para o seminário de 2015.

REFERÊNCIAS

BOLAÑO, C. Tendências gerais. *In*: CASTRO, D.; MELO, J. M. (Orgs.) **Panorama da comunicação e das telecomunicações no Brasil 2011/2012**. Brasília: Socicom/Ipea, 2012. v. 2.

GOBBI, M. C. **A batalha pela comunicação na América Latina**. São Paulo: UMESP, 2008.

KAPLÚN, G. ALAIC 2012: lo intelectual y lo afectivo en un encuentro multitudinário. **Ciencias de la comunicacion**, 21 june 2012. Disponível em: <<http://www.comunicacion.edu.uy/noticias/alaic-2012-lo-intelectual-y-lo-afectivo-en-un-encuentro-multitudinario>>. Acesso em: 26 out. 2012.

PAULINO, F. Debates setoriais. *In*: CASTRO, D.; MELO, J. M. (Orgs.) **Panorama da comunicação e das telecomunicações no Brasil 2011/2012**. Brasília: Socicom/Ipea, 2012. v. 2.

MELO, J. M. **Entre el saber y el poder**: pensamiento comunicacional latino-americano. México: Unesco, 2007.

COMUNIDADE IBERO-AMERICANA: FÓRUM DE QUITO VISLUMBRA PERSPECTIVAS DE COOPERAÇÃO ENTRE AMÉRICA LATINA E EUROPA IBÉRICA

Margarida M. Krohling Kunsch*

1 INTRODUÇÃO

O Fórum integrado ibero-americano de comunicação – Fórum Confibercom 2012 foi realizado em Quito, Equador, de 11 a 13 de abril de 2012. Promovido pela Confederação Ibero-Americana de Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação (Confibercom) e organizado pelo Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina (Ciespal), contou com o apoio e patrocínio da Secretaría Nacional de Educación Superior, Ciencia y Tecnología (SENESCYT) do Equador.

O fórum foi fruto e extensão do I Congresso mundial de comunicação ibero-americana – Confibercom 2011, realizado em São Paulo, Brasil, em agosto de 2011. Este congresso foi promovido pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), pela Confederação Ibero-Americana das Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação (Confibercom) e pela Federação Brasileira das Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação (Socicom). O evento foi um marco histórico importante para as ciências da comunicação na Ibero-América, à medida que propiciou uma visibilidade significativa à produção acadêmica internacional desta região.

Pela primeira vez no âmbito ibero-americano, tiveram lugar também dois outros importantes fóruns, que possibilitaram estudos, debates e proposições de futuras políticas públicas para as entidades e instituições universitárias de comunicação na região: o I Fórum ibero-americano de pós-graduação em comunicação e o I Fórum ibero-americano de política científica e tecnológica em comunicação. Ocorreram, na ocasião, também o I Fórum de revistas científicas das ciências da comunicação e os

* Professora titular e atual diretora (2013-2016) da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP); presidente da Federação Brasileira das Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação (Socicom); vice-presidente da Associação Ibero-Americana de Comunicação (Assibercom); e ex-presidente da Confederação Ibero-Americana das Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação (Confibercom).

simpósios de Cooperação internacional e de Integração das enciclopédias e redes de comunicação da Ibero-América, além de uma série de outras sessões.

O Fórum Confibercom 2012, objeto deste relato, foi instituído pelos representantes das federações e associações nacionais de comunicação – Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Espanha, Equador, México, Portugal e Venezuela – e pelas organizações internacionais Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIC), Associação Ibero-Americana de Comunicação (Assibercom), Federación Latinoamericana de Facultades de Comunicación (FELAFACS) e Unión Latina de Economía Política de la Información, la Comunicación y la Cultura (ULEPICC), como decisão da Assembleia Geral da Confibercom, ocorrida em 2 de agosto de 2011, em São Paulo, Brasil.

Nortearam a realização do fórum os seguintes objetivos: *i)* ampliar os debates ocorridos no Confibercom 2011 e traçar políticas nos segmentos da pós-graduação, das políticas científicas e tecnológicas, das revistas científicas e das redes e enciclopédias de comunicação; *ii)* formular e implementar ações nacionais ou regionais integradas no campo da comunicação, de modo a garantir a multipolaridade necessária à preservação da diversidade do planeta e a coexistência pacífica dos povos e das comunidades; e *iii)* elaborar uma proposta de criação de um doutorado em comunicação com universidades ibero-americanas.

Tendo como tema central Políticas públicas de comunicação na Ibero-América, a programação se desenvolveu por meio de painéis, mesas-redondas etc., em torno dos subtemas vinculados à pós-graduação, às políticas científicas e tecnológicas e à difusão das ciências da comunicação no âmbito da região ibero-americana.

O fórum contou com a participação de lideranças das comunidades nacionais da área, tendo como porta-vozes os dirigentes da Confibercom e das associações filiadas, bem como os coordenadores das Redes Confibercom, que atuaram no Congresso Confibercom 2011.

2 DELEGAÇÃO BRASILEIRA É DESTAQUE NAS COORDENAÇÕES E EXPOSIÇÕES TEMÁTICAS

Com a maior delegação dos países da América Latina, o Brasil contou com a presença de nove representantes no Fórum Confibercom 2012: Ana Claudia Mei Alves de Oliveira e Ana Sílvia Médola, da diretoria da Associação Brasileira de Estudos Semióticos (Abes); Anita Simis, da diretoria do Capítulo Brasil da União Latina de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura – Seção Brasil (ULEPICC-Brasil); Antonio Hohlfeldt, presidente da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom); César Ricardo Siqueira Bolaño, presidente da Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIC); Cílicia Maria Krohling Peruzzo,

coordenadora do Fórum ibero-americano de difusão das ciências da comunicação, revistas, enciclopédias e portais; Júlio Pinto, presidente da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós); Margarida Maria Krohling Kunsch, membro do Conselho Consultivo da Associação Brasileira de Pesquisadores de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas (ABRAPCORP); e Maria Immacolata Vassallo de Lopes, presidente da Associação Ibero-Americana de Comunicação (Assibercom) e coordenadora do Fórum ibero-americano de pós-graduação em comunicação.

A Federação Brasileira das Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação (Socicom), que participou ativamente na realização do Congresso Confibercom 2011 e colaborou no planejamento e na organização deste fórum de 2012, esteve representada pela vice-presidente Ana Silvia Médola, pelas diretoras Anita Simis e Margarida Maria Krohling Kunsch e pela então presidente do Conselho Deliberativo, Ana Claudia Mei Alves de Oliveira.

A participação brasileira no fórum foi bastante significativa e, mais uma vez, mostrou a liderança do Brasil no campo das ciências da comunicação no contexto da comunidade acadêmica internacional. A descrição a seguir, das coordenações e exposições, bem como do conteúdo explorado nas apresentações e nos três fóruns sobre pós-graduação, políticas científicas e tecnológicas e difusão da comunicação na Ibero-América expressa o esforço e o empenho dos pesquisadores brasileiros em prol do desenvolvimento do campo comunicacional.

3 A CONFIBERCOM A CAMINHO DE NOVAS REALIZAÇÕES

Na abertura oficial, Margarida M. Krohling Kunsch, então presidente da Confibercom, ressaltou como era significativo para a confederação, justamente no momento em que completava três anos de existência e dava início a uma nova etapa de sua jornada, realizar o seu fórum integrado de ciências da comunicação em solo equatoriano e na sede do Ciespal. Destacou, ainda, a simbologia deste centro, que, há mais de cinco décadas, deu início às primeiras iniciativas de formação de professores e pesquisadores em comunicação, constituindo-se, portanto, no lugar mais que indicado para a Confibercom fincar novos pilares para suas futuras realizações.

A consolidação da Confibercom depende fundamentalmente de apoios institucionais de entidades, organismos públicos, governamentais e internacionais, bem como das escolas e faculdades de comunicação das universidades nos países que integram a região ibero-americana. Neste sentido, a acolhida do Ciespal para a realização desse fórum, que discutiu propostas de políticas públicas para avanços na formação, pesquisa, difusão e prática profissional da área da comunicação, foi um ponto de partida imprescindível para concretizar a utopia da existência da Confibercom.

Acreditar em ideais – mesmo vislumbrados como utópicos – é sempre salutar, e anima a partir para a ação. Diante do tão apregoado sonho de integração latino-americana de Simón Bolívar, ou, ainda, das batalhas de Luis Ramiro Beltrán pela defesa das políticas nacionais de comunicação, não se deve permitir que esmoreçam as iniciativas e os esforços para que a Confibercom cumpra sua missão de fazer reconhecer perante o mundo a força da sua comunicação e da sua diversidade cultural.

Nesse sentido, Margarida também chamou a atenção para a importância da existência da Confibercom, que, entre outras razões, expressa a força de uma comunidade acadêmico-científica em comunicação ibero-americana que se articula em torno de ideias e objetivos comuns.

A realização do fórum propriamente dito e as iniciativas em curso da Confibercom foram destacadas como um sinal de vigor e cumprimento de uma das suas frentes de atuação de suma importância que é o estabelecimento de políticas públicas com vistas ao desenvolvimento e à consolidação do campo das ciências da comunicação na região ibero-americana.

4 FÓRUM IBERO-AMERICANO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Sob a coordenação geral de Maria Immacolata Vassallo de Lopes, o Fórum de pós-graduação em comunicação na ibero-américa trabalhou questões como a qualidade do ensino e da pesquisa científica, bem como as estratégias para formar pesquisadores, professores e profissionais.

Inicialmente, Maria Immacolata apresentou aos presentes o *e-book Posgrados en comunicación en Iberoamérica: políticas nacionales e internacionales* (Lopes, 2012), que reuniu dados sobre mais de 450 programas de pós-graduação em comunicação na Ibero-América. Trata-se de um conjunto amplo e diverso, com diferentes condições institucionais de desenvolvimento e de estruturação das regiões pelos países que compuseram a amostra.

Para os fins da pesquisa, a hercúlea tarefa de fazer todo esse levantamento no Brasil, no México, na América Central e no Caribe, na América do Sul, na Espanha e em Portugal, coube aos autores Maria Immacolata Vassallo de Lopes e Richard Romancini (ECA-USP); Raúl Fuentes Navarro e Óscar Bustamante Farías (Iteso-Guadalajara, México); Gustavo Cimadevilla (Universidad de Río Cuarto, Argentina) e Claudia García Corredor (Pontificia Universidad Javeriana de Bogotá, Colômbia); Antonio García Jiménez (Universidad Rey Juan Carlos, Espanha) e Josep Lluís Gómez Mompart (Universidad de Valencia, Espanha); e Moisés Lemos e Madalena Oliveira (Universidade do Minho, Portugal).¹

1. Uma síntese de parte desse estudo foi publicada em versão impressa nas páginas 189-203 do livro *Comunicação ibero-americana: sistemas midiáticos, diversidade cultural, pesquisa e pós-graduação*, organizado por Margarida M. Krohling Kunsch e José Marques de Melo (2012).

Desses pesquisadores/autores estiveram presentes no fórum e apresentaram novos aportes ao diagnóstico e ao mapeamento realizados: Maria Immacolata Vassallo de Lopes (Brasil), Raúl Fuentes (México), Gustavo Cimadevilla (Argentina), Antonio García Jiménez e Josep Lluís Gómez Mompert (Espanha) e Moisés Lemos e Madalena Oliveira (Portugal).

A sessão incluiu também novas contribuições de representantes de entidades que vêm se ocupando da questão da pós-graduação em comunicação na América Latina e, particularmente, no Brasil: Álvaro Rojas Guzmán, presidente da Federación Latinoamericana de Facultades de Comunicación Social (FELAFACS), um representante da Secretaría Nacional de Educación Superior, Ciencia y Tecnología (SENESCYT) do Equador e Júlio Pinto, presidente da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós).

Júlio Pinto fez uma apresentação sobre a Compós e destacou o papel desta associação no contexto do sistema nacional dos centros e programas de pós-graduação em comunicação no Brasil.

5 FÓRUM IBERO-AMERICANO DE POLÍTICA CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA EM COMUNICAÇÃO

As políticas científicas e tecnológicas em comunicação na Ibero-América foram tema da segunda parte do fórum. Coordenada pelo vice-presidente da Confibercom, Francisco Sierra Caballero (Espanha), contou com a participação de três expositores – Ana Claudia Mei Alves de Oliveira, Antonio Hohlfeldt e César Ricardo Siqueira Bolaño – e dos pesquisadores Ángel Páez (Venezuela), Delia Crovi (México), Eduardo Villanueva (Peru), Gilberto Eduardo Gutiérrez (Colômbia), Hernán Reyes (Equador) e Moisés Lemos (Portugal).

As exposições tiveram como eixo central um relato de como a área de comunicação está incorporada nos sistemas de avaliação e financiamento dos ministérios de ciência e tecnologia dos países da região ibero-americana. Sabe-se que são muitas as diferenças estruturais e políticas, pois há países na América Latina que não podem contar com aportes financeiros para financiar projetos de pesquisa no campo comunicacional e outras iniciativas congêneres dos investigadores, enquanto, em outros, a área de comunicação integra o sistema nacional de ciência e tecnologia dos governos em curso.

O debate girou em torno dessas questões. E destacou-se também que é imperativo buscar caminhos que possam contribuir para a elaboração de políticas públicas, com a participação dos órgãos públicos e governamentais de fomento à pesquisa. Desta forma, espera-se intervir visando a transformações e melhorias no sistema público/governamental de apoio aos estudos científicos da área da comunicação.

6 FÓRUM IBERO-AMERICANO DE DIFUSÃO DAS CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO: REVISTAS, ENCICLOPÉDIAS, PORTAIS

Com a coordenação geral de Cicilia M. Krohling Peruzzo (Brasil), a terceira sessão teve como ênfase a apresentação de um panorama da situação dos periódicos científicos e das redes digitais de comunicação. A sessão tinha como foco a democratização do conhecimento ibero-americano e a sua potencialização junto à comunidade científica mundial, socializando-o para usufruto das sociedades nacionais e comunidades abrangidas pela Confibercom.

Tendo como relatora a brasileira Ana Silvia Médola, a mesa foi composta por Francisco Sierra Caballero (Espanha), Luis Humberto Marcos (Portugal), Mónica Cohendoz (Argentina) e pelos equatorianos Abel Suing, Karina Valarezo e Pablo Escandón. As exposições concentraram-se na temática dos periódicos científicos.

Entre os problemas comuns aos diferentes países, enfatizou-se a existência de uma produção científica dispersa e não consumida na Ibero-América como textos de referência. Também foram destacados temas relativos aos custos de produção, uma vez que parte expressiva dos periódicos depende do trabalho de equipes voluntárias, atuando de forma recorrente com dificuldade de subvenção, pois, em geral, não há fundos específicos para publicações.

As revistas científicas de comunicação constituem, de fato, tema em pauta nos grandes centros acadêmicos nacionais e internacionais. Questões relacionadas a indexação, avaliação, difusão, coautorias etc. têm merecido amplo debate. Mapear todos os periódicos científicos dos países e formalizar uma rede de revistas para divulgação dos estudos da comunicação no âmbito ibero-americano constitui um desafio para a Confibercom.

Atualmente, existem iniciativas pertinentes, graças à iniciativa de Cicilia Peruzzo, que vem coordenando o Inventário de Periódicos Científicos e a Rede de Revistas (Reviscom),² que estão em processo de estruturação.

7 SEMINÁRIO TEMÁTICO: MEMÓRIA DOS 100 ANOS DE JORGE FERNÁNDEZ

Aproveitando o ensejo da realização do Fórum integrado das ciências da comunicação, o Ciespal prestou uma homenagem a seu fundador, Jorge Fernández, cujo centenário de nascimento comemorou-se em 2012. Além do lançamento do livro *Jorge Fernández: artífice do pensamento comunicacional latino-americano*, organizado pelo professor José Marques de Melo, o evento contou com apresentações de Fernando Checa Montúfar, diretor do Ciespal, de familiares do homenageado e da pesquisadora brasileira Anita Simis, que,

2. Disponível em: <<http://redrevistascomunicacion.wordpress.com>>.

na ocasião, representou José Marques de Melo, impedido de estar presente por motivos de saúde. Todos foram unânimes em enaltecer a contribuição de Jorge Fernández para alavancar os estudos de comunicação na América Latina e seu trabalho em defesa da democracia e do desenvolvimento da região.

As iniciativas pioneiras do visionário Jorge Fernández, ao criar o Ciespal, há 53 anos, deve servir de inspiração para todos os envolvidos com a causa das ciências da comunicação na Ibero-América.

A obra mencionada possui o grande mérito de reunir uma compilação das principais contribuições de Jorge Fernández em três grandes eixos temáticos: pensamento sociopolítico, pensamento jornalístico e pensamento midiático. Os conteúdos destas três partes expressam a significativa participação deste desbravador latino-americano em defesa das causas políticas, econômicas, sociais e comunicacionais não só do seu país, o Equador, mas de toda a região.

8 ENCAMINHAMENTO E PERSPECTIVAS

A última sessão, coordenada por Margarida Maria Krohling Kunsch e tendo como relator Antonio Hohlfeldt, tratou de encaminhar, para discussão pelos representantes das entidades presentes, as principais contribuições apresentadas nas diversas sessões, a partir das relatorias feitas pelos pesquisadores Raúl Fuentes (pós-graduação), Delia Crovi (política científica e tecnológica) e Ana Silvia Médola (difusão).³

Muitas propostas foram debatidas e encaminhadas pelos presentes para que a atual diretoria da Confibercom, eleita em assembleia realizada na mesma ocasião, possa, junto com todas as associações filiadas à entidade, transformá-las em possíveis ações concretas.

A participação brasileira no fórum foi bastante significativa. Além do maior número de representantes em relação aos demais países, registra-se o lançamento, na oportunidade, de dois livros coordenados e produzidos por brasileiros: *Posgrados en comunicación en Iberoamérica: políticas nacionales e internacionales* (Lopes, 2012) e *Comunicação ibero-americana: sistemas midiáticos, diversidade cultural, pesquisa e pós-graduação* (Kunsch; Marques de Melo, 2012). A disponibilização deste material propiciou um debate ampliado do que ocorreu no evento e serviu de base para o desenvolvimento de novas ideias e propostas. Mais uma vez a liderança e a capacidade produtiva da comunidade científica e acadêmica do país no campo das ciências da comunicação foram destacadas e reconhecidas pelos participantes.

3. Esses relatos serão publicados em uma coletânea especial do Fórum integrado ibero-americano de comunicação – Fórum Confibercom 2012, a ser disponibilizada no site da Confibercom (www.confibercom.org).

Outro aspecto a considerar foram as perspectivas despertadas pelos pesquisadores brasileiros, ao exporem a expertise acumulada pelo excelente sistema de pós-graduação do país, quanto a uma possível criação, no futuro, de um doutorado em comunicação em conjunto com universidades ibero-americanas.

Conclui-se que o Brasil teve uma presença muito aguerrida no Confibercom 2011 e, por meio de suas lideranças, contribuiu de forma altamente positiva para o avanço e a consolidação do campo da comunicação na Ibero-América.

REFERÊNCIAS

KUNSCH, M. M. K.; MELO, J. M. (Orgs.). **Comunicação ibero-americana: sistemas midiáticos, diversidade cultural, pesquisa e pós-graduação**. São Paulo: ECA-USP; Confibercom; Soccio, 2012.

LOPES, M. I. V. **Posgrados en comunicación en Iberoamérica: políticas nacionales e internacionales**. São Paulo: Confibercom, 2012. Disponível em: <http://www.pos.eca.usp.br/sites/default/files/Media/posgrados_en_comunicacion_en_iberoamerica.pdf>.

MELO, J. M. (Org.). **Jorge Fernández: artífice do pensamento comunicacional latino-americano**. Quito: Ciespal, 2012.

ESCOLA LATINO-AMERICANA DE COMUNICAÇÃO: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE BAURU – AGENDA “O DIÁLOGO CIÊNCIA-ARTE-TECNOLOGIA”

Maria Cristina Gobbi*

1 O PROFÍCUO DIÁLOGO ENTRE COMUNICAÇÃO E LITERATURA

Em agosto de 2012, na cidade de Bauru, São Paulo, entre 8 e 10, o Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM), a Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional e o Grupo de Pesquisa Pensamento Comunicacional Latino-Americano (PCLA), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), realizaram o XVI Colóquio Internacional sobre a Escola Latino-Americana de Comunicação (Celacom).

O Celacom 2012, evento realizado anualmente, foi promovido pela Cátedra Unesco de Comunicação. Nasceu da necessidade de valorizar, debater e difundir os estudos científicos da comunicação na América Latina, a partir de um olhar, de uma metodologia e de interpretações próprias deste continente, algo ainda pouco explorado.

Hoje, em virtude da revolução da informação e das profundas transformações sociais ocorridas ao longo das últimas décadas, é necessário discutir o papel da comunicação e observar o campo profícuo de possibilidades que estão surgindo em diferentes e inusitados segmentos sociais.

Desde a sua primeira edição, em 1997, o Celacom tem se dedicado a estudar a vida e a obra de diversos pesquisadores, entre os quais: Luiz Ramiro Beltrán, Jesus Martín-Barbero, Muniz Sodré, Mario Kaplún, Eliseo Verón e Sérgio Capparelli; de instituições, como: o Centro Internacional de Estudos Superiores de Comunicação para América Latina (Ciespal), o Instituto de Ciências da Informação (ICINFORM) e o Instituto de Investigaciones de la Comunicación (Ininco); e

* Pesquisadora, pós-doutora pelo Programa de Integração da América Latina (Prolam) da Universidade de São Paulo (USP); docente do Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP); docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação; atual vice-coordenadora e professora do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Televisão Digital também na UNESP; coordenadora do Grupo de Pesquisa “Pensamento Comunicacional Latino-Americano” do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); e diretora administrativa da Federação Brasileira das Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação (Socicom). E-mail: mcgobbi@terra.com.br.

de temas, como: marxismo e cristianismo, a participação da mulher nos estudos comunicacionais latino-americanos, sessenta anos de televisão na América Latina e comunicação para o desenvolvimento: percurso crítico, desafios remanescentes – tema do Celacom de 2011, realizado na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) de Araraquara, sob o comando do professor doutor José Luiz Bizelli.

Pode-se afirmar que nessa primeira fase, que compreende 1997 a 2011, em suas quinze edições, o Celacom privilegiou o pensamento comunicacional latino-americano por meio da história e da teoria. A partir da segunda fase, iniciada na edição de 2012 e a qual se estenderá até 2020, realizada na UNESP de Bauru, o direcionamento será o pensamento comunicacional latino-americano por meio da ficção e da práxis.

Para contemplar essa nova fase, portanto, mas sem perder o foco nos objetivos principais da atividade e nas contribuições pioneiras ocorridas em cada um dos múltiplos cenários latino-americanos, a 16ª edição do Celacom teve como ícone temático a literatura e a obra do pesquisador Jorge Fernández, do Equador.

Para discutir, no âmbito do PPGCOM, o binômio comunicação e literatura no espaço latino-americano foi necessário ampliar o olhar e compreender que a noção de comunicação e o espaço desta recobrem uma multiplicidade de sentidos. Trazer para a academia o conhecimento produzido por atores que se expressam no âmbito da ficção e possibilitar apontamentos sobre pensadores comunicacionais também ficcionistas permitiu estabelecer o diálogo entre estes dois polos, tão próximos, mas que muitas vezes ficam tão distantes, no que tange às aproximações propiciadas nas pesquisas empíricas.

Pensar o universo narrativo, o qual se inicia com a escrita e chega até a produção multiplataforma – representando o tempo atual –, é compreender ligações curiosas, que partem de um orbe popular oferecido pelas múltiplas possibilidades de criação, muitas vezes amparadas, também, pelas novas tecnologias. O resultado, em um primeiro momento, proporciona cruzamentos curiosos, hibridizações variadas, cujos efeitos, em termos de diálogos, permitem liberdades de concepções e interferências para além do simples jogo político, cujo ápice evidencia o sentido da ação democrática.

Compreender a acepção da relação entre comunicação e literatura, no espaço latino-americano, é entender o processo de criação e a passagem entre a produção profissional e o efeito artístico, mitificado nos produtos resultantes; é possibilitar o olhar para além das realidades aparentes e mergulhar em um novo universo, cheio de outras alternativas, que estão tão presentes na cultura latino-americana. Dessa maneira,

(...) na era da supercomunicação e hiperinformação, os textos, por vezes, submergem num mar de diálogos com o discurso midiático e seus diferentes suportes, repetindo estereótipos numa estética de simulacros. A metalinguagem narrativa desenvolve-se e complexifica o viés assinalado a propósito da literatura do simulacro. Produz sentido dialogando de forma crítica com as ciências sociais. Misturam-se sempre mais as fronteiras dos discursos. Cresce a responsabilidade discursiva afetando o lugar do narrador, bem como a identidade e a existência dos personagens, como exemplificam as narrativas (Villaça, 2006).

Para permitir, entretanto, esses diálogos é preciso que a discussão sobre as fronteiras dos campos seja superada; que a interdisciplinaridade ocorra em diversos setores acadêmicos e profissionais; e que estes consigam interagir, permitindo o desenvolvimento de ações conjuntas, que atendam aos múltiplos segmentos sociais, em todos os seus domínios, produzindo contribuições significativas para uma sociedade mais igualitária, sustentável e democrática.

É necessário olhar além das disciplinas e permitir a integração, a troca, a multidisciplinaridade e a interdisciplinaridade; muito mais que isso, seria necessário contemplar este leque de possibilidades de intercâmbio com a visão intercultural.

Para suportar essa amplitude, o evento tem caráter internacional e preenche uma lacuna importante ao trazer para a comunidade acadêmica profissionais e demais interessados no atual estágio de desenvolvimento e de produção nos múltiplos processos comunicativos, nas mais expressivas mídias, ampliando o olhar para o narrador e o discurso no contexto da América Latina. O resultado propiciará espaços de intercâmbio, promovendo diálogo entre pesquisadores, setores produtivos, governo e a sociedade civil organizada, dando incremento cognitivo às pesquisas realizadas na universidade.

É necessário, todavia, reforçar que não se produz conhecimento de forma isolada, afinal, vive-se em sociedade e trabalha-se com comunicação, a qual congrega palavra comum e ação, resultando, desta soma, o objetivo de tornar comum uma informação.

Seguindo esse raciocínio, o evento contou com a participação de muitas pessoas e instituições. Foi organizado por professores, egressos e alunos do PPGCOM, com o apoio da Cátedra Unesco de Comunicação. A atividade, que ocorre anualmente, em 2012, foi uma realização da UNESP de Bauru, do Departamento de Comunicação Social (DCSO), da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC), do PPGCOM e do PCLA. Teve o apoio acadêmico da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom); o apoio institucional da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), da Fundação para o Desenvolvimento da UNESP (FUNDUNESP), da Pró-Reitoria de Pós-Graduação (PROPG), da Pró-Reitoria de Pesquisa (Prope), da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX),

da Cátedra Unesco Memorial da América Latina, da TV UNESP e do Serviço Social do Comércio (SESC). Teve como tema central o “pensamento comunicacional latino-americano através da literatura”.

2 BREVE HISTÓRICO DO CELACOM

O desenvolvimento e a consolidação da indústria cultural na América Latina, durante o pós-guerra – mais especificamente a Segunda Guerra Mundial –, afetou significativamente a cultura continental, exigindo melhor qualificação dos profissionais atuantes nas empresas produtoras de jornais, revistas, televisão, rádio, filmes, discos, vídeos etc. Neste contexto, verificou-se a emergência de novos canais de comunicação entre a sociedade e o Estado.

Para conhecer a “real espacialidade” das teorias comunicacionais e sua aplicabilidade em uma região ampla e diversa como a América Latina, faz-se necessário retomar as reflexões desenvolvidas a partir da década de 1940. Tais pressupostos tratavam da identidade comunicacional na produção de matrizes teóricas, originadas, em sua maioria, dos centros hegemônicos.

Embora ancorados em diversas correntes europeias e norte-americanas, esses pressupostos continham “(...) reflexões críticas e ao mesmo tempo estavam ancoradas em postulados pragmáticos. Mas objetivavam a busca de soluções para os problemas gerados pela emergente indústria midiática da região” (Marques de Melo, [s.d.]). Os produtores de conhecimento comunicacional desse período tiveram a oportunidade de testemunhar as transformações pelas quais estava passando toda a América Latina. A geração das décadas de 1960 e 1970, portanto, teve o privilégio de protagonizar tais mudanças, tornando-se, assim, a responsável pelas produções pioneiras do pensamento comunicacional latino-americano, cujo objetivo era solucionar os problemas emergentes da região no âmbito não somente da comunicação mas também naqueles oriundos dos espaços socioculturais.

A partir da década de 1970, vários estudos buscaram revisar e sistematizar a produção científica na área de comunicação. Isto se deveu, principalmente, ao aparecimento de novos espaços de pesquisa em comunicação nas universidades, fortalecidos pelos emergentes programas de pós-graduação.

Os conceitos de nação, nacionalismo, espaço, lugar, fronteira, identidade entre outros influenciaram a construção de novos modos de pensar a experiência comunicacional, principalmente aquela produzida na Europa e na América do Norte e “importada” para a América Latina por meio de pesquisadores que retornavam de seus estudos de pós-graduação realizados em universidades destas regiões.

Por essa razão, faz-se necessário conhecer os pressupostos que nortearam a identidade latino-americana no campo da comunicação e torna-se importante estudar

a maneira como foi gerado e difundido este pensamento na América Latina, bem como conhecer as ideias e os pesquisadores que desbravaram as disciplinas comunicacionais, para, posteriormente, entender como estes fundamentos foram referenciados e assimilados pela comunidade acadêmica. Além disso, é preciso ter ciência de quais empréstimos se têm feito de outras ciências, observando e conhecendo as fronteiras do próprio campo. A partir do delineamento deste escopo, torna-se possível reavaliar o conhecimento produzido em meio aos processos da globalização e aos ajustes de identidade comunicacional observados na região atualmente.

Para difundir internacionalmente esse esforço sócio-histórico, realiza-se, anualmente, o Celacom, que se destina a fazer história com a participação de seus protagonistas. “Nesse sentido é que dedicamos cada edição a uma personalidade, temática ou instituição criadora de conhecimento comunicacional relevante”, destacou José Marques de Melo, titular da Cátedra Unesco de Comunicação, na abertura do I Celacom, em 1997.

Foram dezesseis edições sob a responsabilidade acadêmica da Cátedra Unesco, que abordaram os mais variados temas, receberam e homenagearam pesquisadores e instituições de vários países da América Latina, os quais contribuíram para a formação e a consolidação da Escola Latino-Americana de Comunicação (Elacom).

Instalada em 1996, no campus Rudge Ramos, da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), a Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional tem o propósito de reunir informações que resgatem a trajetória intelectual de personalidades e instituições paradigmáticas para a formação, difusão e sedimentação da Elacom. Tal iniciativa particulariza os responsáveis pela construção de matrizes teóricas sobre o papel da comunicação nos processos de desenvolvimento na América Latina.

Destinado a debater as contribuições de personalidades e organizações que vêm embasando as ideias marcantes da Elacom, esses colóquios anuais vêm projetando este espaço na comunidade acadêmica, permitindo o contato das novas gerações de comunicólogos e profissionais da comunicação com as teorias e metodologias geradas na e para a América Latina. Os diversos projetos visam criar oportunidades para a disseminação das teorias e da trajetória acadêmica de pesquisadores comunicacionais latino-americanos, reconhecidos e legitimados pela comunidade científica internacional.

Considerando esse contexto, o Celacom tem o intuito de promover a reflexão, a discussão e a pesquisa de e entre alunos da graduação e da pós-graduação, professores, pesquisadores e profissionais. Este evento dedica-se, a cada edição, ao estudo particular de uma personalidade ou de uma instituição criadora de matrizes teóricas sobre o papel da comunicação latino-americana nos processos de desenvolvimento social. Por este motivo, entre as propostas centrais do evento

está o fomento à realização de parcerias para a maximização de forças em prol da propagação do conhecimento no campo das ciências sociais aplicadas.

Nesse sentido, portanto, o colóquio dedica-se às pesquisas pautadas por um tema relevante da comunicação latino-americana, estimulando novos pensamentos, teorias, atores, cenários e práticas na área comunicacional regional, nacional e internacional da América Latina.

Esse evento, em suas várias edições, tem permitido ao público – formado por pesquisadores, professores e estudantes – interagir diretamente com os autores estudados. Deste modo, ao estabelecer uma relação imediata, os mitos são substituídos por realidades e tanto a obra quanto seu criador são colocados no mesmo plano de seus parceiros intelectuais, facilitando o entendimento e a assimilação dos conceitos apresentados.

Desde 1977, o colóquio, inicialmente chamado de ciclo de estudos, tem sido realizado, sistematicamente, sob a coordenação geral de Marques de Melo, que conta com o apoio de uma entusiástica equipe de pesquisadores da UMESP. Refazendo a memória dos colóquios internacionais da Elacom e projetando sua continuidade, é possível dividi-los em duas fases, assim distribuídas: 1997 a 2011, primeira fase; e 2012 a 2020, segunda fase.

TABELA 1

Edições e temas debatidos na primeira fase do Elacom (1997-2011)

Edição	Ano	Tema
1 ^a	1997	Luis Ramiro Beltrán
2 ^a	1998	Jesús Martín-Barbero
3 ^a	1999	Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para America Latina (Ciespal), Instituto de Ciências da Informação (Icinform) e Instituto de Investigaciones de la Comunicación (Ininco)
4 ^a	2000	Pignatarí, Sodrè e Capparelli
5 ^a	2001	Marxismo e cristianismo
6 ^a	2002	Protagonismo feminino
7 ^a	2003	Denuncismo e utopia
8 ^a	2004	Sociedade do conhecimento
9 ^a	2005	Mário Kaplún
10 ^a	2006	Elacom, nova hegemonia
11 ^a	2007	Eliseo Verón
12 ^a	2008	Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIC), 30 anos
13 ^a	2009	Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para America Latina (Ciespal), ano 50
14 ^a	2010	Televisão, 60 anos
15 ^a	2011	Desenvolvimento regional

Elaboração da autora.

A primeira fase tratou do pensamento comunicacional latino-americano por meio da história e da teoria. Neste sentido foram debatidos, estudados e sistematizados produções oriundas de centros de pesquisa; perfis de pesquisadores que, com seus estudos, desenvolveram e fortaleceram o pensamento em comunicação na região; e temáticas que abarcam as diversas demandas comunicativas da América Latina. A tabela 1 apresenta os temas debatidos nas quinze primeiras edições do Elacom.

As duas primeiras edições contaram com a presença de dois ícones da Elacom: o inspirador das políticas nacionais de comunicação, Luis Ramiro Beltrán, e o estrategista das mediações culturais na sociedade midiática, Jesús Martín-Barbero. As edições de 2005 e 2007 privilegiaram as ideias de dois intelectuais emblemáticos: o pensamento educomidiático de Mário Kaplún e o pensamento sociosemiótico de Eliseo Verón. Eventualmente, o recorte escolhido tem conotação brasileira. Em 2000, foram discutidas as contribuições ao pensamento comunicacional latino-americano, a partir de três gerações, representadas por Décio Pignatari, Muniz Sodré e Sergio Capparelli.

Em 1999, 2008 e 2009, o objetivo central era oferecer às novas gerações o conhecimento sobre instituições que protagonizaram e receberam as primeiras pesquisas na América Latina. Diante das múltiplas e conflitantes realidades desenhadas no continente, especialmente evidenciadas entre 1950 e 1980 – fossem elas econômicas, políticas, sociais, culturais ou comunicativas –, e das diversas crises e pressões instaladas na região, o ICINFORM, o Ininco, a ALAIC e o Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina (Ciespal) ocuparam papel privilegiado nas ações desencadeadas para o fortalecimento dos estudos em comunicação. Eram, e alguns ainda o são, polos agregadores, plurais, constituindo espaços de troca das múltiplas ideias geradas na borbulhante produção acadêmica da região. Estas entidades, além de produzirem e organizarem as documentações lançadas na e sobre a América Latina, transformaram-se, também, em espaços divulgadores das identidades comunicacionais deste continente.

Os temas debatidos entre 2001 e 2004 e em 2005, 2010 e 2011 permitem aos pesquisadores, especialmente da nova geração, a compreensão da pluralidade, da interdisciplinaridade, da transdisciplinaridade, da epistemologia, dos contextos singulares, e ao mesmo tempo tão amplos, das áreas de interesses latino-americanos. Não se pode, todavia, reduzir toda esta experiência a uma herança unívoca, calcada apenas pela irreverência das pesquisas emergentes, inspiradas nas demandas sociais de uma época tão plural quanto conturbada. Ao serem definidos os temas para o debate, em cada uma das edições do Celacom, o objetivo é propiciar aos novos pesquisadores a oportunidade de ter acesso às reflexões latino-americanas, formatadas nas diversidades técnicas e metodológicas, na exigência ética e na oportunidade de fundamentação teórica.

Encerrando, então, essa primeira etapa do Celacom, é possível afiançar que trazer ao conhecimento das novas gerações os embates, os debates e as atuais perspectivas de estudos que sustentam e fundamentam a produção comunicativa na região é propiciar a apreciação crítica daquilo que se tem produzido, das singularidades, das pluralidades e lides intelectuais para se formatar o que se nomeia de pensamento plural sobre a comunicação na América Latina.¹

A edição de 2012 inaugurou a segunda fase do Celacom, que se estenderá até o ano de 2020, com o macrotema “O pensamento comunicacional latino-americano por meio da ficção e da práxis”. Para esta fase, estão previstas dez edições, que tratarão dos microtemas descritos na tabela 2.

TABELA 2

Temas para a segunda fase do Celacom (2012-2020)

Edição	Ano	Tema	Ícones temáticos
16 ^a	2012	Literatura	Jorge Fernández (Equador)
17 ^a	2013	Cinema	Alfonso Gumúcio (Bolívia)
18 ^a	2014	Teatro	Luis Peirano (Peru)
19 ^a	2015	Telenovela	Martha Colomina Rivera (Venezuela)
20 ^a	2016	Quadrinhos	Armand Mattelart e Ariel Dorfman (Chile)
21 ^a	2017	Propaganda	Emilio Ferrer (México)
22 ^a	2018	Jornalismo	Luiz Beltrão (Brasil)
23 ^a	2019	Radialismo	José Ignacio Vigil López (Cuba)
24 ^a	2020	Relações públicas	Margarida Kunsch (Brasil)

Elaboração da autora.

E foi com esse espírito que, em 2012, realizou-se, na UNESP de Bauru, o XVI Celacom, o qual ofereceu três dias de um fecundo diálogo entre comunicação e literatura, proporcionado pelos estudiosos deste binômio, cuja presença no espaço latino-americano, na FAAC, permitiu ampliar o olhar sobre a comunicação e compreender que a noção desta recobre uma multiplicidade de sentidos.

3 OS ESTUDOS LATINO-AMERICANOS EM COMUNICAÇÃO

Desde a segunda metade da década de 1950, as questões que nortearam a identidade latino-americana, na área da comunicação social, têm sido abordadas de forma cíclica. Ora por uma perspectiva histórica, refletindo as lutas contra a dominação; ora com mote central nas necessidades e carências político-sociais e

1. Todas as edições da primeira fase do Colóquio Internacional sobre a Escola Latino-Americana de Comunicação (Celacom) estão documentadas em livros e CD-ROM, além de disponíveis na Enciclopédia do Pensamento Comunicação Latino-Americano, no endereço eletrônico: <<http://encipecom.metodista.br/mediawiki/index.php/CELACOM>>, e os volumes podem ser adquiridos na Cátedra Unesco, no e-mail: catedra.unesco@metodista.br.

culturais de consolidação de uma identidade própria e singular. Esta produção tem gerado uma série de reflexões sobre a importância de uma integração, quer seja econômica, social ou cultural. Também tem suscitado um renque de críticas aos ideais de um pensamento homogêneo.

O que se tem percebido é uma busca pela democratização comunicacional, mostrada por meio das várias investigações, gerando construções teórico-metodológicas que vêm servindo de referencial na busca de uma identidade comunicacional latino-americana.

Uma parte importante do conhecimento e da evolução latino-americanos em comunicação é resultado de produtos que circularam por meio dos meios massivos, vinculados diretamente a criações da cultura popular urbana, somados ao desenvolvimento da indústria cultural. Desta maneira, não seria possível desconsiderar as circunstâncias deste desenvolvimento, muitas vezes, fruto de análises histórico-culturais próprias da evolução político-social.

Da mesma forma, a real aplicação dessas ações nesses cenários desviou-se das perspectivas ortodoxas e convencionais da pesquisa na área de comunicação e fundamentou-se na prática construtiva de conhecimento e produtos comunicacionais, como bem vem afirmando o professor José Marques de Melo em seus diversos textos.

Outra maneira de tratar e compreender esses novos panoramas latino-americanos é mediante o estudo contemporâneo da sociedade atual, não enquanto sujeitos, mas na condição de atores sociais. Isto tem permitido, certamente, que a interpretação seja vista como resultado da intervenção prática sobre o que está sendo realizado no meio atual, tratando, então, de colocar em exercício utopias reais.

A investigação sobre os meios de comunicação, durante o final dos anos 1950 e meados de 1970, desembocou em uma discussão sobre questões de ideologia, relativas à memória popular, ao manejo político, aos fluxos informativos, às polêmicas em torno da identidade nacional, ao desenho de projetos político-culturais, à aplicação e à crítica de marcos epistemológicos etc.

A pesquisa em comunicação, na América Latina, apesar de ter sido fruto de uma realidade cruzada por múltiplos fenômenos, tradições e requerimentos culturais, ungidos por uma variedade de modelos e paradigmas teórico-metodológicos, sempre objetivou definir uma identidade que pudesse caracterizar esta megarregião imaginada por muitos.

É necessário, entretanto, avigorar que pensar sobre o desenvolvimento comunicacional na América Latina significa, antes de tudo, abandonar a passividade e atravessar a ponte que separa o sujeito – não o contemplativo, mas o ativo e participativo do processo de desenvolvimento – da ação. Este deve ser o nuncio funcional na reestruturação da sociedade. Esta ação “(...) trata-se de

um exercício tão útil, quanto necessário e urgente”, pois “repensar a história da pesquisa em comunicação, é esboçar essa história de um itinerário pessoal” (Mattelart e Mattelart, 1987, p. 13, tradução nossa).

Se, por um lado, a busca pela construção de uma identidade latino-americana passou pela valorização da cultura dos índios, dos crioulos e dos mestiços, por outro, se transformou em expressão de luta interna e externa contra a dependência, em todos os motes, sofrida pelo continente latino-americano. Estas batalhas proclamaram aquilo que os estudiosos chamaram de duas Américas: a dos exploradores e a dos explorados.

Posteriormente, o fim do fascismo italiano, do nazismo alemão e do militarismo japonês na Segunda Guerra Mundial e, em seguida, a Guerra Fria tiveram reflexos muito intensos em todo o mundo. Na América Latina, houve uma grande ascensão dos movimentos operários e populares desenhando, assim, os contornos de um modelo democrático aparentemente ideal.

Vários foram aqueles que levantaram bandeiras da militância política e aludiram o sucesso desses movimentos à criação de organizações revolucionárias de massa, abrindo suas portas para novos membros. A aparente “abertura” gerava um clima de liberalização geral da vida política, ocasionando uma ampliação desses abalos operários.

As revoluções populares sobre as burguesias dominantes na América Latina, especialmente a partir dos anos 1960, mostraram, claramente, as lutas travadas para pôr fim a um período de dominação e evidenciaram mudanças significativas na estrutura social dos trabalhadores da cidade e do campo, criando condições para uma aparente “ascensão” popular em toda a região.

A confrontação, no entanto, entre as diversas forças políticas e sociais nos anos da Guerra Fria e, posteriormente, no período de “recessão” usurpou essas práticas de liberdade em quase todo o continente latino-americano. Isto teve como resultado a manifestação de uma série de contradições sociais.

Cabe o registro de que apenas o México, a Colômbia e a Venezuela, durante a década de 1970, não apelaram para golpes militares como “solução para seus problemas” (Guazzelli, 1993).

Todo esse cenário, sem dúvida, gerou atraso, miséria, impedindo uma sólida organização social. Os reflexos disto são sentidos na atualidade. As palavras de Guazzelli, embora de 1993, dão um retrato do momento atual pelo qual atravessa a América Latina.

A realidade atual é um quadro recessivo, com aumento nos índices de miserabilidade da população, sem expectativas quanto ao tratamento dos temas mais urgentes. Ao contrário, têm sido depauperados patrimônios coletivos duramente construídos em nome da economia de mercado; mais que nunca, está valendo para a América

Latina a máxima de privatizar lucros e socializar prejuízos. Cada país latino-americano encontra-se hoje sob a tutela do Fundo Monetário Internacional (FMI), tratando de ajustar seus programas internos aos ditames do capitalismo internacional. (...) persiste a crise hegemônica das burguesias latino-americanas, que permanecem incapazes para elaborar projetos nacionais, que contemplem minimamente as reivindicações históricas de outros segmentos sociais. Até quando discursos despidos de conteúdo, como livre mercado, integração econômica e outras pajelanças poderão atenuar a insatisfação com as reais condições de vida? A oferta de uma “democracia sem adjetivos”, sem comprometimento com o alcance da cidadania às camadas populares, tem certamente limitações ao longo do tempo (Guazzelli, 1993, p. 97-99).

O desenvolvimento dependente latino-americano não esteve ligado somente às situações econômica, política ou social. A diversidade geográfica e cultural entre os países deste continente é evidente. Partindo-se deste contexto, a América Latina e o Caribe podem ser divididos em três grandes regiões: América Central, Caribe e América do Sul. São vinte países latino-americanos independentes e Porto Rico, dependente dos Estados Unidos. Destes 21 países, dez pertencem a América do Sul; quatro, ao Caribe; e sete, à América Central.

São regiões cujas diversidades são notáveis – desde as históricas, políticas, culturais e econômicas até as geográficas –, as quais são frutos de civilizações diversas – indígenas, europeias, africanas etc. –, sujeitas ao jogo dos mais amplos interesses sentidos ao longo dos séculos.

Então, conhecer, investigar e divulgar os estudos em comunicação realizados em espaços singulares de reflexão como universidades e institutos de pesquisa, especialmente em uma região plural como é configurada a América Latina, direciona o olhar dos estudiosos para além do explicitar o “estado da arte”, mas permite aproximações com as novas descobertas, com os estágios atuais de desenvolvimento, saber quem são os autores e atores do cenário midiático-comunicacional, quais temas têm despertado o interesse e principalmente, quais novos conhecimentos estão sendo incorporados nos estudos latino-americanos, neste campo de estudos e pesquisa.

Em 2012, com esse mesmo espírito desbravador, o Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UNESP aceitou o desafio de sediar a 16ª edição do Celacom, buscando estabelecer um conjunto de estudos comprometidos com o pensamento comunicacional latino-americano. Como parte deste projeto, reuniu informações que resgatassem a trajetória intelectual de Jorge Fernández, personalidade paradigmática dos estudos na área. Esta iniciativa particulariza e evidencia um dos responsáveis pela construção de matrizes teóricas sobre o papel da comunicação nos processos de desenvolvimento na América Latina.

4 PROTAGONISTAS DOS CENÁRIOS DO CELACOM 2012

4.1 Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

A Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” é uma das maiores e mais importantes universidades brasileiras, com destacada atuação no ensino, na pesquisa e na extensão de serviços à comunidade.

Mantida pelo governo do estado de São Paulo, é uma das três universidades públicas de ensino gratuito, ao lado da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Criada em 1976, a partir de institutos isolados de ensino superior que existiam em várias regiões do estado de São Paulo, a UNESP tem 33 unidades, distribuídas por 23 cidades, sendo 21 no interior; uma na capital; e uma no litoral paulista, em São Vicente.

Os mais de 3,5 mil professores garantem sólida formação aos alunos, enquanto outros mais de 10,6 mil funcionários colaboram decisivamente para que as atividades sejam desenvolvidas da melhor forma possível. A UNESP oferece 171 opções de cursos de graduação, em 62 profissões de nível superior, que formam 5,6 mil novos profissionais por ano.

Na graduação, os mais de 35 mil alunos podem participar de programas especiais de treinamento e realizar atividades extracurriculares, além da possibilidade de atuarem em empresas juniores prestando diferentes tipos de serviços, como consultoria, assessoria, elaboração de projetos e pesquisas de opinião.

Na pós-graduação, mais de 10 mil alunos estudam em 118 programas, com 117 mestrados acadêmicos, seis mestrados profissionais e 93 doutorados acadêmicos. Há ainda 1,8 mil estudantes em cursos *lato sensu*.

4.2 Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação

Em 15 de agosto de 1988, após aprovação pelo Conselho Universitário da UNESP, o governo do estado de São Paulo, por meio do Decreto nº 28.682, incorporou a Universidade de Bauru à UNESP, com a seguinte estrutura acadêmica: Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Faculdade de Ciências e Faculdade de Engenharia e Tecnologia.

4.3 Departamento de Comunicação Social

O DCSO foi instituído em 1975, sob a denominação de Departamento de Técnicas de Comunicação, atendendo requisito para a efetiva instalação na FAAC, mas já se encontrava em funcionamento desde agosto de 1974. O departamento passou a coordenar o Curso de Comunicação Social, que inicialmente oferecia

apenas a habilitação polivalente. Este curso, com habilitações em relações públicas, radialismo e jornalismo, promove um ensino qualificado e sintonizado com a realidade atual dos meios de comunicação impressos e eletrônicos. A habilitação em relações públicas foi autorizada em 1981; a habilitação em jornalismo, em 1985; e em 1989, foi criada a habilitação em radialismo (rádio e TV).

4.4 Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática

Pertencente à Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, é um dos quatro programas da área mantidos por universidades públicas no estado de São Paulo. Do ponto de vista da inserção institucional, é o único entre os 109 programas de pós-graduação mantidos pela UNESP voltado para a área da comunicação. Instalado na região central do estado, recebe alunos do interior e da capital, além de outros estados.

O programa, constituído pelo curso de mestrado acadêmico com conceito 4 na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) – referente ao triênio 2007 a 2009 –, estabelece seus recortes e enfoques teórico-metodológicos reconhecendo as transformações ocorridas no âmbito da comunicação social – com a introdução dos meios, códigos, linguagens e seus reflexos na produção cultural – e considerando o impacto provocado pelos recursos tecnológicos na comunicação, os quais forjam uma cultura midiática, suscitando novas referências teóricas que sustentem a leitura e a interpretação das produções como manifestações simbólicas. Buscando abordar as especificidades nos processos de comunicação e de informação, no que diz respeito às produções, as pesquisas desenvolvidas neste programa estão concentradas na investigação dos impactos culturais dos produtos midiáticos em seus diferentes gêneros e formatos, nos processos discursivos de produção de sentido e na gestão e nas políticas da informação e da comunicação.

O objetivo geral do PPGCOM é formar mestres, pesquisadores e profissionais especializados para atuar no ensino superior na área de comunicação e desenvolver projetos relevantes no âmbito da prática comunicativa midiática contemporânea.

A área de concentração – comunicação midiática – está voltada para a compreensão da dimensão relacional da comunicação, acionando seus componentes materiais, simbólicos, estéticos, políticos e sociais, localizando-se na linha de tensão entre as condições sócio-históricas e a lógica interna dos processos de comunicação, com o objetivo de alcançar a globalidade do fenômeno comunicacional e a sua inserção no movimento de construção da vida social. O ponto de singularidade do programa é o tratamento da comunicação midiática como lugar tanto de produção, inovação, negociação e confronto de ideias e de produtos simbólicos – processo potencializador da constituição do que deve ser compartilhado socialmente – quanto de modos de existência dos sujeitos e de modelagem das práticas cotidianas.

As três linhas que compõem o PPGCOM delimitam as formas de abordagem da comunicação na estrutura do programa e correspondem a interfaces particulares no enfoque inter e transdisciplinar adotado. Pode-se perceber que, a partir do desdobramento da proposta da área de concentração, focada na comunicação midiática, estas linhas abarcam três dimensões da produção da mídia: *i)* uma macrodimensão, cujo foco é o âmbito sociocultural; *ii)* uma microdimensão, voltada para a análise da produção – produtos – em si, a partir das formas e dos conteúdos, dos discursos e das linguagens; e *iii)* uma dimensão que relaciona a micro com a macrodimensão, ou seja, aquela que trata da política, dos fluxos e da gestão da comunicação.

4.5 Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional

Desde 1996, a Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional orienta suas atividades para fomentar o uso dos meios de comunicação em programas de desenvolvimento regional, fortalecendo a cidadania e a participação comunitária, preservando a cultura popular, além de estimular o contato das novas gerações de pesquisadores e profissionais com as produções pioneiras na área da comunicação.

Sediada na UMESP, volta-se para a formação de pesquisadores e estudiosos da comunicação, no contexto acadêmico e na prática profissional, com base no tripé “ensino, pesquisa e extensão”. Estes fatores têm permitido a ampliação de reflexões e de ações que potencializam a área cognitiva da comunicação social e sua interação com o Estado, com a sociedade civil e com o mercado.

A Cátedra vincula-se estruturalmente à reitoria da UMESP, interagindo com as faculdades de Comunicação Multimídia, de Jornalismo e Relações Públicas e de Publicidade, Propaganda e Turismo desta instituição, e tem os objetivos descritos a seguir.

- Construir um núcleo permanente de reflexão e ação sobre políticas de comunicação, potencializando o uso das modernas tecnologias de difusão em processos de desenvolvimento, e, desta forma, contribuir para a preservação das identidades culturais, nacionais, regionais e locais.
- Atender com prioridade o conhecimento produzido na e pela Elacom, tendo em vista disseminá-lo nas universidades brasileiras, de modo a estimular a experimentação de novos modelos comunicacionais sintonizados com as demandas da sociedade.
- Difundir essa produção por meio de publicações, como o *Anuário Unesco/Metodista de comunicação regional* e a coleção dos anais da Elacom e outros em formato digital, tais como a *Enciclopédia do pensamento comunicacional na América Latina* (Encipecom-AL) e o *Jornal brasileiro de ciências da comunicação* (JBCC).

Anualmente, são realizadas diversas atividades, entre as quais se destacam: Celacom; Colóquio Internacional para o Desenvolvimento Regional (Regiocom); Conferência Brasileira de Folkcomunicação (Folkcom); Conferência Brasileira de Comunicação e Saúde (Comsaúde); Conferência Brasileira de Comunicação e Marketing Político (Politicom); Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial (Eclesiocom); Conferência Brasileira de Mídia Cidadã; Simpósio Multidisciplinar de Comunicação para o Desenvolvimento (Unescom).

A Cátedra também apoia iniciativas como a Rede Alfredo de Carvalho para o Resgate da Memória da Imprensa e a Construção da Mídia no Brasil e o Prêmio Luiz Beltrão de Ciências da Comunicação, realizado anualmente pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), e, ainda, é parceira da *Revista imprensa*.

Os resultados das ações realizadas anualmente pela instituição são publicados periodicamente em livros, anais, *e-books*, anuários, jornais entre outros. O desafio atual é a disponibilização na web da Encipecom-AL, que reúne as produções da Cátedra e o material que está no Acervo do Pensamento Comunicacional Latino-Americano “José Marques de Melo”. O acervo contém aproximadamente 13 mil volumes – entre livros, documentos, teses, dissertações, jornais, fotografias, vídeos, DVDs, CDs etc. –, organizados nas linhas de pesquisa da Cátedra Unesco de Comunicação. A parte inicial do projeto já está em sua página na internet.

4.6 Grupo de Pesquisa Pensamento Comunicacional Latino-Americano

Grupo criado em 2004, na UESP. Em 2012, foi transferido para UNESP, onde se encontra sob a liderança da professora doutora Maria Cristina Gobbi.

Um dos desafios dos pesquisadores nucleados nesse espaço é inventariar criticamente o conhecimento produzido pela Elacom, possibilitando a compreensão das teorias e das metodologias que identificaram suas matrizes teórico-conceituais, além de resgatar os fundamentos histórico-epistemológicos das ciências da comunicação como pressuposto para a construção da identidade deste campo acadêmico na América Latina. Pretende-se também iniciar os novos pesquisadores na compreensão das raízes do pensamento comunicacional latino-americano de ontem e da atualidade.

Entre seus objetivos, destacam-se:

- Sistematizar, classificar e periodizar a produtividade dos editores, autores individuais, organizações, centros de estudos, universidades, empresas, governos, sociedade civil e países da América Latina na área da comunicação social.
- Identificar as tendências, o crescimento, os autores, os atores e as temáticas do conhecimento comunicacional latino-americano.

- Medir a utilidade dos serviços de disseminação seletiva da informação e sistematizar as correntes e os autores pioneiros do pensamento em comunicação.
- Demarcar a gênese, estabelecer a identidade e registrar as etapas do desenvolvimento da Elacom.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após esse breve resgate do contexto histórico, entende-se como a Cátedra Unesco, a FAAC, o PPGCOM e o PCLA estiveram juntos no desafio da realização do XVI Celacom, de forma a possibilitar que o diálogo entre comunicação e literatura amplie o horizonte da comunidade acadêmica sobre quem são os atores comunicativos e ficcionistas que produzem conhecimento no âmbito da América Latina, desejando que o resultado promova novos e fecundos diálogos.

Também estive no foco de toda a comissão organizadora a perspectiva de evidenciar o panorama da atual produção em comunicação e suas interfaces com a literatura, bem como avaliar e refletir sobre os resultados de investigações no âmbito desta temática, demonstrando tanto o conhecimento produzido sobre as atuais pesquisas, metodologias e técnicas quanto as possibilidades ofertadas pela interação entre estas duas áreas, evidenciando o fluxo das produções realizadas na UNESP e nos centros de referência de conteúdos, incluindo neste escopo o panorama atual da participação social, das produções bibliográficas e documentais na América Latina.

Estimular, conhecer e incentivar pesquisadores, professores, alunos e profissionais da comunicação e da literatura para o diálogo a partir do conhecimento sobre a relação entre estas duas áreas faz parte das várias ações realizadas pelo grupo organizador do Celacom 2012.

Nesse sentido, o evento procurou sensibilizar os públicos-alvo do potencial dessa produção, promovendo a interação entre a academia, o público e os diversos espaços de desenvolvimento; valorizar a perspectiva cultural da América Latina, estimulando os debates comunicacionais; difundir autores, perspectivas e ideias da comunicação e da literatura latino-americana; colaborar para o avanço científico dos estudos da comunicação e da literatura; permitir o contato das novas gerações de comunicólogos-ficcionistas e de estudiosos das áreas envolvidas com as metodologias e teorias geradas no Brasil, de forma específica, e na América Latina, cerne dos debates; e trazer novos axiomas e contribuições acadêmicas e aplicadas na área da comunicação e da literatura, valorizando a perspectiva cultural latino-americana. O estímulo aos debates comunicacionais foi o ponto alto das atividades realizadas na UNESP, mais especificamente na FAAC de Bauru, durante os três dias de evento.

Nas várias mesas de trabalho, nas conferências, nos grupos de trabalho, nas oficinas, nos espaços de interação etc., o evento trouxe, para a comunidade acadêmica dessa universidade, o atual estágio de desenvolvimento e de produção nos múltiplos processos comunicativos, nas mais expressivas mídias, ampliando o olhar para o narrador e o discurso no contexto da América Latina.

Com mais de trezentos participantes, oito grupos de trabalho, dezessete oficinas, 250 oficinheiros e pesquisadores de diversos estados brasileiros, bem como de várias regiões da América Latina, o XVI Celacom propiciou espaços de intercâmbio, promovendo diálogo entre pesquisadores, setores produtivos e sociedade civil organizada, dando incremento cognitivo às pesquisas realizadas na UNESP.

Para documentar e divulgar a riqueza dos diálogos ocorridos durante o evento, os trabalhos apresentados nos grupos foram disponibilizados em CD-ROM e, em breve, estarão nas páginas do PPGCOM da UNESP e na página eletrônica da Encipecom-AL, na Cátedra Unesco. Também está sendo organizada uma publicação com as contribuições dos pesquisadores que estiveram nos outros espaços de interação.

Não é possível, entretanto, fazer comunicação sem as pessoas que estão por trás de todos esses espaços. O Celacom 2012 teve a sorte de ser apoiado, também, por um grupo de alunos e de funcionários da UNESP e da Cátedra Unesco, os quais, pelo trabalho conjunto, possibilitaram sua realização. Assim, registra-se um fundamental agradecimento a todos os convidados, que prontamente aceitaram o chamado para dividir com todos os envolvidos neste evento seus conhecimentos, bem como àqueles que deste participaram, alguns dos quais enfrentando mais de quinze horas de voo.

Para registrar esse apoio, portanto, o agradecimento aos professores doutores Roberto Deganuti, diretor da FAAC, e José Marques de Melo, diretor titular da Cátedra Unesco; a Angélica A. Parreira Lemos Ruiz, diretora técnica acadêmica; a Antonio Carlos dos Santos, diretor administrativo; a Míriam Yumi Hamada Memari, diretora técnica de Serviço; a Helder Gelonezi, supervisor da seção de pós-graduação; a Luiz Augusto Campagnani Ferreira, da pós-graduação; a Tânea Regina de Antônio, supervisora de seção da Seção de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão (Saepe); à professora doutora Roseane Andrelo, vice-chefe do Departamento de Comunicação; ao professor doutor Antonio Francisco Magnoni (Dino), professor da FAAC e colega na organização; ao professor doutor José Luiz Bizelli, diretor da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP de Araraquara e do Programa de Pós-Graduação em Televisão digital da UNESP; à professora doutora Elizabeth Moraes Gonçalves, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e da Faculdade de Comunicação da UMESP e coordenadora do Celacom; à professora doutora Ana Silvia Médola, diretora da TV UNESP; e ao professor doutor Mauro de Souza

Ventura, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática da Unesp.

Este grupo acreditou que seria possível organizar as atividades e deram o seu apoio, oferecendo a tranquilidade e o suporte necessários para que cada ação fosse realizada.

Além desses colaboradores, um grupo muito, muito especial também privilegiou o evento com seu apoio: os alunos do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, os da graduação, o Programa Especial de Treinamento – Rádio e Televisão (PET – RTV) e alguns colegas da FAAC. Aproveitando, assim, este espaço, é fundamental nomear e agradecer – e também pedir desculpas por alguns atropelos, pelas cobranças, correrias e ausências – e expor que, realmente, se não fosse o trabalho de cada um, teria sido impossível a realização do evento. Nesse sentido, fica registrado o agradecimento a Aline Meneguini, que foi responsável pelo contato com os pesquisadores e teve persistência para fechar as passagens e hospedagens; a Romildo Lopes, que criou toda a parte visual do Celacom; a Vanessa Grazieli, que cuidou do *site*, dos certificados e do material *on-line* – quanto trabalho foi dado a ela, com mudanças aqui e ali; a Kátia Vanzini, que, junto com Paulo Giraldi e Giovani Vieira Miranda, cuidou de toda a parte de comunicação; a Marta Cafeo e Caroline Garcia Cafeo – as quais foram quase enlouquecidas com as cobranças de pastas, camisetas, crachás e cordões –, responsáveis pela parte de logística; a Calos Sabino, especialista em som e imagem, sempre de plantão para ajudar; a Rodrigo Carvalho, que cuidou de todas as oficinas; a Welligton Leite, responsável pelo cerimonial; a Fabiola Liberato e Tatiana de Carvalho, que cuidaram das comissões de apoio e de editorial, junto com os colegas Elton Amaro, Juliana Carvalho, Bianca Didoni, Elaine Moraes, Selma Miranda, Vivianne Lindsay, Cristiane Parnaíba, Elis Angela dos Anjos, Fernanda de Almeida, Selma Miranda e Tatiana Zuardi, que atuaram em muitas frentes; a Rônia Barbosa, da Cátedra Unesco, que sempre atendeu prontamente, com muita atenção, resolvendo os problemas; a Silvio Decimoni, por sua paciência, sua atenção, seu carinho e cuidado com tudo que lhe era pedido, e porque, mesmo com problema de saúde em casa, não esteve ausente nem por um período; ao professor Willian e à equipe da Web-TV, os quais permitiram que o evento ultrapassasse os muros da universidade e fosse para a Rede Web, com transmissão em tempo real da abertura, das palestras e das mesas de diálogo; a todos os oficineiros e àqueles que coordenaram os grupos de trabalho, bem como a todos que alimentaram com informações as redes sociais e a mídia local; e a todas as demais pessoas que direta ou indiretamente colaboraram para a realização do evento em Bauru, como diz o *slogan*, “a cidade sem limites”.

REFERÊNCIAS

GUZZELLI, C. B. **História contemporânea da América Latina: 1960-1990**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1993. p. 97-99.

MARQUES DE MELO, J. **O campo comunicacional**. [s.d.]. Disponível em: <www.ucb.br/comsocial/114.htm>. Acesso em: dez. 2000.

MATTELART, A.; MATTELART, M. **Pensar sobre los médios: comunicación y crítica social**. Madrid: Fundesco, 1987. p. 13. (Colección Impactos).

VILLAÇA, N. M. S. Comunicação e literatura contemporânea: espaços reais e virtuais. **Contemporânea**, n. 7, v. 2, jul.-dez. 2006. Disponível em: <http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_07/02NIZIA.pdf>.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

MARQUES DE MELO, J.; GOBBI, M. C.; SANTOS, M. (Orgs.). **Contribuições brasileiras ao pensamento comunicacional latino-americano: Décio Pignatari, Muniz Sodré e Sérgio Capparelli**. São Bernardo do Campo: Editora da UMESP, 2001.

MARQUES DE MELO, J.; GOBBI, M. C. (Orgs.). **Gênese do pensamento comunicacional latino-americano: o protagonismo das instituições pioneiras – Ciespal, ICINFORM, Ininco**. São Bernardo do Campo: Editora da UMESP, 2000.

FICÇÃO TELEVISIVA: SEMINÁRIO OBITEL/SÃO PAULO DESCORTINA TRANSNACIONALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO IBERO-AMERICANA

Maria Immacolata Vassallo de Lopes*

Maria Cristina Palma Mungoli**

Claudia Pontes Freire***

Clarice Greco Alves****

1 INTRODUÇÃO

A finalidade deste texto é dar conta da emergência e consolidação de uma experiência de uma rede internacional de pesquisa – o Observatório Ibero-Americano da Ficção Televisiva (Obitel) – dentro do campo de estudos da comunicação e, particularmente, de sua contribuição aos estudos de ficção televisiva.

2 OBITEL – OBSERVATÓRIO IBERO-AMERICANO DA FICÇÃO TELEVISIVA

O Obitel constitui uma rede internacional de pesquisa, criada em 2005, que faz o monitoramento e a análise anual da produção, audiência e repercussão socio-cultural dos programas ficcionais em televisão aberta produzidos em países da América Latina e Península Ibérica.

A equipe de pesquisa é formada por pesquisadores que coordenam as equipes nacionais do observatório em instituições de seus respectivos países, conforme a seguir discriminado.

- 1) Universidade de São Paulo, Brasil: Maria Immacolata Vassallo de Lopes, cocoordenadora geral.
- 2) Universidad de Guadalajara, México: Guillermo Orozco, cocoordenador geral.

* Professora da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Coordenadora do Observatório Ibero-Americano da Ficção Televisiva (Obitel) e coordenadora do Centro de Estudos de Telenovela (CETVN/USP). Bolsista PQ A do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

** Professora da ECA/USP e pesquisadora do CETVN/USP e do Obitel.

*** Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da USP e pesquisadora do CETVN/USP. Bolsista CNPq.

**** Doutoranda no PPGCOM/USP e pesquisadora do CETVN-USP. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

- 3) Universidad Católica de Chile: Valerio Fuenzalida e Pablo Julio.
- 4) Universidade de Coimbra, Universidade Católica Portuguesa, Portugal: Isabel Ferin Cunha e Catarina Duff Burnay.
- 5) Universidad Autónoma de Barcelona, Espanha: Charo Lacalle.
- 6) New York University, Estados Unidos: Juan Piñon.
- 7) Universidad Nacional de General Sarmiento, Instituto Universitario Nacional del Arte, Argentina: Gustavo Aprea e Monica Kirchheimer.
- 8) Universidad Católica del Uruguay: Rosario Sánchez.
- 9) Universidad Distrital Francisco José de Caldas, Bogotá, Colombia: Boris Bustamante e Fernando Aranguren.
- 10) Universidad Central de Venezuela: Morella Alvarado.
- 11) Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina (Ciespal), Quito, Equador: César Herrera e Alexandra Ayala.

Desde a concepção do Obitel, considerou-se importante falar do âmbito ibero-americano devido ao crescente interesse de diferentes Estados nacionais de fazerem aí confluir uma série de políticas de produção, troca e criação midiática, cultural, artística e comercial diferenciada, o que poderia chegar a se constituir em uma zona de referência geopolítica e cultural importante. Buscando se inserir neste cenário, o monitoramento realizado pelo Obitel recai pelo menos em cinco dimensões do seu vasto objeto de análise: produção, exibição, consumo, comercialização e o fenômeno da *transmidiação*. Este último, embora emergente, traz consigo um alto potencial para transformações em todos os âmbitos da ficção televisiva, notadamente no tecnológico e no cultural.

Portanto, por ficção televisiva ibero-americana, entende-se a produção própria e de circulação internacional dos onze países integrantes do observatório atualmente: Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Espanha, Estados Unidos (comunidade hispânica), México, Portugal, Uruguai e Venezuela.

Esses países caracterizam-se por já possuírem uma capacidade instalada de produção de teleficção, serem exportadores e importadores deste gênero, que circula tanto em língua espanhola como portuguesa. Convém, ainda, ampliar o *corpus* em estudo para o gênero ficção televisiva, do qual a telenovela é um dos formatos. Apesar da centralidade assumida pela telenovela, resolvemos não limitar a pesquisa apenas a este formato serializado. Deste modo, foram incorporadas as distintas modalidades de serialização, duração e frequência, como séries, minisséries, microséries, filmes de TV, *soap operas* e outros formatos ficcionais da televisão.

O objetivo principal está em identificar, por meio de um estudo comparativo, tanto as semelhanças quanto as especificidades, tanto as adaptações como as apropriações entre diversas narrativas televisivas que são produzidas e que circulam no país.

Trata-se propriamente de um estudo intercultural, com base no conceito de *proximidade cultural* e que deve permitir trabalhar questões como: identificar as representações que os diversos países fazem de si e dos outros por meio de seu principal gênero televisivo; detectar os indicadores culturais de construção e reconstrução cotidiana de seus recursos identitários; e dar uma visão de conjunto e aprofundada sobre a força cultural e econômica que a ficção adquiriu nas televisões desses países, demonstrada, por exemplo, pelo deslocamento dos programas norte-americanos do chamado *prime time* em cada país.

Cada equipe nacional membro do Obitel pertence a uma instituição, universidade ou organismo público, que dá o aval institucional ao projeto. O observatório também conta com o apoio de institutos de medição de audiência, entre eles, Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística – Ibope (Brasil), Time-Ibope (Chile), Ibope (Argentina, Colômbia, Uruguai), Ibope-Time (Equador), Ibope-AGB (México), Media Monitor Marktest Audimetria (Portugal), Kantar Media e Barlovento Comunicaciones (Espanha), Nielsen Media Research (Estados Unidos) e AGB Nielsen Media Research (Venezuela). Cabe destacar, ainda, o apoio que o Obitel tem recebido, desde seu início, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por meio de apoio financeiro e bolsas de iniciação científica e de auxílio técnico.

O caráter contínuo das pesquisas realizadas pelo Obitel é responsável por uma inédita série histórica de dados acumulados em bancos de dados, nacionais e comparativos. As pesquisas acerca dos processos de produção, consumo e comercialização de ficção televisiva combinam abordagens quantitativas e qualitativas, sendo que a metodologia comum é objeto de aperfeiçoamento sistemático. Tais enfoques têm possibilitado estudos comparativos inéditos sobre a produção ficcional ibero-americana com base em evidências empíricas sobre a produção de conteúdos ficcionais em diferentes plataformas, gêneros, formatos, programações que, ao circularem, vão revelando processos de interculturalidade no espaço ibero-americano.

Os resultados desses estudos são publicados no *Anuário Obitel*. O apoio recebido das instituições citadas garante o acesso e a confiabilidade dos dados relacionados à audiência anual das ficções televisivas apresentados. A publicação, que tem periodicidade anual, é editada em três idiomas (português, inglês

e espanhol) e distribuída gratuitamente em meio impresso e digital¹ por meio de parceria entre o programa Globo Universidade, da TV Globo, e o Centro de Estudos de Telenovela da Universidade de São Paulo – USP (CETVN).

Findo o monitoramento anual, o grupo realiza seminários nacionais e internacionais, através dos quais divulga as principais análises e tendências relacionadas às ficções, convergindo-as, por um lado, ao contexto histórico e cultural de cada país e, por outro, ao âmbito ibero-americano.

Por todas as razões apontadas, pode-se dizer que o hábito de acompanhar a série histórica publicada no *Anuário Obitel* passa a auxiliar não só pesquisadores que desenvolvem estudos baseados no tema, mas também profissionais e agentes de políticas no ramo. O livre acesso ao retrato, percurso e implicações que a ficção televisiva vem revelando na Ibero-América, ao longo dos anos é determinante na produção de conhecimento.

2.1 Atividades e objetivos do Obitel

A ficção televisiva é hoje um enclave estratégico para a produção audiovisual ibero-americana, tanto por seu peso no mercado televisivo como pelo papel que joga na produção e reprodução das imagens que estes povos fazem de si mesmos e através das quais se reconhecem. A telenovela foi um fator determinante na criação de uma capacidade televisiva nacional, que se projetou não só numa extensiva produção como também numa particular apropriação do gênero, isto é, sua nacionalização. Por isto, o observatório volta-se para a integração do espaço latino-americano e ibero-americano, mas também para a mobilização do mercado mundial da ficção televisiva, por onde passam hoje os processos de internacionalização da ficção televisiva.

Hoje se fala, mais do que nunca, que as culturas “viajam”, enfatizando a grande mobilidade, as práticas de deslocamento tanto de gente como de ideias. Isto remete à dinâmica da importação-exportação intercultural que afeta profundamente a construção e reconstrução das culturas no cenário atual da globalização.

As narrativas televisivas ocupam um papel central nesse processo. Cada vez mais aumentam os fluxos de importação-exportação de ficção televisiva doméstica de um país a outro. Verifica-se principalmente o irreversível aumento das coproduções concebidas sobre um sentido multi ou transnacional, porque destinadas ao consumo de diferentes audiências nacionais.

Contudo, é preciso identificar o que acontece dentro desses fluxos internacionais. Assim, alguns pontos precisam ser analisados com atenção: se a ficção televisiva está destinada a desintegrar-se enquanto gênero nacional; as razões que

1. Disponível em: <<http://obitel.net/>>. Acesso em: 24 set. 2012.

determinam o sucesso internacional de certas histórias televisivas; o que promove a migração destas entre os vários continentes; o papel da proximidade cultural entre certos países; e a influência do compartilhamento cultural entre países que não são próximos culturalmente.

Enfim, todas essas e outras questões podem ser consideradas como sendo verdadeiros desafios que se colocam ao trabalho do Obitel, que já nasce como observatório internacional e tendo por objeto as ficções televisivas nacionais diante do cenário de intenso crescimento dos contatos culturais e dos fluxos do mercado internacional deste gênero.

O plano de trabalho do Obitel é constituído pelas atividades relacionadas a seguir.

- 1) Fazer o diagnóstico e as tendências da produção e da oferta de ficção televisiva em cada país participante, visando identificar modelos de representação de identidades nacionais que dela podem emergir.
- 2) Discutir a questão da interculturalidade a partir dos fluxos de produção e de recepção das ficções televisivas, visando promover a discussão da internacionalização do gênero dentro dos marcos da proximidade e do compartilhamento cultural.
- 3) Avaliar o rumo das produções televisivas do ponto de vista da perspectiva intercultural promovida pelo gênero.

Entre os seus principais objetivos do Obitel, podem-se destacar alguns, conforme se segue.

- 1) Gerar bancos de dados unificados sobre a produção e recepção de programas teleficcionais, de natureza quantitativa e qualitativa.
- 2) Firmar a perspectiva teórica da interculturalidade do gênero teleficcional para a definição de narrativas televisivas nacionais e regionais no mundo globalizado.
- 3) Nutrir projetos de pesquisa sobre a ficção televisiva, bem como produzir efeitos sobre esta produção, além de contribuir para alavancar políticas para a televisão neste setor.
- 4) Publicar o *Anuário Obitel* da ficção televisiva ibero-americana para distribuição em todos os países sócios do observatório.²

2. Ver a relação os anuários publicados ao final do capítulo.

2.2 Rede Obitel-Brasil de pesquisadores de ficção televisiva

Com a consolidação do Obitel Internacional, em 2007, teve início, sob a coordenação de Maria Immacolata Vassallo de Lopes (ECA-USP), a criação de uma rede de pesquisadores brasileiros de ficção televisiva, a rede Obitel-Brasil. A rede nacional, coordenada por Maria Immacolata Vassallo de Lopes e Maria Cristina Palma Mungioli (ECA-USP) possui atualmente dez equipes de investigação espalhadas por diversos estados brasileiros, sendo cada uma delas liderada por pesquisadores seniores que contam com apoio institucional de suas universidades.³ A rede Obitel-Brasil desenvolve estudos qualitativos e quantitativos com base nos dados e informações contidos nos anuários Obitel para a análise e reflexão em torno das questões referentes à ficção televisiva no Brasil. Os resultados de pesquisa são publicados em fluxo bienal na Coleção Teledramaturgia. Quando do lançamento do livro, os estudos realizados são debatidos nos Seminários Nacionais Obitel, com a participação dos integrantes das equipes de todo o Brasil. Desta forma, a principal característica da rede de pesquisa Obitel-Brasil é sua representatividade tanto em termos de produção científica quanto em termos de abrangência geográfica, uma vez que é composta por pesquisadores radicados em vários estados brasileiros, notadamente naqueles em que pesquisas acadêmicas têm contribuído para a discussão do mais brasileiro e influente gênero da televisão nacional: a ficção.

3 VII SEMINÁRIO INTERNACIONAL OBITEL 2012

O VII Seminário Internacional do Observatório Ibero-Americano da Ficção Televisiva (Obitel), realizado nos dias 23 e 24 de agosto de 2012, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), teve como objetivo apresentar e discutir os resultados obtidos ao longo de 2011, através do monitoramento e análise das ficções dos onze países participantes do Obitel, além de lançar o *Anuário Obitel 2012*. O evento foi promovido pelo Centro de Estudos de Telenovela (CETVN) da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, em parceria com a Globo Universidade, e reuniu pesquisadores, professores, profissionais da Rede Globo e estudantes.

A mesa de abertura do seminário teve a participação dos coordenadores gerais do Obitel, Maria Immacolata Vassallo de Lopes, da ECA-USP, e Guillermo Orozco Gómez, da Universidade de Guadalajara; de Maurício Lisovsky, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRJ; e de Luis Erlanger,

3. Em 2012, as equipes da rede Obitel Brasil de Ficção Televisiva com seus coordenadores e suas respectivas instituições são: Obitel-Brasil-USP, Maria Immacolata Vassallo de Lopes e Maria Cristina Palma Mungioli; Obitel-Brasil-ESPM, Maria Aparecida Baccaga e Marcia Tondato; Obitel-Brasil-PUC-SP, Silvia H. S. Borelli; Obitel-Brasil-UAM, Renato Pucci Jr e Vicente Gosciola; Obitel-Brasil-UFBA, Maria Carmem Jacob de Souza; Obitel-Brasil-UFJF, Maria Cristina Brandão; Obitel-Brasil-UFPE, Yvana Fechine; Obitel-Brasil-UFRGS/UFSC, Nilda Jacks e Veneza Ronsini; Obitel-Brasil-UFSCar, João Carlos Massarolo (GEMINIS/PPGIS) e Maira V. Gregolin (GEMINIS/Unicamp).

diretor da Central Globo de Comunicação. Luis Erlanger destacou a importância e a satisfação para a Rede Globo de apoiar o seminário, que incentiva a discussão e a pesquisa sobre teledramaturgia. Em sua fala, o diretor da Central Globo de Comunicação, ressaltou o fato de o Obitel ser um ótimo exemplo de que é possível e necessário o diálogo entre academia e mercado, de forma harmoniosa e produtiva.

O seminário foi organizado de forma que após a apresentação de um grupo de países, debatedores comentavam os dados, juntamente com os coordenadores das mesas. Como debatedores, estiveram os professores João Freire Filho (UFRJ), Silvia Borelli (Obitel-Brasil/PUC-SP), Yvana Fechine (Obitel-Brasil/UFPE) e Maria Carmem Jacob Sousa (Obitel-Brasil/UFBA). Dos profissionais da TV Globo, os debatedores foram Ingrid Basto (analista da área de entretenimento da TV Globo), Thelma Guedes e Duca Rachid (autoras de telenovelas da TV Globo) e Pedro Dombrasas (área de vendas internacionais da TV Globo).

A conferência internacional foi proferida por Joseph Straubhaar, da Universidade do Texas, que abordou a transnacionalização da ficção televisiva, tema do ano do Obitel, em que destacou os desafios regionais e nacionais no que diz respeito ao mercado internacional. Segundo Straubhaar, dado que “a cultura norte-americana é a segunda cultura de quase todo mundo”, os países devem estar atentos à forma como a produção televisiva nacional se mistura às produções estrangeiras. Para o professor, existe hoje uma tentativa de globalizar o local e de localizar o global, e um paradigma comum a essas mudanças é o hibridismo, que está relacionado à multiplicidade de culturas, e às práticas de consumo das audiências. Também, ainda segundo o pesquisador norte-americano, outro grande desafio para as emissoras de televisão está em integrar sua programação com as redes sociais.

3.1 Apresentação das pesquisas de cada país

O seminário prosseguiu com a apresentação dos resultados das pesquisas do Obitel em cada um dos onze países membros.

A transnacionalização da ficção televisiva, fenômeno e tendência crescente da produção televisiva, foi abordada pelas equipes de cada país a partir de três perspectivas. A primeira delas enfatizou o transnacional *atrás* da tela, em que cada país apresentou dados referentes à propriedade das emissoras de TV em cada país. A segunda perspectiva abordou o transnacional *na* tela, ressaltando, nas dez ficções com maiores audiências (os *dez mais* de estreia), o local de origem das histórias, a internacionalização do elenco e locações das produções. Por fim, foi analisado o transnacional *para além* das telas, perspectiva na qual os países mostraram os fluxos da importação e exportação de produtos de ficção.

O *corpus* de pesquisa apresentado foi composto por todos os programas ficcionais de estreia exibidos em cada país transmitidos por canais de televisão aberta

de alcance nacional. Para possibilitar a análise comparativa dos dados coletados pelas equipes, o quadro de referência teórico e metodológico foi unificado. Desta forma, para o desenvolvimento da análise dos resultados de cada país, bem como para a visão de conjunto da ficção televisiva nos onze países, o protocolo metodológico Obitel possui um papel fundamental na medida em que permite o monitoramento sistemático dos programas de ficção transmitidos pelos canais abertos.

A equipe de cada país apresentou, em abordagem qualitativa, o panorama e contexto da ficção transmitida no ano de 2011, perpassando temas como mídias digitais, publicidade e *merchandising*, TV paga e políticas de comunicação. A base de dados quantitativos coletados em cada país foi exposta em tabelas e gráficos relativos a horários de exibição, número de títulos, capítulos e horas exibidas dos programas de estreia, índices e perfis de audiência, temas centrais da ficção. O tratamento estatístico dos dados foi efetuado em função de tipologias de produção (grades de programação, faixas horárias, tempo de duração de cada ficção, capítulos ou episódios) e tipologias de medição (índices de audiência, *share*). Permitiu-se, assim, o desenvolvimento de quadros comparativos sobre as condições da oferta e os perfis da produção de ficção televisiva em cada país, que incluem indicadores, tais como volume de programação, formatos, produtores, roteiristas, criadores e estratégias de exibição.

Identificaram-se também fluxos plurais e bilaterais de gêneros e formatos de ficção, que se traduzem nos “dez títulos de ficção mais vistos do ano” (os *dez mais*), seus temas centrais, índice de audiência e *share*. Assim, por um lado, foi possível elaborar uma análise das tendências no que diz respeito às estruturas da narrativa televisiva e aos conteúdos temáticos de cada país. Além disso, contabilizaram-se dados de consumo de outras mídias, como internet, e de outros gêneros de programa, investimentos em publicidade, acontecimentos legais e políticos relevantes do ano. Por outro lado, o protocolo metodológico abre espaço para que cada país destaque o que considera mais importante no contexto nacional da ficção televisiva. Desta forma, ganham espaço para discussão, principalmente, as mudanças havidas na produção, nas narrativas e nos conteúdos temáticos preferenciais. Outro foco de análise recentemente incorporado à metodologia foi a “recepção transmidiática”, envolvendo as interações das audiências com a ficção em cada país.

Por fim, os dois dias de reunião entre pesquisadores e profissionais da indústria de televisão, incluindo autores de teleficção, resultaram em um debate profícuo, no qual os resultados expostos propiciaram o aprofundamento do conhecimento acerca dos diversos aspectos envolvidos na produção, distribuição e consumo das ficções televisivas no espaço ibero-americano.

3.2 O tema do ano: a transnacionalização da ficção televisiva⁴

A ficção televisiva, ao lado do gênero informativo, é o produto televisivo que, historicamente, mais tem recebido atenção por parte de estudiosos de disciplinas díspares, com perspectivas particulares, acumulando uma bibliografia importante, e sendo objeto de publicações especializadas. Atualmente, parte do espaço desta bibliografia é ocupada pelo debate sobre o fenômeno de produção ficcional de uma dada origem local que atravessa fronteiras culturais e linguísticas. Um traço comum às mais recentes pesquisas de recepção é o descobrimento da natureza negociada de toda comunicação e da valorização da experiência e da competência produtiva dos receptores. Esta tem como eixo uma operação de “apropriação”, ou seja, a ativação da competência cultural das pessoas, a socialização da experiência criativa e o reconhecimento das diferenças, isto é, do que fazem “os outros” – outras classes, outras etnias, outros povos, outras gerações. Quer dizer que a afirmação de uma identidade se fortalece e se recria na comunicação – encontro e conflito – com o outro.

Por isso, a tese que sustenta o tema do ano do Obitel é que a *comunicação intercultural* tem na teleficção seu gênero por excelência.

O destaque à especificidade de uma sociedade que se exprime nas tendências de uma produção televisiva remete ao conceito de gênero como *categoria étnica* (Appadurai, 1997) e de *matriz cultural* (Martín-Barbero, 1987). Significa conjugar dois aspectos do problema dos gêneros: o primeiro, clássico, que situa o gênero como conjunto de regras de produção discursiva, de acordo com o qual o melodrama segue os movimentos próprios das sociedades e dos campos culturais específicos de cada país. O segundo aspecto refere-se ao fato de que o gênero é igualmente definido pela maneira como um conjunto de regras se institucionalizam, codificam-se, tornam-se reconhecíveis e organizam a *competência comunicacional* dos produtores e consumidores, dos emissores e destinatários.

Definir o gênero como *categoria étnica* é avançar na percepção do vínculo social cuja existência é reafirmada pela televisão e que lhe permite funcionar como dispositivo de amplificação em uma comunidade de significações, a *comunidade imaginada* (Anderson, 1983) e *narrada* (Bhabha, 1997).

O processo de globalização, ao mesmo tempo que confunde o campo de competência dos territórios-nações, introduz um elemento de fragilidade nas marcas de identidade cultural que neles se configuraram historicamente (Canclini, 2007). A diferença cultural, enquanto corresponde a uma identidade histórica e geograficamente constituída, é submetida à tensão pela norma da

4. Os resultados aqui apresentados remetem à Parte I, *Síntese comparativa dos países ibero-americanos em 2011*, do livro *Transnacionalização da ficção televisiva nos países ibero-americanos: Anuário Obitel 2012*.

competitividade introduzida no mercado de bens culturais e pela forte tendência da conquista de um público externo. A transgressão de fronteiras nacionais é também a transgressão de universos simbólicos.

Estudos sobre os sistemas televisivos que procedem à avaliação dos modos de produção por meio do cálculo de rentabilidade no mercado internacional têm demonstrado que o melhor desempenho é daquele que impõe a regra do “saber fazer” e que os outros podem apropriar-se dela. A autoridade do “saber fazer” impõe-se como estilo, e a autoridade do estilo é sua capacidade de bom desempenho, ou seja, sua superioridade nos mercados.

No processo de desterritorialização/reterritorialização, certos gêneros constituem matrizes universalizáveis, porém sob a condição de combinar os traços identificadores de sua filiação narrativa com o novo dado tecnológico, foco e produtor do efeito de modernidade. A tendência à combinação e associação dos gêneros televisivos é largamente reconhecida como um traço da pragmática do audiovisual, isto é, os processos de fusão de elementos constitutivos de vários gêneros no mesmo produto, e o reforço da potencialidade deles, através desta hibridação.

Essas questões constituem desafios que se colocam no mercado televisivo cada vez mais hegemonizado, mas também fragmentado e segmentado em sua produção e consumo e, progressivamente, complexificado pelo aparecimento de novos atores sociais e novas identidades coletivas. Este é o cenário contemporâneo da ficção televisiva, fruto da crescente mobilidade de ideias, bens e pessoas. São desafios em que convivem processos ambivalentes como a tendência a dissolver as diferenças culturais e à indiferenciação das audiências, por um lado, e por outro, a tendência à migração e à afirmação em outros territórios de um *gênero regional*, como as telenovelas latino-americanas.

Em função da importância da perspectiva intercultural dentro do Obitel é que se resolveu eleger como tema de 2011 a transnacionalização da ficção televisiva nos países ibero-americanos, com o objetivo de realizar um mapeamento das características dos fluxos transnacionais no âmbito dos onze países participantes.

No contexto dos sistemas de comunicação ou das indústrias midiáticas, o transnacional permite reconhecer uma nova configuração em que figuras emergentes interromperam a ideia de uma totalidade global midiática, baseada na hegemonia dos fluxos de programação provenientes dos Estados Unidos. Em particular, a ascensão de uma indústria de televisão robusta dentro do espaço ibero-americano é produto de uma tomada de decisões das audiências cujas preferências, guiadas pelo que é “culturalmente próximo”, segundo LaPastina e Straubhaar (2005), permite reconhecer o efeito do regional no nacional ou local. O regional, neste caso, claramente delineado pelas trajetórias comuns, tanto históricas, culturais, linguísticas e religiosas dos países ibero-americanos que

caracterizam o que John Sinclair (2004) denomina de mercado “geo-cultural-linguístico”. O estudo feito pelo Obitel, que se pautou pela análise do tema nas três instâncias nas quais impacta ou incide o transnacional: a indústria, os conteúdos e os fluxos e audiências.

Para que esse diagnóstico fosse realizado, foram ressaltadas três dimensões de análise, conforme detalhamento a seguir.

Primeira dimensão de análise – indústrias transnacionais em várias formas de coprodução:

- a) formatos: fluxo de ideias, formatos, adaptações e formas de localização;
- b) formas de propriedade: as corporações controladas, sociedades financeiras e de acesso à maioria de votos, ou de investimento minoritário e relatórios de lucros;
- c) coprodução: vários tipos de coproduções, investimento, participação, acordos de produção de agendamento entre as empresas; e
- d) fluxos de programação: nacional, regional, internacional ou transnacional.

Segunda dimensão de análise – conteúdos transnacionais, textos e narrativas

- a) locais: a produção de ficção definida em locais por todo o mundo;
- b) elenco: multinacional, multicultural, multilíngue e multirracial; e
- c) narrativas: histórias que se passam em diferentes países com cruzamento de fronteiras ou histórias ambientadas em diferentes países isoladamente.

Terceira dimensão de análise – o rosto do transnacional na plateia como uma categoria cultural:

- a) proximidade cultural: preferências, programação regional ou transnacional.

3.3 Resultados mais importantes

A transnacionalização da indústria da ficção, especialmente no caso da telenovela, tem propiciado múltiplos nexos e negociações entre as empresas do setor. Por exemplo, cada vez é mais comum que os países do âmbito Obitel recorram: *i)* à adaptação de características que tiveram êxito em outros países, destacando-se o papel da Argentina e da Colômbia como produtores de histórias para os países de língua hispânica, e do Brasil, cada vez mais, em relação a Portugal; *ii)* à constituição de elencos multinacionais como chamariz comercial; *iii)* ao estabelecimento de modelos de coprodução para a realização ou adaptação de ficções; e *iv)* ao financiamento e criação de centros de produção fora dos países de origem, como fez a TV Globo, ao inaugurar, em 2011, sua sede europeia em Lisboa.

Estudar o fenômeno da transnacionalização da ficção televisiva, como já mencionado, implica vê-lo a partir de três perspectivas: a indústria, os conteúdos e as audiências. A primeira destas dimensões mostra um importante grau de desenvolvimento no âmbito ibero-americano em que opera o Obitel, embora com variantes muito notáveis, uma vez que coexistem países eminentemente exportadores, como Brasil, México, Argentina, Colômbia, Espanha e Estados Unidos, e países como Portugal, Chile, Uruguai, Venezuela e Equador, que, praticamente, voltam-se para a satisfação de seus mercados internos.

Essas diferenças, não há dúvida, trazem elementos para explicar como surgem os processos de transnacionalização não apenas no âmbito Obitel, mas também fora dele, independentemente das relações de poder impostas a partir das indústrias fortes e do tipo de estratégias adotadas pelas indústrias emergentes para fortalecer seus mercados. Tudo isto em um contexto em que os processos de convergência e de transmediação reconfiguraram os fluxos de compra e venda gerados, até certo ponto, pela maneira pela qual as audiências ampliaram e diversificaram seus consumos midiáticos.

Para entender os processos de transnacionalização no âmbito Obitel, foi necessário compreender os processos de cada país. Por isso, inicia-se com a descrição dos países que apresentam um desenvolvimento parcial em sua indústria de ficção, conforme apresentado no *Anuário Obitel 2012*.

No Chile, a ficção está voltada essencialmente para o mercado interno, não só em matéria de produção, mas também quanto aos recursos humanos, uma vez que praticamente todos os que participam na indústria chilena de ficção (produtores, escritores, artistas etc.) são nativos deste país. Este mesmo fenômeno também ocorre no Equador, no Uruguai e na Venezuela, países onde não existe propriamente um processo de transnacionalização, por suas indústrias estarem voltadas para o mercado interno. Neste grupo de países, destaca-se o caso da Venezuela, país que já foi grande exportador de ficção e que hoje surge como grande importador de conteúdos ficcionais. Desta forma, o que caracteriza Chile, Equador, Uruguai e Venezuela é seu papel de receptores e importadores de produtos televisivos; ou seja, muitas de suas redes e linhas de produção fazem alianças de distribuição, pois suas indústrias não permitem que preencham por conta própria suas grades de programação. Desta maneira, as grandes indústrias encontram nestes países um mercado para a distribuição de seus produtos, como fazem em especial a mexicana Televisa com o Equador e a Venezuela, e a brasileira TV Globo com o Uruguai.

O que também se destaca nesses dois grandes países produtores é que não existem propriamente empresas distribuidoras para exportação e, quando existem, fazem parte das estratégias de transnacionalização, sendo operadas pelas próprias

organizações, como no caso das anteriormente citadas Televisa, TV Globo e, mais recentemente, o da Telemundo (Miami) e da NCR (Colômbia).

Um caso especial dentro do Obitel é Portugal, que, apesar de uma trajetória de mais de trinta anos na produção e exportação de séries e telenovelas, não conseguiu constituir-se como indústria exportadora, pois seu modelo de negócios não mudou e continua permeado por um enfoque dirigido ao mercado interno. Um dos limites apontados é a língua portuguesa, que, diferentemente de outros idiomas, como o espanhol ou o inglês, tem um mercado geolinguístico mais limitado. Neste contexto, a indústria portuguesa tem procurado estender suas redes na direção de outros mercados, como o africano ou o da Europa do Leste. Contudo, estes fluxos são assimétricos e descontínuos – características que são perfeitamente aplicáveis dentro do âmbito Obitel, uma vez que países como Brasil e México conseguiram recriar estratégias de transnacionalização que, pelo menos no âmbito ibero-americano, puderam enfrentar o domínio global dos Estados Unidos no mercado da ficção.

O Brasil começou seu processo de transnacionalização no início dos anos 1970, quando a TV Globo vendeu para o Uruguai a telenovela “O bem-amado” (1973). A partir deste acontecimento, a TV Globo assumiu por mais de quatro décadas a posição de importante exportadora de ficção televisiva, conquistada pela alta qualidade técnica e narrativa de suas ficções. Nesse quesito, diferencia-se, por exemplo, do modelo mexicano, que apresenta conteúdo mais clássico e conservador e que, nos últimos anos, tem poupado recursos na produção de sua ficção.

O atual processo de transnacionalização da ficção televisiva brasileira é resultado de uma trajetória histórica que se sustentou na criação e no fortalecimento de um robusto mercado interno. Contudo, a principal característica da ficção brasileira, do ponto de vista comercial, é ter conseguido aliar aspectos de inovação temática e narrativa à consolidação de sua dimensão cultural, uma vez que não renuncia às características que fizeram da *novela* um gênero nacional de fato. Pelo contrário, enfatiza-as e matiza-as visando adaptá-las aos variados gostos nacionais e internacionais. As estratégias de internacionalização atuais do principal conglomerado midiático do país, a Rede Globo, dirigem-se a coproduções com Portugal (SIC), com os Estados Unidos (Telemundo) e com o México (TV Azteca), destinadas, respectivamente, à distribuição nos mercados de línguas portuguesa e hispânica. Dentro deste modelo, têm tido êxito as adaptações de sucessos nacionais, clássicos ou atuais, como *O clone*, *Dancin’ days* e *Fina estampa*.

O México, por outro lado, nos últimos tempos, visando competir pelos mercados externos, tem sacrificado tanto a qualidade de suas ficções quanto o senso

de proximidade que historicamente mantinha com suas audiências. Esta urgência pelo “externo” tem suas raízes na vizinhança com os Estados Unidos, uma vez que, além de compartilharem fronteira geográfica, o elemento que potencializa a transnacionalização da ficção mexicana é a população hispânica nesse país. Esta, diferentemente de outros grupos demográficos, caracteriza-se por manter uma fidelidade ao consumo de produtos culturais em sua língua materna. Desta forma, o crescimento da população hispânica, tanto em número quanto em poder aquisitivo, não passa despercebido para as empresas estrangeiras ou para os produtores de ambos os lados da fronteira e nem para as agências de publicidade norte-americanas.

Os Estados Unidos configuram um caso muito interessante de estudo a respeito da complexa e assimétrica relação que provocam os fluxos de pessoas, capitais, tecnologias, mídias e ideias no espaço ibero-americano. A indústria teleficcional que está se desenvolvendo em território norte-americano exerce a função de um nó sociocultural-midiático que articula de maneira muito particular o senso de latinidade que converge nesta região. Historicamente, a entrada dos Estados Unidos na indústria teleficcional dirigida ao público latino teve início nos anos 1960, quando a Televisa do México era a empresa produtora e exportadora, e o mercado americano, o importador. Esta situação mudou quando foram criadas as primeiras empresas americanas de televisão destinadas a latinos nos Estados Unidos, sendo as mais destacadas Univisión e Telemundo. Desde 1987, Televisa e Univisión mantêm um convênio, segundo o qual, a empresa mexicana se compromete a fornecer conteúdos para a Univisión em caráter exclusivo para o mercado hispânico. Em troca, a Univisión paga à Televisa de acordo com os pontos de audiência que atingem os programas mexicanos no mercado estadunidense. O acordo é válido até 2025. Trata-se de claro exemplo de como operam os processos de transnacionalização entre um país com uma indústria forte e outro com uma indústria emergente. Contudo, esta fórmula de sucesso comercial foi rapidamente entendida pelas redes latinas dos Estados Unidos, que passaram a produzir ficções próprias, algumas com tanto sucesso quanto as provenientes dos mercados latino-americanos. Evidentemente, toda esta configuração plural de um modelo transnacional televisivo de sucesso deve-se fundamentalmente ao fato de que, hoje, a população latina nos Estados Unidos ultrapassa 50 milhões de pessoas (16,7% da população), além de ser o grupo demográfico que mais cresce no país.

A Espanha é outro país que começou a criar estratégias importantes de transnacionalização e, desde 2000, vem desenhando um modelo que, em 2011, já se traduziu em um aumento de 46,7% nas vendas de ficção para o exterior. Seu plano de exportação é tão bem-sucedido que este setor já representa aproximadamente 25% do faturamento das produtoras. A maior parte das vendas que a Espanha

realiza-se concentra na América Latina e, para potencializar as exportações, a maior produtora espanhola de ficção, a Globomedia, uniu-se em 2011 com a Newen Network, a principal rede de exportação de formatos televisivos da Europa. O objetivo é tornar a ficção televisiva espanhola um referencial de consumo também no continente europeu, onde pretende-se tornar uma forte concorrência para outras indústrias, como a mexicana e a brasileira, que há tempos exportam seus produtos para esta região, principalmente para a Europa do Leste. Além disso, a Espanha também tem explorado novos caminhos, pondo em marcha diversas estratégias de produção, como a externa, a coprodução e a colaboração em projeto internacional em troca do direito de transmissão. O modelo que até agora obteve melhores resultados foi o da coprodução de séries como *La reina del Sur* e *Amar en tiempos revueltos*. Destaque-se que a última foi uma coprodução do canal La 1 com a Telefonica, operadora de telecomunicações, em que esta tem os direitos de vendas para o exterior e para os canais por assinatura e, em troca, investe na rede espanhola 3 milhões de euros por ano. Esta quantia, que é vital para que este canal possa continuar investindo na produção de ficção, representa um modelo pouco explorado no resto do âmbito Obitel.

Embora exista uma clara concentração do capital nacional nas indústrias de ficção, é cada vez mais comum que os países do Obitel apresentem “estratégias diferenciadas de coprodução ou de cofinanciamento de séries e telenovelas com outros países” (Lopes e Orozco, 2012, p. 82).

A tendência mais clara, neste sentido, é observada em países com indústrias emergentes – Chile, Venezuela, Uruguai, Equador e Portugal –, que começam a explorar esquemas de coprodução como estratégia para fortalecer seus mercados e indústrias. Não obstante, este mesmo fenômeno também vem adquirindo relevância nos chamados países produtores, como Brasil, México, Argentina, Colômbia, Estados Unidos e Espanha, que têm adotado diferentes maneiras de coproduzir e vender seus produtos não apenas entre si, mas também para outros países (fora do âmbito Obitel). Dentro deste panorama, cabe assinalar o que ocorre na Argentina e na Colômbia que, nos últimos anos, vêm se tornando criadores de formatos para o mercado de ficção ibero-americano, uma vez que suas telenovelas e séries são replicadas (adaptadas) na maioria dos países Obitel – com exceção do Brasil, que conta com uma indústria forte e autônoma.

Na Argentina, a transnacionalização não é medida pela presença de capitais estrangeiros na produção de suas ficções, mas contabilizada pela venda de formatos, roteiros e estoque de produção que realiza anualmente. Um dos pilares deste sucesso é que os dois canais com mais peso e visibilidade (Telefé e El Trece)

contam com espaços próprios de comercialização, o que proporciona maior rentabilidade, eliminando os intermediários.

A Colômbia, por sua vez, apresenta um vertiginoso processo de transnacionalização, com a conjunção de estratégias próprias de comercialização e convênios de colaboração com empresas internacionais, de modo muito similar ao modelo espanhol. Isto permitiu a comercialização de suas ficções para toda a Ibero-América e também realizar coproduções com uma das maiores indústrias de entretenimento, a Walt Disney, como a telenovela *La baby sister*. Outro ponto forte deste processo é que muitas de suas telenovelas transformaram-se em franquias, gerando receitas consideráveis pela cessão de direitos. Algumas destas telenovelas-franquia são *Café con aroma de mujer*, *En los tacones de Eva*, *La hija del mariachi* e *Betty, la fea*.

Em síntese, a transnacionalização da ficção televisiva entre as indústrias nacionais dos países que compõem o Obitel apresenta graus distintos de intensidade e diversidade de estratégias. Países como Equador, Venezuela e Uruguai têm baixa capacidade como indústria, uma vez que mais de 50% das dez ficções mais vistas no país correspondem a produtos estrangeiros. De outro lado está o Brasil, onde a TV Globo mostra um modelo de indústria ficcional que adota uma nítida distinção entre o mercado interno e o circuito transnacional no qual opera. Em todos os anos acompanhados pelo Obitel (desde 2007), reiteradamente, na lista das dez ficções mais vistas do ano no país, 100% têm sido produções da TV Globo, sendo que, em média, 60% são telenovelas e 40% se distribuem em séries e minisséries. Em contrapartida, suas coproduções com Telemundo, TV Azteca e em Portugal apresentam estratégias diversas, além da característica comum de serem distribuídas exclusivamente no mercado internacional e não no mercado interno.

Diferentemente dos anos anteriores, em 2011, o Chile conseguiu despontar como indústria, ao compor os *dez mais* com produtos locais. Os Estados Unidos continuaram a mostrar uma grande dependência das produções mexicanas, porém, ao mesmo tempo, aparece como coprodutor de conteúdos. Cabe destacar, ainda, que México, Colômbia, Argentina e Espanha continuam mostrando solidez em suas indústrias nacionais, e apenas uma porcentagem abaixo de 20% de seus *dez mais* é composta por produtos estrangeiros. Um caso interessante neste ano foi a série *La reina del sur*, coprodução de Espanha e Colômbia, que obteve sucesso na Espanha, México, Colômbia e Estados Unidos.

O quadro 1 resume o fluxo de importação e exportação das dez ficções mais vistas em 2011 entre os países que integram o Obitel.

QUADRO 1

Fluxos televisivos e proximidade cultural e linguística com base nos *dez mais* (2011)

	Países de onde se importou algum dos <i>dez mais</i>	Países para onde se exportou algum dos <i>dez mais</i>
Argentina	México, Colômbia, Brasil	México, Colômbia, Venezuela, Equador, Uruguai, Estados Unidos, Chile
Brasil	-	México, Argentina, Colômbia, Venezuela, Equador, Uruguai, Chile
Chile	-	-
Colômbia	México, Estados Unidos, Chile	Argentina, Colômbia, Venezuela, Equador, Uruguai, Estados Unidos, Chile
Equador	México, Brasil, Colômbia, Argentina	-
Espanha	México, Colômbia y Estados Unidos	México, Colômbia, Estados Unidos
Estados Unidos	-	México, Equador, Venezuela
México	Argentina, Colômbia, Estados Unidos	Argentina, Colômbia, Venezuela, Equador, Uruguai, Estados Unidos, Chile
Portugal	Brasil	Brasil
Uruguai	Brasil, México, Argentina	-
Venezuela	México, Brasil, Colômbia, Argentina	-

Elaboração dos autores.

Parece claro, nesses fluxos de transnacionalização nos países Obitel em 2011, que as trocas entre um país e outro se estabelecem, majoritariamente em função da estreita relação entre nações que compartilham fronteiras, o que por si só tende a alavancar trocas culturais e comerciais intensas. É o que se vê nos casos de Estados Unidos e México, Colômbia e Venezuela, e Uruguai e Brasil. Contudo, as regiões linguísticas e a proximidade cultural também são marcos de relações e dinâmicas particulares entre determinados países, a exemplo do que acontece entre Brasil e Portugal (países lusófonos), bem como entre os demais países hispânicos entre si. Sobretudo, nota-se que a presença dos exportadores tradicionais de ficção televisiva na área ibero-americana continua desempenhando um papel importante neste cenário de proximidade geolinguístico e de fluxos migratórios intensos. São as presenças de Brasil, México e, mais recentemente, Estados Unidos: o Brasil, com a TV Globo; o México, por meio da Televisa; e os Estados Unidos, com a produção de Miami e a coprodução de Hollywood (Disney, Nickelodeon, MTV, HBO).

Portanto, entender os processos de transnacionalização é compreender os processos de cada país em face do contexto regional/internacional e neles observar as dinâmicas de diversas naturezas – econômica, social, cultural e política – que marcam suas televisões e, mais especificamente, as ficções televisivas. Estas dinâmicas se constroem a partir das injunções entre o local, o regional e o global, que nada mais são do que a perspectiva intercultural que tem sido adotada pelo Obitel, desde sua fundação, em 2005.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos desenvolvidos pela Rede Obitel inserem-se na abordagem comunicacional e cultural, de cunho transdisciplinar, que busca compreender as transformações que vêm ocorrendo no contexto contemporâneo da produção e da circulação de produtos ficcionais. As narrativas ficcionais de televisão configuram-se como uma espécie de resposta a uma necessidade difusa e universal de ouvir e de ver; criam e articulam temas e interesses fortes – elementares, básicos, ou melhor, primários, da vida cotidiana, do estar no mundo. No entanto, não se confundem nem com uma rudeza de estruturas narrativas nem com uma pobreza de significados simbólicos e culturais. Dentro deste quadro, a ficção televisiva não deve ser pensada como uma história específica, uma particular produção de gênero, mas, antes, no inteiro *corpus* e fluxo das narrativas por onde assume a função de preservar, construir e reconstruir um senso comum da vida cotidiana.

Dentro dessa perspectiva, a transnacionalização da ficção televisiva foi o tema do ano debatido no VII Seminário Internacional Obitel e deve ser continuamente foco de atenção, uma vez que os processos de circulação dos produtos ficcionais apresentam-se como peças-chave no contexto comunicacional contemporâneo. Contexto em que, cada vez mais, as indústrias criativas devem fazer frente a uma série de transformações desencadeadas pelas novas formas de ver e consumir ficção – seja ela televisiva ou não. A dinâmica destas transformações aponta para um quadro que desafia modelos e estratégias de produção, distribuição e consumo de ficção, que demanda também, por parte do pesquisador, a construção de modelos teóricos e metodológicos que façam frente à complexidade das relações entre estas instâncias. É com este espírito que a rede Obitel de pesquisadores da ficção televisiva tem se proposto a investigar não apenas temas tradicionais do cenário televisivo, mas, principalmente, os temas emergentes, entre os quais, os desafios da transnacionalização e a interculturalidade – que está em seu bojo – foram especificamente focados em 2011.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, B. **Imagined communities: reflexions on the origins and spread of nationalism**. London: Verso, 1983.
- APPADURAI, A. **Modernity at large. Cultural dimensions of globalization**. Minneapolis, University of Minnesota Press, 1997.
- BHABHA, H. **Nazione e narrazione**. Roma: Meltemi, 1997.
- CANLINI, N. G. **A globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2007.
- LOPES, M. I. V.; OROZCO, G. G. **Anuário Obitel**. 2012.

LA PASTINA, A. C.; STRAUBHAAR, J. D. Multiple proximities between television genres and audiences: the schism between telenovela's global distribution and local consumption. **International communication gazette**, v. 67, n. 3, p. 271-288, 2005. Disponível em: <<http://gaz.sagepub.com/content/67/3/271.full.pdf+html>>.

MARTÍN-BARBERO, J. **De los Medios a las Mediaciones**. Barcelona: Gustavo Gili, 1987.

SINCLAIR, J. Geo-linguistic region as global space: the case of Latin America. In: ALLEN, R.; HILL, A. (Eds.). **The television studies reader**. London: Routledge, 2004.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

LOPES, M. I. V.; VILCHES, L. (Orgs.). **Culturas y mercados de la ficción televisiva en Iberoamérica**. Barcelona: Gedisa, 2007. (Anuário Obitel 2007, v. 1).

_____. (Orgs.). **Mercados globais, histórias nacionais**. São Paulo: Globo, 2008a. (Anuário Obitel 2008, v. 2).

_____. (Orgs.). **Global markets, local stories**. São Paulo: Globo, 2008b. (Obitel Yearbook 2008, v. 2).

LOPES, M.I.V.; GÓMEZ, G. O. (Orgs.). **A ficção televisiva em países ibero-americanos: narrativas, formatos e publicidade**. São Paulo: Globo, 2009a. (Anuário Obitel 2009, v. 3).

_____. (Orgs.). **La ficción televisiva en Iberoamérica: narrativas, formatos y publicidad**. Guadalajara: Ediciones de la Noche, 2009b. (Anuário Obitel 2009, v. 3).

_____. (Orgs.). **Television fiction in Ibero-America: narratives, formats and advertising**. São Paulo: Globo, 2009c. (Obitel Yearbook 2009, v. 3).

_____. (Orgs.). **Convergências e transmediação da ficção televisiva**. São Paulo: Globo, 2010a. (Anuário Obitel 2010, v. 4).

_____. (Orgs.). **Convergencias y transmediación de la ficción televisiva**. São Paulo: Globo, 2010b. (Anuário Obitel 2010, v. 4).

_____. (Orgs.). **Qualidade na ficção televisiva e participação transmidiática das audiências**. São Paulo: Globo, 2011a. (Anuário Obitel 2011, v. 5).

_____. (Orgs.). **Calidad de la ficción televisiva y participación transmediática de las audiencias**. São Paulo: Globo, 2011b. (Anuário Obitel 2011, v. 5).

_____. (Orgs.). **Quality in television fiction and audiences transmedia interactions**. São Paulo: Globo, 2011. (Obitel Yearbook 2011, v. 5). Disponível em: <<http://obitel.net/anoario/>>. Acesso em: 16 nov. 2012.

_____. (Orgs.). **Transacionalização da ficção televisiva nos países Ibero-americanos**. Anuário Obitel 2012. Porto Alegre: Sulina, 2012. v. 6. Disponível em: <<http://glaz.com.br/silvia/wp-content/uploads/2012/09/obitel2012portugus-120912123441-phpapp02.pdf>>.

_____. (Orgs.). **Transnacionalización de la ficción televisiva en los países Ibero-americanos**. Anuário Obitel 2012. Porto Alegre: Sulina, 2012. v. 6. Disponível em: <<http://glaz.com.br/silvia/wp-content/uploads/2012/09/obitel2012espanhol-120912131100-phpapp02.pdf>>.

_____. (Orgs.). **Transnationalization of television fiction in the Ibero-American countries**. Porto Alegre: Sulina, 2012. (Obitel Yearbook 2012, v. 6). Disponível em: <<http://glaz.com.br/silvia/wp-content/uploads/2012/09/obitel2012ingls-120912132010-phpapp02.pdf>>.

STRAUBHAAR, J. Beyond media imperialism: asymmetrical interdependence and cultural proximity. **Critical studies in mass communication**, n. 8, p. 39-59, 1991. Disponível em: <<http://www.nabilechchaibi.com/resources/Straubhaar.Beyond%20Media%20Imperialism.pdf>>.

A TRAJETÓRIA DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE INVESTIGADORES EM *BRANDING* – OBSERVATÓRIO DE MARCAS

Elizete de Azevedo Kreutz*

1 INTRODUÇÃO

O Observatório de Marcas é um programa internacional de pesquisa que reúne e reunirá pesquisadores de instituições de ensino superior (IES) e profissionais de diferentes países. Eles são selecionados pelo notório conhecimento nas áreas de comunicação, *marketing*, economia, direito, *branding*, entre outras, para desenvolver pesquisas abrangendo a marca e seus processos de compreensão, construção, consolidação, proteção e avaliação, identificando e analisando as principais tendências das estratégias comunicacionais e de gestão de marcas (*branding*).

A trajetória da Associação Internacional de Investigadores de *Branding* – Observatório de Marcas – iniciou-se em 2009 e foi oficialmente fundada em 10 de julho de 2010. Entretanto, antes disto, há vários anos os estudos de marcas já estavam sendo realizados por iniciativa pessoal de pesquisadores.

Em 2007, no Brasil, um grupo multidisciplinar de pesquisadores – pertencentes às IES Centro Universitário Univates, de Lajeado-RS; Universidade Feevale, de Novo Hamburgo-RS; e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – dirige seus esforços para estudar a Construção de marcas na cadeia produtiva de leite, pesquisa que conta com o apoio financeiro da Univates, da Fundação Nacional de Desenvolvimento do Ensino Superior Particular (FUNADESP) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Em 2008, essa pesquisa é iniciada, e integra-se oficialmente ao grupo a pesquisadora portuguesa doutora Maria Carminda Bernardes Silvestre, representando o Instituto Politécnico de Leiria (IPL), instituição com a qual a Univates tem convênio de cooperação, sendo este o primeiro passo para a internacionalização da pesquisa.

* Doutora em comunicação social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS); e professora titular do Centro Universitário Univates.

2 INTERNACIONALIZAÇÃO DA PESQUISA

No segundo semestre de 2008, inicia-se um acordo de cooperação entre a Univates e a Universidad Mayor (UMayor), de Santiago, Chile, indicado pela Feevale. Com este acordo e por iniciativa dos pesquisadores envolvidos, inicia-se o processo de internacionalização da pesquisa em marcas no Mercado Comum do Sul (Mercosul), por meio de um programa idealizado pelo professor e diretor da pós-graduação em comunicação e novas tecnologias da UMayor, Francisco Más Fernández, e criado e desenvolvido por ele e pela professora Elizete de Azevedo Kreutz, da Univates.

Esse programa abrange o ensino, por meio dos cursos internacionais de especialização e mestrado *Comunicación estratégica y branding*; a pesquisa e publicação, pelo Observatório de Marcas; e a extensão, por meio dos eventos promovidos, como palestras, *workshops*, congressos, entre outros. O curso de mestrado e MBA em comunicação estratégica e *branding* iniciou suas atividades em junho de 2009 na UMayor; e em setembro de 2009 na Feevale. Atualmente, as atividades da quarta edição estão sendo finalizadas.

Em 2009, dando continuidade aos estudos, foram contabilizados vários eventos, entre eles: a realização de doze publicações e apresentações em congressos, doze palestras, um *workshop*, quatro apresentações, três participações em salão de iniciação científica e quatro projetos pedagógicos de cursos. Entre estas ações, destacam-se: palestras na Univates, em agosto de 2009, sobre O discurso da marca na cadeia produtiva de leite e a Avaliação de intangíveis: marcas, por, respectivamente, doutora Carminda Silvestre e doutora Natália Canadas, ambas docentes e pesquisadoras do Instituto Politécnico de Leiria, em Portugal. Em setembro de 2009, as seguintes palestras foram apresentadas: Comunicação argumentativa, Tendências das estratégias de comunicação e *branding* e Comunicação, persuasão e argumentação jurídica, realizadas pelo mestre Francisco Más Fernández, da UMayor.

Nos anos seguintes, intensificaram-se as ações do grupo de pesquisadores do Observatório de Marcas, que – somadas às ações anteriores – foram: 33 artigos; mais de 27 palestras; cinco entrevistas; sete *workshops*; quatro mesas redondas; quatro aulas magna; 71 apresentações em eventos; quatro pesquisas; 24 orientações conjuntas de trabalho de conclusão de curso; doze participações de bancas de finalização de curso; cinco projetos pedagógicos de curso; criação e desenvolvimento da revista científica digital *BrandTrends*.

Entre as atividades conjuntas do grupo de pesquisadores, destacam-se: mesa temática sobre *brand*, em 2010 e 2011, no I e II Congressos Internacionais sobre Brand – na UMayor e no IPL; quatro palestras sobre *green branding*, *antibranding*, *branding* nas empresas familiares e *branding* e *design*, realizadas na Univates e na Feevale, pelo professor Fernando Olivares, da Espanha; palestra sobre Marcas e valor, realizada por Ricardo Cappra, em Novo Hambur-

go; sobre Gestão da comunicação, por Elizete de Azevedo Kreutz, na Escola Superior de Turismo e Tecnologias do Mar, em Peniche, Portugal; Novas e velhas mídias na gestão de marcas: a convergência digital nos negócios (gerações X e Y), por Ricardo Cappra e Dado Schneider, em Lajeado-RS; *Marketing* estratégico para o cooperativismo, por Elizete Kreutz, em Belo Horizonte-MG; *Mutant brand: the firstness of peirce for rationality laws*, por Thaís Müller e Elizete Kreutz, na International Association for Media and Communication Research (IAMCR), em Braga, Portugal; Tendências de comunicação estratégica e *branding*, no IPL, em Portugal; Discurso da marca mutante, no Centro de Pesquisas em Análise de Discurso Crítica (CEPADIC), da Universidade de Brasília (UnB), em Brasília-DF; *Brand identity and performance*: identidade visual mutante, no IPL, em Portugal, por Elizete Kreutz; Marcas 2.0 e *prosumers*, por Roberto Eskenazi, do Chile, na Feevale; As metáforas visuais no discurso da educação, por Josenia Vieira, da Universidade de São Paulo (USP); Toda marca muda, palestra muda, por Dado Schneider, na Univates; entre outras.

Em outubro de 2011, o Observatório lança a sua revista científica digital denominada *BrandTrends*.

É uma revista internacional, de publicação bi-anual, *peer-refereed*, mediada em língua portuguesa, espanhola, inglesa e francesa aberta a colaboradores de todas as partes do mundo interessados na área de Comunicação Estratégica e *Branding*. Na sua gênese incorpora as (inter)relações e interdependências que caracterizam a vida privada, social e profissional dos nossos dias. Ela nasce dessas redes, dessas conexões, dessas interações que do sonho fazem obra. Proveniente de diferentes continentes, de espaços geograficamente separados por oceanos, atravessa fronteiras espaciais criando um espaço comum global, caracterizado pela vontade de partilha de conhecimento novo, de partilha de preocupações que a todos dizem respeito, quer este esteja no Brasil, Chile, Portugal, Espanha, França ou qualquer outro país. Este espaço experiencial, interpessoal e textual dilui as fronteiras da língua, do espaço físico, da cultura para conjuntamente criarmos trabalho relevante, de elevada qualidade, para as nossas vidas, para as organizações e para a sociedade em geral.

Do sonho se materializa a obra com o objetivo de criar um espaço onde os acadêmicos, pesquisadores e profissionais possam conjuntamente encontrar no *interplay* de saberes, um espaço de convivência, de aprendizagem mútua, de crescimento conjunto onde possam ser (re)pensadas as teorias, as práticas, as metodologias e problematizados alguns postulados fundadores de áreas do saber canônico e de práticas profissionais enraizadas nesses saberes de forma a promover a discussão e disseminação do conhecimento gerado por acadêmicos e profissionais de mercado. Os desafios envolvidos neste empreendimento dizem que vale a pena acreditar, porque nunca se sabe de onde e de quem se pode aprender a nossa próxima lição (...).

A escolha de reunir artigos em diversas línguas procura não só conciliar um espaço de expressão na língua que é própria de uma cultura determinada, com as *nuances* e

particularidades específicas, mas também multiplicar o impacto das reflexões acerca das marcas e de suas diversas formas de comunicação nos países de língua latina. Deste modo, enriquecem-se e ampliam-se os meios tradicionais de comunicação entre os parceiros nacionais e internacionais, numa rede que agrupa estudiosos de vários países, possibilitando o aumento de divulgação de trabalhos, contribuindo para a sua qualidade e credibilidade num universo que ultrapassa dimensões regionais ou nacionais (Silvestre *et al.*, 2011, p. 4-5).

O primeiro número da revista *BrandTrends*, lançado em outubro de 2011, teve como foco a Comunicação estratégica e *branding*, com a presença de autores convidados que contribuíram com artigos, entrevistas, resenhas, entre outros textos. O segundo número, de abril de 2012, abordou o tema *Branding & business* em razão de projeto de curso de autoria dos membros do Observatório. Em outubro de 2012, o terceiro número contou com a contribuição de vários profissionais e pesquisadores que enfocaram a Construção da marca.¹

Com o objetivo de homenagear profissionais de notório reconhecimento pelas contribuições em suas áreas de atuação, a *BrandTrends* tem escolhido um presidente de honra para cada número lançado. O primeiro homenageado foi Joan Costa, espanhol, comunicólogo, sociólogo, *designer*, pesquisador em *branding*, consultor corporativo, professor universitário em diferentes países e autor de mais de trinta livros. É um dos fundadores da *Ciència de la comunicació visual* e *doctor honoris causa* pela Universidad Jaume I, da Comunidade de Valenciana, Espanha, e pela Universidad Siglo 21, em Córdoba, Argentina. A Universidad Iberoamericana, do México, criou, em 2001, a Cátedra Joan Costa, e a Universidad de Arte, Ciencia y Comunicación (UNIACC), do Chile, o nomeou diretor internacional do curso de *design*.

O doutor José Marques de Melo também foi homenageado como presidente de honra da *BrandTrends*, no segundo número da revista. Professor, pesquisador, autor de inúmeras obras, Marques de Melo é um líder nato, pois idealizou inúmeras instituições no Brasil e fora dele – com o objetivo de desenvolver o campo da comunicação –, como também liderou diversas instituições; entre elas, a Associação Latino-Americana de Investigadores em Comunicação (ALAIC), a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), a Confederação Ibero-Americana das Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação (Confirbercom), a Federação Brasileira das Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação (Socicom), entre outras. Nas palavras do doutor Antonio Hohlfeldt:

O Observatório de Marcas decidiu convidar o Professor José Marques de Melo, alagoano de nascimento; pernambucano de adoção e paulista por opção, como o seu Presidente de Honra. O que é um Presidente de Honra? Ele deve ser a

1. A revista está disponível no site: <<http://www.brandtrendsjournal.com/>>.

personificação da entidade: deve ser pioneiro. Deve ser ousado. Deve ser referência no campo de atividades que vai presidir. Deve ser incontestável. Pois tudo isso José Marques de Melo é. (...) Ter José Marques de Melo como Presidente de Honra, assim, coloca o Observatório de Marcas sob uma bandeira que é a bandeira deste personagem admirável: estamos nos comprometendo com um projeto profundamente humanista, internacionalista e utópico, sem perder, jamais, as raízes que nos devem ligar ao local e ao regional (Hohlfeldt, 2012, p. 6 -7).

No terceiro número da revista, de outubro de 2012, o presidente de honra foi o representante do Chile, o professor Manuel Segura, que por mais de quarenta anos exerce suas atividades acadêmicas e profissionais como diretor da Escola de Publicidade da Universidad del Pacifico (Upacifico) e, posteriormente, como decano da Faculdade de Comunicações. Atualmente, é presidente do Centro de Inovação e Marketing da UPacifico. Manuel Segura foi um dos fundadores da educação publicitária no Chile, reconhecido por seu aporte a muitos jovens publicitários, tem sido um grande propulsor das condutas éticas publicitárias no Chile, desempenhando o cargo de diretor do Conselho de Autorregulamentação Publicitária (Conar) (Muñoz, 2012, p. 6-7).

Em 2012, além de participar e promover eventos, o Observatório de Marcas priorizou três áreas para focar seus esforços e atender aos objetivos estatutários da associação; são eles, a revista científica *BrandTrends* – comentada anteriormente –, os acordos de cooperação técnica e científica e o seu primeiro curso de pós-graduação *Branding & business*.

3 ACORDOS DE COOPERAÇÃO

Os acordos de cooperação desenvolvem-se nos domínios técnicos e científicos de interesse comum, de modo que as relações de intercâmbio resultantes permitam uma conjugação de ações que originem benefícios para ambas as partes. O primeiro acordo de cooperação foi assinado, em janeiro de 2012, entre o Observatório e o Grupo de Serviços de Marca (GAD),² que possui uma trajetória de 27 anos no mercado e uma estrutura de cinco empresas integradas e atuantes em São Paulo, Porto Alegre e Novo Hamburgo.

O segundo acordo foi firmado com a Univates,³ em março de 2012, instituição comunitária sem fins lucrativos, localizada em Lajeado/RS, onde atua desde 1969 e está em 73º lugar no *ranking* nacional das IES brasileiras e na terceira melhor posição entre as instituições não públicas do Rio Grande do Sul.⁴

2. Para mais informações, ver: <<http://www.gad.com.br/>>.

3. Para mais informações, ver: <<http://www.univates.br/>>.

4. Para mais informações, ver: <<http://www.univates.br/>>.

O terceiro acordo de cooperação foi firmado, em julho de 2012, com a empresa OMD Chile S/A,⁵ pertencente ao Omnicom Media Group, que é reconhecida mundialmente por suas estratégias inovadoras, pela criatividade e eficácia nas campanhas internacionais de marcas, e por suas pesquisas de ponta. Esta empresa recebeu o prêmio da ADWEEK de 2011 como a agência do ano em *global media* e, em 2012, recebeu o Agency Network of the Year pela M&M Global Awards ocorrido em Londres, além de ter conquistado outros prêmios relevantes.

Diversos acordos estão sendo estudados com outras associações e centros de investigações, dedicados à pesquisa científica e abrangendo o tema marcas. A pesquisa está dividida em cinco eixos que interagem entre si e se complementam, abarcando o monitoramento permanente das realidades dos mercados e das sociedades brasileiros, o desenvolvimento e a autoavaliação das metodologias e os instrumentos aplicados para a realização de: *i*) tendências das estratégias comunicacionais e *branding*; *ii*) análise do discurso multimodal da marca; *iii*) avaliação de marcas; *iv*) comunicação estratégica integrada de marca; e *v*) *design* e marca.

4 CONCLUSÕES

O Observatório busca dar suporte às ações que permitem orientar os profissionais para a gestão da marca de forma mais eficiente. E uma das formas para que isto aconteça é oferecer cursos específicos, como o *Branding & business*, um curso internacional – em parceria com IES – que articula um coletivo transdisciplinar de intelectuais críticos, docentes, profissionais e pesquisadores de diferentes países e de notório conhecimento em suas áreas de atuação, e oferece a seus participantes conteúdos e práticas que lhes permitam compreender a marca e seus processos de construção, consolidação, proteção e avaliação, capacitando-os a uma prática profissional crítica e transformadora – com informação e visão ampla do mundo –, contribuindo assim para o desenvolvimento da produção científica aplicada ao mercado e vice-versa.

Em acordo firmado com a Univates, o curso *Branding & business* iniciará suas atividades em 2013.⁶ Mais dois acordos para a realização do curso estão articulados, com Chile e Portugal. Também estão previstos cursos de extensão de curta duração direcionados às IES e/ou às empresas (*in company*), bem como eventos – congressos, palestras, mesas temáticas, seminários, entre outros – e publicações com o objetivo de disseminar o conhecimento dos membros do Observatório.

5. Para mais informações, ver: <<http://www.omb.com/>>.

6. Para mais informações, ver: <<http://www.univates.br/pos-graduacao/branding-e-business>> e <<http://www.univates.br/pos-graduacao/branding-e-business/corpo-docente>>.

Considerando que há muito a ser feito nessa associação, todos são muito bem-vindos para colaborar com essa construção.⁷

REFERÊNCIAS

HOHLFELDT, A. José Marques de Melo: um presidente de honra e a nossa responsabilidade. **BrandTrends**, ano 2, v. 2, n. 2, p. 6-7, abr. 2012. Disponível em: <<http://www.brandtrendsjournal.com/images/stories/flip/HTMLBT2/bt2/index.html>>. Acesso em: dez. 2012.

MUÑOZ, J. Professor Manuel Segura. **BrandTrends**, ano 2, v. 3, n. 3, p. 6 e 7, out. 2012. Disponível em: <<http://www.brandtrendsjournal.com/images/stories/flip/BT3/index.html>>. Acesso em: dez. 2012.

SILVESTRE, C. *et al.* BrandTrends Journal. **BrandTrends**, ano 1, v. 1, n. 1, p. 4- 5, out. 2011. Disponível em: <<http://www.brandtrendsjournal.com/images/stories/flip/brandtrendsjournal/index.html>>. Acesso em: dez. 2012.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

COSTA, J.; OLIVARES, F. Diálogo sobre marcas entre Joan Costa e Fernando Olivares. **BrandTrends**, ano 2, v. 2, n. 2, p. 8-13, abr. 2012. Disponível em: <<http://www.brandtrendsjournal.com/images/stories/flip/HTMLBT2/bt2/index.html>>. Acesso em: dez. 2012.

KREUTZ, E. A.; MÁZ FERNÁNDEZ, F. J. Observatório de Marcas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32. Curitiba, 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1618-1.pdf>>. Acesso em: dez. 2012.

7. Os interessados em participar do Observatório de Marcas podem entrar em contato pelo e-mail <elizete.kreutz@hotmail.com>. E mais informações podem ser obtidas no site <www.observatoriodemarcas.org>.

BRASIL-DINAMARCA I: FESTIVAL ORECOMM-2012 ABRE PERSPECTIVAS PARA COOPERAÇÃO BRASIL-DINAMARCA

Cicília M. Krohling Peruzzo*

Realizou-se de 14 a 17 de setembro de 2012 o Orecomm Festival¹ com o tema central *Reclaiming the public sphere – communication, power and social change*. O evento foi auspiciado pela Roskilde University Copenhagen, Dinamarca, e pela Lund University, de Malmö, Suécia. As atividades aconteceram nas duas universidades sob a coordenação de Thomas Tufte, codiretor do Centre for Communication and Global Change da Roskilde University. Participaram 272 pessoas, entre eles palestrantes de dezoito países – Alemanha, Dinamarca, Suécia, México, Bélgica, Estados Unidos, Tanzânia, Noruega, Gana, Índia, Inglaterra, Brasil, Rússia, Filipinas, Uganda, entre outros. Do Brasil, sete pessoas estiveram presentes, sendo que três participaram como palestrantes do painel *Media, Citizens and Participatory Governance in Brazil*. Foram eles César Bolaño, da Universidade Federal de Sergipe (UFS), Cicília M. Krohling Peruzzo, da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), e Nilda Jacks da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Em continuidade a essa participação, está em curso um projeto de cooperação entre essas três universidades brasileiras mencionadas e a Roskilde University, visando promover o intercâmbio da produção acadêmica na linha da comunicação para a transformação social e, em médio prazo, a realização de investigações conjuntas. Para tanto, foram promovidas reuniões, bem como um *workshop* entre a representação brasileira e professores dinamarqueses para discutir propostas e tecer encaminhamentos sobre um possível projeto de pesquisa coletivo.

Como parte do projeto de cooperação, os professores Thomas Tufte e Norbert Wildermuth participaram, nos meses de novembro e dezembro de 2012, de seminários e colóquios de pesquisa na UMEP (São Bernardo do Campo - SP), na UFS (Aracaju - SE) e na UFRGS (Porto Alegre - RS).

* Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

1. Para mais informações sobre o Orecomm Festival, visite o portal: <<http://orecomm.net/2012/invitation-orecomm-festival-2012/>>.

BRASIL-DINAMARCA II: SINACOM 2012 RESGATA PRECEDENTES DE COOPERAÇÃO ACADÊMICA NA FUNDAÇÃO DA INTERCOM*

José Marques de Melo**

Dois signos aparentemente desconexos conotaram o espírito da sessão comemorativa dos 35 anos de fundação da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom): tratavam-se das presenças de Thomas Tufte e de Angela Cassiano.

Só depois é que se deu conta dos liames que conectavam os dois participantes daquele episódio aleatório. Por isso fez-se questão de anotar as circunstâncias que determinaram a confluência histórica de profissionais tão emblemáticos, pois não foi premeditado este tipo de situação.

Ambos haviam perguntado os motivos das respectivas presenças. Foi respondido ao Tufte que seu depoimento seria importante para elucidar o papel desempenhado pela rede Nordic Information Centre for Media and Communication Research (Nordicom) no processo de neutralização da hegemonia anglófila nos rumos da comunidade mundial de ciências da comunicação. Quanto à natural curiosidade de Cassiano, foi explicado que o motivo remetia ao seu papel como visionária, concebendo um modelo para instituir a Intercom. Admite-se que foi ocasional a descoberta do desempenho de Angela Cassiano como desbravadora dos caminhos que hoje aproximam os pesquisadores brasileiros dos países integrantes do bloco Nordicom, sendo ela uma das três mulheres que integraram o grupo fundador da Intercom em 1977, e foi homenageada durante o VII Simpósio Nacional de Ciências da Comunicação – Sinacom 2012.

Sendo *Geração Intercom: novos artífices das ciências da comunicação* o tema central desse evento, ninguém melhor do que ela para servir como ícone, motivando a geração nascida em 1977 a pensar utopicamente a sociedade científica atual.

Ao ser entrevistada para uma matéria do Jornal da Intercom (edição nº 222, novembro de 2012), Angela proclamou-se surpresa pela distinção. Na condição

* Texto baseado no discurso proferido na sessão solene de comemoração dos 35 anos de fundação da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), realizada no dia 12 de dezembro de 2012, durante o VII Simpósio Nacional de Ciências da Comunicação, evento quinquenal destinado a fazer um balanço crítico dos avanços conquistados.

** Presidente de honra da Intercom.

de presidente de honra e em certo sentido testemunha ocular dessa história, assim justificou o autor deste texto.

Eram três as mulheres participantes da assembleia de fundação: Lourdes Thiago Neves, Maria Luiza Bretas e Angela Cassiano. As duas primeiras já faleceram. A homenagem a Angela se justificava por tal circunstância e, sobretudo, para celebrar o seu sucesso como empresária de comunicação.

As três fundadoras eram docentes da Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero, entidade que abrigou inicialmente este grupo. Angela também lecionava na mesma instituição, mas deixou a docência para fundar uma assessoria de comunicação. Ela escreveu o livro *Vinte anos de boas notícias – práticas de assessoria de imprensa*, em 2002. A homenagem que lhe prestamos naquele momento pretendia celebrar dez anos de publicação desta obra emblemática.

Mesmo surpresa com a indicação, Angela recordou sua ligação com a Intercom desde o início:

Como estudante, frequentava muito o CEBRAP (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento), fundado pelo Fernando Henrique e dona Ruth Cardoso. Eu achava aquilo o reduto do saber e durante o mestrado comecei a trocar ideias com o Faro (José Salvador Faro) sobre termos um “CEBRAP da Comunicação”. De repente, a Intercom passou a existir.

Angela revelou os primeiros passos desta associação:

Foi mesmo o começo de tudo, a ideia, a proposta, o primeiro congresso. Eu era mesmo professora de lógica, mas também dei aula de relações públicas empresariais. Apesar de boa professora, eu nunca fui genuinamente do mundo acadêmico. Sempre trabalhei na minha área (comunicação/jornalismo). Quando deixei a vida acadêmica, também me desliguei da Intercom.

Depois de ter participado da assembleia fundacional, no dia 12 de dezembro de 1977, Angela aproveitou as férias de verão para fazer uma visita cultural ao mundo nórdico. Nesse sentido, ela abriu as portas das universidades daquela região à Intercom, processo que ganha significação nesse ato solene, com a presença do professor Thomas Tufte, amigo do Brasil que vem propiciando fértil intercâmbio com os associados, desde o I Colóquio Brasil-Dinamarca de Ciências da Comunicação, realizado na cidade de Londrina (PR), durante o congresso de 1996.

Para documentar aquele episódio, vale a pena transcrever o registro que dele faz o nº 0 do Boletim Intercom, cuja circulação se deu em março de 1978.

Angela Cassiano regressou em março de uma viagem de estudos de três meses à Escandinávia, onde manteve contato com os principais centros de estudos da região. Em São Paulo, reassumiu a cadeira de Lógica na Faculdade de Comunicação

Social Cásper Líbero onde também conclui este ano seu curso de mestrado em Jornalismo Brasileiro e Comparado.

Em novembro de 1978, Angela ainda participou do I Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado na cidade de Santos. Atualmente, Angela Cassiano é diretora superintendente da Acesso Assessoria de Comunicação, que em 2012 completou 30 anos. Sempre se sentiu empreendedora: foi sócia de uma empresa pela primeira vez aos 23 anos. Também trabalhou como executiva por um período, o que permitiu juntar recursos para seguir sua vocação e construir um negócio. Antes de abrir a Acesso, fez comunicação corporativa em uma empresa de *marketing*, em uma época que nem se sabia o que era isso.

Angela formou-se cedo. Além disso, considera um diferencial o fato de que falava muitas línguas em um período em que não era tão comum, nos anos 1970. Isto permitiu experiências internacionais e abriu os horizontes. A empresa em que foi sócia aos 23 anos trabalhava com a adaptação de empresas estrangeiras ao mercado brasileiro, da concepção/implantação ao estabelecimento e promoção da imagem. Quando fez comunicação corporativa, aplicou teorias de um livro belga que havia traduzido, ou seja, aprendeu sozinha o que aplicou no Brasil e se tornou escola. Ela acredita que, ao fazer assessoria de imprensa, o profissional frequenta muitas empresas, conhece muitas realidades, muitos setores. É preciso conhecer bem cada organização e saber o que está se passando no mercado, com muito estudo sério.

Em relação ao cliente, é importante fazê-lo entender que imagem se constrói em longo prazo. Atualmente, Angela atua no desenvolvimento de políticas de comunicação corporativa, supervisiona os atendimentos e orienta as operações. Tem o sonho de deixar o escritório mais independente, a cargo da equipe, para se dedicar mais ao seu *hobby*, viajar.

Quem sabe, Angela volta a se integrar à Intercom, agora como emissária nos países nórdicos, cooperando com Thomas Tufte e retomando as iniciativas desenvolvidas previamente por Anamaria Fadul, Nilda Jacks, Cesar Bolaño, além de Círcia Peruzzo e Raquel Paiva. A homenagem que lhe foi prestada no dia 12 de dezembro foi ao mesmo tempo, sinal de reconhecimento institucional e expressão de agúrios históricos.

PARTE II

FLAGRANTES NACIONAIS

CINQUENTENÁRIO DAS CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NO BRASIL: CONGRESSO DO RECIFE 2011 CELEBROU PIONEIRISMO PERNAMBUCANO

Aline Maria Grego Lins*

1 INTRODUÇÃO

No *campus* verticalizado, erguido em uma área de pouco mais de 58 mil m² da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), no Recife, realizou-se, em 2011, o XXXIV Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom).

Evento carinhosamente batizado pela professora Marialva Barbosa de o “Intercom do aconchego”, em função da proximidade dos prédios, do jardim e dos espaços de convivência que compõem o *campus*, que contribuíram para os encontros mais frequentes entre os congressistas, oriundos dos mais diversos estados do Brasil e de alguns países vizinhos, além, é claro, da simpatia e acolhida aos congressistas pelos quase 500 voluntários da UNICAP, que se dedicaram à realização do congresso, antes, durante e depois do evento.

O Intercom Recife ganhou como marca o caranguejo midiático, antenado com o Brasil e o mundo.¹ A marca foi uma criação do professor de relações públicas e coordenador do curso de jogos digitais da UNICAP, Breno Carvalho, que, com seus alunos, produziu a mascote e a identidade visual do congresso com a cara do Recife – a cidade dos rios, das pontes e dos mangues, que, em pleno setembro de 2011, abriu espaço para reflexão e discussão sobre a comunicação e as pesquisas empíricas.

O XXXIV Congresso da Intercom foi ainda mais especial para os que fazem a UNICAP, uma vez que marcou as comemorações dos 50 anos de fundação do curso de jornalismo desta universidade, o mais antigo em funcionamento no Norte-Nordeste e um dos mais antigos do país. O curso é a prova viva do sonho e empenho do mestre Luiz Beltrão, jornalista pernambucano, que, em parceria

* Docente do curso de jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).

1. Referência ao *slogan* do Sistema Jornal do Commercio, em especial sua rádio, que destaca a assinatura: *Pernambuco falando para o mundo*. E quem vai dizer que isto não é possível em tempos de evolução midiática?

com o reitor à época (1961), padre jesuíta Aloísio Mosca – admirador e entusiasta da área da comunicação –, fundou o curso de jornalismo da UNICAP.

Foi também no curso de jornalismo da UNICAP que Luiz Beltrão criou o primeiro centro acadêmico nacional de estudos midiáticos, o Instituto de Ciências da Informação (INCIFORM) da Universidade Católica de Pernambuco (1963). Foi ainda editor da primeira revista brasileira de ciências da comunicação (*Comunicações & Problemas*, 1965) e o primeiro doutor em ciências da comunicação do Brasil (Universidade de Brasília, 1967).

Assim, nada mais justo que as bodas de ouro do curso de jornalismo da UNICAP fossem comemoradas com a realização do maior congresso da área da comunicação na América Latina, o Intercom, que reúne pesquisadores, professores e alunos de graduação e pós-graduação de diversos cursos da comunicação de todo o país e até de países vizinhos. Esta foi a forma encontrada pelos atuais professores e alunos do curso de honrar a memória e a vida de Luiz Beltrão, dedicada à academia e ao jornalismo. E homenagear, também, nomes ilustres formados pelo curso de jornalismo da UNICAP, a exemplo dos egressos das primeiras turmas, tais como o presidente de honra da Intercom, professor doutor José Marques de Melo, e o também pesquisador Roberto Benjamim, cronista e jornalista Ronildo Maia Leite – profissional que já atuava na imprensa, mas que decidiu fazer o curso, quando de sua criação, por entender ser o caminho proposto por Beltrão o mais adequado e seguro para transformar o ofício do jornalista de forma ética, com qualidade e ampliação do horizonte de seus profissionais, a partir da possibilidade de explorar não só as questões técnicas, próprias do jornalismo, mas, e sobretudo, contemplar a formação humanística.

Desse modo, o curso de jornalismo fundado por Beltrão, que surgiu antes mesmo da exigência do diploma, já identificava (no mercado de trabalho) a necessidade premente de formar com qualidade e excelência o profissional que iria atuar na imprensa local e nacional. Os nomes dos jornalistas formados pela UNICAP foram, ao longo dos anos, destacando-se e ocupando espaço no cenário nacional, a exemplo do ex-presidente da Intercom, Gaudêncio Torquato, entre outros, como Ricardo Noblat, Vera Ferraz, Helena Beltrão, Letícia Lins, Ângela Lacerda, Geneton Moraes Neto, Gerson Camarotti e Marcelo Gomes, que enveredou seu olhar de jornalista pelo cinema, tornando-se diretor premiado de filmes, como *Aspirinas e urubus* e *Viajo porque preciso, volto porque te amo*.

Foi nesse ambiente que aconteceu o XXXIV Congresso Intercom, resultado de um ano de trabalho da equipe do Intercom nacional e da equipe local formada na UNICAP, que contou com a dedicação e o empenho de professores, gestores, funcionários e alunos, que se desdobraram, antes e durante os cinco dias

de realização do congresso. Trabalho ativo, dinâmico, que seguiu mesmo depois do encerramento do congresso, pois o fim do evento não é o fim das atividades: produções de relatórios, prestações de contas e informações ainda demandam atividades de parte dos organizadores locais, mas, desta vez, com a responsabilidade e o alívio do dever cumprido.

O XXXIV Congresso da Intercom, considerado o maior evento científico na área da comunicação na América Latina, tanto em número de congressistas quanto em volume de trabalhos e publicações, trouxe oportunidades, sobretudo para a formação dos futuros pesquisadores na região Nordeste. Com o tema central: Quem tem medo da pesquisa empírica?, o congresso da Intercom de 2011 revelou importantes e significativas contribuições para a reflexão e o desenvolvimento de produtos e soluções inovadoras na comunicação e no turismo, de modo especial do Nordeste brasileiro, reunindo durante os cinco dias na UNICAP quase 4 mil congressistas, o que demandou adequada estrutura física, tecnológica e humana para o sucesso do evento.

A edição do Recife contabilizou o terceiro maior público já registrado entre os congressos da Intercom. Foram exatos 3.691 congressistas participantes, um resultado inferior, apenas, aos congressos de Curitiba (2009) e Caxias do Sul (2010), mas, ainda assim, o maior congresso em público e em número de trabalhos apresentados entre as edições do Intercom já realizadas no Nordeste brasileiro. Também foi o congresso que contou com a maior participação dos nordestinos: foram 1.172 participantes desta região, seguido por congressistas do Sudeste (886) e do Sul (416).

O XXXIV Congresso Intercom na UNICAP reuniu renomados pesquisadores/autores de várias partes do mundo, que têm os processos e as relações comunicacionais como objeto de pesquisa, a exemplo de Michel Maffesoli, Gaetan Tremblay, William Buxton, Octavio Islas, François Cooren, Carlos Collado, Oumar Kane, Joseph Calstas-Chittilappilly, Salvato Trigo, José Rebelo, Jorge Pedro Sousa, João Miguel, os brasileiros Rosental Calmon Alves, Juremir Machado, Luis Carlos Martino, Maria Immacolata, Margarida Kunsch, José Marques de Melo, Manoel Carlos Chaparro, Filomena Bonfim, entre tantos outros.

O Intercom na capital pernambucana também foi marcado por novidades, entre elas a ampliação dos dias e do número de minicursos e oficinas ofertadas aos alunos da graduação, que aconteceram no primeiro e último dia do congresso, e a instalação da Tenda da Intercom, espaço destinado à divulgação das obras e projetos da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

2 DIFERENTES LÍNGUAS E UM MESMO PROPÓSITO: REFLETIR SOBRE A COMUNICAÇÃO

O Congresso da Intercom no Recife promoveu conferências, palestras, mesas redondas, debates, exposições, mostras, oficinas, sessões de trabalhos científicos, além de eventos culturais – por exemplo, *shows*, exposições fotográficas e exposições de vídeos e filmes que contemplaram as mais diversas áreas da comunicação.

Esse foi o primeiro grande evento científico sediado pela UNICAP, um verdadeiro desafio para os que desejavam marcar os 50 anos do curso, com um marco à altura do rigor acadêmico e do espírito empreendedor de seu fundador, Luiz Beltrão.

O XXXIV Congresso da Intercom caracterizou-se pela pluralidade de discussões em torno da temática geral do evento (a pesquisa empírica) reunindo, no Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Cecom), pesquisadores brasileiros, africanos, indianos, latino-americanos e europeus, que discutiram as tendências da pesquisa em comunicação não só no Brasil, como também em outras nações. Já no pré-congresso, que aconteceu no hotel oficial do evento, vale registrar a realização do III Colóquio Binacional Brasil-Argentina de Estudos da Comunicação, coordenado por Dóris Fagundes Haussen (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC-RS), representando o Brasil, e por Gustavo Cimadevilla (Universidad Nacional de Río Cuarto – UNRC), representando a Argentina. Participaram deste colóquio vinte pesquisadores, dez de cada país, assim como o então diretor de relações internacionais da Intercom, professor Edgard Rebouças.

O número expressivo de trabalhos apresentados foi outra marca do Congresso da Intercom na UNICAP, tanto em fóruns destinados aos professores e alunos de pós-graduação – a exemplo do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa (GPs) da Intercom, em um total de 29 grupos de pesquisa –, como naqueles destinados aos alunos da graduação, (Intercom Jr). Acrescente-se também a participação de mais de 200 alunos de graduação que expuseram trabalhos no evento denominado Jornada Experimental de Comunicação (Expocom), no qual os alunos finalistas dos congressos regionais apresentaram seus trabalhos de caráter prático para um júri presencial e que se constituiu também em um momento rico, em função da exposição dos produtos realizados pelos alunos de graduação em seus cursos.

No que se refere à parte científica (segundo dados da organização nacional da Intercom), os números do congresso de 2011 no Recife, se comparados aos últimos cinco congressos realizados no país, só foram inferiores ao do congresso de 2009, realizado em Curitiba. Os números dão a dimensão do que foi o congresso, realizado na primeira casa acadêmica de Luiz Beltrão: 383 instituições

participantes de 27 estados do país e do Distrito Federal, e mais 13 países (Angola, Argentina, Canadá, Chile, Colômbia, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos, França, México, Moçambique, Portugal e Venezuela). Foram encaminhados 1.667 trabalhos para serem avaliados em todas as modalidades de apresentação; 1.055 trabalhos foram avaliados pelos coordenadores dos grupos de pesquisa da Intercom – em 2010 foram 947 trabalhos recebidos; 551 trabalhos foram encaminhados por alunos de graduação para avaliação dos coordenadores do Intercom Jr. – contra 528 em 2010.

Um público, em sua maioria, formado por jovens, interessados e comprometidos com a pesquisa: foram 1.852 recém-graduados, 85 especialistas, 245 mestres, 376 mestrandos, 228 doutorandos, 473 doutores, 20 livres-docentes, sem falar nos 400 graduandos voluntários da UNICAP, que começaram a dar seus primeiros passos na pesquisa. Além disso, o congresso contou com a participação expressiva da pós-graduação. Todos os 40 programas da área da comunicação existentes no país estiveram representados no congresso de 2011, com a participação de 1.342 congressistas entre alunos e professores de pós-graduação, número superior ao registrado, por exemplo, na edição anterior do congresso em Caxias do Sul.

No que diz respeito ao número de atividades, o XXXIV Congresso da Intercom na UNICAP também revelou o crescimento e a importância científica do congresso: além das dezenas de sessões científicas que ocorreram nos 29 grupos de pesquisa da Intercom (GPs) e nos grupos do Intercom Jr., foi possível acompanhar a apresentação de trabalhos em outras atividades oficiais e paralelas do congresso, a exemplo do IV Colóquio Binacional Brasil-Argentina e o VI Publicom, com a apresentação dos novos produtos editoriais, com destaque para os primeiros lançamentos de *e-books* no congresso Intercom; teve ainda a exposição dos alunos de graduação (Expocom), em que trabalhos de caráter laboratorial foram apresentados aos congressistas.

Em 2011, também foram realizados o IV Fórum de la Rede de Economía Política de las Tecnologías de la Información y de la Comunicación (EPTIC), com o tema Comunicação alternativa, o Fórum da Federação Brasileira das Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação (Socicom), reunindo as sociedades científicas integrantes da associação, o Fórum dos Coordenadores dos Cursos de Relações Públicas (FOCORP), no espaço aberto pela Intercom para a realização das atividades paralelas das sociedades científicas em comunicação. Ainda foram realizados o I Colóquio de Professores, Pesquisadores e Estudantes de Educomunicação e oferecidas 44 oficinas e 39 minicursos, totalizando 83 atividades desta natureza (o maior número já realizado nos congressos), que aconteceram no dia da abertura do congresso (3 de setembro), nas partes da manhã e da tarde, e no último dia (6 de setembro), no horário da manhã, destinados aos

alunos de graduação e iniciantes da pós-graduação. A ampliação das oficinas e dos minicursos foi resultado da demanda em congressos anteriores, caracterizando-se como uma oportunidade para o aperfeiçoamento de conhecimentos teórico-práticos aos alunos de graduação. Esta atividade foi coordenada pela professora Marialva Barbosa, então diretora científica da Intercom, com o apoio das coordenações locais das professoras da UNICAP Ana Veloso e Fabíola Vasconcelos.

3 INTERCOM RECIFE: PARA ALÉM DOS NÚMEROS

Se os números foram expressivos, a qualidade das discussões e de pesquisadores, estudiosos e profissionais que brindaram o congresso foi ainda mais. Destaque para o Cecom XXXIV, o qual contou com o Ciclo Galáxia de McLuhan, que homenageou o centenário do pesquisador canadense e teve a participação de palestrantes nacionais e estrangeiros, e o XI Encontro dos Grupos de Pesquisa da Intercom.

A partir do tema principal, *Quem tem medo da pesquisa empírica?*, como bem observou a pesquisadora e professora Marialva Barbosa, o congresso nacional da Intercom de 2011, por meio de um debate pluralista, produziu reflexões compartilhadas. Deste modo,

o tema da pesquisa empírica funcionou como uma espécie de senha para o avanço do conhecimento na área da comunicação e para a sedimentação das pesquisas que vêm sendo realizadas de forma cada vez mais complexa. Assim, mais uma vez, a Intercom e a UNICAP não mediram esforços para realizar um congresso, cujo principal objetivo foi refletir sobre a pesquisa, de forma a legar para as futuras gerações os avanços teóricos que estão sendo realizados de maneira exponencial no campo da comunicação.²

O congresso foi, assim, palco da produtiva reflexão sobre a práxis e a teoria, destacado na apresentação do programa do congresso pelo fundador e presidente de honra da Intercom, o professor José Marques de Melo, prevendo, antes mesmo da realização do congresso, os bons frutos que trariam o desafio posto para pesquisadores e profissionais:

Desde sua fundação, a Intercom tem procurado instituir uma “terceira via”, promovendo o diálogo entre “empíricos” e “teóricos”, na tentativa de superar essa falsa dicotomia. (...) Se desse debate pluralista resultar a superação de preconceitos e a produção de estudos compartilhados, a Intercom sairá engrandecida. Pois estará colhendo os frutos da árvore utopicamente plantada pelos seus fundadores em terreno fértil, diligentemente irrigado pela sua vanguarda para beneficiar as novas gerações de pesquisadores (Marques de Melo, 2011).

2. Depoimento, no Relatório Final do XXXIV Congresso da Intercom, da então diretora científica, hoje vice-presidente da Intercom, profa. dra. Marialva Barbosa, em janeiro de 2012.

O desafio destacado pelo professor Marques de Melo foi enfrentado, sobretudo, pelo XXXIV Cecom, que abrigou a conferência de abertura e os painéis e reuniu pesquisadores e personalidades que se dedicam à temática central do congresso. Organizado por Marialva Barbosa e pelos professores da UNICAP, Dario Brito e Cláudio Bezerra, o Cecom teve o professor Rosental Calmon Alves (Universidade do Texas, Austin) como conferencista da abertura sobre Quem tem medo da pesquisa empírica? e contou com a mediação do presidente da Intercom, professor Dr. Antonio Holthfeldt (PUC-RS). Rosental abordou o que denomina de “ecossistema midiático”: segundo ele, um sistema que domina o mundo e que traz consequências em vários níveis, que consegue transformar a pesquisa em jornalismo e em comunicação, seja para as empresas, seja para a sociedade, na medida em que neste novo ecossistema nada escapa ao processo de midiatisação.

Quatro painéis também integraram o Cecom. O primeiro painel tratou de Comunicação, pesquisa e experiências interdisciplinares e contou com a participação dos estudiosos Michel Maffesoli (Institut Universitaire de France – IUF), Juremir Machado (PUC-RS) e Octávio Islas (Universidade de Monterrey, México). Este painel foi mediado pela pesquisadora Cicília Peruzzo (Universidade Metodista de São Paulo – UMESP). O sociólogo francês, Michel Maffesoli, abordou a Comunicação pós-moderna e a experiência tradicional, enquanto Islas tratou dos Caminhos da pesquisa empírica em comunicação no México e o brasileiro Juremir Machado falou das Ciências sociais como narrativas do imaginário.

O segundo painel, mediado pela pesquisadora Anamaria Fadul, tratou do tema Quem tem medo da pesquisa empírica? questões teóricas, e contou com a participação dos palestrantes François Cooren (Presidente da International Association Communication – ICA), Salvato Trigo (Universidade Fernando Pessoa) e Luiz Martino (Universidade de Brasília – UnB). *Empirie et ventriloquie: à la recherche des voix qui nous habitent et nous animent*, foi o tema da palestra do sociólogo e editor da revista *Communication Theory*, François Cooren. O português Salvato Trigo abordou as Ciências empíricas: método, mutabilidade teórica e nova gramática da comunicação científica e o pesquisador brasileiro, Luiz Claudio Martino, tratou da Interpretação dos dados empíricos no contexto das grandes correntes teóricas em comunicação.

No terceiro painel, mediado pela professora Raquel Paiva, o foco foi A pesquisa em comunicação no Brasil, na Índia e na África, que contou com a participação dos pesquisadores Joseph Calstas-Chittilappilly (Instituto de Imprensa e Comunicação, Genebra), Carlos Collado (Universidade de Oviedo, Espanha) e Maria Immacolata Vassalo Lopes (Universidade de São Paulo – USP). O professor Eduardo Namburete (Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique), que estava com participação prevista neste painel, infelizmente,

em função de um acidente, não pôde participar do congresso. Joseph Calstas-Chittilappilly falou das diferentes realidades da prática do jornalismo ao redor do mundo, sobretudo na Índia, seu país de origem. As rupturas metodológicas na pesquisa empírica de comunicação foi o tema da pesquisadora Maria Immacolata Vassallo de Lopes, enquanto Carlos Collado, que substituiu Namburete, discutiu as estruturas sociais de colaboração e competitividade.

O quarto e último painel colocou em pauta o tema Metodologia e pesquisa empírica em comunicação, com a mediação da professora Erotilde Honório. Teve como palestrantes José Rebelo (Instituto Universitário de Lisboa), Jorge Pedro Sousa (Universidade Fernando Pessoa), João Miguel (Universidade Eduardo Mondlane) e Margarida Kunsch (USP). José Rebelo concentrou sua fala na Nova geração de jornalistas em Portugal, enquanto Jorge Pedro Sousa destacou Quem tem medo da pesquisa empírica? Seguramente, não os pesquisadores portugueses em jornalismo. Margarida Kunsch, por sua vez, falou sobre A pesquisa empírica em comunicação organizacional e em relações públicas no Brasil: conquistas, tendências e desafios. E o pesquisador João Miguel tratou da Digitalização da televisão em Moçambique: estruturas, políticas e estratégias.

O Ciclo a Galáxia de McLuhan foi o evento que marcou as comemorações do centenário de Marshall McLuhan durante o XXXIV Intercom, tendo reunido pesquisadores de vários países, em duas mesas, que abordaram a obra do teórico canadense e os diálogos existentes entre Harold Innis e Marshall McLuhan. A atividade foi organizada pelos mesmos docentes responsáveis pelo Cecom.

As mesas ocorreram nos dias 4 e 5 de setembro e contaram, a exemplo do Cecom, com excelente participação do público nos auditórios com 450 e 270 lugares. A primeira mesa, McLuhan: o legado teórico, mediada por Edgard Rebouças (Universidade Federal do Espírito Santo – Ufes), contou com as palestras de Carlos Collado (Universidade de Oviedo), Oumar Kane (Université du Québec à Montréal) e Filomena Bonfim (Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ). Marshall McLuhan, de la torre de marfil a la torre de control foi o tema da fala de Carlos Collado. Oumar Kane elegeu como tema de sua palestra Marshall McLuhan et la théorie médiatique: dettes et critiques e Marshall McLuhan. Ode à transdisciplinaridade foi o foco da fala de Filomena Bonfim.

A segunda mesa, com o tema central Harold Innis e McLuhan: diálogos possíveis, mediada por Antonio Hohlfeldt (Intercom), contou com as participações de Gaetan Tremblay (Université du Québec à Montréal), William Buxton (Concordia University), Octavio Islas (Universidade de Monterrey) e Luiz Martino (UnB). Estes pesquisadores debateram sobre as semelhanças e diferenças entre as ideias de McLuhan e Harold Innis. TIC et système d'éducation. Les craintes d'Innis, les espoirs de McLuhan foi o tema da palestra de Gaëtan Tremblay, que abordou o método em McLuhan e a forma

como ele percebia a obra de Harold Innis. *The Rise of McLuhanism, The Loss of Innis-sense: probing the emergence of the Toronto School of Communication* compôs a fala de William J. Buxton, que procurou examinar o porquê de a obra de Innis sobre comunicação ter sido, inicialmente, ignorada, enquanto a ousadia de McLuhan obteve reconhecimento precoce e duradouro. La comprensión del tránsito de la Blogósfera a la Twittósfera a través de McLuhan foi abordado por Octavio Islas, que analisou os atores comunicativos que se apoiaram em um determinado ambiente midiático. O conceito de viés (Bias) da comunicação em Harold Innis: perspectiva epistemológica e ação dos meios de comunicação foi o destaque da fala de Luiz C. Martino.

4 RECONHECIMENTO AOS PESQUISADORES BRASILEIROS

O Congresso da Intercom, na UNICAP, foi palco também para reverenciar os pesquisadores nacionais. Foi o que aconteceu na mesa A Intercom e a memória das ciências da comunicação, que, em 2011, homenageou o ex-presidente da Intercom, também ex-aluno do curso de jornalismo da UNICAP, Gaudêncio Torquato. A mesa contou com as presenças dos pesquisadores Adolpho Queiroz, Margarida Kunsch, Manoel Carlos Chaparro, José Marques de Melo, Antônio Hohlfeldt, Ada Dencker e do jornalista e editor chefe do Jornal do Commercio do Recife, Ivanildo Sampaio.

Destacou-se, também, o Colóquio Acadêmico, realizado no primeiro dia do congresso, com os finalistas dos prêmios estudantis da Intercom (Vera Giangrande, Francisco Morel e Freitas Nobre), que apresentaram seus trabalhos para um júri formado por professores, que apontaram os três primeiros colocados de cada prêmio. Destacamos os primeiros colocados na categoria graduação Prêmio Vera Giangrande, cujo trabalho foi apresentado no Intercom Jr.: Gustavo Menegusso, Josiane Aparecida Canterle, Morgana Fischer, Roscéli Kochhann. Orientados pela professora Débora Cristina Lopez (Universidade Federal de Santa Maria – UFSM), os trabalhos trataram do tema Rádio e tecnologias: panorama da utilização da multimídia, hipertextualidade e interatividade nos sites de emissoras da Grande Porto Alegre.

Já o Prêmio Francisco Morel, destinado aos trabalhos de mestrado apresentados nas divisões temáticas (DTs) e nos GPs da Intercom, teve como primeira colocada Thaiane Moreira de Oliveira (Universidade Federal Fluminense – UFF), que abordou a Cognição e percepção nos alternate reality games.

O Prêmio Freitas Nobre, voltado aos trabalhos de doutorado, também apresentados nas DTs e GPs, premiou o trabalho: O negócio da música – como os gêneros musicais articulam estratégias de comunicação para o consumo cultural, de Nadja Vladi Cardoso Gumes (Universidade Federal da Bahia – UFBA).

Outra atividade do congresso da Intercom na UNICAP em 2011 que merece registro é o painel Mercado jornalístico regional: em foco o Nordeste, que contou com a participação de Sinval Itacarambi Leão (*Imprensa*), mediador do painel, e dos jornalistas Ivanildo Sampaio (*Jornal do Commercio*, Recife), Ricardo Melo (professor da UNICAP), Valdeck Santiago (*Diário de Pernambuco*), Henrique Barbosa (*Folha de Pernambuco*) e Adísia de Sá (*Revista Imprensa*, Recife, e jornal *O Povo*, Ceará).

A mesa dos 50 Anos de jornalismo na UNICAP foi coordenada pelo professor Alexandre Figueirôa, à época coordenador do curso de jornalismo da UNICAP – hoje o curso é coordenado pelo professor Juliano Domingues – e contou com a presença dos palestrantes José Marques de Melo (UMESP), também ex-aluno do curso de jornalismo da UNICAP, discípulo de Luiz Beltrão; Evaldo Costa, secretário de imprensa de Pernambuco; Maria Salete Tauk, do programa da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Maria Luíza Nóbrega, professora de comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), todos ex-alunos do curso de jornalismo da UNICAP, além da presidente atual do Sindicato dos Jornalistas de Pernambuco, Cláudia Eloi. A sessão também fez uma homenagem aos ex-chefes de departamentos e coordenadores do curso de jornalismo da UNICAP, entre eles, Lúcia Noya, Valdelusa D'Arce, Roberto Benjamim, Carlos Benevides, Paulo César Fradique e Aline Grego.

O panorama da comunicação no Brasil foi tratado na mesa coordenada por Maria Cristina Gobbi (Universidade Estadual Paulista – UNESP) e contou com as participações de Marcio Pochmann (então presidente do Ipea), José Marques de Melo (presidente da Socicom) e Daniel Castro (Ipea).

A jornalista Zileide Silva, da TV Globo, fez uma palestra, no dia 5 de setembro, sobre sua experiência como repórter da Rede Globo na sucursal de Brasília e sobre a cobertura no atentado às torres gêmeas do World Trade Center, quando era correspondente da emissora em Nova Iorque. A mesa contou com a coordenação da professora Marliva Gonçalves (Universidade de Caxias do Sul – UCS).

Há que se registrar, também, a mesa sobre A pesquisa empírica na pós-graduação em comunicação: diagnóstico e perspectivas, mediada por Eduardo Meditsch (Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC), que contou com as participações de André Lemos (UFBA), Maria Helena Weber (Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS) e Julio Pinto (Pontifícia Universidade Católica de Minas – PUC Minas).

Charge e humor trouxe para o debate acadêmico a mesa com os chargistas Luis Humberto Marcos (Associação Ibero-Americana de Comunicação – AssIbercom; Instituto Superior da Maia – Ismai), Samuca (Associação dos Cartunistas de Pernambuco), Humberto Araújo (*Jornal Commercio*, Recife), Marcelo Briseno Marques

de Melo (UMESP) e Antônio Clériston de Andrade (UFPE). A mesa, mediada pelo professor Adolpho Queiroz, foi resultado, também, da parceria da Intercom com o Salão de Charge e Humor de Piracicaba/SP.

As jornadas autorais Paradigmas brasileiros da comunicação, organizaram duas mesas. A primeira, Homenagem a Luiz Beltrão, teve como foco o cinquentenário da publicação do livro *Iniciação à filosofia do jornalismo*, do mestre Beltrão (1960), e contou com as participações de Tassiana Camatti (UCS); José Marques de Melo (UMESP); Luiz Maranhão (Faculdade Maurício de Nassau – FMN); Alfredo Vizeu (UFPE); e Juliano Domingues (UNICAP).

Já a segunda mesa prestou uma homenagem ao Centenário de Nelson Werneck Sodré, quando foi lembrada a edição do clássico *História da imprensa no Brasil*, reeditado pela Intercom em parceria com a Editora da PUC-RS. Participaram desta homenagem Ana Paula Goulart Ribeiro (Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ) e a professora, e filha do homenageado da mesa, Olga Sodré (Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ); a antropóloga Luitgarde Cavalcanti Barros (UERJ) e a pesquisadora Gisely Hime (Fundação Armando Álvares Penteado).

O Publicom foi a atividade do congresso que marcou o lançamento de livros e outros produtos editoriais realizado durante o Intercom do Recife. Esta foi a sexta edição do Publicom, que contou com a coordenação dos professores Osvando Moraes (Universidade de Sorocaba – Uniso), coordenação nacional, e Adriana Dória e Paulo Fradique (UNICAP), coordenadores locais. As publicações lançadas foram agrupadas segundo as seguintes temáticas: jornalismo; publicidade e propaganda; relações públicas e comunicação organizacional; comunicação audiovisual; comunicação, espaço e cidadania; e interfaces comunicacionais e estudos interdisciplinares da comunicação.

O XIV Simpósio de Pesquisa Avançada em Comunicação, realizado no dia 5 de setembro, marcou a entrega do que hoje pode ser considerado, no campo acadêmico, o principal prêmio atribuído a pesquisadores e instituições voltados à pesquisa que tem a comunicação como objeto: o Prêmio Luiz Beltrão de Ciências da Comunicação, que se destina a reconhecer a qualidade do trabalho acadêmico realizado nas universidades ou nos centros/institutos de pesquisa, valorizando a atuação individual, grupal ou coletiva. Sua finalidade, segundo a coordenadora, professora Rosa Maria Dalla Costa (Universidade Federal do Paraná – UFPR), que na coordenação local contou com o apoio do professor da UNICAP, Alfredo Sotero, é identificar quais as pessoas, equipes ou instituições que apresentaram contribuições relevantes para o campo das ciências da comunicação, ajudando a construir/consolidar a identidade da comunidade acadêmica.

Instituído em 1997, o Prêmio Luiz Beltrão, no Congresso do Recife, teve os seguintes vencedores:

- grupo inovador: a Rede Folkcom;
- instituição paradigmática: o Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ);
- liderança emergente: o pesquisador Eugênio Bucci;
- maturidade acadêmica: o pernambucano Luiz Maranhão Filho; e
- homenagem especial ao jornalista Carlos Cavalcanti (*in memoriam*), que, durante muitos anos, atuou no *Diário de Pernambuco* e foi presidente do Sindicato dos Jornalistas deste estado.

As oficinas e os minicursos, coordenados pelas professoras Marialva Barbosa (Intercom), Ana Veloso e Fabíola Mendonça (UNICAP), contemplaram as mais variadas temáticas, reunindo desde mestrandos e doutorandos até os profissionais mais reconhecidos na área, que atuaram como professores nas oficinas e nos minicursos. Das 82 atividades inicialmente previstas, apenas duas deixaram de ser realizadas (por problemas de saúde de seus ministradores).

Os recursos disponibilizados pela UNICAP (estúdios de rádio e televisão, estúdios fotográficos, salas com computadores ligados em rede, laboratórios de edição de imagens digitais, projetores de vídeo, entre dezenas de outros) também contribuíram para o sucesso das oficinas e dos minicursos.

Entre tantas atividades desenvolvidas durante o XXXIV Congresso da Intercom, três, certamente, merecem o grande destaque, pois, pode-se ousar dizer, constituem-se, hoje, a alma do Intercom: é o XI Encontro dos Grupos de Pesquisa da Intercom, do Intercom Jr. e da Expocom.

O XI Encontro dos Grupos de Pesquisa da Intercom, sob a coordenação geral da professora Sonia Virginia Moreira (UERJ) e coordenação local dos professores Alexandre Figueirôa (UNICAP) e Dario Brito (UNICAP), conseguiu promover no Recife 884 apresentações de trabalhos, dos 948 trabalhos aceitos na pré-seleção. Foram apresentados 140 trabalhos a mais em relação ao ano anterior. Este número de participantes refletiu tanto o interesse crescente pela participação dos pesquisadores nos grupos de pesquisa, quanto o desenvolvimento dos programas de pós-graduação na área, com linhas de pesquisa que são contempladas pelos GPs da Intercom.

Segundo a coordenação geral do XI Encontro dos Grupos de Pesquisas, as pesquisas apresentadas durante o congresso de 2011 foram originárias de centenas de instituições brasileiras, sendo a maioria de instituições do Nordeste e do Sudeste do país, ainda que tenha havido participações de pesquisadores

de todas as regiões do Brasil, além de estudiosos vindos de outros continentes (África, Europa e Américas do Norte, Central e do Sul). Ainda segundo a coordenadora Sonia Virgínia Moreira, em seu relatório final,³

Observou-se a tendência de os grupos realizarem mesas temáticas conjuntas. No congresso de Recife realizaram atividades dessa natureza os GPs de rádio (em conjunto com economia política); culturas urbanas (em conjunto com Cinema); educação (em conjunto com cidadania), mostrando a integração dos grupos não só dentro das divisões temáticas mas também entre divisões. Em relação à qualificação dos participantes que efetivamente apresentaram os seus trabalhos e à sua origem institucional observa-se a concentração maior de pesquisadores das universidades de Pernambuco e de São Paulo. (...) Em que pese a expressiva quantidade de trabalhos apresentados, pode-se avaliar também a qualidade dos trabalhos como do mais alto nível. O número expressivo de doutores que apresentaram suas pesquisas, sendo uma grande maioria originária de programas de pós-graduação, indica a importância do congresso para a discussão teórica e conceitual de temas relevantes para a pesquisa na atualidade.

A Jornada de iniciação científica em comunicação (Intercom Jr.) configurou-se, também, em importante espaço para os jovens pesquisadores. Neste evento, que teve como coordenador geral o professor José Carlos Marques (Universidade Estadual Paulista – UNESP, Bauru) e como coordenadores locais Juliano Domingues e Felipe Casado (ambos da UNICAP), houve a participação de 457 trabalhos (entre 499 foram selecionados), apresentados em 52 sessões nos dias 4, 5 e 6 de setembro de 2011. Os trabalhos foram apresentados nas oito divisões temáticas: jornalismo; publicidade e propaganda; relações públicas e comunicação organizacional; comunicação audiovisual; comunicação multimídia; interfaces comunicacionais; comunicação, espaço e cidadania; e estudos interdisciplinares da comunicação.

O Intercom Jr. mostrou o vigor da nova geração de pesquisadores, que, neste espaço, começa a experimentar e participar de debates, reflexões e estudos comparativos sobre os temas que dizem respeito ao campo da comunicação.

O Prêmio Expocom foi destinado aos melhores trabalhos experimentais exclusivamente produzidos por alunos de graduação no âmbito dos cursos de comunicação social e suas habilitações. O Expocom teve a coordenação nacional da professora Nélia Del Bianco (UnB), que contou com o apoio na coordenação local dos professores Rodrigo Duguay, Fernando Fontanela, Isabella Domingues, Telma Guerra e Janaína Calazans (todos da UNICAP). As categorias que tiveram trabalhos inscritos e premiados em 2011 foram as seguintes: cinema e audiovisual (alunos de cursos de cinema e vídeo, audiovisual e rádio e TV); jornalismo;

3. Relatório encaminhado pela diretoria da Intercom à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), em janeiro de 2012.

publicidade e propaganda; produção editorial e produção transdisciplinar em comunicação (destinada aos alunos de editoração, produção editorial, *design* editorial e áreas afins, além de outras produções de caráter transdisciplinares); e relações públicas. A premiação, simbólica por natureza, beneficiou os autores pela qualificação dos respectivos currículos, o que deverá repercutir em oportunidades ocupacionais no mercado de trabalho, além de agregar valor às instituições que associam suas imagens ao bom desempenho de seus alunos, professores e, em suma, seus projetos.

Os trabalhos vencedores do Prêmio Expocom Nacional ficaram habilitados a representar o Brasil na Expocom Mercosul, ou evento similar do qual a Intercom seja participante. A premiação da Expocom de 2011 fez parte das atividades de encerramento do congresso, como já havia ocorrido em 2010. Realizada no auditório G2 da Universidade Católica de Pernambuco, contou com torcidas organizadas de alunos de várias universidades, entre eles, alunos dos cursos de comunicação da UNICAP, que arrebatarem três prêmios, em jornalismo e publicidade. Foi uma atividade marcada pela emoção e, também, pela certeza de que a Intercom está no caminho certo, ao premiar os esforços dos estudantes de graduação em um ambiente como o congresso da Intercom, que poderá contribuir, também, para a conquista de novos pesquisadores.

5 ATIVIDADES CULTURAIS: O FREVO NO PÉ E O INTERCOM NO CORAÇÃO

Pernambuco e sua capital Recife são conhecidos pela pluralidade, força e beleza de sua cultura. Do artesanato, passando pela literatura, atravessando as artes plásticas e visuais, entre elas o cinema, além da dança e da música, o XXXIV Intercom celebrou a grande festa da cultura popular presente neste estado, com os requintes e contribuições de outras culturas. Dessa forma, a abertura do congresso da Intercom no Recife não poderia ter sido diferente. Com a orquestra do maestro Spok foi possível, para os congressistas, vivenciarem em plena primavera, com a chegada de setembro, o casamento entre o frevo, o jazz, a brincadeira e outros ritmos de nossa cultura musical, a exemplo do xote e do baião, do velho rei, Luiz Gonzaga. O Intercom 2011 da UNICAP ousou, com o espetáculo do Spock, organizado pelos professores Verônica Brayner, Alfredo Sotero e Aline Grego, misturando as cores, a graça e a alegria do carnaval e das festas juninas da região. Foi uma noite inesquecível para os nordestinos que estão longe, a exemplo de Marques de Melo, matarem as saudades com o som da terra, e de surpresa e alegria para os que não conheciam a riqueza dos passos, sons, mas, sobretudo, a virtuosidade do músico Spock e dos componentes de sua orquestra – sem falar da beleza plástica do seu grupo de dança, coreografado por uma aluna do curso de jornalismo da UNICAP, Flaira Ferro.

O XXXIV Congresso da Intercom adotou uma nova dinâmica para o início do evento. Na noite de abertura, em vez da conferência de proxie (deslocada para a manhã do dia seguinte), foi realizado o *show*, que, no Recife, foi seguido de uma festa de confraternização no salão receptivo da UNICAP, que deu o tom das boas-vindas e da acolhida carinhosa e aconchegante aos participantes do congresso de 2011.

A exposição de fotos, charges, história e memória do curso fundado por Luiz Beltrão ficou sob a responsabilidade das professoras Renata Victor, Carla Patrícia e Alfredo Sotero, além das apresentações de grupos artísticos e culturais da universidade, que também marcaram presença no congresso – o qual ainda contou com as festas organizadas pelos alunos voluntários da graduação em vários locais do Recife.

Para encerrar, no último dia de congresso, após a festa da entrega do Prêmio Expocom, no térreo do bloco G da UNICAP, uma grande ciranda contagiou alunos, professores, pesquisadores e voluntários. A festa continuou na rua do Bom Jesus e na Praça do Arsenal, no bairro do Recife antigo – onde a cidade começou, porque festa de verdade no Recife tem que tomar as ruas. Só desta forma sabe-se festejar em Recife o que não poderia deixar de acontecer com este grande evento da Intercom. A festa de rua fez jus à cidade anfitriã, promovendo um carnaval em pleno mês de setembro. O cantor e compositor Silvério Pessoa, ex-Cascabulho, abriu os trabalhos, e logo foi seguido pelo Tambores d'Olorum, com a batida forte e energizante do maracatu de baque virado. Também teve o Bloco Lírico Eu Quero Mais que, com seu flabelo e pastoras, trouxe para as ruas do Recife antigo as cores, o lirismo e a beleza do frevo de bloco pernambucano. Quem apostou na alegria, até o fim, pode entender porque, no Recife, canta-se “(...) eu quero entrar na folia meu bem, você sabe lá o que é isso”.

Feliz foi o XXXIV Congresso Intercom 2011, felizes sejam todos os demais congressos da Intercom.

6 AGRADECIMENTOS

A Intercom agradece a todos que contribuíram para a realização e o sucesso do congresso da Intercom na UNICAP. À direção da Intercom, pela confiança e respeito depositados à equipe da organização local, e aos funcionários da secretaria da Intercom, pela paciência e carinho. Aos congressistas, que contribuíram com sua presença. À direção da Universidade Católica de Pernambuco, em especial ao reitor Padre Pedro Rubens, SJ e os pró-reitores administrativo e comunitário, Luciano Pinheiro e Lúcio Flávio, que, desde o primeiro momento, entenderam a importância e a força deste evento para as comemorações dos 50 anos do curso de jornalismo. De modo enfático, agradece aos professores, gestores, funcionários

da universidade e, sobretudo, aos alunos dos cursos de comunicação da UNICAP (publicidade e propaganda, relações públicas, jornalismo, os tecnológicos em eventos, gestão de turismo, fotografia e jogos digitais), que não mediram esforços para tornar o congresso um evento inesquecível.

Agradece, também, as parcerias e os apoios de instituições privadas e públicas e órgãos de fomento, sem os quais não seria possível realizar um congresso desta dimensão. Entre os parceiros que apoiaram o congresso, destacam-se: a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), a Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco (Facepe), a Petróleo Brasileiro S.A. (Petrobras), o Banco do Nordeste do Brasil (BNB), o Ipea, a Globo Universidade, a Rede Globo, o Sistema SBT, o Governo do Estado de Pernambuco, por meio da Empresa de Turismo de Pernambuco (Empetur) e da Companhia Editora de Pernambuco (Cepe), a Prefeitura do Recife, a Gráfica Facform, a Fasa Gráfica, a Água Cristal, os *Jornais do Commercio*, *Diário de Pernambuco* e *Folha de Pernambuco*.

Descobrir e redescobrir no Intercom a força do curso de comunicação e da UNICAP, aprender com os alunos, estreitar amizades e relações. O Intercom Recife 2011 foi um pacto de garra e trabalho, talhado dia a dia, desde a organização até a festa de encerramento para, no fim, cansados, mas felizes, poder celebrar o prazer de fazer, da melhor forma, o que foi possível realizar: mais um grande congresso da Intercom.

REFERÊNCIAS

- BELTRÃO, L. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. Rio de Janeiro: Agir, 1960.
- MARQUES DE MELO, J. **Apresentação do tema central do congresso**. In: XXXIV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34., 2011., Recife, Pernambuco. Recife: Intercom, 2011.
- SODRÉ, N. W. **História da imprensa no Brasil**. 5. ed. Porto Alegre: Intercom; EDIPUCRS, 2011.

MAPA DAS CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NO BRASIL: TENDÊNCIAS OBSERVADAS NOS CONGRESSOS DA INTERCOM 2012

Marialva Carlos Barbosa*

1 INTRODUÇÃO

O texto tem por objetivo executar um balanço crítico dos congressos realizados pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) em 2012, tanto no nível nacional como regional. Por um lado, a quantidade de pesquisadores de todos os níveis que participaram destes seis eventos marca a potencialidade das pesquisas na área de comunicação; por outro, reafirma a liderança da Intercom, ao construir temas que se transformam na vanguarda da discussão da comunicação no século XXI.

Tendo como temática central o esporte, em função das discussões que se avizinham com a proximidade dos megaeventos esportivos que tomarão conta do país nos anos vindouros – liderados pela Copa do Mundo de 2014 e pelas Olimpíadas de 2016 –, o Congresso Nacional da Intercom de 2012, bem como os regionais, caracterizou-se, sobretudo, pela construção de reflexões críticas em torno da diversidade de estudos realizados na área de comunicação.

Se, inicialmente, a temática do congresso chamado Esportes na Idade Mídia: diversão, informação e educação encontrou resistência dos próprios pesquisadores, as discussões realizadas durante o 35º Ciclo de Estudos do Congresso Nacional da Intercom, em Fortaleza, de 4 a 7 de setembro, evidenciaram que o tema não se referia neste sentido à forma como os meios de comunicação se tornam divulgadores de eventos esportivos de massa, notadamente o futebol. Discutir o esporte significou refletir sobre a formação histórica brasileira e práticas culturais que se desenvolvem em um mundo em que a centralidade da mídia produz as articulações possíveis entre um real presumido e um mundo que se engendra em arcações de visualidades múltiplas.

Mais que transcrever as discussões realizadas nos congressos da Intercom, realizados em seis cidades brasileiras, em 2012, interessa à autora deste capítulo

* Professora titular de jornalismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); e vice-presidente da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom).

mapear a magnitude destes eventos, revelando o crescimento exponencial do campo da comunicação no Brasil.

2 CONGRESSO NACIONAL: O MEGACONGRESSO DE FORTALEZA

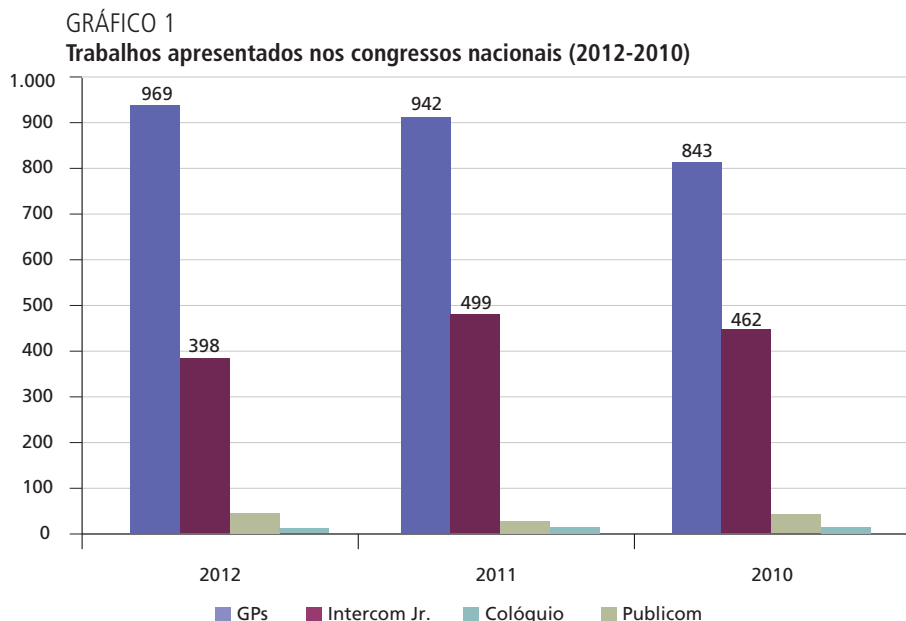
Realizado de 4 a 7 de setembro, no campus da Universidade de Fortaleza (Unifor), o 35º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação foi, pela primeira vez, realizado no Ceará. Ainda que anteriormente, o Congresso Nacional da Intercom já tivesse sido realizado em quatro capitais do Nordeste – Recife (1999 e 2011), Natal (2008), Aracajú (2005) e Salvador (2002) –, o congresso de Fortaleza reuniu 3.140 pesquisadores de todos os níveis, que durante quatro dias discutiram uma multiplicidade de temas tendo como centro reflexivo a questão comunicacional.

Ao todo, foram apresentados nos grupos de pesquisa (GPs), no congresso Intercom Jr., no Publicom e no Colóquio Brasil-Chile de Ciências da Comunicação 1.432 trabalhos, assim distribuídos:

- nas divisões temáticas (DTs), que reúnem 30 GPs da Intercom, foram apresentados 969 trabalhos;
- no congresso Intercom Jr., os alunos apresentaram 398 *papers* resultados de suas pesquisas realizadas no âmbito da graduação;
- no Publicom, sessão de lançamentos de livros e outros produtos editoriais, foram apresentados 52 novos produtos; e
- finalmente, no Colóquio Brasil-Chile de Ciências da Comunicação – evento de caráter particular que se constituiu em reunião restrita, com até dez pesquisadores de cada país –, foram apresentados treze trabalhos de pesquisadores brasileiros e chilenos.

Se se somar aos 1.432 trabalhos apresentados nas DTs, no Intercom Jr., no Publicom e no Colóquio Brasil-Chile de Ciências da Comunicação os 255 finalistas da Jornada Experimental de Comunicação (Expocom), ter-se-á o total de 1.687 trabalhos apresentados no congresso de Fortaleza, sendo que, destes, 653 foram de responsabilidade de alunos de graduação.

Do ponto de vista da participação no congresso, ainda que a supremacia dos alunos de graduação seja considerável – já que a Intercom valoriza, por meio de diversas ações (Intercom Jr., Expocom, premiações etc.), esta inclusão, como política continuada de formação de pesquisadores –, observa-se também a crescente demanda dos pesquisadores seniores e de estudantes dos programas de pós-graduação em comunicação de todo o país. O aumento nos últimos anos dos programas da área reflete-se na maior procura de estudantes e professores por espaços de discussão de suas pesquisas.



Em 2012, essa expansão se evidenciou, já que, nos trinta GPs – como revela o gráfico 1 –, foram apresentados 969 trabalhos oriundos de produção de estudantes de pós-graduação ou professores de universidades localizadas em todas as regiões do país.

Antecipando-se à expansão da área de comunicação no sistema de pós-graduação do país, a Intercom vem – desde 2008 – ampliando seus grupos de pesquisa, incluindo modalidades que incorporam discussões presentes nos programas de pós-graduação de todas as regiões. Em 2012, foram criados mais dois novos grupos: comunicação e música e entretenimento, estes reuniam pesquisadores oriundos do grupo de pesquisa de comunicação e culturas urbanas – nos últimos três congressos, este GP foi um dos maiores da Intercom – e do de comunicação, mídias e liberdade de expressão. Em 2011, o GP de cinema e vídeo desmembrou-se em um novo grupo: televisão e vídeo. Movimentos semelhantes foram realizados de forma continuada, desde 2008, quando se passou de dezoito grupos de pesquisa para 24, até chegar aos trinta existentes hoje.

QUADRO 1
GPs da Intercom

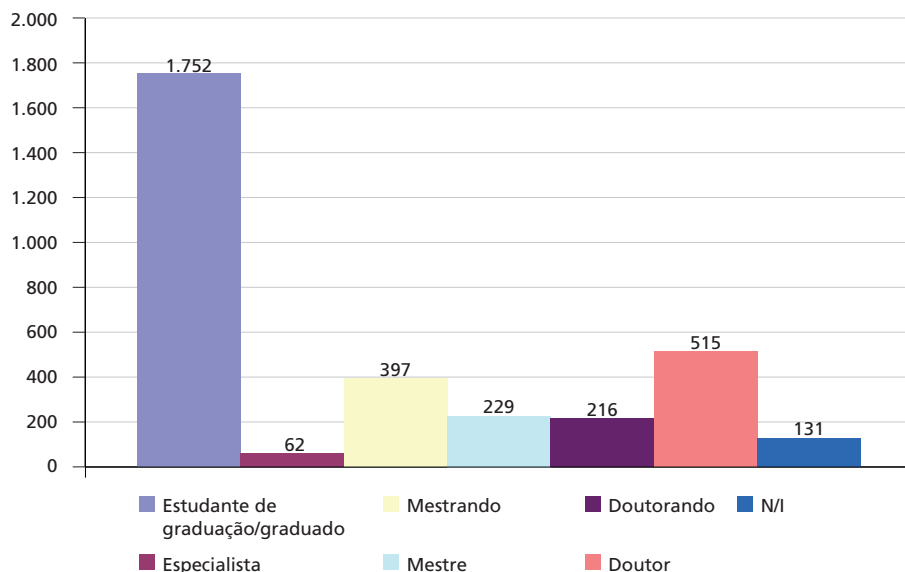
DTs	GPs
Jornalismo	1. Gêneros jornalísticos 2. Jornalismo impresso 3. Teorias do jornalismo 4. História do jornalismo 5. Telejornalismo
Publicidade e propaganda	6. Publicidade e propaganda
Relações públicas e comunicação organizacional	7. Relações públicas e comunicação organizacional
Comunicação audiovisual	8. Cinema 9. Televisão e vídeo 10. Fotografia 11. Ficção seriada 12. Rádio e mídia sonora
Comunicação multimídia	13. Conteúdos digitais e convergências tecnológicas 14. Cibercultura
Interfaces comunicacionais	15. Comunicação e educação 16. Comunicação e esporte 17. Comunicação e culturas urbanas 18. Comunicação, música e entretenimento 19. Folkcomunicação 20. Produção editorial
Comunicação, espaço e cidadania	21. Comunicação para a cidadania 22. Comunicação e desenvolvimento regional e local 23. Geografias da comunicação 24. Mídia, cultura e tecnologias digitais na América Latina
Estudos interdisciplinares	25. Comunicação, ciência, meio ambiente e sociedade 26. Comunicação, mídia e liberdade de expressão 27. Economia política da informação, comunicação e cultura 28. Políticas da comunicação e cultura 29. Semiótica da comunicação 30. Teorias da comunicação

Fonte: Secretaria Intercom.
Elaboração da autora.

No gráfico 2, observa-se que a participação de doutores no congresso nacional aumenta de forma expressiva, bem como o número de alunos de pós-graduação. Em 2012, mais uma vez, participaram do congresso nacional da Intercom alunos de todos os 41 programas de pós-graduação em comunicação existentes hoje no país.

GRÁFICO 2

Radiografia dos participantes por titulação da Intercom 2012



Fonte: Secretaria da Intercom.

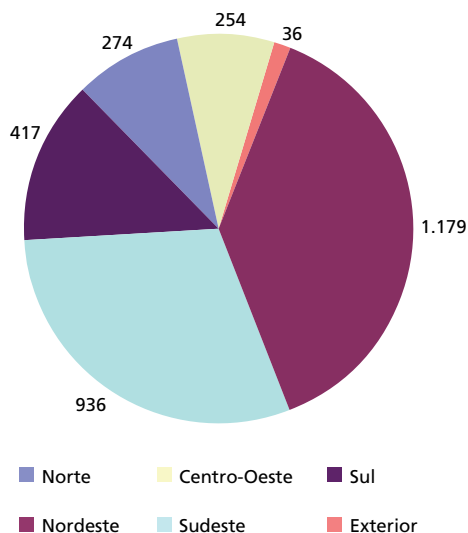
A ampliação dos espaços de discussão, aliada à expansão das atividades científicas no congresso nacional – além do ciclo de estudos abordando o tema do congresso, desde 2009 realizam-se o Simpósio Jornadas Autorais; mesas abordando temáticas específicas, como foi o caso do Ciclo McLuhan, em 2011, e do Ciclo África, em 2012; e diversas outras discussões, em torno do ensino e da pesquisa em graduação e pós-graduação etc. –, contribuiu para o aumento da participação de professores e estudantes de pós-graduação: somando-se os mestrandos, os mestres, os doutorandos e os doutores presentes no congresso de 2012, foram 1.357 participantes nestas categorias.

Do ponto de vista da origem dos congressistas, São Paulo, com 469, foi – tal como nos anos anteriores – o estado com maior número de participantes, seguido do Ceará, com 260 inscritos. O Rio Grande do Sul, com 235 inscritos, permaneceu em terceiro lugar, seguido do Rio de Janeiro, com 205. Observa-se também, comparando-se os números de 2012 em relação a 2011, o aumento da participação de pesquisadores da região Norte. Todos os estados estiveram representados. Houve ainda a participação de pesquisadores de seis outros países (Argentina, Chile, Cabo Verde, Moçambique, Espanha e Portugal).

O gráfico 3 revela que a realização do congresso em uma região significa oportunizar a participação de pesquisadores desses estados; isto proporciona a estudantes e professores de cidades próximas ao local do evento a oportunidade

de estar no centro das discussões teóricas de sua área de interesse acadêmico. Em 2012, 1.179 congressistas oriundos da região Nordeste estiveram em Fortaleza.

GRÁFICO 3

Radiografia dos participantes por região da Intercom 2012

Fonte: Secretaria da Intercom.

O balanço do congresso nacional da Intercom, em 2012, realizado na Unifor, revela não apenas a grandiosidade dos números – o que fez com que ocupasse, por vezes, até 72 espaços simultaneamente –, mas, sobretudo, a diversidade. A de participantes, incluindo-se pesquisadores de todas as regiões e estados brasileiros; a diversidade de níveis dos congressistas, abrangendo desde o aluno recém-ingressante na universidade até aqueles que se destacam pela senioridade; e a diversidade temática, que inclui em múltiplos espaços de discussão centenas de temas e abordagens de milhares de pesquisas apresentadas.

A diversidade caracteriza também a pluralidade de ideias que emanaram das discussões, evidenciando como marcas centrais do congresso aquelas que são símbolos da Intercom em seus 35 anos: pluralidade, diversidade e inclusão. O congresso que comemorou esta data representativa da sociedade científica sintetizou, em muitos aspectos, o caminho histórico da própria Intercom.

3 CONGRESSOS REGIONAIS: DIVERSIDADES

Diversidade também é a chave de compreensão dos congressos regionais realizados pela Intercom, em 2012. Palmas, Recife, Campo Grande, Chapecó e Ouro Preto foram as cidades escolhidas para, em 2012, abrigarem os congressos regionais.

No calendário científico da Intercom, se o congresso nacional é sempre realizado na primeira semana de setembro, nas cinco regiões do país (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sul e Sudeste), os congressos regionais ocorrem invariavelmente a cada ano, nos meses de maio e junho.

QUADRO 2
Congressos regionais (2012)

Congresso regional	Local	Instituição	Data
Sudeste	Ouro Preto-MG	UFOP ¹	28 a 30 de junho de 2012
Nordeste	Recife-PE	FBV ²	14 a 16 de junho de 2012
Centro-Oeste	Campo Grande-MS	UFMS ³	7 a 9 de junho de 2012
Sul	Chapecó-SC	Unochapecó ⁴	31 de maio a 2 de junho de 2012
Norte	Palmas-TO	UFT ⁵	17 a 19 de maio de 2012

Fonte: Secretaria Intercom.

Elaboração da autora.

Notas: ¹ Universidade Federal de Ouro Preto.

² Faculdade Boa Viagem.

³ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

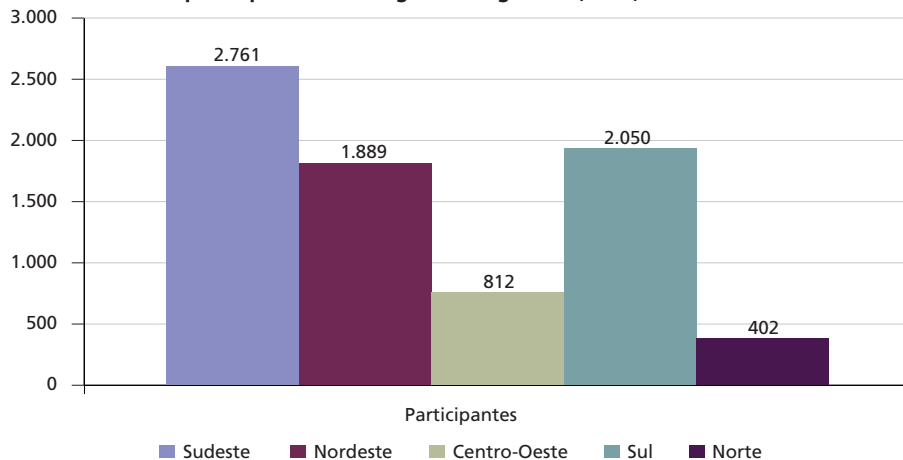
⁴ Universidade Comunitária Regional de Chapecó.

⁵ Universidade Federal do Tocantins.

Em 2012, a magnitude foi também marca dos congressos regionais: juntos, os cinco congressos reuniram 7.914 participantes. O do Sudeste – realizado na Universidade Federal de Ouro Preto (Ouro Preto-MG), com 2.761 inscritos – foi o maior evento regional já realizado pela Intercom em toda a sua história. O congresso regional do Sul, na Universidade Comunitária Regional de Chapecó (Chapecó-SC), com 2.050 inscritos, permaneceu em segundo lugar, constituindo-se também no maior congresso regional já realizado nesta região do país. Já no Nordeste, no evento realizado pela Faculdade Boa Viagem (Recife-PE), inscreveram-se 1.889 participantes. Os do Centro-Oeste, com 812 inscritos, e do Norte, com 402, permaneceram na média histórica dos eventos realizados nestas regiões.

GRÁFICO 4

Número de participantes em congressos regionais (2012)



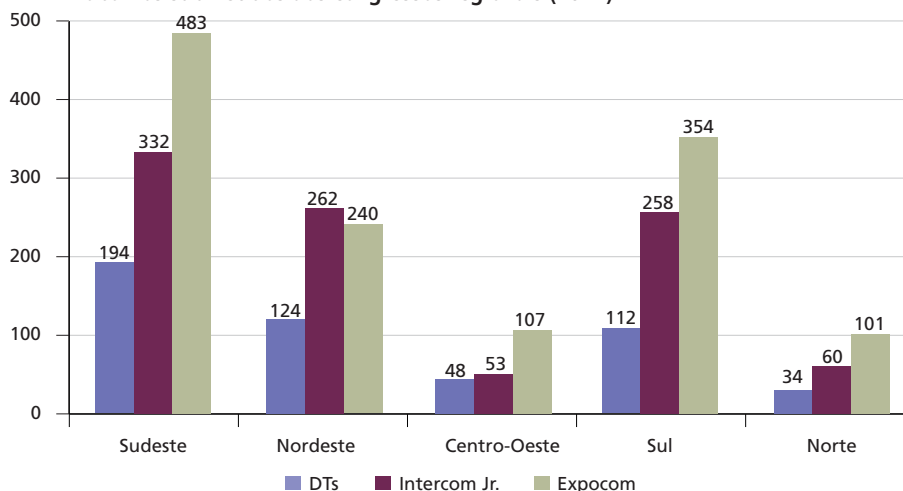
Fonte: Secretaria da Intercom.

Em termos de trabalhos apresentados nas DTs e no congresso Intercom Jr., os números também indicam a expansão exponencial destes eventos de cunho regional, mas que já fazem parte do calendário científico dos pesquisadores de comunicação: foram 1.477 trabalhos apresentados nos cinco eventos.

Se se somar a esse número os 1.285 produtos submetidos à Expocom nas cinco regiões, chega-se a um total de 2.765 trabalhos de natureza científica ou experimental submetidos nos congressos regionais.

GRÁFICO 5

Trabalhos submetidos aos congressos regionais (2012)



Fonte: Secretaria da Intercom.

Analisando-se mais detidamente o gráfico anterior, observa-se ainda o aumento dos trabalhos apresentados nas DTs – das quais só podem participar professores ou estudantes de pós-graduação, sobretudo – nas regiões que concentram maior número de cursos pós-graduados na área de comunicação: Sudeste, Nordeste e Sul.

Em contrapartida, nota-se o interesse dos alunos de graduação de todas as regiões em apresentarem trabalhos no congresso Intercom Jr. Em todos os congressos regionais, o número de pesquisas apresentadas nas sessões deste congresso sempre foi superior aos que foram apresentados nas divisões temáticas. Somando-se apenas os trabalhos do Intercom Jr. apresentados nos regionais, chega-se ao total de 965. Já no que diz respeito aos *papers* apresentados nas DTs, estes foram 512.

Observa-se ainda proporcionalidade de apresentação de trabalhos na Expocom, indicando-se o interesse crescente dos alunos por apresentarem produtos experimentais desenvolvidos no âmbito dos cursos de comunicação. Com exceção da região Nordeste, em todas as regiões o número de trabalhos submetidos à Expocom foi superior aos apresentados em todas as outras modalidades. Totalizando 1.285 trabalhos nas cinco regiões, o recorde permaneceu com o Sudeste, com 483 produtos submetidos, seguido do Sul, com 354, e do Nordeste, com 262.

Os números revelam ainda o crescimento exponencial dos congressos regionais no Sudeste, no Sul e no Nordeste, restando ações a serem realizadas para desenvolver as pesquisas nas duas regiões que ainda apresentam pouca densidade numérica em termos de participação: Norte e Centro-Oeste.

Nesse sentido, a realização do Congresso Nacional da Intercom, em 2013, em Manaus-AM, faz parte da política da instituição de levar as discussões de ponta da área da comunicação para regiões pouco incluídas na agenda dos debates das ciências da comunicação no Brasil.

Além disso, consciente desse papel de difusora das discussões científicas da área da comunicação para todo o país, a Intercom realizará, em 2013, seus congressos regionais sobretudo em cidades mais interioranas. Os congressos de 2013 obedecerão ao seguinte calendário.

QUADRO 3
Congressos da Intercom (2013)

Congressos regionais	Local	Data
Norte	Faculdade Martha Falcão (Manaus-AM)	1º a 3 de maio de 2013
Nordeste	Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) (Mossoró-RN)	12 a 14 de junho de 2013
Sudeste	Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP) de Bauru (Bauru-SP)	3 a 5 de junho de 2013
Sul	Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) (Santa Cruz do Sul-RS)	30 de maio a 1º de junho de 2013
Centro-Oeste	Instituto de Ensino Superior de Rio Verde (Iesriver) (Rio Verde-GO)	30 de maio a 1º de junho de 2013
Congresso nacional	Universidade Federal do Amazonas (Ufam) (Manaus- AM)	4 a 8 de setembro de 2013

Fonte: Secretaria Intercom.
Elaboração da autora.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

2013 marcará os cinquenta anos dos estudos de ciências da comunicação no Brasil. Por sua vez, os sócios da Intercom referendaram no congresso de Fortaleza o tema a ser debatido em todos os congressos: Comunicação em tempo de redes sociais: afetos, emoções, subjetividades.

Essas duas marcas simbólicas – isto é, as comemorações da maturidade da área de comunicação como campo de saber científico e a escolha de tema que conjuga os modos de comunicação em um mundo marcado por novas lógicas espaciais, temporais e de relações sociais – conduzem à previsão de que 2013 será um novo marco na área de comunicação.

Por sua vez, a escolha da Intercom de levar essas discussões para todas as regiões do país e em cidades de menor porte faz parte de um projeto institucional de oferecer oportunidades a pesquisadores que muitas vezes não têm condições de se deslocar para os grandes centros; dessa forma, estes podem apresentar o resultado de seus trabalhos e realizar discussões fundamentais para o desenvolvimento do ensino e da pesquisa na área de comunicação.

Realizar congressos fora das capitais é um desafio. Estabelecer o congresso nacional, pela segunda vez, na capital do Amazonas – em 2000, foi realizado em Manaus o 23º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – é outro desafio, já que a maioria dos cursos de graduação e pós-graduação está localizada nas regiões Sul e Sudeste. Mas ao longo dos últimos 35 anos, a Intercom está permanentemente vencendo desafios. E, certamente, os números que se apresentarão como balanço, em 2013, revelarão que o mapa das ciências da comunicação no próximo ano pasará por Manaus, Mossoró, Bauru, Santa Cruz do Sul e Rio Verde.

XXI ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS CONSOLIDA PESQUISA EM COMUNICAÇÃO NA ZONA DA MATA MINEIRA

Iluska Coutinho*

1 INTRODUÇÃO

O XXI Encontro Anual Compós – Encontro Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação – foi realizado na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), no período de 12 a 15 de junho de 2012. Os resultados alcançados superaram as expectativas e o planejamento inicial quanto ao número de participantes e à qualidade do evento, que contou com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) e da UFJF.

Os números de artigos apresentados e debatidos, as sessões de grupos de trabalho (GTs), os lançamentos de livros e os participantes do II Seminário Internacional da Compós e de um curso pré-congresso – promovido pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM) da UFJF – são indicativos de que os objetivos de encontro, difusão e aprofundamento de estudos e pesquisas na área de comunicação foram alcançados.

Essa avaliação foi reforçada pelo presidente da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), Júlio Pinto, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas), em sua mensagem de boas-vindas aos congressistas:

Este Encontro Nacional, de número 21, é a marca da maioria da Compós. Nesse longo percurso de troca científica e profissional, os programas que agora compõem nossa Associação deram mostras de maturidade e contínuo trabalho sério, coroados aqui em Juiz de Fora com atividades altamente qualificadas (Pinto, 2012, p. 6).

Iniciado no dia 12 de junho, data em que no Brasil se comemora o Dia dos Namorados, o XXI Encontro Anual da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação possibilitou o encontro de parceiros de pesquisa, de

* Professora associada da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

estudiosos que se constituem em pares no processo de construção cotidiano do conhecimento e na consolidação da área, e também, sobretudo, o encontro de afetos.

Realizada no Fórum da Cultura, a abertura da Compós aconteceu em um casarão histórico que abriga o Museu de Cultura Popular e materializa o compromisso de professores da Faculdade de Comunicação (Facom) da UFJF com a popularização do conhecimento. A casa – um exemplo vivo da arquitetura da primeira metade do século XX, que abrigou a primeira sala de reitor da UFJF – é onde atua o Centro de Estudos Teatrais (CET) – Grupo Divulgação.¹ Núcleo de ensino, pesquisa e extensão em artes cênicas, iniciado em 1966 como um grupo de teatro universitário, o Divulgação se organiza como um grupo de pesquisa em comunicação e artes cênicas do qual participam professores e acadêmicos, de graduação e mestrado.

Além do ensino e da pesquisa e difusão de conhecimentos, o grupo tem uma importante atuação na área de extensão, com produção teatral junto à comunidade. O projeto Escola de Espectador há 25 anos articula inclusão social e construção de cidadania, com o oferecimento de entradas gratuitas aos espetáculos teatrais do Divulgação para alunos de escolas públicas de grupos comunitários de Juiz de Fora, com mais de duzentos núcleos cadastrados em 2012.

O Fórum da Cultura foi cenário para a abertura do XXI Encontro Anual da Compós e também abrigou a cerimônia de entrega do Prêmio de Teses e Dissertações 2012 e o lançamento de duas produções audiovisuais, de autoria de professores e discentes do mestrado e da Facom/UFJF. Exemplo disto é a edição de diversas obras, tanto ficcionais como de alguns documentários, que têm Juiz de Fora como tema ou cenário – *Olhar encurralado*. Esta produção reúne o professor Cristiano Rodrigues e o mestre em comunicação da UFJF Flávio Lins, ambos vinculados à Facom. O curta *Quase que só há estrelas*, outra obra lançada na abertura da Compós, é uma realização do Grupo Centopeia e foi dirigido pelo professor Nilson Alvarenga, em conjunto com o mestrando Tomyo Costa Ito e a mestre em comunicação pela UFJF Marília Xavier. Este curta traz em seu título um verso do poeta juiz-forano Murilo Mendes, além de possuir referências a outros dois escritores da cidade: Pedro Nava e Raquel Jardim. A partir dos escritos destes artistas, o curta cria um jogo de palavras que se intercala nas – ou se sobrepõe às – imagens documentais da cidade. Apesar de sua perspectiva local, o filme ultrapassa a relação com Juiz de Fora e busca gerar no espectador novas experiências com o espaço urbano. “É um olhar que sempre retorna às imagens da cidade e nos faz ver de novo o transitar dos carros, o trabalho das máquinas, a rigidez dos prédios

1. Cerca de quinhentos universitários já passaram pelo Grupo Divulgação, que soma mais de 160 produções teatrais. Além disto, entre as atividades do grupo, destaca-se o Seminário Caminhos do Teatro, realizado anualmente na segunda quinzena de março. Em 2012, o evento teve sua 27ª edição que comemorou ainda os quarenta anos do Fórum da Cultura.

e dos monumentos, os pés e as mãos, as pessoas que habitam a cidade, a cidade que habita as pessoas”, explicou o diretor do curta em entrevista publicada no *site* do evento, que participou da sexta edição da mostra CineBH, realizada de 18 a 23 de outubro de 2012 na capital de Minas Gerais.

2 PREMIAÇÃO

Na noite de abertura da Compós, foi entregue a versão 2012 do Prêmio Compós de Teses e Dissertações, instituído em 2011. Organizada pela vice-presidência da sociedade científica, a premiação é realizada a partir de indicações realizadas pelos programas de pós-graduação em comunicação associados à Compós, que inscrevem o melhor trabalho de mestrado e/ou doutorado defendido no ano anterior na instituição.

Em 2012, foram inscritas dez teses e 27 dissertações indicadas pelos cursos filiados à Compós como as mais representativas de sua produção discente em 2011: “o Prêmio Compós de Teses e Dissertações se consolida como um importante estímulo à qualidade da produção científica no âmbito dos programas de pós-graduação em Comunicação” (Compós, 2012). As comissões julgadoras, uma de mestrado e outra de doutorado, reuniram ao todo quatorze avaliadores, de quatorze programas de pós-graduação que integram a Compós; são eles, Universidade Federal Fluminense (UFF), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), Meios e Processos Audiovisuais da Universidade de São Paulo (USP), Universidade Anhembi Morumbi (UAM), Universidade de Brasília (UNB), Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Paulista (UNIP) e Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

A melhor tese de 2012, de autoria de Marcel Vieira Barreto Silva, foi defendida no PPGCOM UFF. O trabalho vencedor do Prêmio Compós de Teses 2012 foi o intitulado *Adaptação intercultural: o caso de Shakeaspeare no cinema brasileiro*, orientado por João Luiz Vieira.

Na categoria dissertação, houve duas premiações: a de melhor trabalho de 2012 e a concessão de uma menção honrosa. A premiação de melhor trabalho foi para *Qualidade na ficção televisiva brasileira: as críticas especializada e popular*, de autoria de Clarice Greco Alves, do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da USP. E a premiação de menção honrosa no Prêmio Compós de Dissertações 2012, distinção recebida por sua orientadora, foi dada à professora Maria Immacolata Vassalo de Lopes.

A melhor dissertação de 2012 foi a de Priscila Martins Dionízio, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG. O trabalho vencedor do Prêmio Compós de Melhor Dissertação 2012 foi o *Entre mundos: um encontro com o outro na tessitura da narrativa jornalística*, orientado por Vera Regina Veiga França.

A premiação e a noite de abertura do XXI Compós foram encerrados com um coquetel. Entre os motivos para celebrar, estão o sucesso de um minicurso no pré-evento, promovido pelo PPGCOM UFJF, e do II Seminário Internacional da Compós, que também integrou o congresso.

3 EVENTOS INTERNACIONAIS

Desde 2011, o Encontro Anual da Compós é aberto com a realização de um seminário e a presença de um convidado internacional, que oferece um minicurso de um dia de duração. Realizado como parte integrante do 21º encontro, o II Seminário Internacional da Compós teve como temática a Pragmática dos gêneros televisuais: teoria, ética. O curso, ministrado por François Jost, da Universidade Sorbonne Nouvelle-Paris III, propôs a apresentação de um sistema conceitual para a análise de programas de televisão no qual o conceito de gênero ocupa um lugar privilegiado. Para Jost, a análise da televisão não satisfaz apenas a uma demanda de compreensão das mídias, já que se trata, também, de uma necessidade ética. Além disso, o conhecimento da pragmática dos gêneros pode auxiliar a reflexão sobre o bom uso da televisão.

François Jost nasceu em Paris, em 1949. Sua obra envolve a análise semiótica da produção e da recepção midiática, especialmente sobre televisão e cinema. Ele é formado em filosofia – na Sorbonne, em 1970 – e em letras modernas – na Paris III, em 1973 –, e possui mestrado em filosofia e estética – na Paris I, em 1971. Defendeu sua tese de doutorado em 1983 e, atualmente, é professor de semiologia audiovisual na Universidade Sorbonne Nouvelle-Paris III. Desde 1997, é diretor do Centre d'Études sur l'Image et le Son Médiatiques (Ceisme), na Universidade Paris III.

Jost foi professor convidado em universidades de inúmeros países, como Bélgica, Uruguai, Canadá, Espanha, Argentina e Brasil. Dirigiu filmes, vídeos e documentários. Além disso, ele tem vários artigos e livros traduzidos e publicados no Brasil, como *Seis lições sobre a televisão*, de 2006; *A narrativa cinematográfica*, de 2010; e *Compreender a televisão*, de 2010.

O II Seminário Internacional da Compós foi realizado no anfiteatro da Facom UFJF, com tradução simultânea, e dividido em duas partes. Na primeira, o professor Jost apresentou uma proposta de compreensão da TV, relacionando-a a outras mídias e linguagens audiovisuais. Na etapa final do seminário, Jost dedicou-se ao que conceituou como os gêneros da realidade, os aspectos éticos envolvidos e os

modos de interação entre espectador e mídia. O evento contou com a participação de cerca de 150 pessoas, entre congressistas da Compós, estudantes e professores de instituições de ensino superior da Zona da Mata mineira.

Ao final de cada etapa do seminário internacional, os participantes puderam interagir e fazer perguntas, com o auxílio da tradução simultânea. A possibilidade de troca foi ressaltada por François Jost, em entrevista que integra o vídeo disponível no *site* oficial do evento: “O público foi bem receptivo, eu gostei muito da troca com as pessoas que participaram do curso. Foi uma ótima experiência; não é tão frequente, mesmo na França, que se organizem encontros como esse, em nível de pós-graduação” (Jost, 2012).

O curso *La revolución de las audiencias: diez abordajes para develar sus movimientos* foi realizado nos dias 11 e 12 de junho de 2012 e ministrado pelo professor Guillermo Orozco Gómez, da Universidade de Guadalajara, México. Este foi um evento internacional pré-congresso da Compós, com carga horária total de quinze horas. O curso foi organizado pelo grupo de pesquisa Processos Comunicacionais, Educação e Recepção – sob a coordenação do professor do PPGCOM UFJF Bruno Fuser, com o apoio financeiro do CNPq – e aberto aos congressistas participantes do Encontro Compós 2012.

Guillermo Orozco é graduado em ciências da comunicação pela Universidade Jesuíta de Guadalajara e mestre e doutor em educação pela Universidade de Harvard. Entre seus diversos trabalhos sobre comunicação e meios, merecem destaque as pesquisas sobre recepção e a inter-relação comunicação/educação. Ele possui cerca de 25 livros publicados como autor, coautor e organizador, em vários idiomas, e é uma das principais referências da corrente latino-americana de estudos de comunicação.

4 GRUPOS DE TRABALHO

Ponto de destaque do Encontro Anual da Compós, as sessões dos GTs foram realizadas nos dias 13 e 14 de junho e reuniram 192 autores e coautores, que, além da apresentação de seus trabalhos, ainda atuaram como relatores de um dos textos expostos em cada sessão.

A Compós conta com quinze GTs, cada um deles com espaço para apresentação e debate de dez artigos selecionados, submetidos à avaliação do grupo e previamente disponibilizados no *site* da Compós. Em 2012, participaram dos GTs trinta coordenadores e vice-coordenadores, além de autores e ouvintes, totalizando cerca de 320 pessoas que participaram das sessões de apresentação de trabalhos.

Como em edições anteriores, o GT Comunicação e cibercultura atraiu muitos participantes, entre autores e ouvintes. De acordo com o relatório do grupo apresentado à reunião dos coordenadores de GT e, posteriormente,

ao conselho da Compós, o evento foi considerado positivo, tanto no nível da organização local quanto no das atividades do GT, que foram integral e pontualmente realizadas.

Também no GT Comunicação e Cidadania, que elegeu a professora CicíliaPeruzzo como futura coordenadora, destacou-se a qualidade dos debates. Segundo a coordenadora do grupo, a professora Denise Côgo, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), o número significativo de textos recebidos (27) e a atuação do comitê científico permitiram uma seleção bastante rigorosa dos trabalhos, o que contribuiu para assegurar a qualidade científica dos artigos apresentados e a presença de textos representativos das diferentes vertentes da pesquisa em comunicação e cidadania desenvolvida na área e, especialmente, nas linhas de pesquisa dos programas de pós-graduação em comunicação.

Por sua vez, no grupo de comunicação e cultura, mereceu destaque a atualidade dos temas e das pesquisas apresentadas. Os trabalhos e as discussões das quatro sessões do grupo foram articulados em torno dos eixos tecnologia de comunicação, história, imagem, cenas culturais urbanas e apropriações dos meios. Os participantes deste GT organizam para o final de 2012 e o início de 2013 a publicação de uma obra que reúna a produção do grupo e consideram que o encontro realizado em Juiz de Fora e as trocas ocorridas nele enriqueceram bastante suas pesquisas individuais.

O tom positivo também marcou a avaliação de diversos outros grupos, como o GT Comunicação e Experiência Estética, em que os autores elogiaram a qualidade dos debates e a ampliação das pesquisas que eles possibilitaram. No GT Culturas das Mídias, esta ampliação teve confirmação de data; ocorreu em Belo Horizonte, nos dias 8 e 9 de novembro de 2012, um encontro para a edição de livro comemorativo dos dez anos do GT, com a realização do colóquio Cultura das mídias: caminhos críticos no audiovisual. Na avaliação dos participantes deste grupo, a pesquisa desenvolvida a partir do corte epistemológico do tema culturas das mídias tem ganhado cada vez mais coesão, proporcionando assim a aglutinação de grupos de pesquisa no próprio GT.

No grupo estudos de jornalismo, a avaliação é a de que os trabalhos apresentados consolidam avanços nas pesquisas em jornalismo. Estas pesquisas estão organizadas em três eixos. Segundo o relatório do grupo, coordenado pelo professor Ronaldo Henn, da Unisinos:

No campo do ciberjornalismo, que sempre teve representação significativa no GT, os dois textos que trabalham nessa temática trazem questões de ponta na cibercultura contemporânea, como a presença das redes sociais na produção de acontecimento e os processos de resolução a partir da ampliação de acesso às bases de dados. Na perspectiva da linguagem em diferentes suportes, detectaram-se avanços no estabelecimento de modos teóricos/categoriais para darem conta da complexidade dos códigos envolvidos. E o terceiro eixo é o de fundo epistemológico com revisões reconfiguradas da perspectiva

construcionista de tendência forte na história do GT. Alinhando esses eixos, o GT acentuou sua tradição interdisciplinar, na medida em que as questões do jornalismo são trabalhadas nas mais diversas possibilidades de abordagem.

A diversidade de temas e abordagens teórico-metodológicas foi considerada um dos pontos positivos do grupo de estudos de televisão. Na avaliação dos participantes, coordenados pela professora Ana Paula Goulart Ribeiro da UFRJ, os diferentes olhares e leituras sobre os textos permitiram uma troca rica entre os pesquisadores. Além disso, a presença no grupo de autores experientes ao lado de outros ainda em formação – pós-graduandos – foi outro ponto positivo do GT.

Essa troca realizada entre os pesquisadores em diferentes estágios de formação também caracteriza o GT Recepção: processos de interpretação, uso e consumo midiáticos. De acordo com o relatório do grupo, além deste fomento à interlocução entre pesquisadores(as) experientes e estudantes em todos os níveis de formação pós-graduada, “novas perspectivas com relação a participação social nos processos de produção e recepção midiáticas têm impactado fortemente esta área de pesquisa, fenômeno que se reflete nos trabalhos e debates apresentados” (Relatório GTS, 2012).

Além das quatro sessões de cada GT, com a apresentação e debate de 147 artigos científicos, houve na manhã de 15 de junho uma reunião entre os coordenadores dos GTs e a diretoria da Compós, realizada no hotel oficial do evento. Neste local, também foi realizada a reunião do Conselho da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, formado pelos coordenadores dos cursos de mestrado e doutorado na área. Este encontro, realizado na tarde de 15 de junho, contou com a presença da representante da área de ciências sociais aplicadas I da Capes, professora Maria Helena Weber, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

5 LANÇAMENTOS

A sessão de lançamentos de livros do XXI Encontro Anual da Compós teve um recorde de obras inscritas, 37 ao todo. Realizada na data do padroeiro de Juiz de Fora, feriado municipal de Santo Antônio, a aposta era de que os autores pudessem contar com as bênçãos de um dos mais tradicionais santos católicos e serem bem-sucedidos no “casamento” com seus leitores.

O coordenador do Programa de Pós-Graduação da Universidade Metodista de São Paulo, Laan Mendes de Barros, foi um dos autores que participou do lançamento de livros na Compós 2012. A obra *Discursos midiáticos: representações e apropriações culturais*, da qual Laan Mendes de Barros é organizador, já havia sido lançada oficialmente. Ainda assim, “preferimos divulgá-lo em um evento acadêmico, e a Compós é um fórum amplo que, portanto, não poderia ser deixado de lado”, explicou Laan, que é autor de um capítulo do livro da Compós 2012 sobre estudos da recepção, também lançado no evento.

Cariocas do brejo entrando no ar é o nome do livro de Flávio Lins e Cristina Brandão, resultado de pesquisa desenvolvida no PPGCOM UFJF. O livro trata da relação entre a televisão e o rádio, nas décadas de 1940 a 1960, com a construção da realidade de Juiz de Fora, principalmente pela influência cultural do Rio de Janeiro. Esta relação se acentuou quando os meios eletrônicos de comunicação chegaram em ambas as cidades. “Por isso é que o juiz-forano sempre foi um ‘carioca do brejo’”. O livro contém entrevistas com profissionais pioneiros das áreas, além de investigação documental, resgatando a memória da formação dessa identidade”, explica Lins, mestre em comunicação pela UFJF.

6 CONCLUSÕES

Os livros lançados na Compós foram apresentados aos presentes e, até mesmo, a pesquisadores que não puderam participar do encontro em Juiz de Fora, por meio de material em texto, imagem e audiovisual, produzido pelos alunos de graduação em jornalismo e por estudantes vinculados à Produtora de Multimeios da UFJF e ao Núcleo de Jornalismo Gráfico e Visual (Graphos). O trabalho foi coordenado pelos professores da Faculdade de Comunicação e do PPGCOM da instituição; são eles, Márcio Guerra, Carlos Pernisa Júnior, Jorge Felz, Ricardo Bedendo e Janaína Oliveira Nunes.

Ao final do evento, a avaliação do PPGCOM UFJF, único curso de mestrado disponível no interior de Minas Gerais, foi bastante positiva. O envolvimento dos pesquisadores, docentes e, sobretudo, discentes, de graduação e mestrado, garantiu o sucesso do evento e contribuiu para a consolidação do ensino e da pesquisa em comunicação na Zona da Mata mineira.

REFERÊNCIAS

COMPÓS – ASSOCIAÇÃO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO. Disponível em: <<http://www.compos.org.br>>. Acesso em: 12 nov. 2012.

_____. Encontro Anual. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 21., Juiz de Fora: UFJF, 2012. Disponível em: <<http://encontro2012.compos.org.br/>>. Acesso em: 14 nov. 2012.

JOST, F. **Entrevista em vídeo**. Disponível em: <<http://encontro2012.compos.org.br/midia.php?midia=Nw==>>. Acesso em: 13 dez. 2012.

PINTO. Mensagem de boas vindas. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 21., Juiz de Fora: Produtora de Multimeios da UFJF, 2012.

JORNALISMO I: FNPJ REITERA EM UBERLÂNDIA A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO ESPECÍFICA

Marcelo Engel Bronosky*
Mirna Tonus**

1 INTRODUÇÃO

Com o tema A formação superior como elemento constituinte e legitimador do campo do jornalismo, o XIV Encontro Nacional de Professores de Jornalismo (ENPJ), realizado em Uberlândia em abril de 2012, colocou em evidência a necessidade de se reconhecer o ensino superior em jornalismo como um dos elementos que garantem a especificidade do campo.

Esse é um dos objetivos do Fórum Nacional dos Professores de Jornalismo (FNPJ) e de outras entidades da área, como a Federação Nacional de Jornalistas (FENAJ) e a Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), desde meados dos anos 1990, seja a partir da organização profissional via mobilizações pela aprovação definitiva da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) do Diploma,¹ seja no aprimoramento da atividade científica na área.

É nessa perspectiva que o FNPJ demonstra sintonia com as lutas do campo jornalístico, quando pauta a formação profissional universitária, a qualificação das instituições de ensino pela proposta de criação de um selo de qualidade nacional aos cursos de jornalismo, bem como nas diversas ações pela aprovação das diretrizes curriculares para o ensino de jornalismo.

2 A FORMAÇÃO SUPERIOR EM JORNALISMO FRENTE ÀS DIRETRIZES CURRICULARES NO BRASIL

Entregue oficialmente ao ministro da Educação em setembro de 2009, a proposta de alteração das diretrizes curriculares para os cursos de jornalismo aguarda aprovação do Conselho Nacional de Educação (CNE). Em outubro de 2012, FENAJ,

* Professor do curso de jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG); e vice-presidente do Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ), gestão 2012-2016.

** Professora do curso de comunicação social: habilitação em jornalismo, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e presidente do Fórum Nacional de Profissões de Jornalismo (FNPJ), gestão 2012-2016.

1. A Proposta de Emenda à Constituição (PEC) nº 33, PEC do Diploma, como é conhecida, foi aprovada em segundo turno pelo Senado Federal em 7 de agosto de 2012. Atualmente, está tramitando na Câmara dos Deputados. Se aprovada, segue para sanção presidencial.

FNPJ, SBPJor e Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação (Intercom) publicaram uma carta aberta ao MEC, cobrando agilidade na aprovação das novas diretrizes. A justificativa é simples e direta: a proposta “constitui um significativo avanço, tanto em relação às matrizes curriculares em vigor, quanto pelo fato de ter sido formulada em um amplo e democrático processo” (FNPJ *et al.*, 2012).

Cabe lembrar que, de fato, a construção da proposta resultou de um processo liderado pelo professor José Marques de Melo, que contou com três audiências públicas, realizadas no Rio de Janeiro, no Recife e em São Paulo, em que estavam representantes de vários segmentos sociais interessados na questão, além de um canal de consulta pública pela internet. Ou seja, formou-se um amplo espaço de debate, resultando na atual proposta. A iniciativa recebeu, recentemente, apoio do presidente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), Luiz Cláudio Costa. Para ele, a especificidade do jornalismo é natural e a reivindicação representa o atual cenário da atividade no Brasil (Costa, 2012).

Contudo, até o presente momento, o CNE não dá indícios de apreciar a proposta. O impasse tem provocado uma série de problemas aos cursos de jornalismo em todo o país, que vão desde a indefinição quanto a sua aprovação, inibindo iniciativas de reformas curriculares pelos cursos, até prejuízos operacionais, uma vez que as diretrizes foram construídas a partir de determinada conjuntura. Com a demora na aprovação, tal conjuntura muda, exigindo outras orientações. Sem falar no fato de que as diretrizes em vigor são de 2001, ou seja, não atendem mais à realidade dos cursos. Desta forma, os cursos de jornalismo permanecem em um limbo: de um lado, as diretrizes aprovadas em 2001 estão visivelmente desatualizadas e, de outro, a nova proposta não tem qualquer previsão para ser aprovada. É de conhecimento amplo que alguns cursos estão realizando reformas e ajustes curriculares à revelia dos termos da proposta “estacionada” no CNE. Entretanto, antes de abordar a importância da aprovação imediata das diretrizes, torna-se necessário situar o lugar de fala da formação jornalística.

Em 2010, havia 316 cursos de graduação em jornalismo no Brasil. Há dez anos, este número não passava de 136 (Mick, 2012).² Ou seja, nos últimos dez anos, houve uma significativa expansão nas ofertas de vagas, ampliando o acesso. Se antes os cursos estavam concentrados nos grandes centros urbanos, a partir dos anos 1990 estas ofertas ganharam outras regiões, muito em decorrência da expansão do sistema de ensino superior brasileiro, mas também por certo interesse no curso. Por vários anos, os cursos de jornalismo estavam entre as preferências nos vestibulares das principais universidades brasileiras. Portanto, não se pode dizer que não há ofertas de curso de jornalismo no Brasil, muito embora a concentração esteja

2. Para estes números, consideram-se apenas os cursos com turmas em andamento, baseados em dados da Secretaria de Ensino Superior Ministério da Educação (Sesu/MEC), da coordenação dos cursos, do *Guia Editora Abril* e de sites das faculdades.

localizada nas regiões Sudeste e Sul do país e, aproximadamente, 90% destes cursos sejam ofertados pela iniciativa privada.

Apesar das decisões judiciais contra a exigência de diploma para o exercício da profissão, nunca houve tantos graduados, nem tão bem distribuídos pelo país. Jaques Mick afirma que a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) contra a exigência do diploma, em junho de 2009, impactou na procura pelo curso, mas que a situação também se normalizou nos últimos anos, a partir da manutenção (abertura e encerramento) dos cursos de jornalismo. Mesmo com o impacto da decisão do STF e da demora na aprovação das novas diretrizes curriculares, os cursos de jornalismo continuam sendo o melhor modo de garantir o acesso à profissão no Brasil.

O reconhecimento do jornalismo como formação profissional também pode ser percebido no desenvolvimento científico do campo no Brasil nos últimos 15 ou 20 anos. Alguns fatos são reveladores deste processo, como a criação e a consolidação de entidades acadêmicas específicas do jornalismo, notadamente o FNPJ, criado oficialmente em 2004,³ e a SBPJor, fundada em 2003.⁴ Entidades que reúnem anualmente centenas de pesquisadores interessados em apresentar reflexões, tendo o jornalismo como foco, consolidam o desenvolvimento do campo jornalístico. E não é só isto que demonstra o grau de importância que o jornalismo assume no país. A autorização, nos últimos seis anos, por parte do MEC (via Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes), dos primeiros cursos de mestrado em jornalismo do país é emblemática desta realidade.⁵ Ou seja, trata-se de um movimento que passa a reconhecer as especificidades do campo jornalístico como um curso autônomo e não como habilitação. Vale lembrar que o curso de cinema já conquistou esta mesma autonomia no Brasil e conta com diretrizes próprias ao ensino universitário.

A aprovação das diretrizes curriculares nada mais é do que um esforço de atualizar a formação jornalística em nível de graduação, mas também evidencia o fortalecimento que o campo do jornalismo registra no Brasil. A aprovação da proposta é, portanto, fundamental para avançar na tarefa de posicionar o jornalismo em seu lugar de merecimento, além de garantir dispositivos concretos para organização das mais de 300 cursos universitários de jornalismo existentes no país.

3. A criação do FNPJ surgiu com a realização do Seminário de Atualização para Professores de Jornalismo, realizado pelo Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas (LABJor/UNICAMP) em 1994. Em seguida, e ao longo de dez anos, os professores se reuniam em eventos paralelos à Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação (Intercom), até oficializar o FNPJ. Disponível em: <<http://www.fnproj.org.br/historico>>. Acesso em: 29 out. 2012.

4. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/destaques-009.htm>>.

5. O primeiro curso de mestrado em jornalismo foi aprovado em 2007, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O segundo mestrado autorizado pela Capes, também acadêmico, é de 2012, na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Já o terceiro curso segue a linha profissionalizante, e foi também aprovado em 2012, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

3 A CONSOLIDAÇÃO DAS PESQUISAS SOBRE A FORMAÇÃO JORNALÍSTICA

O X Ciclo Nacional de Pesquisa em Ensino e Extensão em Jornalismo, realizado em 28 e 29 de abril de 2012, durante o XIV Encontro Nacional de Professores de Jornalismo, demonstrou a consolidação da pesquisa sobre ensino e extensão em jornalismo, com 77 trabalhos, distribuídos entre seis grupos de pesquisa (GPs), sendo:

- 1) cinco trabalhos no Grupo de Pesquisa Atividades de Extensão, coordenado por Sandra de Deus;
- 2) onze trabalhos no Grupo de Pesquisa Ensino de Ética e Teorias do Jornalismo, sob coordenação Maria do Socorro Veloso (organização) e Sérgio Luiz Gadini (condução das sessões);
- 3) dez trabalhos no GP Pesquisa na Graduação, coordenado por Gerson Luiz Martins (organização) e Belarmino Cesar Costa (condução das sessões);
- 4) vinte e um trabalhos no GP Produção Laboratorial – Eletrônicos, sob coordenação de Juliano Maurício de Carvalho;
- 5) nove trabalhos no GP Produção Laboratorial – Impressos, sob coordenação de Marcelo Engel Bronosky; e
- 6) vinte e um trabalhos no GP Projetos Pedagógicos e Metodologias de Ensino, coordenado por Mirna Tonus.

Além dos trabalhos inscritos por docentes,⁶ houve apresentação de pôsteres de estudantes de jornalismo, ação que tem sido incentivada nos encontros nacionais do FNPJ, a fim de estimulá-los a apresentar suas experiências em projetos de ensino, pesquisa ou extensão. Ao todo, foram apresentados, na sessão realizada a 27 de abril, 16 pôsteres, distribuídos entre os GPs Atividade de Extensão, Pesquisa na Graduação, Produção Laboratorial – Eletrônicos e Produção Laboratorial – Impressos.

Devido à grande quantidade e variedade de trabalhos, o que seria impossível abordar neste relato, destacam-se alguns temas apresentados nos grupos de pesquisa, abordados em artigos selecionados para comporem o número dez da *Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo* (REBEJ),⁷ quais sejam:

- 7) Jornalismo e videogames: desafios para a formação profissional e a produção de novos conteúdos jornalísticos, de Antonio Brasil.
- 8) Telejornalismo e produção textual: caminhos do aprendizado do gênero matéria televisiva, de Marcel Angelo.
- 9) O estágio em jornalismo sob uma perspectiva pedagógica: a experiência na Universidade Estadual de Mato Grosso, de Marli Barboza e Antonio Sardinha.

6. Alguns trabalhos contaram com participação de discentes junto aos docentes.

7. A *Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo* (REBEJ) está disponível em: <<http://www.fnpj.org.br/rebej/ojs/index.php/rebej>>.

- 10) As mídias digitais como suporte comunicacional: o renascimento do fotojornalismo nas ondas tecnológicas, de Erivam Morais de Oliveira.
- 11) Ensino de jornalismo turístico: teorização, reconhecimento local e análise crítica, de Gibran Luis Lachowski.
- 12) A concepção da pedagogia universitária nos cursos de comunicação social com habilitação em jornalismo, de Jociene Carla Bianchini Ferreira.

Esses artigos refletem as atuais preocupações de docentes de cursos de jornalismo, tanto as referentes às mídias, como o texto que aborda o fotojornalismo e os videogames, quanto a gêneros e especializações, no caso dos textos que abordam o texto no telejornalismo e o ensino do jornalismo turístico.

Salientamos que a reflexão sobre a pedagogia do jornalismo continua fortemente presente, conforme se pôde observar nas discussões realizadas nos grupos de pesquisa, segundo relataram os coordenadores durante a Assembleia Geral Ordinária. Como disse o ex-presidente, Sérgio Luiz Gadini, durante balanço do XIV Encontro Nacional de Professores de Jornalismo, “a apresentação de trabalhos é um momento de trocas de experiência entre os participantes. É um momento muito rico, de experiências pedagógicas. Nos dá uma perspectiva da riqueza que nós temos nas escolas de jornalismo” (Alvez e Tomaz, 2012).

Adicionalmente, é importante destacar que a pesquisa integra as propostas apresentadas pela atual gestão do FNPJ em sua carta-programa, na qual se vislumbra

estimular a promoção de práticas de ensino, pesquisa e extensão no campo do Jornalismo que valorizem intercâmbios com movimentos e redes sociais [a partir da luta] pela qualificação do ensino, da pesquisa e da extensão em jornalismo, de forma direta, por meio da relação do FNPJ com professores, coordenadores de curso, instituições de ensino e entidades parceiras (FENAJ, SBPJor, Andi e outras) e, de forma indireta, na interlocução com o Estado (...) pela interlocução sobre interdisciplinaridade com o reconhecimento do jornalismo como importante objeto de pesquisa, na graduação e na pós-graduação *lato e stricto sensu* [e] pela criação de linhas de pesquisa e de programas de pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado) em jornalismo (FNPJ, 2012b).

4 ENCAMINHAMENTOS

Como em todas as edições, no XIV Encontro Nacional de Professores de Jornalismo foi apresentada e aprovada em assembleia a *Carta de Uberlândia*. O documento, reproduzido na íntegra a seguir (FNPJ, 2012a), representa as principais preocupações dos professores de jornalismo reunidos no evento. A carta apresenta demandas urgentes, voltadas especialmente à obrigatoriedade da graduação em jornalismo para exercício da profissão de jornalista e às novas diretrizes curriculares.

Carta de Uberlândia

Os docentes reunidos no XIV Encontro Nacional de Professores de Jornalismo, realizado em Uberlândia, Minas Gerais, no período de 27 a 29 de abril de 2012, manifestam preocupação com as denúncias de envolvimento de jornalistas e de empresas de comunicação no esquema de corrupção montado pelo contraventor conhecido por Carlinhos Cachoeira.

Se comprovadas, as denúncias significam que os valores humanos, democráticos e jornalísticos mais elementares estão deixando de ser respeitados por este pequeno grupo de profissionais e de empresas. No caso específico do exercício do jornalismo, fica gravemente prejudicada a postura de impessoalidade e independência no tratamento da informação jornalística, que se constitui em serviço e bem público necessário ao exercício da cidadania e à constituição de uma esfera pública democrática.

Os professores de jornalismo alertam para o fato de que esse comportamento é avesso aos valores debatidos nos cursos com os futuros profissionais e para o fato de, apesar de restrito a pequenos grupos de jornalistas, revelar uma forma nova de operação do crime. As notícias até agora divulgadas sobre os fatos revelam que jornalistas e empresas são assediados para integrar diretamente uma organização criminosa, e passam a fazê-lo como uma de suas células, com o propósito não só de distorcer a realidade, mas de viabilizar práticas absolutamente ilícitas.

Isso exige de todos os atores sociais envolvidos com o jornalismo uma postura de revalorização dos princípios éticos e deontológicos da profissão, ações no sentido de blindar a atividade jornalística contra o assédio promovido pelo crime, cassar o registro dos maus profissionais e exigir das autoridades públicas profunda investigação dos fatos e punição aos criminosos, corruptos e corruptores.

Para os participantes do encontro, esses fatos sinalizam mais uma vez para a necessidade da democratização da comunicação no Brasil, o que passa pelo estabelecimento de um marco regulatório claro, que assegure, ao mesmo tempo, a liberdade de imprensa e a participação da sociedade no estabelecimento de políticas para o setor, por intermédio de um Conselho de Comunicação independente e com poderes de regulação, como ocorre em boa parte do mundo democrático, conforme proposta aprovada na I Conferência Nacional de Comunicação (Confecom), realizada em dezembro de 2009.

No caso específico do jornalismo, passa também pela criação, negada pelo Congresso Nacional, de um Conselho Federal e dos Conselhos Regionais de Jornalistas, como autarquia legítima para zelar adequadamente pelo bom exercício profissional do jornalismo, cassando, se necessário e em benefício da sociedade, o registro dos profissionais cuja conduta antiética seja comprovada.

Também é preocupante o aumento da violência contra jornalistas no Brasil, com seis assassinatos ocorridos nos últimos cinco meses. O último da triste estatística foi Décio Sá, de 42 anos, morto com seis tiros, em São Luís (MA), no dia 23 abril de 2012. Sá era jornalista do Estado do Maranhão e dono de um blog conhecido

pelas denúncias e críticas contra o poder público e políticos, o que o tornou uma das páginas mais acessadas da região. Tais fatos denunciavam a intolerância de certos setores da sociedade com a crítica pública e com os valores democráticos e requerem das autoridades policiais e judiciais ações contundentes no sentido de punir os responsáveis e garantir a segurança necessária ao exercício profissional do Jornalismo, um serviço fundamental à cidadania e à democracia.

Os participantes do XIV ENPJ também reafirmam a necessidade de o Congresso Nacional dar continuidade ao processo de votação da Proposta de Emenda Constitucional nº 33 (conhecida como a PEC dos Jornalistas), aprovada em primeiro turno no Senado da República, que restitui a obrigatoriedade da graduação em jornalismo para o exercício da profissão de jornalista. Essa exigência, equivocadamente eliminada pelo STF da legislação que regulamenta a profissão, é condição fundamental para qualificar a atividade, colocá-la em sintonia com as aspirações sociais, devolver minimamente ao Estado a capacidade de regulação da atividade e restabelecer o papel central da instituição universitária na determinação do perfil profissional e, portanto, do perfil de jornalismo que a sociedade brasileira terá.

No que diz respeito à educação superior, os docentes de Jornalismo também manifestam preocupação com a demora na apreciação da proposta de novas Diretrizes Curriculares Nacionais de Jornalismo pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), onde tramita há mais de dois anos. Tal fato gera insegurança, atrasa a atualização dos projetos pedagógicos e da estrutura curricular desencadeada por diversos cursos de jornalismo em todo o Brasil e posterga mais ainda o processo nacional desencadeado pelo próprio MEC de reconhecimento e de afirmação da identidade e especificidade do jornalismo e dos seus princípios democráticos e republicanos.

Os participantes do encontro reivindicam, ainda, das autoridades competentes, o fortalecimento das políticas de extensão, para que essa prática se efetive como componente fundamental da presença das instituições universitárias na vida das sociedades nas quais estão inseridas. Por fim, os participantes do 14º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo denunciam a precarização do trabalho docente, as demissões arbitrárias e a substituição de professores altamente qualificados por outros de menor capacitação, medidas que visam a potencialização do lucro, evidenciando a mercantilização da Educação.

Aprovada na Assembleia-Geral Ordinária do FNPJ, realizada no XIV Encontro Nacional de Professores de Jornalismo, Uberlândia-MG, 29 de abril de 2012.

REFERÊNCIAS

ALVES, A. P. C.; TOMAZ, C. **Luiz Galdini faz balanço do XIV ENPJ**. Uberlândia, 29 abr. 2012. Disponível em: <<http://enpj2012.wordpress.com/2012/04/29/luiz-gadini-faz-balanco-do-14o-enpj/>>.

COSTA, L. C. **Entrevista com o presidente do INEP**: Luiz Cláudio Costa avalia o ensino superior no Brasil. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO, 14., 2012. Uberlândia, 28 abr. 2012. Entrevista concedida a Brunner Macedo. Disponível em: <<http://enpj2012.wordpress.com/2012/04/28/entrevista-com-presidente-do-inep/>>.

FNPJ – FÓRUM NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO. Assembleia-Geral Ordinária do FNPJ. **Carta de Uberlândia**. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO, 14., Uberlândia, 29 abr. 2012a.

FNPJ – FÓRUM NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO. **Carta-programa**: chapa jornalismo em plena formação. 2012b. disponível em: <<http://enpj2012.files.wordpress.com/2012/04/carta-programa-jornalismo-em-plena-formac3a7c3a3o.pdf>>.

FNPJ – FÓRUM NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO *et al.* **Carta aberta ao Ministério da Educação e Conselho Nacional de Educação**: pela imediata aprovação da proposta de diretrizes curriculares para o jornalismo. Brasília, 26 out. 2012. Disponível em: <http://www.fenaj.org.br/educacao/carta_aberta_ao_mec_e_cne.pdf>.

MICK, J. **Perfil profissional do jornalismo brasileiro**. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE COORDENADORES DE CURSO, 5., no âmbito do ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO, 14., 2012. Uberlândia, Minas Gerais, 2012.

CAPÍTULO 5

JORNALISMO II: CONGRESSO DA SBPJOR EM CURITIBA ATESTA EXPANSÃO DA PESQUISA

Dione Oliveira Moura*
Ana Paula Rosa**
Claudia Irene de Quadros***
Denise Stacheski****
Demétrio de Azeredo Soster*****
Francieli Mognon*****
Iluska Coutinho*****
Josenildo Luiz Guerra*****
Julius Nunes*****
Kati Caetano*****
Kênia Maia*****
Leonel Aguiar*****
Luciana Mielniczuk*****
Mônica Cristine Fort*****
Mônica Kaseker*****
Myrian Del Vecchio*****
Victor Gentili*****

* Presidenta da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor); e docente da Universidade de Brasília (UnB).

** Membro da Comissão Organizadora Local do X Encontro Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) 2012; e docente da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP).

*** Membro da Comissão Organizadora Local do X Encontro Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) 2012; e docente da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP).

**** Membro da Comissão Organizadora Local do X Encontro Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) 2012; e docente da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR).

***** Diretor administrativo da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) e membro da Comissão Organizadora Nacional do X Encontro Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) 2012; e docente da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC).

***** Membro da Comissão Organizadora Local do X Encontro Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) 2012; e docente da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR).

***** Diretora editorial da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) e membro da Comissão Organizadora Nacional do X Encontro Nacional da SBPJor 2012; e docente da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

***** Coordenador do II Encontro de Jovens Pesquisadores em Jornalismo (II JPJor) 2012; e docente da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

***** Membro da Comissão Organizadora Local do X Encontro Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) 2012; e docente da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR).

***** Membro da Comissão Organizadora Local X Encontro Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) 2012; e docente da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP).

***** Vice-Presidenta da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) e membro da Comissão Organizadora Nacional do X Encontro Nacional da SBPJor 2012; e docente da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

***** Coordenador do Prêmio Adelson Genro Filho de Pesquisa em Jornalismo 2012; e docente da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

***** Diretora científica da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor); coordenadora científica e membro da Comissão Organizadora Nacional do X Encontro Nacional da SBPJor 2012; e docente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

***** Coordenadora da Comissão Organizadora Local do X Encontro Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) 2012; e docente da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR).

***** Membro da Comissão Organizadora Local do X Encontro Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) 2012; e docente da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR).

***** Membro da Comissão Organizadora Local do X Encontro Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) 2012; e docente da Universidade Federal do Paraná (UFRPR).

***** Coordenador do II Encontro de Jovens Pesquisadores em Jornalismo (JPJor) 2012; e docente da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

1 APRESENTAÇÃO

Iniciado em 2003, na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB), o Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo tem se constituído em uma referência para os estudos do campo. Neste primeiro encontro, houve uma assembleia geral com 130 participantes para fundar a Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). Em 2003 foram sessenta trabalhos aprovados e apresentados e a SBPJor chegou ao ano de 2012 com mais de 220 trabalhos aprovados e apresentados, entre comunicações livres e coordenadas no evento realizado na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), em parceria com a Universidade Tuiuti do Paraná (UTP) e a Universidade Federal do Paraná (UFPR). Desde então, a entidade vem crescendo não só em número de associados, mas em ações que incrementam a visibilidade e o fortalecimento da pesquisa em jornalismo (Moura, 2004; Franciscato, 2009; Machado, 2010). Desde sua fundação, a SBPJor tem exigido a descrição da metodologia aplicada nos estudos apresentados nos encontros. Nos últimos anos também tem crescido a participação de estudantes de pós-graduação no evento e, a partir de 2011, um aumento significativo da participação de estudantes de graduação, por meio do Encontro de Jovens Pesquisadores em Jornalismo (JPJor).

Os trabalhos apresentados nos eventos da SBPJor podem ser encontrados no *site* da entidade.¹ O X Encontro Nacional da SBPJor,² ocorrido entre 8 e 10 de novembro de 2011 em Curitiba, no Paraná, em correalização com a PUCPR e parceria com a UTP e a UFPR teve como tema central a Pesquisa em jornalismo na América Latina. Paralelamente, no dia 8 de novembro, foi realizado o II JPJor. A proposta é incentivar a pesquisa desde os primeiros anos da graduação. Os melhores estudos em jornalismo, nos mais diferentes níveis – sênior, doutorado, mestrado, trabalho de conclusão de curso (TCC) e iniciação científica (IC) –, foram homenageados na cerimônia de entrega do VII Prêmio Adelmo Genro Filho de Pesquisa em Jornalismo (PAGF). Na noite de autógrafos do X Encontro Nacional da SBPJor, quarenta obras sobre jornalismo e comunicação foram lançadas. As redes de pesquisa da SBPJor – Rede de Pesquisa Aplicada em Jornalismo e Tecnologia (Rede JorTec) e Rede de Pesquisadores em Telejornalismo – também estiveram muito atuantes no evento.

1. Disponível em: <www.sbpjor.org.br>.

2. O evento obteve patrocínio, por meio de editais de eventos, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação Araucária. *Síte* do evento: <www.sbpjor.org.br/10encontro>.

A diretoria e os conselhos³ da SBPJor formaram a Comissão Organizadora Nacional do evento, que inclui as coordenações do JPPJor e do PAGE. A Comissão Organizadora Nacional, coordenada pela professora Dione Oliveira Moura, atuou em parceria com a Comissão Organizadora Local, coordenada pela professora Mônica Fort, com participantes de PUCPR, UTP e UFPR.

2 PESQUISA EM JORNALISMO NA AMÉRICA LATINA

O tema do X Encontro Nacional da SBPJor foi debatido em dois painéis principais, com a presença dos painelistas Claudia Mellado (Universidade de Santiago do Chile) e Raul Osório (Faculdade de Comunicações da Universidade de Antioquia – Jornalismo, Colômbia), no primeiro painel; e de Beatriz Marocco (Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos), Eduardo Meditsch (Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC) e Luiz Gonzaga Motta (Universidade de Brasília – UnB), no segundo painel.

Nas décadas de 1970 e 1980, a pesquisa em jornalismo no Brasil esteve em forte diálogo com a pesquisa em comunicação na América Latina. Foi neste período que transcorreu no Brasil a fundação e expansão dos programas de pós-graduação em comunicação/jornalismo, assim como associações e redes de pesquisa, seja com foco no contexto brasileiro, seja com foco na América Latina. Os painelistas foram convidados a debater que temas e problemas de pesquisa comuns traz o jornalismo para este cenário. De que forma estas redes foram estruturadas. Quais permaneceram, quais se reconfiguraram e quais se desconfiguraram. Por quais motivos e variáveis isto ocorre. A pesquisa em jornalismo na América Latina está em diálogo histórico com a pesquisa em jornalismo no Brasil, mas de que forma este diálogo tem se estabelecido. Quais ênfases estão presentes e quais perspectivas podem ser apontadas neste contexto em termos de parcerias, redes e objetos comuns de pesquisa.

3 REVISÃO POR PARES E ORGANIZAÇÃO DOS TRABALHOS

A seleção dos trabalhos para o X Encontro Nacional da SBPJor foi conduzida pela Diretoria Científica da SBPJor. A escolha das comunicações livres coube aos sócios doutores da SBPJor. Cada trabalho submetido recebeu parecer de pelo menos dois especialistas na área temática do texto. Em caso de empate, o texto foi enviado a um terceiro parecerista. O sistema de avaliação foi feito por pareceres

3. Conselheiros científicos da SBPJor: Beatriz Becker (Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ), Christa Berger (Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos), Edson Fernando Dalmonde (Universidade Federal da Bahia – UFBA), Fábio Henrique Pereira (UnB), Fernando Resende (Universidade Federal Fluminense – UFF), José Luiz Aidar Prado (PUC-SP) e José Luiz Proença (Universidade de São Paulo – USP). Conselheiros administrativos da SBPJor: Edna Mello (Universidade Federal do Tocantins – UFT), Paula Melani Rocha (Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG) e Joanita Mota de Ataíde (Universidade Federal do Maranhão – UFMA).

cegos (*blind review*), sem identificação do autor do trabalho e dos pareceristas. Ao todo 138 pareceristas trabalharam na avaliação dos trabalhos, sob a coordenação da diretora científica da SBPJor, Luciana Mielniczuk. Já a avaliação dos trabalhos do II JPJor envolveu 52 pareceristas, sob a coordenação dos professores Victor Gentili e Josenildo Guerra.

No caso das comunicações coordenadas, as propostas foram analisadas na forma de pareceres cegos por dois membros do Conselho Científico da SBPJor. Em caso de empate, novo parecer foi solicitado a outro membro do Conselho Científico.

Em 2012,⁴ a chamada de trabalhos para o X Congresso da SBPJor foi divulgada no mês de maio, por meio do *site* da SBPJor. Pela primeira vez na SBPJor, todo o sistema de envio de trabalhos e emissão de pareceres foi feito *online*, via sistema eletrônico de editoração de revistas (Seer), uma parceria da SBPJor com a Biblioteca Central da UnB.⁵

3.1 Encontro de Jovens Pesquisadores em Jornalismo

O número recorde de trabalhos submetidos ao II JPJor evidenciou a força da pesquisa em jornalismo nos cursos de graduação. Foram 115 trabalhos inscritos em 2012 (com 94 aprovados), um aumento superior a 100% em relação ao encontro do ano anterior, no Rio de Janeiro, que teve 57 trabalhos inscritos, 42 deles aprovados.

Entre os mais de cem artigos inscritos, há trabalhos de todas as regiões do Brasil. Muitos resultantes de TCCs e outros oriundos de atividades de IC. Em relação ao encontro de 2011, uma das novidades do II JPJor foi a exigência de um documento do professor-orientador confirmando e avaliando o texto.

3.2 Prêmio Adelmo Genro Filho de Pesquisa em Jornalismo

Também no PAGE, todo o processo de avaliação pelas comissões julgadoras foi realizado por meio de revisão cega, sem a identificação de autores, orientadores, programas, faculdades ou universidades. O trabalho de julgamento, de um

4. Para dar suporte à realização do evento, o curso de jornalismo da PUCPR convidou seus alunos para atuarem em diferentes momentos. Cinquenta jovens, de variados períodos da manhã e da noite, participaram como monitores das comunicações e palestras, do evento de lançamento de livros e dos quatro minicursos oferecidos pela SBPJor. Os alunos também foram responsáveis pela cobertura jornalística multimídia, e foram os mestres de cerimônia do X Encontro Nacional da SBPJor. Parte deste grupo atuou na assessoria de imprensa, produzindo reportagens textuais e audiovisuais para alimentar o *site* oficial do evento (disponível em: <<http://sbpjor.org.br/10encontro>>) e as redes sociais. Estudantes de graduação e/ou pós-graduação da UnB, UFRGS, UNISC, UTP, UFPR, UFJF, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Universidade Estadual de Londrina (UEL) também colaboraram na construção do evento.

5. O envio de trabalhos e a emissão de pareceres foram feitos pelo endereço: <<http://soac.bce.unb.br/index.php/ENPJor>>. Os anais dos eventos (X Encontro Nacional da SBPJor e II Encontro de Jovens Pesquisadores em Jornalismo) também foram disponibilizados no mesmo endereço, na sala de conferência de cada um dos eventos.

total de 55 trabalhos inscritos, envolveu três comissões julgadoras, uma por categoria, as quais tiveram, na coordenação geral do PAGF 2012, o professor Leonel Aguiar (PUC-Rio).

A tese premiada foi *Ser revista e viver bem: um estudo de jornalismo a partir de Vida Simples*, de Frederico de Mello Brandão Tavares. O doutorado do autor foi realizado no Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, sob orientação da pesquisadora Christa Berger.

A comissão julgadora da categoria doutorado, composta pelos pesquisadores Bruno Souza Leal (Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG), Raquel Paiva (Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ) e Ronaldo Henn (Unisinos), atribuiu menção honrosa ao trabalho de Giovanna Gertrudes Benedetto Flores. A tese *Os sentidos de nação, liberdade e independência na imprensa brasileira (1821-1822) e a fundação do discurso jornalístico brasileiro* foi defendida no Instituto de Estudos da Linguagem/Doutorado em Linguística da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), sob orientação da pesquisadora Cláudia Regina Castellanos Pfeiffer. Ao todo, foram avaliadas oito teses de doutorado.

Na categoria mestrado, a vencedora foi Juliana Fernandes Teixeira com o trabalho *Webjornalismo audiovisual universitário no Brasil: um estudo dos casos TV UVA, TV UERJ e TJ UFRJ (2001-2010)*. A dissertação premiada foi orientada pelo pesquisador Elias Machado e defendida no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC. Integrada por Alfredo Vizeu (Universidade Federal de Pernambuco – UFPE), Juciano Lacerda (Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN) e Carla Schwingel (Mackenzie), a comissão avaliou um total de dezenove dissertações. A menção honrosa, categoria mestrado, foi atribuída ao trabalho *A liberdade para apurar os sentidos do mundo: a produção de reportagem na revista Piauí*, de Géssica Gabrieli Valentini, do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, da UFSC, sob orientação do pesquisador Jorge Kanehide Ijuim.

Com o maior número de trabalho inscritos, a categoria iniciação científica acolheu trabalhos de estudantes de graduação e jornalistas recém-formados. Ana Regina Rêgo (Universidade Federal do Piauí – UFPI), Hebe Gonçalves (Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG) e Liliane Machado (UnB) foram responsáveis pela avaliação de 28 trabalhos. O trabalho escolhido como vencedor foi a pesquisa *Fotojornalismo na imprensa tradicional e popular: as linguagens fotográficas dos jornais Zero Hora e Diário Gaúcho*, desenvolvida por Carina Mersoni no curso de jornalismo da Unisinos, sob orientação da pesquisadora Beatriz Sallet. Também na categoria iniciação científica a comissão julgadora atribuiu menção honrosa a Tiago Schmidt Miotto pelo trabalho *Liberdade de imprensa e Wikileaks: uma análise do*

discurso da revista Época. A pesquisa foi desenvolvida na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), sob orientação da pesquisadora Ada Cristina Machado da Silveira.

A categoria sênior, como estabelece o edital, é indicada pela diretoria e pelo Conselho Científico da SBPJor, e a premiada em 2012 foi a pesquisadora Graça Caldas, da UNICAMP, por sua contribuição à pesquisa em jornalismo. Graça Caldas é jornalista desde 1969, graduada em comunicação social pela UFRJ e doutora em ciências da comunicação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) em 1995.

4 JANUS: PASSADO E FUTURO NO CONTEXTO DOS DEZ ANOS DA SBPJOR

O Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo de 2012 trouxe diversos temas que discutem o jornalismo nos mais variados aspectos, como ensino, processo produtivo, linguagem, política, ética, meios, convergência e tecnologia, elevado número de trabalhos inscritos, participantes, livros a serem lançados, sendo alguns deles já premiados como teses e dissertações em edições anteriores, assim como o envolvimento discente. Os encontros da SBPJor estimulam e incentivam as instituições de ensino superior que têm a formação em jornalismo a efetivar a pesquisa, aperfeiçoando a atuação profissional mais crítica e reflexiva, fundamentais à sociedade.

Consideramos que a qualidade dos trabalhos apresentados demonstram o fortalecimento da comunidade científica na área do jornalismo. Não somente em termos quantitativos, mas também o nível das pesquisas selecionadas demonstram um desenvolvimento crescente do segmento. Assim como o jornalismo vem sendo impactado por um novo *modus operandi* de fazer midiático pela circularidade do processo comunicacional, estudantes, professores e profissionais estão cada vez mais saindo de seus lugares de observadores para efetivamente se constituir em atores de produção de saber.

A SBPJor 2013 terá lugar na UnB, universidade sede da fundação da associação. Em novembro do mesmo ano a SBPJor completará dez anos de instituição. A figura do mito de Janus – as duas faces que representam o olhar sobre o passado para projetar o futuro – é o que guia a SBPJor neste momento. Nesta perspectiva, a memória da associação é tema de pesquisa de estágio de pós-doutoramento da docente Dione O. Moura junto ao Departamento de Pós-Graduação em Ciências da Informação da UnB. O *Projeto Janus: memória e horizontes da SBPJor (2003-2013)* conta com a contribuição de diversos pesquisadores de múltiplas instituições, e também é tema de pesquisa de três bolsistas de iniciação científica da UnB, orientados pela mesma

docente. Contribuições (depoimentos, fotografias etc.)⁶ têm sido reunidas e organizadas para exposição e outros produtos no evento de 2013. Todos estão desde já convidados a participar ou a conhecer, posteriormente, os trabalhos que serão apresentados no evento que celebrará os dez anos da SBPJor.

REFERÊNCIAS

FRANCISCATO, C. E. O papel da SBPJor na consolidação do campo de pesquisa em jornalismo. **Global media journal**, v. 1, n.1, p. 1-7, 2009. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/index.php/gmj/article/view/540>>. Acesso em: 10 out. 2012.

MACHADO, E. SBPJOR: uma conquista dos pesquisadores em jornalismo. *In*: Marques de Melo, J.; Kunsch, M. M. (Orgs.). **Panorama de pesquisa em comunicação**. Brasília: Ipea; Socicom, 2010. v. 2, p. 123-129.

MOURA, D. O. A institucionalização da pesquisa em jornalismo e a criação da Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). **Estudos em jornalismo e mídia**, Santa Catarina, v. 1, p. 211-216, 2004. Disponível em: <<http://www.journal.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/viewFile/2082/1824>>. Acesso em: 5 out. 2012.

6. Contato: <sbpjor.projetojanus@gmail.com>.

JORNALISMO III: PRÊMIO ADELMO GENRO FILHO VALORIZA A TRAJETÓRIA DE PESQUISADORA E PROFISSIONAL DO JORNALISMO CIENTÍFICO

Graça Caldas*

1 INTRODUÇÃO

Quando iniciei minha vida profissional como jornalista, em abril de 1969, no *Diário de Notícias*, no Rio de Janeiro, não imaginava que um dia pudesse ser contemplada com o Prêmio Adelmo Genro Filho, na categoria pesquisadora sênior, concedido pela Associação Brasileira de Pesquisadores de Jornalismo (SBPJor), em 2012. Receber este prêmio durante o X Encontro Nacional de Pesquisadores de Jornalismo, no dia 8 de novembro, em Curitiba, foi uma grande surpresa e uma imensa alegria. Este fato representa o reconhecimento dos pares por minha trajetória profissional de mais de quarenta anos dedicados ao jornalismo, entre atuação na imprensa, na docência (graduação e pós-graduação), em alguns cargos administrativos e na pesquisa na área de jornalismo, área pela qual me apaixonei desde os tempos do antigo ginásio, quando escrevia artigos nos jornais da escola.

Estar ao lado de grandes nomes da área do jornalismo que me precederam nesta premiação, como Luiz Gonzaga Figueiredo Motta (Universidade de Brasília – UnB), em 2011; Muniz Sodré de Araújo Cabral (Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ), 2010; José Marques de Melo (Universidade Metodista de São Paulo/Universidade de São Paulo – UMESP/USP), 2009; Marcos Palácios (Universidade Federal da Bahia – UFBA), 2008; e Christa Berger (Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos), 2007, só aumenta a minha responsabilidade. Além disso, este prêmio tem um sabor especial, por levar o nome do jornalista Adelmo Genro Filho, pela sua coerente trajetória pautada por uma visão política e militante da área, sem descuidar de importantes reflexões teóricas sobre o fazer jornalismo, como retratam suas diferentes obras, entre elas o já clássico livro *O segredo da pirâmide*, de 1987.

* Jornalista e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Divulgação Científica e Cultural do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (LABJOR /IEL/UNICAMP). Endereço eletrônico: <gcaldas@unicamp.br>.

O VII Prêmio Adelmo Genro Filho é um incentivo dado pela SBPJor a pesquisadores(as) de jornalismo em diferentes categorias (pesquisador sênior, doutorado, mestrado e iniciação científica) para o fortalecimento da pesquisa na área de jornalismo, em face de sua especificidade e responsabilidade social. Criada em 2003, a SBPJor é uma associação que reúne, anualmente, pesquisadores da área de jornalismo em congressos para a troca de experiências e o avanço do conhecimento. Além de suas múltiplas atividades, publica semestralmente, em inglês e português, a revista internacional *Brazilian journalism research* (BJR), que contempla os múltiplos olhares para uma reflexão plural da área.

A indicação de meu nome pelos colegas, sem minha inscrição prévia, com memorial descritivo, como é comum em muitas premiações, valoriza ainda mais este prêmio, que considero o mais importante de minha trajetória, exatamente pelo reconhecimento de colegas e amigos que foram muito generosos neste processo. O prêmio representa um estímulo adicional ao meu trabalho como pesquisadora da área e uma renovação de energia para continuar no mesmo caminho que tracei ao escolher o jornalismo como profissão, no fim dos anos 1960.

2 PAIXÃO PELO JORNALISMO

Venho dedicando toda a minha vida ao fazer e refletir sobre o jornalismo. Esta tem sido minha paixão desde que comecei a trabalhar no jornal *Diário de Notícias*, no Rio de Janeiro, em abril de 1969. Sempre acreditei na força do jornalismo, no papel político do profissional da imprensa como um intelectual e intérprete da sociedade. Mais de quatro décadas depois (com uma longa e variada trajetória profissional), minha percepção da área, embora naturalmente mais madura, em sua essência, continua a mesma. Fazer jornalismo de qualidade, com conteúdo, independe do suporte, da plataforma, mas exige, sobretudo, leitura crítica de mundo para fazer a diferença entre informação e conhecimento.

Em todos esses anos de atuação, seja na mídia, na sala de aula, em orientações, seja na pesquisa, minha maior motivação tem sido o diálogo, a troca de conhecimento, o aprendizado mútuo com os diferentes interlocutores que participaram e ainda participam de minha vida. Nesta longa caminhada que tento reinventar, a cada ano, com meus colegas e, sobretudo, com meus orientandos, alunos e amigos, a certeza do papel político e educativo do jornalismo na formação crítica da opinião pública para a (re)construção de uma cidadania ativa.

3 TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Ingressei nessa área em abril de 1969, quando ainda fazia o curso de pré-vestibular para o curso de jornalismo da Escola de Comunicação da UFRJ, onde me formei no início da década de 1970, após interromper o curso por um ano, por motivos

personais. Como repórter estagiária e depois contratada no *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, tive uma rica e variada experiência profissional.

No primeiro dia do jornal, como de praxe, fui enviada à oficina para pegar a calandra e trazer para o editor. Mal sabia eu, que ainda não tinha iniciação acadêmica na área, que a tal calandra era a rotativa, uma máquina enorme, que ocupava todo o espaço da oficina para rodar diariamente o jornal, após sua confecção em chumbo, letra após letra, linha de texto após linha de texto, ritual que se repetia cotidianamente, com o derretimento do chumbo após o jornal ir para as ruas e no dia seguinte compor nova edição. Era o batismo dos “focas”. No gargalhar dos colegas, no meu retorno à redação, de mãos vazias, sem o cumprimento da primeira tarefa, a certeza de que fazer jornalismo era um aprendizado contínuo, diário e sobretudo um trabalho de equipe.

Ainda no *Diário de Notícias*, convivi com a presença dos censores do regime militar, acompanhando de perto os exercícios competentes dos colegas mais experientes em driblar, nas entrelinhas dos textos, os agentes da ditadura na composição diária da notícia. Tempos de muito aprendizado profissional, político e de vida. Experiência que ajudou a moldar minha formação ética, visão do jornalismo como a arte do possível, sem nunca abrir mão de correr atrás da utopia de tentar fazer sempre o melhor, de repensar a forma de cada cobertura, entrevista, como uma nova forma de aprendizado, que surpreendia, exigia improvisos e se renovava, a cada dia.

Como “foca” e depois como repórter do *Diário de Notícias*, cobri de tudo, passando pela polícia, quando fiz várias expedições à Baixada Fluminense ou até mesmo reportagens sobre a Escuderia Le Coq, em coautoria como meu ex-marido, e também jornalista, Carlos Alberto Pereira. Da polícia, onde adquiri agilidade e algumas das artimanhas necessárias à profissão, passei por esporte, geral, política, educação, divulgação científica e cultural, assim como por gabinetes de ministérios, à época ainda instalados no Rio, ex-capital do país.

Entrevistei de lixeiro de rua a presidente da República. Cobri tragédias como a queda do elevador Paulo de Frontin, no Rio de Janeiro, no início dos anos 1970, desfiles de escolas de samba, as greves políticas dos anos 1970 e 1980 e os movimentos pela redemocratização do país. Em cada abordagem, em cada entrevista, observação direta dos fatos que se desenrolavam sob meus olhos, a certeza de que a informação bem cuidada, atenta aos acontecimentos, era fundamental para a formação da opinião pública. Ao mesmo tempo, a certeza de que os fatos precisam ser acompanhados das causas e consequências, desdobramentos naturais da notícia contextualizada, analisada, interpretada, para explicar à sociedade o como e o porquê dos fatos, dos acontecimentos, das decisões políticas que, em última instância, afetam diretamente a vida dos cidadãos.

Ainda no Rio de Janeiro, tive outras experiências profissionais em revistas da Editora Bloch (*Pais e Filhos*, *Amiga*, *Fatos e Fotos*) e vários frilas para as revistas das editoras Globo e Abril, atuando sempre no jornalismo impresso (jornal e revistas). Na área de audiovisual tive uma rica, porém curta passagem pela TV Globo, ainda quando os filmes eram revelados e os editores, entre eles eu, corriam contra o tempo para colocar as matérias no ar, seja no *Jornal Nacional*, seja no *Jornal Hoje*. Ali, também editei o programa infantil Globinho. A direção geral da época era de Armando Nogueira e a editora chefe era Alice Maria, de quem guardo bons ensinamentos e de quem mantenho, arquivado entre muitos papéis que registram minha história profissional, uma carta de referências.

Adquiri meu registro profissional de jornalismo pela legislação de 1969. Conquistar o registro profissional do Ministério do Trabalho (MTB) de nº 12.918-RJ foi um orgulho muito grande. Sou sindicalizada, desde então, no Rio de Janeiro e depois em São Paulo, com matrícula sindical (MS) nº 6.775. Participei de várias atividades sindicais e durante a gestão de Fred Ghedini, no Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo, o curso de jornalismo da Universidade Metodista, sob minha coordenação, integrou a experiência piloto de estágio supervisionado, no jornal *Diário do Grande ABC*. Acredito no papel do sindicato, independente de orientação partidária, como uma instituição agregadora para a necessária percepção política da sociedade e fundamental no exercício do diálogo cotidiano que se estabelece com os diferentes grupos e atores sociais.

4 COBERTURA DE CIÊNCIAS, TECNOLOGIA E INOVAÇÕES (CT&I)

Ao mudar para Campinas, em 1975, para acompanhar o marido, Thomas Michael Lewinsohn, biólogo, que foi fazer pós-graduação em ecologia na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e onde é hoje professor titular, enfrentei muitas mudanças e novos desafios. Inicialmente, fui correspondente do *Jornal do Brasil* na região, por vários anos. Depois, trabalhei no *Correio Popular* e na Assessoria de Imprensa da Prefeitura de Campinas. Em seguida, fui repórter da *Folha de S. Paulo* e, finalmente, ingressei na Assessoria de Imprensa da UNICAMP, onde fiquei por onze anos.

A cobertura jornalística em Campinas e região, pelas características locais, levaram-me, automaticamente, para a elaboração de reportagens na área agrícola, científica e tecnológica, pela presença forte do Instituto Agronômico de Campinas (IAC), do Instituto Tecnológico de Alimentos (Ital), do Centro de Pesquisa e Desenvolvimento da Telebrás (CPqD), de universidades, como UNICAMP, Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), entre tantas outras, que tinham a pesquisa reconhecida nacionalmente.

Embora tenha feito várias coberturas das reuniões anuais da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que aconteciam no Mosteiro de Itaici, próximo a Campinas, assim como algumas coberturas de campeonato de tênis e de polo, em Helvetia (pedido expresso da condessa Pereira Carneiro); acompanhado várias greves e manifestações políticas, entrevistando vários exilados políticos que voltavam ao Brasil pelo Aeroporto de Viracopos, entre tantos outros acontecimentos que fazem parte do cotidiano do trabalho dos jornalistas, a especialização na cobertura de ciência, tecnologia e inovação (CT&I) ocorreu de forma natural. Além de tudo, era casada com um cientista e vivenciava a área também em casa.

5 ENSINO E PESQUISA

O convite inesperado para a docência, do jornalista e professor da PUC-Campinas, Mário Erbolato, também diretor da sucursal do jornal *O Estado de S. Paulo*, em Campinas, despertou-me para a academia, considerando minha ampla e variada experiência na área. Assim, fiz concurso para a disciplina de jornalismo comparado, na PUC-Campinas, ainda na década de 1980, e dei início a outra trajetória, a de docente do curso de jornalismo. O exercício da docência acontecia em paralelo a minhas atividades profissionais, ainda na sucursal da *Folha de S. Paulo*. Nas salas de aula, descobri uma nova vocação, a da reflexão sobre a prática jornalística e as teorias que embasavam a área.

A partir daí, fazer mestrado em comunicação científica e tecnologia na Universidade Metodista, doutorado em ciências da comunicação na USP e, recentemente, pós-doutorado em política científica e tecnológica na UNICAMP, foi uma consequência natural, pois supriu a necessidade de voltar aos bancos escolares para novos aprendizados e reflexão sobre minha prática profissional para o melhor exercício da docência. Meu mestrado a respeito do discurso nuclear, o doutorado sobre políticas públicas em comunicação e o pós-doutorado sobre a retomada do Programa Nuclear do governo Lula evidenciam meu interesse por temas sempre presentes em minhas pesquisas de comunicação, passando pela mídia e suas coberturas sobre política, educação e ciência e tecnologia.

No início da década de 1990, o professor Marques de Melo, que participou de minha banca de doutorado na USP e da proposta de abertura do curso de especialização em jornalismo científico do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas (LABJOR/UNICAMP), fez-me outro inesperado convite, que mudou definitivamente minha trajetória. Surgiu uma vaga no Programa de Pós-Graduação da Universidade Metodista de São Paulo, onde Marques de Melo era coordenador. Ele acreditou em meu potencial e convidou-me para assumir o posto, na linha de pesquisa em comunicação científica e tecnológica, capitaneada pelos professores Wilson Bueno e Isaac Epstein. Tive apenas uma semana para dar a resposta.

Tomei a decisão de sair da Assessoria de Imprensa da UNICAMP, onde tinha um trabalho confortável, mas que já não me oferecia novos desafios, para ingressar na pós-graduação da Universidade Metodista, onde tudo era novo: uma grande mudança e meu ingresso definitivo na docência e na pesquisa. Na Metodista, também por convite de Marques de Melo, coordenei o curso de jornalismo e dirigi a Faculdade de Jornalismo e Relações Públicas, em paralelo a minhas atividades de docência e orientação na pós. Novos desafios, novos aprendizados de gestão e sobre relações de poder.

Ainda na Universidade Metodista, coordenei uma importante reforma curricular no curso de jornalismo, orientei vários trabalhos de conclusão de curso (TCCs), que se somaram a outros que já tinha orientado na PUC-Campinas. Orientei dezoito dissertações de mestrado e dez de doutorado. Descobri o prazer e as angústias da orientação, o aprendizado permanente com os alunos, novas leituras e metodologias e tive certeza de que a guinada da atividade profissional para a atividade acadêmica aconteceu de forma natural e veio preencher minhas inquietudes políticas na área de comunicação, para as quais só a pesquisa poderia oferecer algumas respostas e ajudar na formulação de novas questões.

Pelo Ministério da Educação (MEC) integrei várias comissões para a avaliação de cursos de jornalismo em diferentes cantos do país e, novamente, por convite de Marques de Melo, participei da criação do projeto do curso de jornalismo da Faculdade de Campinas (FACAMP). Em Campinas, recebi convite da pesquisadora da Faculdade Integrada Metropolitana de Campinas (METROCAMP), Lara Bezon, para estruturar o mestrado em comunicação e cultura. O diretor-geral era o professor Eduardo Coelho, ex-reitor da PUC-Campinas e ex-deputado, que eu já tinha entrevistado várias vezes como repórter. Na METROCAMP, dei aulas, coordenei dois cursos de especialização e fui coordenadora-geral de pesquisa da instituição. Novos aprendizados. Novos desafios que se somavam à minha experiência profissional.

Desde o início da década de 1990, em paralelo às minhas atividades na Universidade Metodista, ao sair da assessoria da UNICAMP, mantive vínculo como colaboradora do LABJOR/UNICAMP, onde permaneço até hoje, como docente do Programa de Pós-Graduação em Divulgação Científica e Cultural. Da Metodista saí em 2010, deixando muitos amigos e ex-alunos, para dedicar-me exclusivamente à divulgação científica e cultural na UNICAMP.

Atualmente, dou aulas nos cursos de mestrado e *lato sensu* e oriento pesquisas em jornalismo especializado (científico, política, economia, cultural, política científica, mídia e educação). Os desafios permanecem os mesmos. A cada dia, novos aprendizados, a certeza de que continuo aprendendo com a vida e sendo continuamente educada e estimulada por alunos e colegas. O desafio

permanente da aventura de novos conhecimentos. O prêmio de pesquisador sênior da SBPJor contribui para manter acesa a chama do saber, do ensinar a pensar, a refletir sobre o mundo em que vivemos para o exercício cotidiano da cidadania, a importância de manter viva a utopia do conhecimento, para melhor compreensão do mundo em que vivemos.

6 A ABJC E O JORNALISMO CIENTÍFICO NO BRASIL

A Associação Brasileira de Jornalismo Científico (ABJC), criada em 1977, com o apoio de José Marques de Melo e Manuel Calvo Hernando, vem exercendo um importante papel no processo de consolidação do jornalismo científico no Brasil. De seu primeiro presidente, José Reis, considerado o patrono no jornalismo científico brasileiro, até hoje, passou por importantes momentos no processo de aglutinação dos jornalistas que cobrem ciência e na inspiração para jovens estudantes de jornalismo, sob a presidência de Wilson Bueno, Fabíola de Oliveira, Ulisses Capozzoli, José Roberto Ferreira, entre tantos outros.

Vários foram os congressos realizados pela ABJC, incluindo a III Conferência Mundial de Jornalismo Científico, em São José dos Campos, e os mais recentes, como os de São Paulo, sob a gestão de Wilson Bueno, com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), assim como o de Belo Horizonte, sob a presidência de Cilene Victor, com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG). Participei de quase todos os congressos da área, seja apresentando trabalhos, seja como ouvinte. Assim, pude acompanhar de perto o importante papel da associação no debate público sobre comunicação pública da ciência.

Na IV Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação, em Brasília, Cilene Victor e eu participamos ativamente da reunião, em maio de 2010, e levamos em documento formal da entidade as principais propostas da diretoria da ABJC para o fortalecimento da área. O documento intitulado Políticas públicas de comunicação em CT&I foi incluído, na íntegra, nos anais da conferência e na publicação da revista Parcerias e estratégias do Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE).

Participei de três diretorias da ABJC, duas delas como diretora acadêmica (gestão Ulisses Capozzoli e Cilene Victor) e uma como diretora administrativa (gestão Wilson Bueno). Na gestão de Ulisses Capozzoli, elaborei com Fabíola de Oliveira o projeto sobre formação de recursos humanos em jornalismo científico. O projeto foi apresentado na Conferência Regional de Ciência, Tecnologia e Inovação, em agosto de 2001, em São Paulo. A pesquisa foi viabilizada na gestão de José Roberto Ferreira (2003-2004), sob minha coordenação, ao lado de Cidival Morais de Souza, que também integrava a mesma diretoria, e contou com a participação de dois jovens pesquisadores: Audre Alberguini e Augusto Diniz.

Seus resultados foram apresentados em congresso da Associação Nacional dos Programas em Pós-graduação em Comunicação (Compós), em 2005, em Niterói, e em eventos internacionais. Foi a primeira e única pesquisa do gênero no Brasil. A ideia era realizar um diagnóstico das disciplinas de jornalismo científico presentes nos cursos de jornalismo em todo o Brasil. Na época, dos 204 cursos existentes, apenas 31 ofereciam disciplinas da área, sendo vinte em instituições privadas e apenas onze em instituições públicas, apesar de serem as instituições públicas as que mais realizavam pesquisas. Agora, com quase o dobro de cursos, é o momento de atualizar os dados.

Ainda na gestão de Cilene Victor, apoiamos a realização da Escola Brasil de Jornalismo Científico (EBJC), destinada a alunos dos últimos anos de jornalismo. Fui a responsável pela elaboração da proposta pedagógica do curso idealizado por Adriana Lima, da Cohen Comunicações, além de coordenar a execução deste. O projeto piloto aconteceu durante a 63ª reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em julho de 2011, em Goiânia, e reuniu nove estudantes selecionados em diferentes regiões do país, com oficinas teóricas e práticas, com duração de três semanas (antes, durante e após a realização da SBPC), quando os alunos puderem vivenciar, em tempo real, uma cobertura de CT&I, acompanhando palestras e entrevistando cientistas renomados de diferentes áreas do conhecimento. Após o curso, vários alunos ingressaram no mercado atuando na área de jornalismo científico, e pelo menos dois deles foram para o mestrado em jornalismo científico no LABJOR/UNICAMP.

A ABJC passou por diferentes fases, com momentos gloriosos e difíceis. Entretanto, manteve-se sempre atenta ao importante papel do jornalismo científico no processo de compreensão pública da ciência e na formação crítica da opinião pública para o entendimento de seus riscos e benefícios. Dessa forma, espera contribuir para que a população possa participar dos processos decisórios em temas controversos, como energia nuclear, transgênicos, células-tronco, mudanças climáticas, entre tantos outros que afetam diariamente a qualidade de vida das pessoas. Atualmente, sob a presidência de Mariluce Moura, a ABJC entrou em uma nova fase, com novos desafios.

REFERÊNCIAS

ABJC – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE JORNALISMO CIENTÍFICO. Políticas públicas de comunicação em CT&I. **Parcerias e Estratégias**, n. 32, jan./jul. 2011.

GENRO FILHO, A. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê, 1987.

PROPAGANDA I: A ABP2 E O FORTALECIMENTO ACADÊMICO DA PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Eneus Trindade*

1 INTRODUÇÃO

A principal atividade da Associação Brasileira de Pesquisadores em Publicidade (ABP2) tem caminhado na perspectiva crescente de aglutinar os interessados na pesquisa na área de publicidade e propaganda, por meio do Encontro Nacional de Pesquisadores em Publicidade e Propaganda (Pró-Pesq PP).

Tal evento, acolhido desde 2010 pelos docentes do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, da linha de pesquisa Consumo e Usos Midiáticos nas Práticas Sociais, que compõem o Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicações e Artes (ECA), da Universidade de São Paulo (USP), configura-se como a principal atividade dos pesquisadores em publicidade e propaganda e comunicação e consumo do país. Além disso, o evento, realizado em 24 e 25 de maio de 2012, se somou, em sua terceira edição, ao conjunto de atividades referentes ao ano de comemoração dos quarenta anos do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da USP (PPGCOM/USP).

2 RESTROSPECTIVA

O sucesso do primeiro I Pró-Pesq PP, realizado em 26 e 27 de agosto de 2010, que contou com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da USP, mostrou-se potente, aglutinando cerca de 170 participantes e 73 trabalhos publicados em *e-book* de autoria de pesquisadores doutores nacionais e internacionais (Portugal e Espanha), doutorandos e mestrandos na área de várias instituições das cinco regiões do país (Trindade e Perez, 2010).

O II Pró-Pesq PP, realizado em 30 de junho e 1º de julho de 2011, contou 156 inscritos, 110 participantes das cinco regiões do país e representantes internacionais do Chile, da Espanha e de Portugal, o que resultou em um conjunto de duas conferências principais, um painel da pesquisa em publicidade da Espanha,

* Professor na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP).

do Chile, de Portugal e das cinco regiões do Brasil, totalizando oito relatos do panorama da pesquisa em comunicação publicitária nos contextos mencionados (Trindade e Perez, 2011), tornando evidente o crescimento do evento.

Por fim, o III Pró-Pesq PP, realizado entre em 24 e 25 de maio de 2012, no Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da ECA/USP, foi organizado apresentando 165 inscritos, quatro sessões plenárias, com seis pesquisadores estrangeiros (Espanha, Chile, França e Portugal), dezoito pesquisadores nacionais e 92 trabalhos organizados em dezessete sessões simultâneas (Trindade e Perez, 2012).

3 OBJETIVOS

Entre os principais objetivos da ABP2 alcançados com a realização do evento (Pró-Pesq PP), registra-se:

- 1) o fato de que esse evento contribuiu para a consolidação da ABP2, registrando mais de cem associados de todas as regiões do país;
- 2) colocou a ECA/USP como instituição aglutinadora de pesquisadores de referência na área da comunicação em propaganda e publicidade (mercado e consumo);
- 3) discutiu a formação de pesquisadores e os campos de atuação destes profissionais no cenário acadêmico brasileiro;
- 4) valorizou institucionalmente as ações de pesquisa na área da comunicação em propaganda e publicidade, mercado e consumo;
- 5) promoveu a discussão científica em torno da comunicação em propaganda e publicidade, mercado e consumo; e
- 6) organizou, em sua terceira edição, dezessete sessões temáticas (mesas) de discussão a partir de cinco grupos de trabalho (GTs) Propaganda e Linguagens; Propaganda e Tendências; Propaganda Ética e Ideologias; Formação em Publicidade e Propaganda; e Propaganda e Mercado, compreendendo um conjunto de 92 apresentações de trabalhos de professores doutores, mestres, mestrandos e graduados acompanhados de seus orientadores, de todas as regiões do país, e promovendo debates de alto nível acerca das questões contemporâneas de publicidade e propaganda, comunicação, mercado e consumo.

Assinale-se neste relato que espera-se construir uma relação de confiança e credibilidade junto à FAPESP, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), o que permitirá a continuidade de nosso trabalho para o

próximo evento em 2013. O apoio da FAPESP foi fundamental para o III Pró-Pesq PP, pois indicou a valorização da pesquisa em publicidade e propaganda nacional.

Além disso, o evento, que irá para sua quarta edição, tem correspondido a um desejo coletivo de seus participantes, que consistia na criação da ABP2. Pode-se afirmar que esta iniciativa foi um marco na história do campo comunicacional, com foco nos estudos da publicidade, da propaganda e da mediação do consumo, pois demarcou a maturidade e a capacidade de organização dos pesquisadores desta área de interesse.

A ABP2, criada em 2010, com seu registro legal consolidado em 2012, visa à realização de suas atividades no campo da comunicação e encontra abrigo novamente na instituição que foi pioneira na pesquisa e na formação qualificada de pesquisadores na área de publicidade e propaganda, a ECA/USP.

Assim, a ABP2 considera importante a continuidade da organização de um evento anual que valorize os pesquisadores da área de comunicação, especialmente aqueles que percebem as potencialidades da propaganda, da publicidade e da mediação do consumo como objetos privilegiados nas ciências da comunicação para a compreensão dos sentidos da vida contemporânea.

Porém, sabe-se que existe uma carência de espaços de discussão no campo da comunicação que privilegiem a publicidade e a propaganda, já que não existia até 2010 uma associação dos pesquisadores e professores da área que ajudasse a posicionar adequadamente esses fenômenos da comunicação enquanto objetos científicos – exceto pelo espaço oferecido pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), que possui um núcleo de pesquisa orientado para este objeto. Mas tal espaço não é observado, por exemplo, na Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), pois esta deveria também ser (e certamente é) um local de trânsito para os pesquisadores/docentes formados e em formação dos cursos de publicidade e propaganda. Contudo, a temática aparece diluída em outras nomenclaturas, entre elas, por exemplo, os estudos de recepção e dos usos e consumos midiáticos.

Essa ausência de discussão específica sobre a publicidade e a propaganda conota certa rejeição ao objeto em discussão enquanto fenômeno relevante da comunicação social e/ou a falta de articulação de seus representantes, já que outros gêneros midiáticos, como o cinema, o jornalismo, ou as tecnologias emergentes, entre outros temas, têm seus espaços preservados. Talvez prevaleça certo preconceito quanto ao objeto publicitário por vinculações ideológicas, políticas ou por a publicidade, ao estar presente em todos os meios, não se vincular explícita e restritamente a nenhum deles. É, portanto,

objeto fugidio, dinâmico e multiforme. O paradoxal é que é exatamente a publicidade que sustenta esses *media* (Barbosa e Trindade, 2003, p. 1-2).

Reconhecemos que os cursos de publicidade ainda apresentam com frequência um problema clássico da origem da formação superior no Brasil: a dicotomia teoria *versus* prática, presente, ainda, nas estruturas curriculares (em outras épocas determinadas/orientadas pelo Ministério da Educação – MEC), as quais hoje têm a perspectiva de serem superadas a partir da implementação das diretrizes do ensino superior em comunicação social propostas pelo mesmo órgão a partir de 2001, e que agora encontram a necessidade de revisão. Considerando-se que tais diretrizes eram bastante flexíveis e passíveis a múltiplas interpretações e às mudanças tecnológicas e culturais nesta área, percebemos que o fantasma da dicotomia teoria *versus* prática ainda atormenta e, talvez, continue por muito tempo, pois tal dicotomia coloca o profissional docente e o discente em um entrave entre o reconhecimento profissional junto ao mercado e o reconhecimento enquanto pesquisador/teórico na área (dotado de competências para reconhecer as especificidades do fenômeno da comunicação publicitária e da propaganda), o que, neste segundo caso, não acontece com frequência, pois a opção primeira é a que prevalece para a maioria dos cursos, isto é, a preparação de profissionais ágeis e aptos a serem assimilados pelo mercado.

Isso gera um prejuízo à área acadêmica, pois concebe a formação profissional em nível superior com características tecnicistas e contribui para a marginalização do objeto (a publicidade e a propaganda) e de seus pesquisadores, várias vezes com formação teórica precária em relação aos demais campos da comunicação. E se não o são de fato assim são percebidos por parte considerável da academia. Isto enfraquece as possibilidades de contribuição da área para o campo da comunicação como um todo, sendo um desafio para ABP2 instituir um lugar de devido respeito às pesquisas em publicidade e propaganda.

Também se reconhece que os conflitos na formação em comunicação se dão no paradoxo, positivo e ao mesmo tempo negativo, de seus intelectuais terem origens em um campo plural de formações em ciências humanas. Isto dificulta a construção identitária deste campo, que deve ser percebido em seu aspecto interdisciplinar que lhe é constitutivo. O estudioso da comunicação com formação em comunicação social não é sociólogo, antropólogo, psicólogo, linguista ou artista. Ele trabalha nestas intersecções e interfaces. Mas para um intelectual “purista”, de qualquer um destes campos, as conexões estabelecidas pelo intelectual publicitário podem parecer pouco rigorosas, pois o pesquisador na área da publicidade e propaganda, ao contrário dos puristas, deve procurar construir uma triangulação teórico-metodológica coerente para melhor dar conta de seu objeto de estudo.

Para compreender a razão dos problemas mencionados sobre ensino/formação no campo da comunicação social (publicidade e propaganda), procurou-se estruturar, desde o I Pró-Pesq PP, um espaço para o debate a respeito do papel da pesquisa desta área da comunicação e oferecer um lugar institucional que se materializa na tentativa de consolidar a Associação Brasileira dos Pesquisadores de Publicidade e que, ao mesmo tempo, busca valorizar a área com a perspectiva de colocá-la em seu merecido lugar como fenômeno do campo da ciências da comunicação.

Tal iniciativa pode ser vista, na perspectiva de campo científico dada por Pierre Bourdieu (1983, p. 137), como uma iniciativa de difusão da inovação, que busca a afirmação de um tipo de produção do conhecimento no campo interdisciplinar da comunicação sobre os fenômenos da publicidade e das comunicações para o consumo. Pautados em Everett Rogers (1962, p. 5), a difusão de inovação pode ser entendida como *“Diffusion is the process in which an innovation is communicated through certain channels over time among the members of a social system”*.

Assim, a realização deste evento, encabeçado pela ABP2, objetiva dar continuidade a um processo já iniciado, que aos poucos tem suprido uma lacuna no campo da pesquisa sobre a comunicação publicitária e busca se consolidar como um espaço de circulação de ideias inovadoras que aglutine os pesquisadores desta área de em discussão, com a finalidade de se delinear os contornos e avanços dados no campo a partir de seus fenômenos.

Além disso, cabe à ABP2 o papel nacional de pensar a atualização das diretrizes curriculares da área de publicidade e propaganda, como entidade que, a partir de 2010, passou a representar nas esferas institucionais este campo de formação na comunicação social.

Os desafios estão lançados e o evento proposto é parte deste conjunto de ações para consolidação desta área de interesse no campo da comunicação social.

4 INFORMAÇÕES SOBRE A ABP2

A IV Pró-Pesq PP terá lugar de 22 a 24 de maio de 2013.

- Número de sócios: 100.
- 14.835.553/0001-79.
- Endereço: ECA/USP, Avenida Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443, prédio 3, sala 10, Cidade Universitária, Campus Butantã, São Paulo-SP, CEP: 05508-900.

5 DIRETORIA E CONSELHOS PROPOSTOS PARA A ABP2 TRIÊNIO 2013-2015 – DIRETORIA EXECUTIVA E CONSELHOS DELIBERATIVOS

5.1 Diretoria

Presidente: Prof. Dr. Eneus Trindade Barreto Filho (ECA/USP).

Vice-presidente: Profa. Dra. Maria Clotilde Perez Rodrigues Bairon Santanna (ECA/USP).

Diretor administrativo/financeiro: Prof. Dr. Adolpho Carlos França de Queiroz (Universidade Presbiteriana Mackenzie).

Diretores científicos: Prof. Dr. Jean Charles Jacques Zozzoli (Universidade Federal de Alagoas – Ufal) e Prof. Dr. Leandro Leonardo Batista (ECA/USP).

Diretora editorial: Profa. Dra. Maria Lília Dias de Castro (Universidade Federal de Santa Maria – UFSM).

Diretor de relações internacionais: Prof. Dr. Pedro Antonio Hellín Orutño (Universidad de Murcia, Espanha).

Diretor de comunicação/difusão: Prof. Dr. Dirceu Tavares de Carvalho Lima Filho (Universidade Federal de Pernambuco – UFPE).

Diretor de documentação: Prof. Dr. Goiamérico Felício Carneiro dos Santos (Universidade Federal de Goiás – UFG).

5.2 Conselho fiscal

Prof. Ms. Walter Freoa (Faculdade Cásper Líbero).

Prof. Dr. Guilherme Nery Atem (Universidade Federal Fluminense – UFF).

5.3 Comitê regional

Região Norte: Prof. Ms. Luiz César S. dos Santos (Universidade Federal do Pará – UFPA).

Região Nordeste: Prof. Dr. Aryovaldo de Castro Azevedo Junior (Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN).

Região Centro-Oeste: Prof. Dr. Asdrúbal Borges Formiga Sobrinho (Universidade de Brasília – UnB).

Região Sudeste: Prof. Dr. João Luiz Anzanello Carrascoza (Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM e ECA/USP).

Região Sul: Profa. Dra. Maria Berenice da Costa Machado (Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS).

REFERÊNCIAS

BARBOSA, I. S.; TRINDADE, E. Momento crítico da publicidade e propaganda: avanços, retrocessos e perspectivas. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2003, Belo Horizonte, Minas Gerais. **Anais...** Belo Horizonte: PUC-Minas, 2003.

BOURDIEU, P. O campo científico. *In*: ORTIZ, R. (Org). **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1983. p. 137.

ROGERS, E. **Diffusion of innovations**. New York: Free Press, 1962.

TRINDADE, E.; PEREZ, C. (Orgs.). **Há momento em que devemos parar**: parar para pensar e discutir os rumos da publicidade e da propaganda na contemporaneidade. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM PUBLICIDADE E PROPAGANDA, 1., São Paulo: Schoba, 2010. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/propesq>>.

_____. **Como anda a publicidade?** porque pesquisar faz bem. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM PUBLICIDADE E PROPAGANDA, 2., São Paulo: Schoba, 2011. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/propesq>>.

_____. **Deve haver mais pesquisa na publicidade**. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM PUBLICIDADE E PROPAGANDA, 3., São Paulo: Schoba, 2012. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/propesq>>.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

SOUZA, P. N. P. **LDB e educação superior**: estrutura e funcionamento. 2. ed. São Paulo: Pioneira; Thomson, 2001. p. 7-19.

TRINDADE, E. Caminhos para pensar a formação docente em publicidade e propaganda. *In*: AQUINO, V. **A USP e a invenção da propaganda**: 40 anos depois. São Paulo: FUNDAC, 2010. p. 105-118.

PROPAGANDA II: POLITICOM DIVULGA CARTA DE CURITIBA, PROPONDO MUDANÇAS NO HORÁRIO POLÍTICO GRATUITO DO RÁDIO E DA TV

Roberto Gondo Macedo*
Luciana Panke**

1 INTRODUÇÃO

Após uma década de trabalho na promoção, na profissionalização e no estímulo ao debate da propaganda e do *marketing* político no Brasil, amparado por ações da Cátedra Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, a Sociedade Brasileira dos Pesquisadores e Profissionais de Comunicação e Marketing Político (Politicom) alinhou seus planejamentos estratégicos para o fortalecimento nacional e mapeamento de novas redes em caráter internacional.

Essa linha de ação se deve pela ampla difusão que está ocorrendo no mundo democrático da temática comunicação, necessária como vertente estratégica para a construção, o fortalecimento e o monitoramento da imagem e gestão pública. Novos pesquisadores surgem a cada ano, bem como áreas correlatas se interessam em fortalecer suas interações científicas no respectivo campo.

Isso posto, reestruturar o modelo de debate da entidade para envolver essa demanda foi um caminho natural e sustentável. Desde esse realinhamento, a Politicom passa a contemplar nos seus grupos de trabalho (GTs) e nas suas ações editoriais a temática de comunicação política, alinhada com múltiplas abordagens nas suas ramificações, como: propaganda política; jornalismo político; *marketing* político e eleitoral; imagem, opinião pública e democracia; e comunicação governamental e pós-eleitoral.

* Presidente da Sociedade Brasileira dos Pesquisadores e Profissionais de Comunicação e *Marketing* Político (Politicom); pós-doutor em comunicação política pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) – desenvolvimento; doutor em comunicação social; mestre em administração e regionalidade. Docente dos cursos *latu sensu* na Universidade Presbiteriana Mackenzie e Universidade Metodista de São Paulo e dirige o Instituto Gestão do Conhecimento. E-mail: <r.gondomacedo@gmail.com>.

** Doutora em ciências da comunicação pela USP; professora da Universidade Federal do Paraná (UFPR) nos cursos de graduação em comunicação social – publicidade e propaganda e relações públicas – e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Líder do grupo de pesquisa *Comunicação eleitoral*; possui diversas publicações; conferencista internacional; vice-presidente da Politicom; e autora do livro *Lula do sindicalismo à reeleição: um caso de comunicação, política e discurso*.

De modo concomitante, foram estruturadas as estratégias de divulgação e comunicação da Politicom nos eventos da área, de relevância nacional e internacional, objetivando agregar novos pesquisadores na rede de investigação. Nesse sentido, desde 2011, a entidade conta com uma assessoria de comunicação, amparando estas abordagens e servindo de integração informacional com as organizações regionais e atividades das diretorias da gestão vigente.

Vários congressos de 2012 tiveram membros da Politicom realizando ações de divulgação das atividades, como: Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIC); Asociación Latinoamericana de Investigadores en Campañas Electorales (Alice); Cumbre Latinoamericana de Marketing Político; Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), entre outros. A proposta para os próximos anos é a de inserir a Politicom como uma entidade parceira e disponível para contribuir, por intermédio de seus membros, na ampliação e no aprofundamento do debate sobre a comunicação política.

A participação da Politicom como entidade filiada à Federação Brasileira das Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação (Socicom) demonstra ser benéfica e necessária para o fortalecimento dos seus planos de crescimento e consolidação. Em 2012, a Socicom esteve presente nos dois encontros promovidos pela federação, nas cidades de São Paulo e Fortaleza.

A parceria com a Associação Brasileira dos Consultores Políticos (ABCOP) também representa um avanço para a integração do debate entre profissionais do mercado político e pesquisadores da área. A qualidade dos apontamentos é enriquecida com casos reais e amparada pelas correntes teóricas presentes na comunicação política.

A participação da ABCOP nos projetos da Politicom está presente no compartilhamento da *Revista brasileira de marketing político*; e na confecção do *Prêmio Sérgio Arapuã*, voltado aos alunos da graduação e amparado no desenvolvimento de campanhas eleitorais e na negociação de descontos em eventos nacionais e internacionais promovidos pela organização ou em que se encontra parceira.

Outro fator positivo foi a ampliação de sócios da ABCOP no grupo Politicom, integrando comissões de pesquisa e contribuindo com melhorias para as diretorias nos próximos semestres, também decidido em assembleia.

Parceiros nacionais mantiveram o interesse em integrar ações com os eventos da Politicom, como: a Intercom, apoiadora do Festival de Jingles Herivelto Martins; e a *Revista Imprensa*, com a divulgação do congresso em suas edições. Estas ações integradas também continuam alinhadas com o escopo da entidade, afirmando o interesse interdisciplinar da Politicom com a melhoria da qualidade de suas ações e seus eventos.

Por intermédio da diretoria editorial da Politicom, dois *e-books* foram lançados em 2012 com a chancela da Politicom, são eles: *O prisma político eleitoral pelas mensagens eleitorais*, com artigos de pesquisadores que estiveram presentes no X Politicom, na cidade de São Paulo e *Comunicação política e eleitoral no Brasil: perspectivas e limitações no dinamismo político*, com artigos de pesquisadores presentes no IX Politicom, na cidade de Americana. Novos projetos editoriais estão descritos no planejamento da diretoria para os próximos semestres, envolvendo pesquisadores nacionais e internacionais.

Em outubro de 2013, o XII Congresso Brasileiro de Comunicação e Marketing Político será realizado nas dependências da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), no estado de Minas Gerais, seguindo a proposta de trânsito fora de São Paulo. A temática do evento será *A comunicação política e a consolidação democrática*.

Para contribuir com a concretização da proposta de internacionalização da Politicom, nos próximos semestres serão realizados colóquios binacionais de comunicação política. Esta ação se justifica pela necessidade de interlocução com os países, principalmente do bloco latino-americano, e discussão das suas especificidades e dinâmica política e eleitoral.

2 EVENTO EM CURITIBA REPRESENTA UM MARCO PARA OS CONGRESSOS DA POLITICOM

Várias mudanças ocorreram durante o encontro anual da Politicom. O primeiro ponto a destacar é que em 2012, o XI Congresso Brasileiro de Marketing Político foi realizado pela primeira vez fora do estado de São Paulo. Com localização estratégica e referência em planejamento urbano, a capital do Paraná, Curitiba, foi escolhida como sede do evento. A segunda novidade foi que também pela primeira vez o evento foi sediado por uma universidade pública.

A Universidade Federal do Paraná (UFPR) foi a escolhida para sediar o evento, com a realização do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) e apoio do Departamento de Comunicação, recebeu o evento entre os dias 24 e 26 de outubro, reunindo 215 pessoas originárias de seis países latino-americanos e todas as regiões brasileiras. Representantes do Rio de Janeiro, Distrito Federal, Goiás, Pará, Tocantins, Minas Gerais e Rio Grande do Sul estiveram presentes. Mas foram os estados de São Paulo e do anfitrião, Paraná, que concentraram o maior número de participantes.

Tradicionalmente, os congressos da Politicom atraem participantes de várias regiões do Brasil, mas pela primeira vez o evento convidou palestrantes latino-americanos e também contou com a presença de participantes de outros países. Da mesma forma, a repercussão do evento se internacionalizou,

chegando a diversos países hispânicos, inclusive a Espanha. Sendo esta portanto a terceira inovação.

A quarta alteração reside na organização de GTs. A partir de 2012, as pesquisas científicas serão apresentadas em cinco eixos centrais: propaganda política e ideológica; *marketing* político e eleitoral; jornalismo político e eleitoral; imagem, opinião pública e democracia; comunicação política, pós-eleitoral e governamental.

Os GTs somaram a presença de mais de 100 pesquisadores em 74 trabalhos, cujos anais podem ser acessados no portal da Politicom.¹ Os grupos mais procurados foram o de *marketing* político e eleitoral e o de imagem, opinião pública e democracia que tiveram as mesas duplicadas para atender à demanda pelas apresentações.

Como quinta inovação, além de oferecer ementas mais amplas, os grupos contaram com a participação de relatores que ficaram responsáveis pelas leituras dos trabalhos e pela fomentação dos debates.

Por sua vez, as oficinas voltadas às atividades práticas de atuação profissionais foram a sexta novidade do congresso. A partir de uma pesquisa realizada no X Politicom, realizado em 2011, em São Paulo, a organização do XI Politicom detectou demanda para esta atividade. Assim, o evento trouxe em 2012 as seguintes oficinas: criação de *jingles* eleitorais; *marketing* político, estruturação e produção de um programa eleitoral para televisão; produção e edição de sites eleitorais no Joomla!; e *branding* e gestão de marcas.

As atividades culturais encerram as mudanças que o evento apresentou em relação às outras edições. Todas as noites, os participantes eram recebidos ao som de música popular brasileira com apresentações em voz e violão. Os congressistas puderam apreciar também uma exposição fotográfica que reuniu trabalhos de três fotógrafos curitibanos, são eles: Leonardo Salomão, que trouxe aspectos da realidade mais sofrida da Chapada dos Veadeiros; Emerson Maurício Mercer, que registrou um retrato político e cultural do Equador; e Daniel Caron, um dos principais nomes da fotografia documental na capital paranaense. E na noite de lançamento de livros, a jornalista Ana Rosa apresentou também um esquete sobre música e política.

3 TEMÁTICA CENTRAL

O Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE) centralizou as discussões no evento. O ponto de vista de pesquisadores e profissionais atuantes na consultoria política esteve presente nas três noites de palestras. A primeira foi ministrada

1. Disponível em: <www.politicom.com.br>.

por Jorge Gerez da Argentina e por Richard Tapia do Peru com o tema *Desafios para a propaganda eleitoral*, mediados pelo presidente de honra da Politicom, Adolpho Queiroz.

Na segunda noite, o enfoque histórico buscou mostrar como o Brasil acabou estabelecendo este modelo de propaganda eleitoral. Os *50 anos de HGPE: histórias e perspectivas* foram discutidos pelos pesquisadores brasileiros Adolpho Queiroz, Marcelo Serpa e Neusa Demartine Gomes com a mediação do professor Sérgio Trein.

A última noite do congresso buscou enfatizar a linha de atuação que a Politicom está investindo nas parcerias com os demais pesquisadores e profissionais latino-americanos. As *Experiências em comunicação eleitoral na América Latina* foram o tema da mesa composta por Heloiza Matos do Brasil, Adriana Amado da Argentina e Catalina Uribe da Colômbia e mediada pelo presidente da Politicom, Roberto Gondo.

Entre as mesas de trabalho e as principais palestras, os temas buscaram enfoque nos formatos da propaganda eleitoral e a participação civil nos processos decisórios. Várias pesquisas apresentadas com o tema central – HGPE – estão na coletânea impressa que será lançada em forma de livro. Em 2013, a Politicom lançará outros dois *e-books* temáticos com os artigos apresentados.

Uma das questões mais relevantes que o congresso trouxe foi a proposta de divulgação da *Carta de Curitiba*, iniciativa liderada pelo presidente de honra da Politicom, professor Adolpho Queiroz. No documento, a entidade faz um alerta à sociedade no sentido de rever a eficácia do HGPE nas eleições proporcionais. “Constatou-se que o HGPE não cumpre com o seu objetivo cívico nas candidaturas proporcionais, as quais os candidatos limitam-se a inserção do nome, número, partido, com linguagem marcada por falas modestas, exibicionistas ou excêntricas. Além disso, o HGPE também falha com seu compromisso civil ao se apresentar como justificativa de ‘compra’ de apoios e formação de alianças espúrias”.

Com a *Carta de Curitiba*, o XI Politicom se posiciona para auxiliar a organização de modalidades mais eficientes na escolha da representação pública. Com a chegada de novos sócios acadêmicos e profissionais de mercado, a Politicom pretende encampar a proposta de publicização ampla da discussão sobre a propaganda eleitoral brasileira, o que sugere um crescimento qualitativo para as futuras ações.

Após o evento, a *Carta de Curitiba* foi divulgada em diversas câmaras legislativas pelo país e foi direcionada para canais de comunicação que versam acerca da temática. A proposta é que a cada ano, a Politicom sintetize seus principais pontos de debate e fomenta junto aos demais atores sociais envolvidos no contexto.

RELAÇÕES PÚBLICAS: ABRAPCORP FOCALIZOU DISCURSO DAS ORGANIZAÇÕES COMPLEXAS NO CONGRESSO DO MARANHÃO

Cláudia Peixoto de Moura*

1 INTRODUÇÃO

O presente texto é um relato do VI Congresso Brasileiro de Pesquisadores em Comunicação Organizacional e Relações Públicas, da Associação Brasileira de Pesquisadores de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas (ABRAPCORP), realizado de 26 a 28 de abril de 2012, na Universidade Federal de Maranhão (UFMA), na cidade de São Luís. O tema central versou sobre Comunicação, discurso, organizações, ressaltando a interface da linguagem e do discurso como uma tendência nos estudos e nas pesquisas de comunicação organizacional e de relações públicas. O evento tinha como objetivos: fomentar a realização de pesquisas sobre a temática do congresso, considerando sua atualidade e importância para a área de comunicação organizacional e relações públicas; ser um espaço para o diálogo e a crítica, visando à consolidação da pesquisa na área e ao fomento às redes de cooperação científica nacional e internacional; debater sobre a produção e a disputa de sentidos pelas/nas organizações; discutir a materialização de discursos como estratégias organizacionais; e refletir sobre as contribuições resultantes das pesquisas realizadas na área e na temática voltada à questão da produção, circulação e recepção dos discursos organizacionais.

As discussões contribuíram para novas abordagens sobre o tema, assim como sobre as questões metodológicas que envolvem suas análises. Participaram do congresso professores, pesquisadores e estudantes de graduação e de pós-graduação em comunicação social, especialmente das subáreas de comunicação organizacional e relações públicas e, também, profissionais e gestores de comunicação social e áreas afins. O VI da ABRAPCORP recebeu incentivo de órgãos de fomento à pesquisa, como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico

* Presidente da Associação Brasileira de Pesquisadores de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas (ABRAPCORP); professora titular da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Famecos/PUCRS); e coordenadora do curso de relações públicas. Endereço eletrônico: <cpmoura@pucrs.br>.

e Tecnológico (CNPq) e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), assim como de demais patrocinadores e apoiadores, como a Vale, a Petróleo Brasileiro S.A. (Petrobras), a Centrais Elétricas do Maranhão (Cemar) e o governo do estado do Maranhão.

2 DINÂMICA DO EVENTO

A dinâmica do congresso foi composta por conferências, painéis temáticos, sessões de comunicações científicas por meio de mesas temáticas, caracterizadas como um espaço para apresentação de artigos resultantes de pesquisas em nível de pós-graduação (*lato sensu e stricto sensu*) e um espaço de iniciação científica voltado para apresentação de trabalhos desenvolvidos com alunos em nível de graduação. A programação contou com pesquisadores renomados, como Júlio Cesar Machado Pinto, presidente da Associação Brasileira dos Programas de Pós-Graduação (Compós) e coordenador do mestrado em comunicação social da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas), que proferiu a conferência de abertura sobre Discurso, poder e organizações. A exemplo de anos anteriores, o evento teve a participação de professores doutores de outras áreas de conhecimento que trouxeram suas pesquisas para a discussão no campo da comunicação, considerando o contexto das organizações.

Quatro painéis ocorreram com o debate de temáticas relacionadas ao foco do evento. Intitulado Discurso e produção de sentido das/nas organizações, o primeiro painel discutiu as ofertas de sentidos no discurso e no âmbito das relações organizacionais; a intencionalidade discursiva da organização; as disputas de sentidos na comunicação; a internalização de sentidos pelos públicos; a interdiscursividade; e as marcas de linguagem. Participaram deste painel Jair Antônio de Oliveira (Universidade Federal do Paraná – UFPR) e Luiz Carlos de Assis Iasbeck (Universidade Católica de Brasília – UCB).

O segundo painel, denominado Organizações e a constituição discursiva das identidades e das diferenças, enfocou os discursos organizacionais como lócus e motor para a constituição das identidades e afirmação das diferenças; a projeção discursiva do “eu” organizacional; as “ofertas de si” (organizações) nas disputas dialógicas; e as representações do outro. Os convidados para este painel foram Izidoro Blikstein (Universidade de São Paulo – USP – e Fundação Getúlio Vargas – FGV) e Reges Schwaat (Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP).

Com o título Organizações, linguagem e disputas discursivas, o terceiro painel abordou as organizações como identidades em discursos que se oferecem aos públicos; os sentidos da linguagem e as disputas discursivas; a natureza performativa e contextualizada dos usos da linguagem; os hábitos linguísticos das organizações; e a (de)formação dos sentidos das palavras ordinárias e suas

implicações para a organização e os públicos. Os painelistas foram Antônio Fausto Neto (Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos) e Francisco Gonçalves da Conceição (UFMA).

Como é tradição em todos os congressos da ABRAPCORP, o quarto painel articulou aspectos do meio acadêmico e do mundo corporativo, sendo denominado Estratégias discursivas das organizações, com a discussão sobre a materialização de discursos como estratégias organizacionais; os processos de espelhamento da cultura dos públicos no discurso da organização; o discurso e o *branding*; as disputas discursivas na produção de imagem-conceito; e as inconsistências discursivas. Com a participação de Eraldo Carneiro, da Petrobras, e Paulo Henrique Soares, da Vale, os dois profissionais de comunicação de organizações brasileiras debateram o assunto com o professor Mário Aquino Alves, da Escola Superior de Propaganda da FGV.

3 PRÉ-CONGRESSO

Em todos os anos, a ABRAPCORP realiza atividades no período pré-congresso, que objetivam contribuir para a qualificação de professores, alunos e outros interessados da região na qual o evento ocorre, mediante a realização de cursos, palestras e/ou fóruns de discussões. Foi a primeira vez que a ABRAPCORP realizou um evento no Nordeste. No VI Congresso da ABRAPCORP, acatando a demanda local, realizou-se o painel O que se estuda em comunicação organizacional e relações públicas no Brasil?, considerando as tendências de estudos e pesquisas desenvolvidas na área. Participaram deste momento os professores João José de Azevedo Curvello (UCB); Marlene Marchiori (Universidade Estadual de Londrina – UEL); Maria Aparecida Ferrari (Universidade de São Paulo – USP); e Rudimar Baldissera (Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS), sob a coordenação de Eugenia Maria Mariano da Rocha Barichello (Universidade Federal de Santa Maria – UFSM).

Os expositores, a partir de pesquisas sobre grupos de pesquisa, currículos de cursos de comunicação, habilitação em relações públicas, mapeamento de conteúdos desenvolvidos em cursos de especialização e análise de linhas de pesquisa em cursos de mestrado e doutorado em comunicação, apresentaram uma cartografia destes estudos e realizaram análise sobre a atual situação da área, bem como destacaram suas tendências para o ensino e a pesquisa.

O pré-congresso também contemplou a realização do I Colóquio dos Grupos de Pesquisa em Comunicação Organizacional e Relações Públicas, que visou ao debate sobre a constituição e o desenvolvimento dos grupos de pesquisa registrados no banco de dados do CNPq, nas referidas áreas, existentes no Brasil, vinculados a instituições de ensino superior. A proposta foi abordar as práticas

acadêmicas envolvendo a observação das relações existentes entre os cursos de graduação e de pós-graduação, em atividades planejadas para a consolidação dos grupos de pesquisa. Foram participantes deste colóquio dezenove pesquisadores, entre líderes e representantes dos grupos de pesquisa, que realizaram exposições sobre as práticas desenvolvidas, no sentido de identificar as conexões entre teoria, pesquisa, ensino e produção.

Os resultados do colóquio demonstraram a diversidade de formação dos grupos e de suas formas de funcionamento. A maioria dos grupos é recente e foi criada com os programas de pós-graduação. Os grupos mais antigos e anteriores à implantação dos programas de pós-graduação refletem as pesquisas de seus líderes em um movimento ascendente que vai da atuação dos pesquisadores à geração de linhas de pesquisas dos programas e, por sua vez, a conexão entre as linhas gera a área de concentração do programa. Existe uma diversidade de formação dos grupos, conforme seu vínculo com instituições públicas ou privadas, e de funcionamento do grupo de acordo com a sua situação geográfica, em grandes metrópoles ou em cidades menores.

As práticas atuais revelaram grupos atuando: como fortalecedores das relações entre os cursos de graduação e os programas de pós-graduação, aproximando distanciamentos territoriais e acadêmicos; como fomentadores das pesquisas em andamento pela colaboração e crítica epistemológica; como local de fortalecimento de eixos teórico-metodológicos das pesquisas de seus líderes e, conseqüentemente, das linhas de pesquisa dos programas de pós-graduação, em um movimento ascendente que vai da atuação dos pesquisadores à geração de linhas de pesquisas; como nucleadores de atividades de pesquisa, o que se reflete especialmente nos grupos mais consolidados, que mantêm os egressos de seus programas na condição de membros, com reflexões e publicações conjuntas, propiciando o trabalho de pesquisa de sujeitos de instituições diferenciadas e localizadas em diferentes regiões do Brasil; como lugar privilegiado de orientações coletivas, contribuindo para a sinergia das ações dos líderes de grupos, que têm os seus projetos de pesquisa como amparo teórico-metodológico para as atividades; como centros de pesquisa com objetos próprios de investigação diferenciados dos interesses do líder. Há uma produção bibliográfica dos grupos representada por livros, coletâneas, artigos e anais de congressos.

4 LANÇAMENTOS DE LIVROS E REVISTAS

Os lançamentos de livros e revistas ocorreram no Café ABRAPCORP, coordenado pela diretora editorial, Marlene Marchiori. Na sessão estiveram presentes autores, professores e pesquisadores, associados da ABRAPCORP, e representantes de editoras. Na ocasião, ocorreu também o lançamento da *Revista brasileira de comunicação*

organizacional e relações públicas (Revista Organicom), edições n. 14, do primeiro semestre de 2011, e n. 15, do segundo semestre de 2011. Esta revista já está em seu oitavo ano e é editada pela Gestão Estratégica em Comunicação Organizacional e Relações Públicas (GESTCORP) da Escola de Comunicações e Artes (ECA), da USP, e pela ABRAPCORP, tendo como diretora Margarida Maria Krohling Kunsch, e editor, Luiz Alberto de Farias.

Merece registro a publicação dos debates conduzidos nos congressos da ABRAPCORP, como livro integrante da coletânea série *Pensamento e prática*, em parceria com a Difusão Editora. A coletânea demonstra a vitalidade e a maturidade da associação para fomentar o debate científico de qualidade, gerar diálogo entre pesquisadores e profissionais da área, bem como ser um espaço para apresentação e discussão de pesquisas e experiências profissionais. Em 2012, foi lançada a obra *Redes sociais, comunicação, organizações*, organizada por Ivone de Lourdes Oliveira e Marlene Marchiori, que reuniu os textos do congresso anterior.

BOX 1

Obras lançadas e seus autores/organizadores

Mídias sociais... e agora? O que você precisa saber para implementar um projeto de mídias sociais, de Carolina Frazon Terra.

Opinião pública: empowerment e interfaces, de Célia Maria R. G. dos Santos (Org.).

Relações públicas: teoria, contexto e relacionamento, de James E. Grunig, Maria Aparecida Ferrari e Fábio França.

Propostas conceituais para a comunicação no contexto organizacional (pré-lançamento da obra), de Ivone de Lourdes Oliveira e Fábria Pereira Lima (Orgs.).

Hospitalidade: perspectiva de uma nova abrangência para o campo das relações públicas, de Esnel Fagundes.

Desafios da pesquisa em jornalismo, de Francisco Gonçalves Conceição, Joanita Mota de Ataíde e Roseane Arcanjo Pinheiro (Orgs.).

Ouvidoria: mídia organizacional, de Luiz Carlos Assis lasbeck (Org.).

Comunicação empresarial: planejamento e gestão, de Wilson da Costa Bueno (Org.).

Comunicação empresarial: leituras contemporâneas, de Wilson da Costa Bueno (Org.).

A auditoria de imagem das organizações: teoria e prática, de Wilson da Costa Bueno.

Relaciones públicas: naturaleza, función y gestión en las organizaciones contemporáneas, de Maria Aparecida Ferrari e Fábio França.

Relações públicas no coração do Brasil: construção e trajetória do curso de relações públicas da Universidade Federal de Goiás, de Tiago Mainieri (Org.).

A produção publicada demonstra o fortalecimento do campo acadêmico-científico de comunicação organizacional e de relações públicas, integrante das ciências sociais aplicadas. Os lançamentos envolvem demandas sociais e práticas de comunicação do cotidiano das organizações, no contexto de uma sociedade complexa e de um mercado competitivo.

5 MESAS TEMÁTICAS

O VI Congresso da ABRAPCORP deu sequência ao formato instituído no congresso anterior, organizando a submissão, avaliação e apresentação de trabalhos científicos em mesas temáticas. A responsabilidade pela seleção e organização destas mesas temáticas foi de uma comissão composta pelo diretor científico, Marcio Simeone Henriques (Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG), e mais três membros, os pesquisadores Luiz Carlos Assis Iasbeck (UCB), Cleusa Maria Andrade Scrofernecker (PUCRS) e Ana Lúcia Coelho Romero Novelli (UCB). Foram contratados os serviços da Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa (FUNDEP), que disponibilizou um sistema informatizado de submissão e avaliação dos trabalhos. Para a avaliação e seleção dos trabalhos foi composto um comitê com pesquisadores da área: André Quiroga Sandi, Anely Ribeiro, Ângela Cristina Salgueiro Marques, Carolina Frazon Terra, Celsi Bronstrup Silvestrini, Cláudia Peixoto de Moura, Claudio Guimarães Cardoso, Esnel José Fagundes, Eugenia Maria Mariano da Rocha Barichello, Jorge Antônio Menna Duarte, Juliana Fedak Sabbatini, Karla Maria Müller, Luciana de Oliveira, Maria Amélia Miranda Pirolo, Mariângela Furlan Haswani, Marlene Branca Solio, Marlene Regina Marchiori, Ricardo Caribé Cavalcante, Ricardo Ferreira Freitas, Rudimar Baldissera, Tiago Mainieri e Valéria de Fátima Raimundo. Ao todo, foram selecionados 33 trabalhos¹ para a composição das mesas temáticas, sendo distribuídos em oito sessões:

- mesa 1: Discurso e produção de sentido nas organizações;
- mesa 2: Comunicação no terceiro setor, sustentabilidade e responsabilidade social;
- mesa 3: Comunicação interna e cultura organizacional;
- mesa 4: Comunicação digital, novas tecnologias e mídias sociais;
- mesa 5: Comunicação organizacional: pesquisa e inserção nos processos de gestão;
- mesa 6: Comunicação pública e política;

1. Os artigos estão disponibilizados no site: <www.abrapcorp.org.br/anais2012>.

- mesa 7: Atuação profissional em relações públicas e comunicação organizacional; e
- mesa 8: Estratégias de comunicação na construção da imagem, da identidade e da reputação.

A representatividade geográfica dos trabalhos ocorreu com a seguinte distribuição: São Paulo – dez trabalhos; Minas Gerais – sete trabalhos; Paraná – cinco trabalhos; Rio Grande do Sul – três trabalhos; Rio de Janeiro e Maranhão – dois trabalhos de cada estado; Bahia, Distrito Federal, Goiás e Paraíba – um trabalho de cada estado. Quanto ao perfil dos 33 autores selecionados, dezoito são doutores, doze são mestres/doutorandos e três são especialistas/mestrandos.

6 ESPAÇO PARA A GRADUAÇÃO

Com o objetivo de estimular os estudantes de graduação a se engajarem em projetos de investigação, contribuindo para os estudos de comunicação organizacional e de relações públicas, o Espaço de Iniciação Científica (EIC) acolheu dois tipos de comunicações: *i*) trabalhos de conclusão de curso (TCCs) – monografias desenvolvidas e aprovadas pelos cursos, indicadas pelas instituições de ensino superior; e *ii*) trabalhos de iniciação científica (IC), resultantes de projetos desenvolvidos em nível de graduação, provenientes dos programas de iniciação científica das instituições de ensino superior. O EIC foi coordenado nesta edição por Luiz Alberto de Farias (USP). Os trabalhos foram submetidos pelo mesmo sistema informatizado da FUNDEP, utilizado para as mesas temáticas. O processo de avaliação e seleção dos trabalhos contou com um comitê formado por pesquisadores convidados: Ágatha Camargo Paraventi, Cíntia Carvalho, Else Lemos, Ethel Shiraishi Pereira, Sônia Aparecida Cabestré, Valéria de Siqueira Castro Lopes e Vânia Penafieri.

O EIC ampliou suas vagas e selecionou 25 trabalhos,² que foram apresentados em sessões simultâneas. A representatividade geográfica dos trabalhos do EIC registrou a seguinte situação: São Paulo – seis trabalhos; Rio Grande do Sul e Paraná – cinco trabalhos de cada estado; Minas Gerais – quatro trabalhos; Goiás e Distrito Federal – dois trabalhos de cada estado; Piauí – um trabalho. Durante o congresso também foram ministradas seis oficinas para alunos de graduação:

- oficina 1: Impactos das mídias sociais nas organizações, de Fernanda Bastos (PUC-Minas);
- oficina 2: Produção de eventos e os sentidos produzidos, de Ricardo Freitas (UERJ);

2. Os trabalhos estão disponibilizados no site: <www.abrapcorp.org.br/anais2012>.

- oficina 3: Estratégias discursivas das organizações, de Sidinéia Gomes Freitas (USP);
- oficina 4: Comunicação interna na gestão da sustentabilidade, de Wilma Pereira Tinoco Vilaça (Centro Universitário de Belo Horizonte – UNI-BH);
- oficina 5: Os programas de ética organizacional e os relacionamentos com os públicos: da implantação à avaliação, de Zilda Andrade (Universidade Estadual de Londrina – UEL); e
- oficina 6: Relações públicas folkcomunicação, de Severino Alves de Lucena Filho (Universidade Federal da Paraíba – UFPB).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como nos anos anteriores, foi entregue um questionário para os congressistas, visando à aplicação de uma pesquisa de satisfação a respeito de vários aspectos do evento. Pelo índice de respostas positivas, de modo geral, o evento foi bem avaliado e atendeu às expectativas participantes, sendo destacados o tema e a organização do congresso. A comissão organizadora, representada por Esnel Fagundes (UFMA), foi responsável pela coordenação local e realização do congresso. Os anais do VI Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas encontram-se disponíveis na versão eletrônica no *site* da ABRAPCORP.

Na assembleia dos sócios, a diretoria presidida por Ivone de Lourdes Oliveira finalizou as atividades da gestão 2010-2012. Uma nova diretoria assumiu o compromisso de continuar o trabalho que está sendo desenvolvido na ABRAPCORP. A equipe eleita para a gestão 2012-2014 tomou posse, sendo constituída pelos membros: Cláudia Peixoto de Moura (PUCRS) como presidente; João José de Azevedo Curvello (UCB) como vice-presidente; Ana Lúcia Coelho Romero Novelli (UCB/Senado Federal) como diretora científica; Ana Lúcia de Alcantara Oshiro (Universidade Anhembí Morumbi – UAM/Tatiba) como diretora administrativa; Maria Aparecida Ferrari (ECA/USP) como diretora editorial; e Esnel José Fagundes (UFMA) como diretor de relações públicas; além do conselho fiscal composto por Sidinéia Gomes Freitas (ECA/USP), Sonia Aparecida Cabestré (Universidade Sagrado Coração – USC) e Zilda Aparecida Freitas de Andrade (UEL).

Com a presença de congressistas e representantes de entidades do campo das relações públicas e da comunicação organizacional, o evento foi encerrado em uma sessão que tornou pública a decisão acerca da sétima edição do congresso, o VII Congresso da ABRAPCORP de 2013, que acontecerá em Brasília, nas dependências da Universidade Católica de Brasília, em parceria com a Universidade

de Brasília (UnB). O tema do congresso será: Teorias e métodos de pesquisa em comunicação organizacional e relações públicas: entre a tradição e a inovação. A intenção é estudar a produção de conhecimento em comunicação a partir da tradição do pensamento comunicacional e das pesquisas já produzidas no país e no exterior, situando-o histórica e epistemologicamente, justificando suas tendências teóricas e metodológicas, de forma a avançar na circunscrição do campo da comunicação como ciência. A proposta tem por objetivo analisar as condições do campo, o objeto e o estatuto disciplinar das áreas a partir de tendências, formações e correntes teóricas e suas perspectivas metodológicas, combinando o olhar da tradição e o desafio da inovação, desde o reconhecimento de que a construção de conhecimento nas áreas de comunicação organizacional e de relações públicas deve ser entendida como um conjunto de conhecimentos teórico-metodológicos que permitem elaborar formas de investigação para os objetos da comunicação e propor princípios para os fundamentos do campo.

CINEMA E AUDIOVISUAL I: NOVAS CONFIGURAÇÕES PARA O ENSINO

Aída Maria Bastos Nepomuceno Marques*

1 INTRODUÇÃO

Em 2010, depois de dois anos de interrupção, o Fórum Brasileiro de Ensino de Cinema e Audiovisual (Forcine) retomou seus congressos anuais, devido a importantes reestruturações internas da entidade.

A retomada dos congressos tinha duas finalidades próprias. Em primeiro lugar, estabelecer o diálogo e a troca de experiências entre as escolas, sobretudo levando-se em conta a quantidade de cursos de audiovisual abertos a cada ano em todo o país, tanto no ensino privado quanto no público, e a extensa disparidade de experiências de tempo de fundação entre as escolas, visto que o campo do audiovisual e, sobretudo, de formação da área somente há muito pouco tempo vem se consolidando no Brasil.

Em segundo lugar, tentamos por meio do formato dos congressos trazer para dentro da Universidade o mundo do trabalho, que desconhece sobremaneira o mundo das escolas e da formação, assim incorporamos o mundo empresarial, os sindicatos, as associações de categorias, os organismos e as instituições públicas, tais como a Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura (SAV/MinC), a Agência Nacional do Cinema (Ancine) e as secretarias de educação e de cultura de estados e municípios. Tentou-se estabelecer uma troca permanente de ideias, demandas e lacunas.

2 VI CONGRESSO DO FORCINE

O congresso que marcou a retomada em 2010 teve como tema A Inserção Profissional: novos desafios da formação audiovisual. Realizado na Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói, o evento teve como homenageado o fundador do curso de cinema da referida instituição, o cineasta e professor Nelson Pereira dos Santos. O congresso contou com importantes palestrantes que trouxeram subsídios e informações para os grupos de trabalho que se formaram e que propuseram caminhos e reflexões para nossos professores.

* Professora associada do curso de cinema da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Durante os dois primeiros dias, foram convidados para a participação em painéis (anexo A) palestrantes que representassem um leque de organizações e instituições ligadas ao tema escolhido, para auxiliar na formulação de políticas e diretrizes para os cursos de audiovisual, assim como para atualização permanente e constante com o mundo do trabalho. Ressalte-se que o mundo do trabalho no setor está em plena ebulição, dadas as mudanças trazidas pelas novas tecnologias que afetam toda a cadeia produtiva, assim como a organização política do setor no Brasil, em diversos níveis: municipal, federal e estadual, no Executivo e no Legislativo. Um trabalho constante das instituições representativas assegura e amplia um espaço permanente para o setor.

3 VII CONGRESSO DO FORCINE

Em 2011 o Congresso realizou-se, com formato similar, na Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP), em São Paulo. Com o tema Difusão e Circulação Audiovisual, nesta edição foi homenageado o professor e montador Máximo Barro.

4 VIII CONGRESSO DO FORCINE

Em 2012, o congresso retornou ao estado do Rio de Janeiro, realizando-se na Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio), com o tema Formação de Ensino de Cinema e Audiovisual. Nesta edição, os organizadores escolheram palestrantes que pudessem abordar questões relacionadas às grades curriculares de graduação e pós-graduação; às modalidades de cursos e diplomas oferecidos; e ao vigor e à diversidade da área. O ano de 2012 foi marcado por um enorme avanço: o início o curso de licenciatura do audiovisual da UFF, que pretende dar conta de um universo que vem cada vez mais se ampliando, aproximando o cinema e a educação.

A interlocução do audiovisual com todas as áreas do ensino – bem como os enormes benefícios que o conhecimento de procedimentos e de ferramentas específicas do audiovisual pode trazer à sala de aula – não deve mais ser esquecida para o fortalecimento de uma sociedade mais equânime e justa. Em uma sociedade em que a comunicação se estabelece cada vez mais por meio dos códigos audiovisuais, torna-se crescentemente necessário que professores, alunos e toda a sociedade estejam aptos a controlar os elementos e ferramentas de expressão e análise. Foram estabelecidos três diferentes painéis (anexo C).

O professor João Luiz Leocádio da Nova, responsável pela implantação do curso de licenciatura na UFF, faz um pequeno histórico, transcrito a seguir.

Prevista na Resolução do Conselho Nacional de Educação nº 10, de 27 de junho de 2005, a licenciatura plena foi uma demanda do Forcine, postulada a partir de

grupos de trabalho presentes nos seus congressos, mais notadamente naquele realizado em Salvador, que visa fortalecer a crescente presença do ensino de cinema e audiovisual em projetos especiais desenvolvidos em espaços formais e não formais de educação, em todo o território brasileiro. Sem se distanciar das mesmas diretrizes recomendadas para os cursos de graduação de cinema e audiovisual, a licenciatura precisa atender às determinações de outros documentos legais que definem competências específicas para o futuro professor do ensino básico. Nessa faixa de ensino, pode-se incluir a educação infantil, bem como os ensinos fundamental e médio, com o compromisso de fundamentar uma pedagogia da imagem na educação cidadã desde os primeiros anos escolares.

Outro documento que orienta a organização da licenciatura em cinema e audiovisual foi elaborado a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996. Intitulado Parâmetro Curricular Nacional de Artes (PCN Artes), o documento traz orientações para o ensino das artes audiovisuais, cinema e vídeo. A partir daí, recomenda-se a construção de propostas com práticas audiovisuais centradas na experimentação, criação artística e livre expressão.

Importante registrar que a militância cinematográfica já havia apontado em diferentes congressos de cinema, desde 1952, a importância de se implantar uma política institucional para a formação de público para o cinema nacional nas escolas. Este pensamento remonta aos anos 1920, que sedimentou a filosofia da Escola Nova e o Instituto Nacional do Cinema Educativo (Ince).

Inserindo-se nessa longa trajetória, o VIII Congresso do Forcine, realizado de 29 a 31 de março de 2012, na PUC-Rio, aprovou, a partir de propostas dos grupos de trabalho debatidas na plenária final, uma série de deliberações (anexo C).

5 CONCLUSÃO

Como evidencia a lista de deliberações do VIII Congresso, o término desta edição foi marcado pela constatação de que as tarefas atualmente colocadas para o Forcine e suas escolas-membro são de uma dimensão hercúlea, envolvendo, necessariamente, diversos ambientes e parcerias. A partir daí, cumpre perguntar como os currículos atuais estão contribuindo para reforçar o cinema e o audiovisual brasileiro.

Síntese do ponto já alcançado, essa interrogação aponta, igualmente, para as trilhas que ainda devem ser percorridas. Ficam, assim, muitas dúvidas e questões, as quais só poderão começar a ser respondidas a partir da urgente realização de uma pesquisa de âmbito nacional sobre o ensino e a formação em cinema e audiovisual no Brasil, que permita formular um plano de diretrizes e metas para a formação e o ensino na área.

ANEXOS

ANEXO A

A.1 Painéis do VI Congresso do Forcine

Painel 1: Mercado de trabalho. Novos cenários e desafios para a formação audiovisual.

Debate: Como as transformações tecnológicas alteram o ambiente do trabalho e da formação audiovisual e como as escolas respondem a novas necessidades de formação.

- Giuseppe Cocco – professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ);
- Roberto Moreira – cineasta e professor da Universidade de São Paulo (USP); e
- Marina Meliande – cineasta.

Painel 2: Regulação e fomento. Relações entre inserção profissional e políticas públicas para o ensino e o setor audiovisual.

- Mário Diamante – representante da Agência Nacional do Cinema;
- Adilson Ruiz – da Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura; e
- Anita Simis – da Federação Brasileira das Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação (Socicom).

ANEXO B

B.1 Painéis do VII Congresso do Forcine

Painel 1: Audiovisual, educação e políticas públicas.

Debate: Observa-se uma urgência de criação de políticas públicas integradas para o audiovisual e a utilização do cinema e outras mídias na formação, desde o ensino fundamental.

- Ana Paula Dourado Santana – secretária do audiovisual do MinC;
- Érico da Silveira – representante do Ministério da Educação (MEC) e coordenador-geral da TV Escola;
- Moira Toledo – educadora e autora da tese *Diretrizes para uma educação audiovisual democrática*; e
- Sergio Serapião – coordenador do programa Cine-Educação na Cinemateca – iniciativa voltada para introduzir o audiovisual no ensino básico, já atingiu mais de 800 mil professores em todo país.

Painel 2: Difusão e circulação audiovisual.

Debate: A distribuição tem um papel fundamental para o funcionamento da cadeia produtiva do audiovisual. No entanto, no Brasil, tem sido um dos pontos fracos do mercado nacional. As novas formas de consumo impulsionadas pelas tecnologias podem modificar os contornos deste cenário? Há conciliação entre a importância da difusão e as práticas que envolvem a comercialização? Como as escolas de cinema e audiovisual podem atuar?

Mediação: Humberto Neiva.

- Silvio Da-Rin – gerente-executivo de articulação internacional, aquisições e licenciamentos da TV Brasil; ex-secretário do audiovisual do MinC;
- Talitha Dalacosta – trabalha na ASTV Produções Cinematográficas Ltda. e M1ND LAB como diretora do departamento audiovisual do TIM TV Móvel, diretora de conteúdo, produtora de finalização, editora e coordenadora de eventos ao vivo;

- Glauber Piva – diretor da Ancine;
- Cynthia Alario – sócia-fundadora da Brazucah, agência focada no desenvolvimento de projetos de formação de público para o cinema brasileiro. Formada em comunicação social pela USP, com especialização em negócios do cinema e TV, pela Fundação Getulio Vargas (FGV), e em Educomunicação, pela USP.

Painel 3: Os desafios da profissionalização na área audiovisual.

Debate: A formação de produtoras e coletivos, como incubadoras, dentro das próprias escolas e como estas devem contribuir para inserção profissional, encarando os desafios de formar o artista empreendedor, num cenário de transformações do trabalho da indústria criativa.

- Lucimar Dantas – gerente de incubação da Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia (COPPE), da UFRJ;
- Maria Arlete Mendes Gonçalves – diretora de projetos culturais do Centro Cultural Oi Futuro;
- Giba Assis Brasil – cineasta, sócio-proprietário da Casa de Cinema de Porto Alegre (produtora de cinema independente, criada em 1987 por cineastas gaúchos na forma de uma cooperativa);
- Esmir Filho – jovem cineasta formado pela FAAP em 2004, um dos realizadores de *Tapa na pantera*. Seu primeiro longa-metragem, *Os famosos e os duendes da morte*, recebeu a premiação por melhor filme no Festival do Rio de 2009.

Fonte: Forcine. *Difusão e circulação audiovisual*. CONGRESSO DO FORCINE, 7., São Paulo: FAAP, 24-26 mar. 2011. (Programação). Disponível em: <<http://www.faap.br/forcine/programacao.asp>>.

ANEXO C

C.1 Painéis do VIII Congresso do Forcine

Painel 1: Novos campos para o profissional do audiovisual: na escola e no mercado.

Debate: Para além da experiência estética nas escolas e fora delas, encontram-se diferentes profissionais atuando no ensino e com produção audiovisual. Novas atividades produtivas demandam conhecimentos sobre o audiovisual, no seu fazer e na sua compreensão.

- Adriana Fresquet – da Faculdade de Educação (FE) da UFRJ;
- Ana Dillon – do Projeto Imagens em Movimento;
- Gabriel Santini – da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan);
- Miguel Pereira – da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio); e
- Caio Cesaro – do MEC.

Painel 2: Os diferentes enfoques do ensino superior do cinema e do audiovisual: tecnólogo, bacharelado e licenciatura.

Debate: A expansão do ensino superior público e privado, as diretrizes curriculares conquistadas pelo Forcine em 2005 e os desafios enfrentados pelas escolas para implementar uma formação sólida na abordagem técnica e teórica, segundo as necessidades de um mercado em permanente transformação.

- João Guilherme Barone – da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS);
- Luis Fernando Angerami – da USP;
- Simone Monteiro – secretária de Educação do município do Rio de Janeiro;
- Bete Bullara – do Cinema e Educação (CINEDUC); e
- Márcio Blanco – do Ensino Informal.

Painel 3: Construindo a área de pós-graduação em cinema e audiovisual: acadêmico e profissional.

Debate: Historicamente abrigados nas áreas de comunicação e de artes, o cinema e o audiovisual se consolidam em uma área própria com características multidisciplinares. Debater caminhos estratégicos que reconheçam as especificidades das escolas e, ao mesmo tempo, ampliem as possibilidades de pesquisa que unifiquem os programas.

- Nair Kobashi – da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes);
- João Luis Vieira – da Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (Socine);
- Celso Guimarães da Escola de Belas-Artes (EBA), da UFRJ;
- Tunico Amâncio, da UFF.

Fonte: Forcine. *Formação de ensino de cinema e audiovisual*. CONGRESSO DO FORCINE, 8., Rio de Janeiro: PUC-Rio, 29-31 mar. 2012. (Programação). Disponível em: <<http://forcine2012.com.puc-rio.br/programacao.html>>.

C.2 Deliberações do VIII Congresso do Forcine

I. Grupo de trabalho (GT) Currículo de cinema e audiovisual

1. No caso das universidades federais, a dotação de vagas de professores para os cursos novos de audiovisual deve seguir também o critério da especificidade da área e não apenas o quantitativo de alunos.
2. Os currículos dos novos cursos devem ter como referência as diretrizes curriculares para cursos superiores de cinema e audiovisual, desde o início do seu planejamento, mesmo os que sejam habilitações.
3. As escolas e universidades devem estar atentas para a importância de condições operacionais e de infraestrutura, incluindo as contratações de técnicos especializados para a excelência dos cursos.
4. Apoio e maior divulgação do *qualis* artístico aprovado junto às agências de fomento.
5. Discutir o conceito dos cursos de mestrado profissional e suas especificidades e diferenças em relação aos cursos *lato sensu* e outros.

6. Aprimorar e dar continuidade ao mapeamento dos cursos de cinema e Audiovisual com ampliação para os programas de pós-graduação.
7. Realizar pesquisa sobre postos de trabalho e ocupações (formais e informais) no mercado audiovisual dos egressos dos cursos.
8. Realizar o mapeamento das produções audiovisuais das escolas (diferentes gêneros e formatos) para conhecer a quantidade, tipologia e forma de circulação.
9. Aprofundar e ampliar a troca de informações sobre currículos entre as escolas filiadas, para melhor conhecimento das experiências de cursos de licenciatura, bacharelados e superiores de tecnologia, contribuindo para a melhoria dos programas de ensino e o atendimento de demandas específicas.
10. Retomar junto ao MEC a proposta de uma política nacional de formação para o setor audiovisual, contemplando o ensino técnico, superior e as especializações.

II. GT Titulação e reconhecimento da experiência

1. Estimular uma troca de informações e documentos sobre a contratação de professores com experiência profissional comprovada e sem titulação.
2. Aproveitar a experiência da construção das diretrizes curriculares da graduação para a criação de uma proposta básica de mestrado profissional em cinema e audiovisual.
3. Debater e propor métodos de avaliação para os *qualis* técnicos e artísticos para a subárea de cinema e audiovisual.
4. Valorizar a produção audiovisual como produção de conhecimento.
5. Fortalecer a política de concessão de títulos de notório saber e/ou especialista a docentes para a área de cinema e audiovisual.

III. GT Acervo e preservação

1. Fazer projetos conjuntos com os programas de ciência da informação e departamentos de arquivos para a formalização e preservação de documentos impressos, audiovisuais e correlatos nas escolas, aproveitando editais de agências de fomento.
2. Institucionalizar e apoiar a criação de instâncias que reúnam e preservem a documentação impressa, audiovisual e correlata, proporcionando a criação de uma memória institucional dos cursos de cinema e audiovisual.

IV. GT Experiências de ensino não formais

1. Atuação do Forcine no sentido do reconhecimento das atividades de extensão, como uma das tarefas fundamentais da universidade, equiparando-as ao ensino e à pesquisa.
2. Criação, no próximo congresso do Forcine, de uma mesa específica para a discussão das questões relativas às atividades não formais e de extensão.
3. Estímulo à filiação das instituições não formais, como por exemplo, o CINEDUC e a Escola de Cinema de Nova Iguaçu.
4. Atuação do Forcine para a abertura da linha de formação do Fundo Setorial do Audiovisual (FSA), para o fomento às atividades de extensão nas universidades, incluindo as ações não formais propostas por outras entidades e instituições.

Fonte: Forcine. *Formação de ensino de cinema e audiovisual*. CONGRESSO DO FORCINE, 8., Rio de Janeiro: PUC-Rio, 29-31 mar. 2012. (Deliberações). Disponível em: <<http://forcine2012.com.puc-rio.br/consideracoes.html>>.

CINEMA E AUDIOVISUAL II: NOVAS CARTOGRAFIAS DO CINEMA MUNDIAL*

Maria Dora Mourão**

1 INTRODUÇÃO

Nos dias 8, 9, 10 e 11 de outubro de 2012, realizou-se, no Centro Universitário do Serviço Nacional e Aprendizado Comercial (SENAC), em São Paulo, o 16º Encontro da Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (Socine), que teve como tema Cinema brasileiro e as novas cartografias do cinema mundial.

Os encontros da Socine acontecem anualmente em diferentes capitais do país. Neste ano, em consonância com o tema central, a capital paulista foi escolhida como local do evento, por ser, conforme consta da apresentação do evento,¹ “uma das metrópoles de grande importância para os estudos de cinema e audiovisual no Brasil” e também por ser

palco de importantes transformações no cenário brasileiro, tanto na produção audiovisual quanto no campo da cultura contemporânea. Espaço urbano de intenso intercâmbio cultural, a cidade reflete questões amplas e transversais, locais, nacionais e globais, que contribuem para um diálogo sobre as Novas Cartografias do Cinema Mundial.

O 16º Encontro da Socine contou com 330 comunicações apresentadas por professores universitários e pós-graduandos, previamente selecionadas por uma comissão científica, e que foram divididas em várias sessões simultâneas compostas por seminários temáticos, mesas temáticas, mesas individuais e painéis.

2 TEMAS DO ENCONTRO

É importante destacar os temas em torno dos quais os seminários temáticos se desenvolveram, pois constituem um indício do atual cenário de pesquisa em cinema e audiovisual no Brasil. São eles:

- recepção cinematográfica e audiovisual: abordagens empíricas e teóricas;

* Texto elaborado com base no programa do XVI Encontro da Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (Socine). Disponível em: <http://www.socine.org.br/encontro2012/caderno_resumos.pdf>.

** Presidente da Socine.

1. Disponível em: <<http://www.socine.org.br/encontro2012/>>.

- subjetividade, ensaio, apropriação, encenação: tendências do documentário;
- cinema no Brasil: dos primeiros tempos à década de 1950;
- cinema, estética e política: engajamentos no presente;
- cinema, televisão e história;
- estudos do som;
- gêneros cinematográficos: história, teoria e análise de filmes;
- imagens e afetos;
- cinema como arte, e vice-versa; e
- televisão: formas audiovisuais de ficção e de documentário.

3 OUTRAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

O Encontro contou, ainda, com outras atividades especiais, relacionadas a seguir.

3.1 Pré-Socine Brasil-Inglaterra

Trata-se de evento que antecede o encontro propriamente dito, em que são convidados, a cada ano, pesquisadores de outros países para debater temas específicos. O encontro de 2012 contou com a participação de Lúcia Nagib, diretora do Center for World Cinemas, vinculado à Faculty of Arts da University of Leeds. Em sua palestra, a professora propôs um questionamento do binarismo centro-periferia para se pensar o cinema como um fenômeno policêntrico.

No mesmo evento, realizou-se, ainda, uma mesa-redonda em torno do tema o Cinema mundial e a criação dos mundos, que teve como debatedoras Ramayana Lira de Souza (Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul – e University of Leeds), Cecília Antakly de Mello (Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP – e Universidade de São Paulo – USP) e Stephanie Dennison (University of Leeds). O propósito da mesa foi o de revisar qual o lugar do cinema brasileiro nos mapas contemporâneos do cinema mundial, discussão intensificada pela troca de experiências entre pesquisadores brasileiros e ingleses. A intenção era pensar sobre algumas questões relevantes, tais como os desafios que o cinema brasileiro traz para o desenho do mapa do cinema mundial e, de maneira mais ampla, o que se entende por “mundo” e que tipos de mundo são criados pelo e para o cinema.

3.2 Palestra com Dudley Andrew

A abertura do encontro propriamente dita deu-se com a palestra do professor Dudley Andrew, da Yale University, que, a partir do tema central as novas cartografias do cinema mundial, propôs discutir a categoria de cinema mundial como um atlas que

resiste a oposições binárias. O mapa, desenhado ao se pensar o cinema mundial, indica conexões entre circuitos de produção e circulação dos filmes, afiliações políticas, escolhas estéticas e afetos cinéfilos. O cinema mundial foi, pois, tratado como uma categoria dinâmica, uma cartografia móvel, um atlas cambiante.

3.3 Palestra plenária com William Boddy

O encontro contou, ainda, com a Palestra Plenária, proferida por William Boddy, do Baruch College e da City University of New York. O professor apresentou seu trabalho *A genealogy of electronic moving image displays*, em que examina a recente transição, nas imagens eletrônicas em movimento, que vai do tubo catódico aos painéis eletrônicos. Esta mudança tecnológica coincidiu com a fragmentação e a dispersão da audiência televisual e com os esforços sofisticados dos anunciantes para alcançar e monetizar espectadores móveis e recalcitrantes. A palestra analisou comerciais e textos promocionais das campanhas de marketing da Sony e de outras empresas ao lançar painéis eletrônicos após 2005, relacionando-os a esforços anteriores de unir inovações em painéis eletrônicos ao espetáculo tecnológico.

3.4 Mesa plenária

A mesa plenária teve a coordenação de Maria Dora Genis Mourão (professora da USP e presidente da Socine). A temática, que uniu os trabalhos dos participantes da mesa,¹ foi a relação entre o cinema e a prisão, esta abordada, de maneira concreta, como espaço de exibição, isto é, pela experiência de ver filmes atrás das grades; ou simbólica, com a tensão que se cria entre os limites do espaço interno e o espaço externo ao quadro, subvertendo a ideia de que o exterior é o espaço da liberdade. Foram abordados, como exemplos, os filmes *Sullivan's Travels* (Estados Unidos, 1941), de Preston Sturges; *Os inconfidentes* (Brasil, 1972), de Joaquim Pedro de Andrade; e *Proteus* (África do Sul, 2003), de John Greyson.

3.5 Homenagem

Por ocasião do encontro, foram homenageados os cineastas Carlos Reichenbach (1945-2012) e Linduarte Noronha (1930-2012), falecidos neste ano. A homenagem se deu com a exibição dos curtas-metragens *Olhar e sensação* (1994), de Reichenbach, apresentado por Marcelo Lyra (crítico de cinema), e *Aruanda* (1960), de Noronha, apresentado por Samuel Paiva (Universidade Federal de São Carlos – UFSCar).

1. Alison Griffith (Baruch College e City University of New York), José Gatti (Universidade Tuiuti do Paraná – UTP –, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – e SENAC) e João Luiz Vieira (Universidade Federal Fluminense – UFF).

3.6 Lançamento da revista *Rebeca*

Entre os lançamentos que tiveram lugar durante o encontro, foi apresentada a nova revista da Socine, intitulada *Rebeca – Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual*. Com publicação semestral e conteúdo de acesso livre *on-line*,² a *Rebeca* reúne artigos, entrevistas, resenhas e textos criativos em diferentes seções.

3.7 Outros lançamentos

Durante o encontro, houve, ainda, o lançamento da 20ª edição da revista *Teorema - Crítica de Cinema*, além de 25 livros (quadro 1).

QUADRO 1

Publicações lançadas durante o XVI Encontro da Socine

Livro	Autor(es)/ Organizador(es)
A imagem-câmera	Autor: Fernão Pessoa Ramos
A América Latina no cinema contemporâneo: outros olhares	Autora: Anelise Reich Corseuil
Políticas dos cinemas latino-americanos contemporâneos	Organizadoras: Alessandra S. Brandão, Dilma Juliano e Ramayana Lira
Profissão repórter em diálogo	Organizadoras: Rosana de Lima Soares e Mayra Rodrigues Gomes
História e documentário	Autores: Eduardo Morettin, Marcos Napolitano e Mônica Almeida Kornis
Cinema de bordas v. 3	Organizador: Gelson Santana
Filmes da África e da diáspora: objetos de discursos	Organizadores: Mahomed Bamba e Alessandra Meleiro
Linhas imaginárias: poesia, mídia, cinema	Autor: Adalberto Müller
História e audiovisual no Brasil do século XXI	Autor: Dennison de Oliveira
Caio Fernando Abreu e o cinema: o eterno inquilino da sala escura	Autor: Fabiano de Souza
Porque até a morte terei fome	Autora: Patrícia Colmenero
Lula no documentário brasileiro	Autora: Marina Soler Jorge
Escola, tecnologias digitais e cinema	Organizadora: Maria Teresa de Assunção Freitas
São Paulo cidade azul: ensaios sobre as imagens da cidade no cinema paulista dos anos 1980	Autora: Andréa Barbosa
Identity and difference – postcoloniality and transnationality in Lusophone films	Autora: Carolin Overhoff Ferreira
Políticas públicas e regulação do audiovisual	Organizadores: Angélica Coutinho e Rafael dos Santos
Simples assim – Aulas de cinema na EICTV	Autores: Marcelo Muller (introdução), Julio Garcia Espinosa, Harry Belafonte, Robert Redford, Orlando Senna, Jean-Claude Carrière, William Kennedy, Wole Soyinka, Senel Paz, Tomás Gutiérrez Alea, Juan Carlos Tabío, George Lucas, Francis Ford Coppola, Constantino Costa-Gavras, IstvánSzabó, MrinalSen
Journal of African Cinemas: Luso-African cinema	Autora: Alessandra Meleiro

(Continua)

2. Disponível em: <<http://www.socine.org.br/rebeca/index.asp>>.

(Continuação)

Livro	Autor(es)/ Organizador(es)
Televisão – formas audiovisuais de ficção e documentário – v. II	Organizadores: Gabriela Borges, Renato Pucci e Gilberto Alexandre Sobrinho
Som+imagem	Organizadores: Fernando Morais da Costa e Simone Pereira de Sá
Da imagem ao clichê. Do clichê à imagem. Deleuze, cinema e pensamento	Autor: Rodrigo Guéron
Cores & filmes: um estudo da cor no cinema	Autora: Maria Helena Braga e Vaz da Costa
No coração do mundo: paisagens transculturais	Autor: Denilson Lopes
O abrigo do tempo. Abordagens cinematográficas da passagem do tempo e do movimento da vida dos homens	Autor: Henri Arraes Gervaiseau
Enciclopédia do cinema brasileiro	Autores: Fernão Pessoa Ramos e Luiz Felipe Miranda

Elaboração da autora.

Vale destacar, ainda, que a Socine disponibiliza em seu *site*, em versão digitalizada, a coleção completa dos livros produzidos durante seus dezesseis anos de existência.³

Da mesma forma, os anais com os textos apresentados em todos os encontros da Socine estão disponíveis *on-line*.⁴

Atualmente, está sendo planejado o 17º Encontro da Socine, que será realizado na Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), em outubro de 2013.

3. Disponível em: <<http://www.socine.org.br/livros.asp>>.

4. Disponível em: <<http://www.socine.org.br/anais.asp>>.

CIBERCULTURA: ABCIBER DEBATE O ENTRETENIMENTO DIGITAL

Angela Schaun*

1 INTRODUÇÃO

Com o tema Entretenimento digital, o VI Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura (ABCiber) cumpriu mais uma vez seu propósito de trazer à tona discussões que alimentam, inquietam e desafiam as pesquisas no campo e provocar o debate sobre as transformações contínuas que caracterizam a sociedade digital.

O VI ABCiber foi organizado pela Universidade Feevale¹ e aconteceu na sede desta instituição, de 6 a 8 de novembro de 2012, na cidade de Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul. O convite de abrigar o evento foi uma iniciativa do mestrado em processos e manifestações culturais daquela universidade, e foi coordenado pela professora doutora Sandra Montardo, que na abertura do evento fez uma breve introdução sobre as atividades, destacando:

A ciberultura pode ser percebida enquanto a presença de tecnologias de informação e comunicação nas dimensões material e imaterial, simbólica e imaginária da sociedade contemporânea. Pelo fato de atravessar vários processos e fenômenos, desafia constantemente a sua (re)produção e a reflexão teórica sobre ela. O entretenimento digital compõe talvez a faceta mais rica da ciberultura e, por isso mesmo, da indústria atual, pondo novos problemas e novas soluções em debate. Por tudo isso, esse foi o tema do VI Simpósio Nacional da ABCiber. A conferência de abertura, com a pesquisadora Nancy Baym (Microsoft Research) sobre *Fandom*, um painel sobre manifestações de entretenimento na ciberultura, um debate sobre processos de desenvolvimento de jogos digitais e as atividades contempladas pelo eixo temático entretenimento digital (grupo de trabalho, mesas temáticas e oficinas) concentraram as discussões sobre esse tema.

Pesquisadores, artistas e ciberativistas brasileiros interessados pelas outras temáticas da ciberultura tiveram oportunidade de apresentar e debater sobre seus projetos a

* Professora do Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie e vice-presidente da Associação Brasileira de Pesquisadores em História da Mídia (Alcar).

1. Compuseram as comissões do VI ABCiber os seguintes membros: Sandra Portella Montardo (coordenação), Cintia da Silva Carvalho (comissão organizadora), Sandra Portella Montardo Paula Puhl (comissão científica), Rosa Maria Blanca Cedillo (comissão artística), Cristiano Max Pinheiro (comissão oficinas), Marsal Branco (comissão entretenimento) e Marta dos Santos (comissão lançamento de livros).

partir de quatro modalidades de participação: artigos científicos, mesas temáticas, oficinas e exposições. Essas modalidades foram organizadas em oito eixos temáticos: 1) educação, processos de aprendizagem e cognição, com um total de 21 artigos e uma mesa temática; 2) jornalismo, mídia livre e arquiteturas de informação, onde serão apresentados dezoito artigos; 3) comunicação corporativa e práticas de consumo *online*, contando com doze artigos e duas mesas temáticas; 4) política, inclusão digital e ciberativismo; 5) entretenimento digital, que provavelmente por conta da temática geral do evento, lidera com um número expressivo de 41 artigos, duas mesas temáticas e uma oficina; 6) processos e estéticas em arte digital, conta com cinco artigos e duas exposições de arte; 7) redes sociais na internet e sociabilidade *online*, com a expressiva participação de 39 artigos; 8) imaginário tecnológico e subjetividades, onde serão apresentados 22 artigos. Nesta sexta edição do ABCiber foi bastante significativa a produção a ser exposta durante o evento, em um total de 158 artigos científicos apresentados nos grupos de trabalho, oito propostas de mesas temáticas, três oficinas e de três exposições, submetidos aos oito eixos temáticos, reunidos nos anais do evento. Temos certeza de que os textos reunidos por ocasião do VI Simpósio Nacional da ABCiber constituirão parte importante para a discussão sobre os rumos da cibercultura, de modo geral, e do entretenimento digital, em particular, no Brasil (Montardo, 2012).

2 A ABCIBER: UM BREVE HISTÓRICO

Quando de sua constituição em 2006, a ABCiber deu início ao seu primeiro simpósio nacional, ocorrido na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Naquele momento, adotou a nomenclatura referencial provisória de Sociedade Brasileira para o Estudo da Cibercultura (SOCIB). Então, os pilares da organização foram lançados e ainda permanecem atuais, como pode ser observado na citação a seguir, que foi produzida naquele momento, em que “a cibercultura tornou-se o nosso mundo”, como bem declararam os organizadores daquele evento inaugural.

(...) a nossa atmosfera material, simbólica e imaginária, a configuração específica da vida humana em sua fase histórica presente. Ramificando-se de maneira avassaladora e abrangendo um sem-número de acontecimentos, processos e tendências, na esteira da circulação de objetos e produtos informáticos e da diversificação da web, a cibercultura se apresenta como fenômeno complexo e paradoxal, que desafia a reflexão teórica, em escala nacional e internacional. Entrelaçada com as principais características da pós-modernidade, ela retém, em seu bojo, aspectos da tradição e da modernidade; reescreve e reescala a mundialização mercantil da cultura e da informação, ao lhes dar ambiência virtualizada, cibericônica, hipertextual e interativa; vigora como condição *sine qua non* – embora normalmente pouco notada – da globalização econômica e financeira; reconfigura e multiplica, radicalmente, os conflitos sociais e as lutas políticas; enraíza-se, cada vez mais, na vida cotidiana. O simpósio

foi concebido para inserir esse (já não tão) novo cenário social-histórico na agenda de uma reflexão teórica mais criteriosa.²

3 OBJETIVOS PROGRAMÁTICOS DA ABCIBER

Estabelecidos desde o I Simpósio da ABCiber, em 2006, os objetivos da associação vêm se mantendo ao longo do tempo, conforme a seguir descrito.³

- 1) Reunir pesquisadores(as) da PUC-SP, Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal do Rio Grande do sul (FURG), Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade de Caxias do Sul (UCS) e Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) em torno de uma agenda comum de reflexão sobre temáticas centrais da cena social, política, cultural e tecnológica contemporânea, notadamente intrínsecas ao fenômeno transnacional da cibercultura, encarada de maneira ampla, como categoria de definição ou caracterização da fase hodierna da existência humana.
- 2) Condicionar a formação de uma esfera pública teórica, epistemológica e/ou metodológica de discussão e transmissão do conhecimento entre professores(as), pesquisadores(as), pós-graduandos(as), especialistas e profissionais interessados(as) na abordagem interdisciplinar de problemas do mundo tecnológico avançado, em especial aqueles atinentes às relações entre comunicação, *media* interativos, redes digitais, política, cultura e (re)organização do social.
- 3) Possibilitar e promover a circulação de conhecimento renovado, indagador e questionador no contexto de intercâmbios científicos, intelectuais e institucionais entre membros(as) ou representantes de centros, núcleos e/ou grupos de pesquisa.
- 4) Contribuir para o enriquecimento, a diversificação e a melhor consolidação, no Brasil, de caminhos reflexivos de compreensão acerca do

2. O I Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura (ABCiber), organizado pelo Centro Interdisciplinar de Pesquisas em Comunicação e Cibercultura (CENCIB), realizou-se na PUC-SP, no anfiteatro do Teatro da Universidade Católica de São Paulo (Tuca), de 25 a 29 de setembro de 2006. Inserido nas comemorações dos 60 anos desta universidade e dos 34 anos do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, o evento teve patrocínio do Itaú Cultural, apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e apoio cultural do Tuca. Ver <http://www4.pucsp.br/cos/cencib/simposio_nacional/home.php>.

3. Extraído do documento oficial com o programa do I Simpósio Nacional da ABCiber. (<http://www4.pucsp.br/cos/cencib/simposio_nacional/home.php>).

fenômeno da cibercultura, de suas tendências majoritárias e de seus discursos de celebração, que reproduzem o neoconservadorismo futurista, positivista e, não raro, místico da *imagèrie* publicitária em torno das tecnologias interativas e redes digitais.

- 5) Fornecer ao público presente subsídios teóricos e conceituais para a formação e/ou o desenvolvimento de uma visão abrangente e mais criteriosa a respeito da era tecnológica atual.
- 6) Desenvolver conversações interinstitucionais em prol da fundação de uma associação científica nacional no âmbito temático, teórico e epistemológico do evento (cf. seção I), com a missão precípua de articular pesquisadores(as), grupos, núcleos e centros de pesquisa, linhas de programas de pós-graduação e instituto de ensino superior (IES) para condicionar e fomentar as bases indispensáveis de melhor organização desse campo de estudos, em estrito vínculo com a pós-graduação.⁴

4 SESSÃO DE ABERTURA: FANDOM NA ÁREA MUSICAL

A conferência de abertura do VI Simpósio Nacional da ABCiber de 2012 aconteceu dia 6 de novembro e contou com a convidada internacional Nancy Baym, que é pesquisadora do Microsoft Research Institute, de Massachussets, nos Estados Unidos. Baym abordou o tema relacionado a entretenimento sobre *Fandom* na área musical. Sua palestra teve o título *Audiences and creators in time of social media* (em uma tradução direta: Audiências e criadores em tempos de mídias sociais) e a ênfase foram os fãs de artistas que disponibilizam seu trabalho musical na internet. Os fãs internautas, segundo a autora, adquirem mais poder (*empowerment*) nos tempos das mídias sociais, por conta do desaparecimento das distâncias e a extensão do alcance, propiciados pelas tecnologias digitais e pela própria web 2.0. Baym⁵ afirma que novas formas de engajamento passaram a vigorar, unindo em rede toda a sorte de interessados em música: produtores, curadores, artistas e fãs e, também, *wikis*, remix, entre outros.

Para Baym, nessa complexa rede de relações existem atualmente dois tipos antagônicos de discursos: a pirataria, que vem sendo combatida, sobretudo pela indústria fonográfica, diante de enormes perdas financeiras, e o fenômeno da monetarização dos fãs, cujas ideias e trabalho gratuito servem para alimentar a indústria como um todo. Baym acredita que talvez esteja emergindo uma espécie de comoditização da criatividade e dos indivíduos, e exemplifica com o Facebook. Música para a autora sempre foi um intercâmbio social que foi se transformando

4. Documento de Apresentação do I Simpósio da ABCiber, que aconteceu na PUC-SP, de 25 a 29 de setembro de 2006. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/cos/cencib/simposio_nacional/>. Acesso em: 16 nov. 2012.

5. Apontamentos da autora deste capítulo, a partir de anotações feitas durante a palestra de Nancy Bayam, na abertura do VI ABCiber.

em um produto à venda, sobretudo no mundo digital. O trabalho gratuito dos fãs, de alguma forma, resgata a ideia de música como processo de humanização das relações sociais. Sua pesquisa foi feita com 38 músicos internacionais e atuantes no meio digital/internet, e foi realizada com entrevistas a partir de questionários semiestruturados. Os resultados demonstram que não existe um consenso entre o grupo de artistas entrevistados quanto às práticas dos fãs nas mídias sociais. As opiniões se diferenciam, sendo que alguns acham ser muito positivo o fato de os fãs estarem mais próximos e poderem registrar suas opiniões, expressar seus gostos e paixões, escreverem livremente para seus ídolos e curtirem seus álbuns e shows, repercutindo mundialmente na rede a sua arte. Tais atitudes ajudam a propagar a produção artística e as vendas. Em contrapartida, outros entrevistados acreditam que muitas vezes os fãs podem ser malvados e problemáticos, principalmente no Youtube, no Facebook e no MySpace. Alguns outros músicos revelaram que muitas vezes se cansam do compromisso deste contato pervasivo⁶ das mídias sociais e disseram que para ser um artista melhor precisam de tempo para treinar e ensaiar muito, em vez de ficar no Facebook. De um modo geral, Baym acredita que as coisas ainda estão se organizando e os excessos acontecem sempre que se tem uma mídia livre, mas as leis para a internet estão cada vez mais rígidas quanto à pirataria e aos abusos, e as pesquisas sobre os fãs precisam ser cada vez mais incentivadas.

5 PAINEL 1 – MANIFESTAÇÕES DE ENTRETENIMENTO NA CIBERCULTURA

O primeiro painel do simpósio aconteceu no primeiro dia e versou sobre Manifestações de entretenimento na cibercultura, com a participação dos pesquisadores professora doutora Adriana Amaral (Unisinos), professor doutor Alex Primo (UFRGS), professor doutor Fabio Fernandes (PUC-SP), professora doutora Fátima Régis (UERJ) e professora doutora Simone Pereira de Sá (UFF).

A professora doutora Adriana Amaral expôs sua pesquisa sobre *Performance* e *Steampunk*, cuja questão de fundo é problematizar o anacronismo e o retro-futurismo na perspectiva do *Fandom* e das audiências participativas, a partir do imaginário tecnológico retrô, inspirado na questão de se a cibercultura fosse feita de bronze e não de silício. O tema sugere alguns achados como uma grande participação do gênero feminino na produção de manifestações *Steampunk*, uma forte presença da customização, de uma sensibilidade para o fantástico, o gótico e, principalmente, a ideia de estética acima da função.⁷

O professor doutor Alex Primo iniciou sua apresentação trazendo a ideia do trabalho dos fãs. Segundo ele “dá muito trabalho ser fã” e a indústria massiva

6. Pervasivo é um termo usado na área da cibercultura e significa: que se espalha, que se difunde por toda parte, ou que tende a propagar-se ou estender-se totalmente por meio de diversos canais, tecnologias, sistemas, dispositivos etc.

7. Anotações feitas pela autora deste capítulo, livre e diretamente a partir da apresentação do painel Manifestações de entretenimento na cibercultura, no VI Simpósio Nacional da ABCiber.

já percebeu que estes fazem parte no negócio do produto e que existe, de fato, uma mútua dependência entre estes atores *online* (fãs) e a grande indústria da mídia. Alex Primo acredita que a ideia de uma internet revolucionária, livre e para todos foi desde cedo percebida pela grande indústria da mídia massiva e do entretenimento que hoje usam as mídias sociais para incrementar seus negócios. Como exemplo, Primo citou o Facebook, que conforme acredita “parece que está canibalizando” o jornalismo colaborativo, os blogs etc. O *business* da música se apropria dos fãs como elemento intrínseco aos negócios, e como exemplo citou Lady Gaga, que recentemente no Brasil deu uma entrevista, completamente editada, em que ela mesma controlava suas posturas e falas, e chamava seus fãs de “*little monsters*”, os quais, sem a menor sombra de dúvida participam do *negócio Lady Gaga*. Outra perspectiva dada por Primo para sinalizar esta apropriação dos fãs pela indústria do entretenimento e da cultura é a produção de livros de empreendedorismo na área do comércio na web 2.0, e a este propósito o autor citou a ideia de cauda longa. E se pergunta se o conhecido autor Henry Jenkins,⁸ com seus escritos sobre convergência e *games*, não seria ele mesmo um consultor dos empresários massivos. Em compensação, apesar deste fenômeno, Alex Primo afirmou que hoje existe um ressurgimento no interesse pelas leituras marxistas para os autores da cibercultura. Mas pode-se questionar o que existe de produtivo nas ações dos fãs. Segundo Primo, os *fanfics*, em especial nos Estados Unidos, são um fenômeno muito relevante e precisavam ser mais ouvidos pela indústria, inclusive visando a uma remuneração, visto que estes são parte fundamental na manutenção e no incremento do negócio do entretenimento.⁹

O professor doutor Fabio Fernandes abriu sua fala inspirado na obra de William Gibson em que apresenta o aforismo *The streets finds its own uses for things*.¹⁰ A sua pesquisa foca as Manifestações do entretenimento: uma visão pós-*ciborg*, trazendo uma breve retrospectiva sobre os principais ícones que alimentam este tipo de ficção e o gênero *steampunk*, indicando que autores como Verne e Wells foram precursores do gênero no século XIX. Para os criadores deste estilo criativo a principal característica da atitude *punk* é “*do it yourself*”, ou “faça você mesmo”.

A professora doutora Fátima Régis abordou o tema Tecnologias da comunicação, entretenimento e capacitação cognitiva na cibercultura. Régis afirma que as chamadas tecnologias da informação e da comunicação (TICs) favorecem a

8. Henry Jenkins é fundador e diretor do Programa de Estudos de Mídias do Massachusetts Institute of Technology (MIT) dos Estados Unidos. Entre outros livros, Jenkins escreveu o hoje clássico *Cultura da convergência*, em 2006, pela NYSU Press e publicado no Brasil pela Aleph, em 2008.

9. Anotações feitas pela autora deste capítulo, livre e diretamente a partir da apresentação do painel Manifestações de entretenimento na cibercultura, no VI Simpósio Nacional da ABCiber.

10. As ruas encontram seus próprios usos para as coisas. Tradução nossa. William Gibson é um dos autores mais cultuados pelos estudiosos da cibercultura. O aforismo está no livro *Burning Chrome*. É autor do livro ícone da ficção *ciborg* *Neuromancer*, de 1984, publicado no Brasil pela Aleph, em 2008, e cuja tradução é do próprio Fabio Fernandes.

capacidade cognitiva, e que existe uma relação entre a tecnologia, o lúdico e o entretenimento na perspectiva da cognição. Autores como Michel Thiollent e Paulo Freire já advertiam sobre o potencial das tecnologias no aprendizado e defendiam fortemente a relação entre: produtos participativos e coletivos mais o uso de tecnologias mais a inspiração na realidade. Régis advoga que a internet é uma grande aliada da educação, desde que seja estimulada pela contextualização que produzirá a assimilação/acoplagem com a tecnologia.¹¹

A professora doutora Simone Pereira de Sá trouxe o debate sobre *Performances* videomusicais mediadas pelo Youtube, como uma nova experiência de entretenimento gratuito nesta categoria central de vídeos amadores no Youtube. Segundo Pereira de Sá, estes vídeos dialogam diretamente com a cultura *pop trash punk* ancorados na ideia de *performance*. O uso dos dispositivos do Youtube faz emergir o que a autora chamou de “metanegócio”, em uma estética *lowtech* (enfatizando o uso da câmera), criada para circular neste ambiente e pensando na lógica cultural do Youtube, que Pereira de Sá nomeou de “youtubidade”. Este fenômeno promove desdobramentos na rede sociotécnica e produz *performances* de autorreflexividade, inspiradas em Goffman (2006),¹² cujo letramento para aquela mídia social seria compreender a sua lógica. Para a autora, a retromania seria outro fenômeno atual, possibilitado pelas novas mídias digitais, das quais nos tornamos vítimas de arquivos do passado, pela capacidade de tanto armazenar.¹³

6 PAINEL 2 – CIBERCULTURA: ARTE, EPISTEMOLOGIA, VIGILÂNCIA E MOBILIDADE

O segundo painel do simpósio ocorreu na manhã do segundo dia e abordou o tema Cibercultura: arte, epistemologia, vigilância e mobilidade, com a participação dos pesquisadores convidados professora doutora Diana Domingues (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes; Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq; Universidade de Brasília – UnB), professor doutor André Lemos (Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia – UFBA) e professora doutora Erik Felinto (UERJ).

A professora doutora Diana Domingues trouxe o tema Arte, tecnociência e sistemas afetivos biocíndricos: tecnologias criativas e a reengenharia da vida. Sua pesquisa atual tem o financiamento do CNPq e da Capes, em parceria com a Faculdade de Engenharia da UnB e do Media Lab do Massachusetts Institute

11. Anotações feitas pela autora deste capítulo, livre e diretamente a partir da apresentação do painel Manifestações de entretenimento na cibercultura, no VI Simpósio Nacional da ABCiber.

12. Erving Goffman, sociólogo canadense, autor de vários livros, ficou conhecido por seu trabalho na área da microsociologia. O seu livro *A representação do eu na vida cotidiana* seria provavelmente a menção feita por Pereira de Sá ao contexto apresentado no Youtube.

13. Anotações feitas pela autora deste capítulo, livre e diretamente a partir da apresentação do painel Manifestações de entretenimento na cibercultura, no VI Simpósio Nacional da ABCiber.

of Technology (MIT) dos Estados Unidos. Sua questão-chave se debruça sobre o fator humano das tecnologias no cenário biocíndricos, em que as experiências são focadas nas interfaces da integração humano animal e as coisas como um grande organismo. Cita as fábulas de Jorge Luiz Borges sobre os insetos e as metamorfoses (Borges e Guerrero, 1957) e traz Maturana e Varela¹⁴ quando ampliam o conceito *autopoiesis*. Trabalha com Bernard (1976, p. 163) sobre a ideia de que vida é eletricidade. Para Domingues, trata-se de pesquisar as eidéticas afetivas e as tecnologias criativas, em uma espécie de sinestesia. As suas pesquisas atuais investigam novas experiências como “ver com os dedos, ouvir com os olhos e acariciar com a visão”. Seria uma transferência de canal sensorial, usando sistemas que animam corpos inaptos, o que chamou de *second skin* (segunda pele), a sensorialidade do corpo. A ideia de afeto é tomada a partir do sentido que lhe conferiu Spinoza.¹⁵ Seus estudos investigativos pretendem estudar os rituais brasileiros como o carnaval e o candomblé, na perspectiva da *cidadepathia*, que são as cidades enativas, onde computadores sentem as emoções de seus habitantes. As tecnologias usadas para tais experiências emergem do intercâmbio com o Media Lab do MIT, e envolvem principalmente o processamento de sinais, a reengenharia da natureza, o data *landscape*, a *interactive data visualization*, *neuralnetworking*, *icono(geo)graphy*. Segundo a autora, suas pesquisas sinalizam as redes sociais afetivas e a reengenharia da vida.¹⁶

O professor doutor André Lemos apresentou sua atual pesquisa sobre a temática Internet das coisas, baseada na teoria do “ator rede” de Bruno Latour.¹⁷ Este defende a ideia de que o social não é um lugar, uma coisa, um domínio, mas sim uma complexa rede em que o intermediário mais a actante mais a mediação mais a ação social estão em permanente mobilidade. O estudo remete ao termo *machine to machine* (M2M), ou máquina para máquina,¹⁸ em que os objetos atuam como pessoas objetos que transformam o mundo. Em sua proposta, Lemos exemplificou que a rede é mobilidade ou associação entre humanos e não humanos, defendendo uma sociologia da mobilidade. Como diz Latour, “o parlamento das coisas” é o modo de realização da rede de atores; assim, uma rede, na

14. Humberto Maturana e Francisco Varela desenvolveram um trabalho transdisciplinar centrado no propósito de entender a organização dos sistemas vivos com relação ao seu caráter unitário. Para tal, foi preciso que estes pesquisadores levassem em conta os principais desafios que este entendimento impunha, quais sejam: entender a natureza *autônoma* da organização biológica e entender como a *identidade* pode ser mantida durante a evolução que gera a *diversidade*. Para mais informações, ver Ramos (s.d.).

15. “Definição geral dos afetos”, Spinoza nos diz: sobretudo não creiam que o *affectus*, tal como eu o concebo, depende de uma comparação entre as ideias. Ele quer dizer que a ideia pode muito bem ser primeira em relação ao afeto, mas ideia e afeto são duas coisas de natureza diferente; o afeto não se reduz a uma comparação intelectual das ideias, o afeto é constituído pela transição vivida ou pela passagem vivida de um grau de perfeição a outro, na medida em que esta passagem é determinada pelas ideias; porém em si mesmo ele não consiste em uma ideia, ele constitui o afeto (Deleuze, 1978).

16. Anotações feitas pela autora deste capítulo, livre e diretamente a partir da apresentação do painel *Cibercultura: arte, epistemologia, vigilância e mobilidade*, no VI Simpósio Nacional da ABCiber.

17. Ver Latour (2009 e 2012).

18. *Machine to machine* (M2M) se refere às tecnologias que permitem aos sistemas com e sem fio se comunicarem com outros aplicativos ou dispositivos com as mesmas habilidades que os humanos.

verdade, é uma afirmação da coexistência das práticas científicas com as demais práticas humanas. Pessoas e objetos estão em processo contínuo de transformação e afetação, ocorrendo uma mudança do “eidos”. Nunca houve nada que não fosse complexo, afirma Lemos, tudo é constituído de híbridos.¹⁹

O professor doutor Erik Felinto abordou o tema Internet, *hacker* e cibercultura e abriu sua apresentação trazendo uma crítica sobre o conceito negativo que se construiu ao longo do tempo sobre o conceito de ruído (ou de impedimento dos fluxos de comunicação que deixariam de ser normais), que foi sempre visto como um elemento que desorganiza o processo, no âmbito do uso das tecnologias da comunicação/informática. Segundo Felinto, a revalorização, mais contemporânea, diante da ideia de ruído, indica uma atualização do conceito e cria uma interface com a relação estética e artística. Ruído enquanto processo poderia ser uma abordagem mais atual para compreender a prática dos *hackers* como atores ativistas e/ou artistas. Dialogando com perspectiva filosófica de Vilém Flusser,²⁰ quando este elogiava os *hackers* nos anos 1980 e propunha a diferença entre sociedade massiva e sociedade informática, Felinto apresenta um debate sobre a materialidade dos aparatos e a importância do conceito de jogo, como uma ideia de programação *versus* informação permanentes. Diante deste contexto, o ruído seria o jogo que introduziria o novo na sociedade. Para Felinto, Flusser foi um grande *hacker* e um precursor do pós-humano, quando sugere o jogo no lugar do consumo, relacionando à sociedade informacional telemática, em contraponto à sociedade moderna massiva.²¹

7 DEBATE: PROCESSOS DE DESENVOLVIMENTO DE JOGOS DIGITAIS

O programa da VI ABCiber realizou também um importante debate, baseado no relato de experiências a respeito dos processos de desenvolvimento de jogos digitais, no Brasil. O debate contou com a participação de criadores e produtores de videogames, como Valmor Pedretti (do Coletivo 433), Carlos Eduardo Cunha e Cristiano Silva (ambos da Ludema Game Studio). Os convidados trouxeram o relato de suas experiências com os processos criativos de novos personagens para videogames brasileiros. A sessão foi mediada pelo professor doutor Marsal Branco (Universidade Feevale). Seguido de mostra de jogos digitais feitos por alunos do curso de jogos digitais da Universidade Feevale.

19. Anotações feitas pela autora, livre e diretamente a partir da apresentação do painel *Cibercultura: arte, epistemologia, vigilância e mobilidade*, VI Simpósio Nacional da ABCiber.

20. Vilém Flusser (1920-1991) concebeu relações humanas como uma rede na qual cada indivíduo representa um nó: a sua noção de sociedade telemática que formulou no fim dos anos 1980, bem antes do advento da internet. O futuro da sociedade está tecnicamente ligado com todos os outros e, portanto, parte de um diálogo coletivo que abrange o mundo inteiro (Guldin e Finger, 2005).

21. Anotações feitas pela autora deste capítulo, livre e diretamente a partir da apresentação do painel *Cibercultura: arte, epistemologia, vigilância e mobilidade*, no VI Simpósio Nacional da ABCiber.

8 MESAS TEMÁTICAS

As mesas temáticas foram outro destaque no VI Simpósio Nacional da ABCiber 2012. Em um total de oito mesas, os debates permearam assuntos ligados principalmente ao foco de pesquisas dos eixos temáticos que as organizaram e tiveram a composição a seguir descrita:

- 1) Web 2.0 na educação: Mobilidade e cooperação nos processos educativos. Coordenada por Patrícia B. Scherer Bassani, Débora Nice Ferrari Barbosa e Cláudio Cleverson de Lima.
- 2) Cultura politelas: Marcadores históricos, culturais e tecnológicos. Organizada por André Fagundes Pase, Eduardo Campos Pellanda e Roberto Tietzmann.
- 3) Estratégias mercadológicas e práticas de fãs a partir de ficções seriadas. Organizada por Maíra Bianchini dos Santos, Ana Bandeira e Giovana Santana Carlos.
- 4) Cartografar controvérsias na sociedade dos metadados: narrativa, subjetivação e novas territorialidades na cibercultura. Apresentada por Henrique Antoun, Ivana Bentes, Fábio Malini e Ruth Reis.
- 5) A música na internet: suportes e estéticas do “ao vivo” e seus desdobramentos, com a participação de Lucas Waltenberg, Henrique Reichelt e Rafael Lage.
- 6) *This is not a game*: relações entre pervasividade e imersão nos alternate reality games. Liderada por Emmanoel Ferreira, Thaiane Oliveira e Louise Carvalho.
- 7) Arte, experimentações e natureza: processos e espaços de criação. Organizada por Karla Brunet, Maira Begalli e Luciana Fleishman.
- 8) Políticas etnográficas e a invenção da contemporaneidade na análise das redes socitécnicas. Apresentada por Airton Jungblut, Maria Elisa Máximo e Theophilos Rifiotis.

9 OFICINAS

Aconteceram três oficinas durante o VI Simpósio Nacional da ABCiber 2012.

- 1) GEPHI: mapeando e analisando a vida nas redes sociais. Organizada por Jean Maicon, Rickes Medeiros, Gabriel Herkenhoff e Pablo DeSoto.
- 2) O *Webfólio* como dispositivo de aprendizagem: uma estratégia de reflexão e avaliação da práxis profissional. Apresentada por Nohara Vanessa Figueiredo Alcântara Goes, Cláudia Regina Teixeira de Souza e Lynn Rosalina Gama Alves.

- 3) À procura da mídia (livre) perfeita! Transmissão de vídeo pela internet com *software* livre. Coordenada por Lucas Alberto Souza Santos e Eduardo Lucas.

10 EXPOSIÇÕES

Como parte integrante da programação oficial do VI Simpósio Nacional da ABCiber 2012, aconteceram três exposições de arte.

- 1) Onde está a arte, de Anelise Witt Matheus Deprá.
- 2) Mídias alteradas, de Diênifer Schmitt.
- 3) Celular espectral no Morro do Vidigal, de Flora Ardenghi.

11 ENCERRAMENTO: PRINCÍPIOS PARA A GOVERNANÇA DA INTERNET NO BRASIL

A palestra de encerramento do VI Simpósio Nacional da ABCiber 2012 foi proferida pelo professor doutor Sérgio Amadeu de Souza (Universidade Federal do ABC – UFBAC; Comitê Gestor da Internet no Brasil – GGI.br), e foi considerada um decálogo do GGI.br com o tema: *Princípios para a governança da internet no Brasil*.²² Amadeu fez um relato do estágio em que atualmente se encontra, no Congresso Nacional, a discussão a respeito do marco legal da internet no Brasil. Como destaque, ele ressaltou a importância deste momento, quando, segundo ele, o país passará a ter um dos mais democráticos instrumentos reguladores da internet no mundo.

A realização do VI Simpósio Nacional da ABCiber aconteceu mais uma vez para reafirmar a importância da pesquisa e dos debates sobre a multiplicidade de objetos, conceitos, temáticas e relações sociotécnicas que emergem a cada instante desse admirável mundo novo²³ que nos traz a cibercultura.

REFERÊNCIAS

- BERNARD, M. *Le Corps*. Paris: Editions Universitaires Jean-Pierre Delarge, 1976.
- In: BORGES, J. L.; GUERRERO, M. **Manual de zoologia fantástica**. México: Fondo de Cultura Económica, 1957.
- DELEUZE, G. **Cours Vincennes**. Paris, 24 jan. 1978.
- GIBSON, W. **Burning Chrome**. USA: Harper, 2003.

22. Os princípios da governança são os seguintes: direitos humanos; governança democrática; universalidade de acesso; diversidade cultural; inovação; neutralidade; inimitabilidade da rede; funcionalidade, segurança e estabilidade; padronização e interoperacionalidade; ambiente legal: Marco Civil Projeto de Lei nº 2.126/2011.

23. Uma alusão ao clássico de Huxley (2009).

_____. **Neuroromancer**. São paulo: Aleph, 2008.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. 13. ed. São Paulo: Vozes, 2006.

GULDIN, R.; FINGER, A. **Flusser Studies 01**: introducing flusser studies. Lugano; Storrs, nov. 2005. Disponível em: <<http://www.flusserstudies.net/pag/01/introduction01.pdf>>.

HUXLEY, A. **Admirável mundo novo**. São Paulo: Globo, 2009.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

LATOUR, B. **Reagregando o social**. Salvador: EDUFBA, 2012.

_____. **Jamais fomos modernos**. Rio de janeiro: Editora 34, 2009.

MONTARDO, S. Palestra de abertura do VI Simpósio da ABCiber. *In*: Simpósio Nacional da ABCiber. 6., 2012, Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul. **Anais...** Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 6 nov. 2012.

RAMOS, E. M. F. **O trabalho de Humberto Maturana e Francisco Varela**. [s.l.: s.d.]. Disponível em: <<http://www.inf.ufsc.br/~a.c.mariani/autopoiese/maturana-edla.html>>.

PUC-SP – PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO. **Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica**. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE PESQUISADORES EM COMUNICAÇÃO E CIBERCULTURA, 1., 2006. São Paulo. Disponível em: <<http://elmcip.net/sites/default/files/files/attachments/event/proceedingsabciber1.pdf>>.

ECONOMIA POLÍTICA DA COMUNICAÇÃO: 2012, UM ANO PRODUTIVO PARA A EPC NO BRASIL

Ruy Sardinha Lopes*

O ano de 2012 traz a marca de grandes feitos no âmbito da Economia Política da Comunicação (EPC). Comemora-se os 25 anos da publicação do artigo *A questão da publicidade no Brasil*, de César Bolaño,¹ que, segundo José Marques de Melo, representou o marco inaugural da EPC no Brasil; os 25 anos da criação dos grupos de pesquisa (GPs) de Economia Política das Tecnologias de Informação, Comunicação e Cultura (EPTIC) na Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) e na Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIIC) e os dez anos de constituição da Unión Latina de Economía Política de la Información, la Comunicación y la Cultura (ULEPICC-Federação). Tais fatos apontam a consolidação de um percurso acadêmico e institucional marcado por uma fidelidade a seus marcos teóricos fundamentais, apesar de seu trinômio constitutivo – economia, política e cultura – implicar matizes e procedimentos diferenciados, configurando algo raro na atualidade.

Ainda que a centralidade econômica das comunicações e da cultura seja moeda corrente nas mais variadas análises da sociedade contemporânea, a análise crítica de tal centralidade e as consequências epistemológicas, metodológicas e políticas ainda estão em processo de elaboração, e é justamente neste campo que a EPC tem dado relevante contribuição.

Se, como se sabe, a constituição desse campo em território nacional liga-se à formação da Rede EPTIC de Pesquisadores, vinculada ao Observatório de Comunicação da Universidade Federal de Sergipe, e à publicação do *Boletim EPTIC* pelo referido GP da Intercom, as reformulações do portal da rede e do principal veículo de divulgação das pesquisas em EPC no país, a revista *EPTIC Online*² (herdeira do referido boletim), representam a consolidação destes importantes instrumentos de comunicação ante a comunidade científica e demais interessados.

* Professor do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (USP); e presidente da Unión Latina de Economía Política de la Información, la Comunicación y la Cultura (ULEPICC) no Brasil.

1. Publicado na *Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação* em 1987.

2. Disponível em: <<http://www.seer.ufs.br/index.php/eptic/index>>.

A revista *EPTIC*, publicação quadrimestral *on-line* de acesso gratuito, vem, ao longo de seus treze anos de existência, escoando e repercutindo grande parte da pesquisa em EPC produzida no Brasil e no exterior, notadamente na América Latina. E, durante o ano de 2012, teve como destaque a publicação de três dossiês temáticos,³ que, além de permitirem um debate mais aprofundado sobre o assunto, deram voz ao esforço contínuo e profícuo de diálogo com outras vertentes do pensamento crítico comunicacional.

Ainda no campo das fronteiras e parcerias, a Intercom lançou, em 2012, o *e-book* intitulado *Políticas de comunicação e sociedade*, organizado por Valério Cruz Brittos e Ruy Sardinha Lopes, que reúne, de maneira inédita, a contribuição de cinco GPs ligados a esta entidade: Economia Política da Comunicação; Comunicação para a Cidadania; Cibercultura; Políticas e Estratégias de Comunicação; e Rádio e Mídia Sonoras.

Ao selecionar trabalhos apresentados nas seções temáticas dos GPs durante os congressos da Intercom, no período de 2009 a 2011, os coordenadores⁴ procuraram não apenas oferecer um panorama da produção acadêmica sobre o fenômeno comunicacional nesta “fase de multiplicidade da oferta” (Brittos e Lopes, 2012) por meio do necessário diálogo interdisciplinar, mas sobretudo, como pontua Antonio Hohlfeldt, na contracapa do referido livro: “levar suas descobertas ao público e provocar debates e alertas em torno das consequências possíveis que a adoção de políticas governamentais, que se tornam políticas públicas, podem gerar em nosso país, em detrimento dos interesses de sua população” (Brittos e Lopes, 2012).

O debate público sobre temas relevantes à sociedade brasileira, entre eles, o da necessidade de um novo marco regulatório das mídias no Brasil e a luta pela democratização da comunicação, mereceram atenção especial da ULEPICC-Brasil, entidade que congrega boa parte desses pesquisadores no Brasil. Sua atuação em diferentes eventos atesta a relevante contribuição que a academia pode e deve dar na discussão de importantes temas da agenda nacional. A ULEPICC-Brasil participou do Seminário Internacional sobre a Regulação da Comunicação Pública;⁵ integrou a coordenação (como membro da sociedade

3. *Comunicação, cultura e desenvolvimento; Economia política do rádio e mídia sonora e Economia política do cinema e dos meios audiovisuais no Brasil e na América Latina*. Cabe ressaltar que o dossiê sobre rádio e mídia sonora resultou da mesa conjunta realizada pelos GPs de Economia Política da Comunicação e Rádio e Mídias Sonoras da Intercom, durante o 34º congresso nacional da entidade, realizado em 2011, na cidade do Recife.

4. Valério Brittos (GP Economia Política), Claudia Regina Lahni (GP Comunicação para a Cidadania), Fátima C. Martins de Oliveira (GP Cibercultura), Juçara G. Brittes (GP Políticas e Estratégias de Comunicação) e Nair Prata (GP Rádio e Mídia Sonora).

5. Seminário promovido pela Secretaria de Comunicação Social da Câmara dos Deputados Federais do Brasil em parceria com a Frentecom, ocorrido em Brasília, entre os dias 21 e 23 de março de 2012, tendo como objetivo “discutir o aperfeiçoamento da legislação do setor no Brasil, de forma a assegurar a pluralidade de ideias e opiniões nos veículos de comunicação e o pleno exercício do direito à liberdade de expressão”. Ver mais detalhes em: <<http://frentecom.wordpress.com/2012/03/13/seminario-internacional-discute-regulamentacao-da-comunicacao-publica-no-brasil/>>.

civil) da Frente Parlamentar pela Liberdade de Expressão e pelo Direito à Comunicação com Participação Popular (Frentecom); participou da elaboração da *Plataforma para um novo marco regulatório das comunicações no Brasil*;⁶ ofereceu apoio institucional à campanha “Para expressar a liberdade”;⁷ além de participar da audiência pública no Supremo Tribunal Federal (STF), como parte do julgamento das ações diretas de inconstitucionalidade (Adins) nºs 4.679, 4.756 e 4.747, que questionam a Lei nº 12.485, que regulamenta a televisão por assinatura no Brasil.

Entre os dias 9 e 11 de outubro de 2012, a ULEPICC-Brasil também promoveu seu IV Encontro Nacional, realizado nas dependências da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Tal encontro, que coroou de forma exemplar este ano tão profícuo, contou com a presença de aproximadamente 250 inscritos e com a apresentação de 124 trabalhos distribuídos em cinco grupos de trabalho (GTs): Políticas de Comunicação; Indústrias Midiáticas; Comunicação Pública, Popular ou Alternativa; Políticas Culturais e Economia da Cultura; e Teorias e Temas Emergentes.

Tendo como eixo central a questão das “Políticas públicas e pluralidade na comunicação”, o evento contou com a contribuição de importantes nomes do universo acadêmico internacional, entre eles, Francisco Sierra Caballero (Universidad de Sevilla), Gabriel Kaplún (Universidad de la República, Uruguai), Gaetan Tremblay (Université du Québec à Montréal, Canadá) e Luis A. Albonoz (Universidad Carlos III de Madrid, Espanha). Entre os participantes nacionais, estiveram: Anita Simis (Universidade Estadual Paulista), César S. Bolaño (Universidade de Sergipe), Luis Arthur Ferraretto (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) e Murilo César Ramos (Universidade de Brasília), entre outros.

Dando prosseguimento ao esforço de discussão dos temas mais relevantes para a agenda nacional, o IV Encontro contou, ainda, com a participação de Cláudia Leitão, Secretária Nacional de Economia Criativa do Ministério da Cultura, em um painel sobre Economia Política da Arte e da Cultura, e dos professores João Batista de Abreu (Universidade Federal Fluminense), Edison Gastaldo (Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ) e Ricardo Ferreira Freitas (UERJ), que discutiram os aspectos sociais e econômicos dos megaeventos esportivos e da economia dos esportes.

O encontro trouxe, ainda, uma novidade em relação às edições anteriores, inaugurando um espaço “pré-evento”, com a realização de uma reunião entre entidades da sociedade civil organizada: a II Jornada de Doutorandos em EPC e o Seminário Brasil-Argentina – Políticas de Comunicação e Digitalização: novos modos de intervenção estatal na América do Sul, coordenado pela professora Suzy

6. Disponível em: <<http://www.comunicacaodemocratica.org.br/>>.

7. Mais detalhes em: <<http://www.paraexpressaraliberdade.org.br/>>.

dos Santos (UFRJ) e pelo professor Santiago Marino (Universidad Nacional de Quilmes) e que contou com a presença, entre outros convidados, de Guillermo Mastrini (Universidad Nacional de Quilmes), Martin A. Becerra (Universidad Nacional de Quilmes) e Murilo César Ramos (Universidade de Brasília).

Entre as diversas contribuições trazidas para debate nesse encontro, cabe destacar a conferência de abertura de Luis Albornoz, intitulada *Comunicação plural, diversidade cultural*, bem como a mesa temática “Alternativas democráticas de comunicação: a contribuição do Estado e a disposição da sociedade”. Nesta ocasião, os debatedores puderam pontuar a necessidade de uma análise crítica e criteriosa dos conceitos envolvidos, distinguindo aquilo que frequentemente aparece de forma misturada e pouco criteriosa – a “pluralidade” e a “diversidade”. Também levantaram a necessidade de se criar indicadores que, ao mesmo tempo que sejam sensíveis à complexidade do fenômeno que pretendem medir, possam servir de parâmetro para a definição de políticas públicas mais inclusivas e de respeito à diversidade cultural.

O papel do estado, a necessidade de construção de “marcos políticos e normativos” (ou marcos políticos regulatórios), de se politizar as políticas públicas e a consideração da cultura e da comunicação como eixos estratégicos de desenvolvimento estiveram presentes em boa parte dessas reflexões. Neste sentido, as contribuições de Claudia Leitão, Anita Simis, César Bolaño e Ruy Sardinha na mesa em que se discutiu a relação entre cultura e desenvolvimento mostraram-se de grande importância. Segundo a secretária de Economia Criativa, o Brasil carecia de uma política pública na área de cultura que, alargando o próprio conceito de cultura, desse voz e direito a uma parcela mais ampla da população, donde a recuperação da contribuição de Celso Furtado, ex-ministro da Cultura do governo de José Sarney, entre 1986 e 1988, que já àquela época vinculava desenvolvimento, atenção à diversidade cultural regional brasileira e acesso democrático aos bens artísticos, científicos e tecnológicos. Furtado também esteve presente nas colocações dos demais debatedores, seja na fala de Anita Simis que, criticamente, lembrou que sua atuação à frente do MinC contribuiu para o desmantelamento da Embrafilmes e abriu caminho para a Lei Rouanet; seja na contribuição de César Bolaño, que, trazendo dados mais recentes de sua pesquisa sobre o economista, apontou a riqueza de sua contribuição e a influência da antropologia filosófica no seu conceito de cultura; ou, ainda, de Ruy Sardinha que, ao questionar o próprio conceito de desenvolvimento presente nas políticas culturais atuais – e o perigo de uma postura economicista no âmbito da cultura –, retomava Furtado para ressaltar o caráter conflitivo e de oposição aos processos de excessiva concentração de poder que o verdadeiro desenvolvimento demanda.

Ruy Sardinha ressaltou, ainda, durante sua exposição, o fato de a propalada riqueza gerada pelos setores “criativos” não estar sendo apropriada pelos trabalhadores do setor que, via de regra, permanecem em condições bastante precárias. O alerta para a exclusão social proporcionada pela atenção exclusiva aos interesses do capital

também deu a tônica das colocações de João Bastista de Abreu que, ao analisar as reformas atuais dos estádios de futebol, impostas pela Federação Internacional de Futebol (Fifa), expôs o processo de “gentrificação” das camadas menos favorecidas por meio, por exemplo, da eliminação dos lugares mais acessíveis.

Durante o encontro houve também a eleição da nova diretoria executiva⁸ da entidade, para o biênio 2012-2014, que, na ocasião, apresentou suas propostas com o destaque de um projeto editorial em EPC.

Não obstante tais conquistas e desafios, 2012 também foi marcado por uma grande perda para a EPC e para o campo comunicacional no Brasil. Faleceu, no mês de julho, Valério Brittos, coordenador do Grupo de Pesquisa Comunicação, Economia Política e Sociedade (Cepos) e professor da Universidade do Vale do Rio Sinos (Unisinos). Valério, figura proeminente da EPC brasileira, esteve à frente, junto com César Bolaño, de muitas das iniciativas aqui enunciadas. Sócio-fundador e vice-presidente da ULEPICC-Federação, Brittos também foi o primeiro presidente da ULEPICC-Brasil e o criador e coordenador de diversos GTs em EPC. Sua vasta produção bibliográfica atesta a maturidade intelectual e decisiva contribuição para o pensamento crítico comunicacional no Brasil e no mundo.

Diante de tal lacuna, como não poderia deixar de ser, vários foram os eventos em sua memória. Em setembro, durante o XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), em Fortaleza, foi realizado o Simpósio Valério Brittos, em que personalidades do meio acadêmico, junto com ex-orientandos puderam refletir sobre sua importante atuação. O Fórum EPTIC, idealizado e coordenado por Valério, um espaço que visa estabelecer o diálogo da EPC com outros campos disciplinares, passou a denominar-se Fórum EPTIC Prof. Dr. Valério Brittos. No âmbito da ULEPICC-Brasil, a abertura de seu IV Encontro Nacional foi marcada pela realização de uma palestra especial, proferida pelo professor César Bolaño, sobre a contribuição de Brittos para a EPC no Brasil. Não obstante o notório reconhecimento público do papel que desempenhara, a compilação de sua obra e a análise criteriosa dos conceitos que criou – sobretudo, os referentes à televisão no Brasil – ocuparão boa parte dos esforços intelectuais dos próximos anos, gerando novos e importantes frutos.

REFERÊNCIA

BRITTOS, V. C.; LOPES, R. S. (Orgs.). **Políticas de comunicação e sociedade**. São Paulo: Intercom, 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/e-book/colecao-gps-2.pdf>>.

8. A diretoria eleita conta com a presença de Ruy Sardinha Lopes (presidência), Anita Simis (vice-presidência), Adilson Cabral (secretaria-geral), Patrícia Bandeira de Melo (tesouraria), Alain Herscovici (diretoria científica), Marcos Dantas (diretoria de relações institucionais e sociais) e Marcelo Kischinhevsky (diretoria de comunicação).

FOLKCOMUNICAÇÃO: REDE FOLKCOM AVANÇA ACADEMICAMENTE, ALTERNANDO INTERIORIZAÇÃO E INTERNACIONALIZAÇÃO

Marcelo Pires de Oliveira*

1 INTRODUÇÃO

A XV Conferência Brasileira de Folkcomunicação aconteceu na cidade de Campina Grande, na Paraíba, entre 6 e 8 de junho de 2012, com o tema Festas Juninas na Era Digital: da roça à rede. Esta conferência aconteceu simultaneamente ao IX Seminário dos Festejos Juninos no Contexto da Folkcomunicação e da Cultura Popular. Instituição anfitriã, a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) contou com o apoio da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e da Cátedra de Comunicação para o Desenvolvimento Regional da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

2 A XV CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE FOLKCOMUNICAÇÃO

Campina Grande, cidade escolhida como sede da conferência, possui a festa de São João reconhecida há 29 anos como a maior do mundo, com trinta dias de apresentações de trios de forró e de quadrilhas juninas. Turistas do Brasil inteiro visitam a cidade no período. O Seminário de Festejos Juninos no Contexto da Folkcomunicação e da Cultura Popular ocorre há nove anos com a intenção de mostrar que a festa pode ser objeto de pesquisa acadêmica e que os desdobramentos das várias ações comunicacionais da festa podem ser analisados à luz da teoria da folkcomunicação. Por isso, os festejos juninos foram escolhidos como tema da conferência e do seminário.

Devido à ligação da Rede Estudos e Pesquisas em Folkcomunicação (Rede Folkcom) com o seminário, a organização do evento decidiu realizar os dois eventos simultaneamente, com o apoio da Prefeitura de Campina Grande. A coordenação geral dos dois eventos ficou sob a responsabilidade do professor doutor Luiz Custódio da Silva, sócio da Rede Folkcom.

* Professor da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC, Bahia); e presidente da Rede Estudos e Pesquisas em Folkcomunicação (Rede Folkcom) no biênio 2011-2013.

O evento foi um importante momento de discussão e reflexão da teoria da folkcomunicação.

As festas populares comemoradas no mês de junho, alusivas a Santo Antônio, São João e São Pedro, ganham novas feições na contemporaneidade. Essas mudanças provocam interpretações e leituras diversas por parte dos pesquisadores, dos artistas beneficiados com essas transformações, ou que estão perdendo espaço diante das novas gerações responsáveis por uma safra de produtos mercantilizados e portadores de valores estéticos e conteudísticos questionáveis, e pelo próprio público consumidor dessas manifestações da cultura popular do Nordeste (Silva, 2007 p. 1).¹

Além dos grupos de trabalho, nos quais foram apresentados artigos ou relatadas pesquisas no campo da folkcomunicação em todo o Brasil, aconteceram mesas de debate e prestaram-se homenagens àqueles que vêm há muito tempo batalhando pela consolidação da teoria da folkcomunicação. O professor doutor Roberto Benjamin foi prestigiado com um painel sobre sua trajetória profissional. Destacaram-se suas contribuições como acadêmico, pesquisador, orientador de mestrado e de doutorado, escritor e incentivador das novas gerações de pesquisadores da área.

Com a participação, mais uma vez, de convidados internacionais – nesta edição, vindos dos Estados Unidos, Portugal e Espanha –, a conferência caminha para ser um evento internacional.

Os debatedores trouxeram para as mesas de discussão suas experiências de pesquisa, bem como suas contribuições para o campo da folkcomunicação, que a cada ano se consolida e amplia o número de pesquisadores no Brasil e na América Latina. Com o diálogo iniciado com Portugal, Espanha e Estados Unidos, ela começa a ser reconhecida fora do Brasil e da região latino-americana, apresentando um novo espaço de debate, reflexão e pesquisa.

O professor norte-americano Joseph Straubhaar falou sobre as festas juninas nas redes midiáticas, discutindo a folkcomunicação no campo das mídias digitais. Ele iniciou o diálogo entre as pesquisas norte-americanas e as brasileiras, abrindo a possibilidade de um colóquio Brasil-Estados Unidos sobre folkcomunicação digital.

O professor Alberto Pena Rodríguez, da Universidade de Vigo, trouxe sua pesquisa sobre os festejos juninos na Espanha, aclarando o conhecimento das matrizes culturais ibéricas destas festas. Também merecem destaque, nos debates sobre as raízes ibéricas do São João, os professores Carlos Nogueira, da Universidade Nova de Lisboa, Luís Humberto Marcos, diretor do Museu Nacional da Imprensa de Portugal, e Lucília José Justino, da Universidade Nova de Lisboa.

1. Silva, L. C. Os festejos juninos e a reinvenção das identidades culturais no contexto paraibano. In: Conferência Brasileira de Folkcomunicação, 10., 2007, Ponta Grossa. *Comunicação popular...* Ponta Grossa: UEPG, 2007.

Painéis sobre as celebrações juninas que ocorrem em diferentes partes do Brasil reuniram pesquisas realizadas nos estados de São Paulo, Mato Grosso, Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul. A região Nordeste, que celebra os festejos juninos com maior ênfase, teve um painel especial, com pesquisadores da Bahia, Pernambuco e Paraíba, no qual foi demonstrada a variedade de manifestações e as diferentes formas de celebrações da região, bem como as características que tornam esta festa tão especial e diversa.

Os cinco grupos de trabalho mostraram a diversidade de pesquisas na área, servindo para aproximar os pesquisadores da folkcomunicação por meio da troca de experiências e de referencial bibliográfico, dialogando sobre novos objetos de pesquisa.

A Rede Folkcom, que já conta com 51 sócios contribuintes, vem também se consolidando como um grupo agregador, dialogando com muitos pesquisadores presentes na conferência e também os convidando a compor a entidade e auxiliar em seu crescimento e fortalecimento. Os encontros da rede congregam em média trezentos participantes a cada ano.

Também há presença dos debates sobre folkcomunicação nos congressos da Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIC) e da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), com grupos de trabalho (GTs) específicos, nos quais é apresentada uma média de trinta trabalhos a cada edição dos dois congressos. Neste contato, os sócios da Rede Folkcom e os pesquisadores que militam na área de comunicação e cultura popular passam a dialogar. Assim, conhecem os objetivos da associação: aproximar os pesquisadores e auxiliar na composição de referencial bibliográfico robusto e articulado com as questões específicas das pesquisas em folkcomunicação.

Durante a décima quinta conferência, foram agendadas a décima sexta e a décima sétima edições, que irão ocorrer nas cidades de Juazeiro do Norte (CE), em 2013, e em Cuiabá (MT), em 2014.

Em 2013, a XVI Conferência Brasileira de Folkcomunicação terá como instituição anfitriã a Universidade Federal do Ceará (UFCE), *campus* do Cariri. Como sempre, outras instituições, como a Cátedra de Comunicação para o Desenvolvimento Regional da Unesco na UMESP, irão apoiar o evento.

Folkcomunicação e Desenvolvimento Regional: a Arte e a Cultura Popular foi o tema aprovado – na assembleia geral da Rede Folkcom de 7 de junho de 2012 em Campina Grande – para a conferência de 2013. O mote central será os cinquenta anos da pesquisa em folkcomunicação (1963-2013). Para tanto, as mesas serão montadas no intuito de proporcionar maior diversidade de correntes de pensamento e de pesquisas. Os GTs, em uma ação iniciada em Campina Grande, serão mantidos dentro de quatro temáticas fixas: *i*) teorias da

folkcomunicação; *ii*) morfologia da folkcomunicação; *iii*) conteúdos da folkcomunicação; e *iv*) folkcomunicação e desenvolvimento.

3 CONCLUSÃO

Com este breve balanço sobre a XV Conferência Brasileira de Folkcomunicação, pode-se observar que a pesquisa na área está forte e se desenvolvendo. Os objetos de pesquisa são muitos, permitindo uma visão transversal da folkcomunicação nos processos comunicacionais. Esta teoria brasileira a cada dia conquista novos pesquisadores e encanta as novas gerações de comunicadores. Com isso, o espaço duramente conquistado pelos pioneiros vai sendo ocupado pelos jovens pesquisadores e por pesquisas alinhadas com as inovações tecnológicas, bem como com o respeito às muitas tradições culturais que fazem parte do cotidiano.

HISTÓRIA DA MÍDIA: O MOSAICO REGIONAL DA ALCAR – SÃO BORJA, VILA VELHA, TERESINA, DOURADOS E BELÉM

Maria Berenice da Costa Machado*

1 INTRODUÇÃO

Em 2012, a Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (Alcar) deu continuidade à sua missão ao promover cinco encontros regionais para reunir pesquisadores, estudantes e profissionais da área de comunicação e outras afins, interessados em estudos avançados – de caráter interdisciplinar –, cujo foco central de análise recaía sobre os processos históricos da mídia. Além dos registros em anais, a produção destes eventos deverá ser publicada em periódicos científicos da área ou organizada nos formatos de livros impressos e *e-books*.

Com a periodicidade¹ dos eventos científicos da Alcar consolidada, o desafio para 2012 foi o de encaixar a peça que faltava no mapa do Brasil e inserir a região Centro-Oeste nos roteiros dos encontros, meta alcançada com a realização do I Encontro Regional Centro-Oeste de História da Mídia, no Centro Universitário da Grande Dourados (UNIGRAN), em Dourados, Mato Grosso do Sul.

A seguir, serão apresentados o desenho sugerido para a organização e um quadro com os cinco encontros regionais da Alcar realizados em 2012, descritos a partir de indicadores que permitem, na parte final, tecer algumas considerações sobre o perfil e a relevância destes eventos. Este relato tem como objetivos secundários se tornar memória e legar subsídios para as próximas reuniões de pesquisadores.

Para a realização desta pesquisa, as informações utilizadas foram consultadas e extraídas dos materiais impressos de divulgação, da programação, dos respectivos *sites* e dos relatórios elaborados pelos coordenadores. Neste trabalho, optou-se por seguir a ordem cronológica dos encontros.

Importa observar que a direção da Alcar, ao assinar o protocolo com a instituição de ensino superior (IES) sede, sugere como formato dos encontros

* Presidenta da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (Alcar) no período 2011-2015; e professora adjunta da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

1. Em anos pares, acontecem os encontros regionais; nos anos ímpares, há um único e grande encontro nacional de história da mídia.

regionais a duração de dois dias e abertura à noite, com um conferencista nacional. Na manhã seguinte, uma ou duas mesas redondas com palestrantes nacionais e mediador local. À tarde, ocorrem as sessões dos oito grupos temáticos (GTs) coordenados por professores locais para a apresentação e a discussão dos trabalhos selecionados. Para o encerramento do encontro, na parte da noite, acontece uma conferência com um convidado nacional e/ou da região, ou uma reunião para a premiação e as homenagens. Outra orientação, a título de sugestão, é a de que se não houver o número mínimo de cinco trabalhos, o GT poderá juntar-se a outro por afinidade. O número de participantes estimado fica em torno de cem pessoas e de cinquenta *papers*.

2 O MOSAICO DOS ENCONTROS REGIONAIS DE HISTÓRIA DA MÍDIA EM 2012

QUADRO 1

Indicador/região	Sul	Sudeste	Nordeste	Centro-Oeste	Norte
Dados de identificação					
Nome do evento	IV Encontro do Núcleo Gaúcho de História da Mídia	II Encontro Regional Sudeste de História da Mídia	II Encontro Nordeste de História da Mídia	I Encontro Regional Centro-Oeste de História da Mídia	II Encontro Regional Norte de História da Mídia
Data	14 e 15 maio de 2012	31 de maio e 1ª de junho de 2012	20 e 21 de junho de 2012	31 de outubro e 1ª de novembro de 2012	12 e 13 de novembro de 2012
IES sede	Universidade Federal do Pampa (Unipampa)	Universidade Vila Velha – campus Boa Vista (UVV)	Universidade Federal do Piauí (UFPI)	Centro Universitário da Grande Dourados (UNIGRAN)	Universidade Federal do Pará (UFPA)
Cidade/estado	São Borja/RS	Vila Velha/ES	Teresina/PI	Dourados/MS	Belém/PA
Site/blog	<www.alcarrs2012.com.br>	< http://historiadamidia2012.blogspot.com.br/ >	< http://www.historiadamidia2012.com.br/ >	< www.unigran.br/publigran/alcarco2012 >	< http://historiadamidia2012.blogspot.com.br/ >
Tema	Perspectivas de pesquisa: história da mídia e fronteiras	Mídia: memória e esquecimento	Identidade, memória e convergência midiática	Mídia, história e representações	Mídia: memória, cultura e Amazônia
Comissão organizadora e coordenador(es)	Marcelo Rocha Mara Ribeiro Juliana Salbego	Flávia Mayer dos Santos Souza Maria Nazareth Bis Pirola Rodrigo Cerqueira do Nascimento	Ana Regina Rêgo	André Mazini Gabriela Mangelardo Bruno Barreto	Netília Seixas Alda Costa Antonio Maurício Costa

(Continua)

(Continuação)

Indicador/região	Sul	Sudeste	Nordeste	Centro-Oeste	Norte
Promoção	Grupo de Pesquisa de História da Mídia da Unipampa Poscom da UFSM (copromoção)	Curso de Comunicação Social da UVV	Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação (NUJOC) do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da UFPI	Cursos de Comunicação Social da UNIGRAN	Faculdade de Comunicação (Facom) da UFPA PPGCOM Cultura e Amazônia da UFPA Programa de Pós-Graduação em História (PPHIST) da UFPA Pró-Reitoria de Extensão (Proex) da UFPA Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPESQ) da UFPA
Apoiadores	FAPERGS Universidade da Região da Campanha (URCAMP) Câmara Municipal de Vereadores de São Borja Secretaria Municipal de Turismo, Cultura e Eventos Prefeitura de São Borja Instituto Federal Farroupilha Sindilojas/São Borja Secretaria de Fomento e Incentivo à Cultura do MinC	Gráfica GSA Observatório da Mídia Regional Espírito Santo Convention & Visitors Bureau	Dinter – UFPI/ Unisinos CNPq Fapepi	SINJORGRAN UEMS UFGD UFG UFMS Restaurante Kikão Restaurante Cachaçaria Água Doce Hotel Bahamas	Instituto de Letras e Comunicação (ILC) da UFPA Assessoria de Comunicação Institucional (Ascom) da UFPA FADESP

(Continua)

(Continuação)

Indicador/região	Sul	Sudeste	Nordeste	Centro-Oeste	Norte
Programação					
Conferência de abertura	Pesquisa sobre história do jornalismo impresso	Entre memória e esquecimento: a mídia e os diferentes usos do passado	Identidade, memória e convergência midiática	Análise histórica da importância da TV na padronização cultural no interior do Brasil	Mídia: memória e cultura
Tema	Marialva Barbosa	Ana Paula Goulart Ribeiro	Ana Paula Goulart Ribeiro	Ana Carolina Temer	Christa Berger
Conferencista(s)	Antonio Hohlfeldt	Rodrigo Cerqueira do Nascimento (mediador/moderador)			
	Marcelo Rocha (mediador/moderador)				
Conferência de encerramento	Recortes da pesquisa em comunicação: o Rio Grande do Sul e o contexto platino	Causos da história da mídia do Espírito Santo			
Tema	Marina Poggi (Argentina)	Cariê Lindenberg	Entrega do Prêmio Jornalista David Moreira Caldas	Marketing político: a evolução histórica desse conceito no Brasil	Mídia e relações de poder na Amazônia
Conferencista(s)	Carlos da Rosa (Argentina)	Jeanne Bilich		Adolpho Queiroz	Lúcio Flávio Pinto
	Ada Silveira	José Fernando Osório			
	Flavia Lisboa Filho	Adilson Vilaça (mediador/moderador)			

(Continua)

(Continuação)

Indicador/região	Sul	Sudeste	Nordeste	Centro-Oeste	Norte
Mesas Tema Conferencista(s)	1. Reflexões sobre os rumos das pesquisas em história da mídia Maria Berenice Machado Cláudia Moura Mauro Cezar Silveira Mara Ribeiro (mediadora/moderadora)	1. Institucionalização dos estudos comunicacionais na América Latina: interseção entre mídia, história e memória Maria Cristina Gobbi 2. Recortes da história da publicidade e do jornalismo Adolpho Queiroz Edgard Rebouças Fabiola Bastos José Estevão Favaro Maria Berenice Machado (mediadora/moderadora)	1. Narratividade jornalística e histórica Christa Berger Teresinha Queiroz Gustavo Said Jacqueline Dourado (mediadora/moderadora) 2. A ética nos meios de comunicação e as consequências para a memória histórica Manuel Parés i Maicas (Espanha) Maria Berenice Machado Paulo Fernando Lopes Ana Regina Rêgo (mediadora/moderadora)	1. História da mídia no Centro-Oeste Ana Carolina Temer Mario Fernandes Bruno Barreto Maria Berenice Machado (mediadora/moderadora) 2. História e representações na imprensa de fronteira João Carlos de Souza Suzana Arakaki André Mazini	1. Acervos audiovisuais: conservação e acesso público Sidemar Reis João Moreira e Liliane Menezes Jonas Arraes Antonio Maurício Costa (mediador/moderador) 2. O uso de fontes audiovisuais em pesquisa nas ciências humanas Fábio Castro Mauro Celso Maia Aldrin Figueiredo Sonia Chada Antonio Maurício Costa (mediador/moderador) 3. Mídia e história Oswaldo Mendes Geraldo Mártires Coelho Nair Prata Sergio Mattos Maria Berenice Machado (mediadora/moderadora)

(Continua)

(Continuação)

Indicador/região	Sul	Sudeste	Nordeste	Centro-Oeste	Norte
GTs	História do jornalismo História da publicidade e da comunicação institucional História da mídia impressa História da mídia digital História da mídia sonora História da mídia audiovisual e visual História da mídia alternativa História da historiografia da mídia	História do jornalismo História da publicidade e da comunicação institucional História da mídia impressa História da mídia digital História da mídia sonora História da mídia audiovisual e visual História da mídia alternativa História da historiografia da mídia	História do jornalismo História da publicidade e da comunicação institucional História da mídia impressa História da mídia digital História da mídia sonora História da mídia audiovisual e visual História da mídia alternativa História da historiografia da mídia	História do jornalismo História da publicidade e da comunicação institucional História da mídia impressa História da mídia digital História da mídia sonora História da mídia audiovisual e visual História da mídia alternativa História da historiografia da mídia	História do jornalismo História da publicidade e da comunicação institucional História da mídia impressa História da mídia digital História da mídia sonora História da mídia audiovisual e visual História da mídia alternativa História da historiografia da mídia
Lançamento de livros	Não houve	Não houve	Sessão com seis títulos	Não houve	Sessão com onze títulos
Homenagem	Não houve	Não houve	Não houve	Não houve	Oswaldo Mendes Lúcio Flávio Pinto
Prêmio (pesquisas da graduação)	Não houve	Não houve	Jornalista David Moreira Caldas de Estímulo à Memória da Mídia – primeira edição	Não houve	Não houve
Atividades complementares	1. Visita ao museu Casa João Goulart 2. City tour em São Borja 3. Chimarrão e música – IFF	Sessão de pôsteres – onze inscritos	Abertura – grupo musical Brazilian Music Camera Symbol	Semana de Comu- nicação Sincom 2012 – oficinas	II Seminário de História, Cultura e Meios de Comunicação na Amazônia
Participantes					
Número de pesquisadores e ouvintes	250	188	192	160	131
Procedência – IES, estado e país	Uma IES do Sul Uma do Centro-Oeste Três do Sudeste Duas da Espanha	Uma IES do Sudeste Duas do Sul	Uma IES do Nordeste Três do Sudeste	Uma IES do Centro-Oeste Duas do Sudeste Uma do Sul	Uma IES do Norte Uma do Nordeste Uma da França

(Continua)

(Continuação)

Indicador/região	Sul	Sudeste	Nordeste	Centro-Oeste	Norte
Áreas das ciências	1. Comunicação social 2. História 3. Letras 4. Ciências sociais	1. Comunicação social 2. História	1. Comunicação social 2. História	1. Comunicação social 2. História	1. Comunicação social 2. História 3. Letras
Produção científica					
Número de trabalhos aceitos	75	72	65	34	28
Modalidades	1. Comunicação científica 2. Iniciação científica 3. Memória de experiências 4. Depoimento de especialistas	1. Comunicação científica 2. Iniciação científica 3. Memória de experiências 4. Depoimento de especialistas	1. Comunicação científica 2. Iniciação científica 3. Memória de experiências 4. Depoimento de especialistas	1. Comunicação científica 2. Iniciação científica 3. Memória de experiências 4. Depoimento de especialistas	1. Comunicação científica 2. Iniciação científica 3. Memória de experiências 4. Depoimento de especialistas
Anais – ISSN	<i>On-line</i> (ISSN em processo)	Disponíveis em CD e <i>On-line</i> ISSN – 2238-4499	<i>On-line</i> (textos completos) (ISSN em processo) Livro dos resumos impresso – ISBN 978-85-7463-491-3	<i>On-line</i>	<i>On-line</i> (ISSN em processo)
Publicações	A definir	Não	Impressa e digital	Edição especial da revista <i>Comunicação & mercado</i> (<i>on-line</i>)	Impressa e digital

Elaboração da autora.

3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONJUNTO

Relacionamos os encontros de história da mídia em 2012 a um mosaico, ancestral manifestação cultural da humanidade, técnica artesanal de agrupar peças. A par da importante contribuição que o conjunto de eventos lega à história, sua organização significou eleger partes – pessoas e instituições – dispostas a dar consecução ao projeto coletivo da Alcar. Para isto, foram necessárias várias ações; entre elas, marcar todas as divisões geográficas do país – como aconteceu em 2012 –, encontrar pesquisadores, acolher e oportunizar a divulgação dos seus estudos, concretizar o projeto e divulgar institucionalmente a Alcar. Um bom exemplo da relevância da descentralização perseguida foi reencontrar o jornalista Paulo Roberto Ferreira na região Norte, participante das primeiras edições da Rede Alcar, impedido profissionalmente de seguir os encontros nacionais.

Três eventos aconteceram nas capitais dos estados e dois em cidades do interior, no Sul e no Centro-Oeste. A mesma relação pode ser feita sobre as IES sedes, três foram em públicas federais e duas em IES privadas, no Sudeste e no Centro-Oeste. Os resultados positivos permitem afirmar que cidades e escolas, tradicionalmente distantes dos grandes eventos da comunicação, têm bastante potencial para realizar com competência atividades acadêmicas e científicas, inclusive superando as mais otimistas previsões quanto aos números de participantes e trabalhos aceitos.²

Diante do exposto na tabela 1, observou-se relativo equilíbrio entre as regiões, relaciona-se a maior adesão no Sul como compatível com a trajetória da proposta, que vem agregando cada vez mais pesquisadores ao longo das suas quatro edições. Do mesmo modo, entende-se a marca do Norte como positiva, pois o encontro foi organizado em tempo bastante estreito, mesmo caso do Centro-Oeste.

Entre os muitos méritos dos organizadores, estão a criação de identidades visuais pertinentes aos temas e/ou às regiões, os materiais impressos e digitais e o intenso uso de redes e mídias sociais para a divulgação. Outra iniciativa acertada, que aumenta o espectro da Alcar, foi a de buscar apoio e parcerias com outras instituições, cursos de graduação e pós-graduação em comunicação e história, agências de fomento e patrocínios.

O encontro do Sul, entre muitos, teve promoção conjunta com o Programa de Pós-Graduação e Comunicação (Poscom), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), responsável por uma mesa com dois pesquisadores da Argentina, mais o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS). No Sudeste, a parceria veio do Observatório de Mídia Regional, localizado na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), e de fornecedores de serviços. O Nordeste contou com recursos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação de Apoio à Pesquisa do Piauí (Fapepi), que possibilitaram a vinda do professor Manuel Parés i Maicas, da Universidade Autônoma de Barcelona (UAB).

Na UNIGRAN, não existe programa de pós-graduação em comunicação (PPGCOM); por isso, a universidade buscou e obteve apoio de quatro outras IES da região Centro-Oeste, possibilitando assim a participação de alunos de outros programas de pós-graduação. Para a graduação, foi montada uma programação paralela à semana de comunicação, composta por um conjunto de oficinas.

No Norte, a parceria entre o programa de pós-graduação em história e a presença de pesquisadores das letras e das artes foi muito produtiva.

2. Os parâmetros foram os encontros regionais do Sul em 2007, 2008 e 2010, bem como os do Sudeste, do Nordeste e do Norte, em 2010.

A autora deste capítulo participou de todos os encontros regionais e assim pôde testemunhar a cobertura das mídias das próprias IES e a boa receptividade das comunidades e da grande mídia local. Em São Borja, por exemplo, foi emocionante saber que a comissão organizadora foi contatada e recebeu apoio e patrocínios voluntários.

A cidade de Vila Velha programou para o encerramento de seu encontro uma mesa com profissionais do mercado de comunicação local contando “causos” da história da mídia do Espírito Santo, o que atraiu significativo público acadêmico e externo. Em Teresina, havia *outdoor* e cartazes espalhados pelo *campus* e na cidade, mídias que levaram informação a plateias completas, mesmo a universidade estando em greve. Em Dourados, também foi marcante o número de ouvintes profissionais do mercado local. Belém programou uma mesa com a participação de responsáveis por museus e acervos da cidade e/ou do estado, e no fim do evento contou com a participação do jornalista independente, editor do *Jornal Pessoal*, Lúcio Flávio Pinto, que falou para um auditório lotado e solidário com suas posições.

Julga-se necessário destacar também as temáticas eleitas para os encontros, procurando contemplar as questões de interesse, assim como os temas investigados por pesquisadores das regiões. Outro ponto a sublinhar foram as programações e a representatividade dos convidados, todos com reconhecida produção e pesquisas em comunicação e história da mídia.

Houve um expressivo envolvimento dos alunos dos PPGCOMs e da graduação nesses encontros; além de atuarem como colaboradores junto à organização e na cobertura dos eventos pelas mídias institucionais e acadêmicas, também marcaram presença ao indagarem palestrantes e painelistas, com firmeza e intensidade, após as conferências, as mesas e os GTs. Perguntas que não só traduziam curiosidades, mas também relacionavam os temas abordados com a atualidade.

O Prêmio David Moreira Caldas, promovido pela Alcar Nordeste, foi uma iniciativa importante de estímulo à pesquisa entre alunos da graduação, devendo gerar bons frutos às próximas gerações de pesquisadores, como a identificada entre os jovens organizadores e coordenadores de GTs no evento do Centro-Oeste. Três deles registraram suas experiências em pesquisa sobre a história da mídia e com a Alcar junto aos seus professores quando na graduação.

Mais uma oportunidade de aproximação com os participantes, em todos os eventos, foram as idas aos GTs para apreciar parte das apresentações, agradecer a receptividade e promover e divulgar – de maneira direta – o projeto da Alcar. As reuniões abertas ocorreram para informar sobre a finalidade da associação, os processos de registro e as filiações; divulgar o Encontro Nacional de 2013 e a segunda edição do Prêmio José Marques de Melo para pesquisas de iniciação

científica ou TCC de alunos de graduação; bem como informar sobre os periódicos editados pela associação – o *Jornal Alcar*, bimestral, e a *Revista brasileira de história da mídia*, semestral.

Alguns aprendizados e questões deverão suscitar reflexões e discussões a partir da visada do “mosaico Alcar 2012”. Em relação aos vínculos territoriais e institucionais, embora exista a presença maciça de representantes das próprias regiões, observou-se em todos os encontros participantes para além das regiões físicas, como que a ratificar a característica dos tempos pós-modernos da atualidade. As fronteiras não são mais tão rígidas, as identidades se fragmentaram e as decisões, muitas vezes, são tomadas em função de relevância e oportunidade, de acessibilidade e/ou relacionamentos.

Para a consolidação identitária dos encontros regionais de 2014, serão encaminhados modelos com o intuito de uniformizar a grafia do nome e o número do encontro, como *ordem numérica da edição* junto a *Encontro Regional – nome da região – de História da Mídia*, podendo ser resumido por *Alcar – nome da região – ano*. Avanço neste sentido foi dado pelo núcleo gaúcho.

A assembleia contou com a participação de pesquisadores, vinculados a IES do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, que decidiram consultar os colegas do Paraná para integrar os três estados a partir do próximo evento, o V Encontro Regional Sul de História da Mídia – Alcar Sul 2014.

Chegar ao interior ou à fronteira do Brasil e descentralizar as discussões acerca de pesquisas e desdobramentos em relação à história da mídia são marcas do sucesso dos eventos de 2012, que já se repercutem na realização dos próximos encontros regionais da Alcar em 2014.

A direção da Alcar encaminhou propostas para que a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) realize o encontro regional do Sul; a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o do Sudeste; a Universidade Federal do Maranhão (UFMA) organize o do Nordeste; a Universidade Federal de Goiás (UFG), o do Centro-Oeste; e busca em seguida também o IES no Norte. Em 2013, respeitando a alternância, será realizado o IX Encontro Nacional de História da Mídia, em maio, na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), em Ouro Preto/MG.

COMUNIDADE DOS ESTUDOS SEMIÓTICOS ENCERRA EVENTOS DO CAMPO COMUNICACIONAL EM 2012

Iury Aragão*

1 INTRODUÇÃO

Em 10, 11 e 12 de dezembro de 2012 aconteceu o XVIII Colóquio do Centro de Pesquisas Sociosemióticas, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), *campus* Ipiranga. O evento foi organizado pelo Centro de Pesquisas Sociosemióticas (CPS), que conta com a direção de Ana Claudia Mei Alves de Oliveira (professora da PUC-SP) e com a codireção de Eric Landowski (pesquisador do Centre National de la Recherche Scientifique). Preparado anualmente, o colóquio tem o objetivo de divulgar e debater as pesquisas desenvolvidas pelos grupos de trabalho que atuam na área da semiótica discursiva.

2 O XVIII COLÓQUIO DO CPS/PUC-SP

O CPS foi fundado em 19 de novembro de 1994 com o intuito de pesquisar, formar pesquisadores e promover seminários, cursos, conferências com especialistas em semiótica, linguística e sociolinguística de todo o mundo.

O CPS tem quatro finalidades bem delimitadas:

- a) congregar pesquisadores e estudiosos – doutores, mestres e especialistas, bem como estudantes em pós-graduação – com o fim de estimular o desenvolvimento e a difusão das atividades de pesquisas, ensino e editoração ligados à semiótica discursiva como fonte de conhecimento científico;
- b) promover eventos de cunho científico, cultural educacional e artístico – colóquios, simpósios, debates, encontros, jornadas, conferências, exposições e outros – centrados na semiótica discursiva;
- c) publicar os resultados relevantes de suas pesquisas bem como textos de pesquisadores brasileiros ou estrangeiros que se tornaram referência em semiótica discursiva; e
- d) promover o intercâmbio com outras entidades similares e afins, nacionais e internacionais, no âmbito da pesquisa, do ensino e das demais atividades pertinentes à cultura e à arte (PUC-SP, 2008).

* Doutorando em comunicação social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMSP).

Durante todo o ano pesquisas são elaboradas nos ateliês – grupos de estudo, discussão e investigação coletiva. O colóquio é o momento de encontro para a divulgação e debates sobre os trabalhos desenvolvidos. O XVIII contou com temáticas divididas em nove ateliês, nos quais foram debatidos, ao todo, 25 trabalhos.²

Para o dia 10 de dezembro foram organizados quatro ateliês, os quais contaram com o debate de sete trabalhos. O primeiro grupo de discussão foi São Paulo: ações na publicidade, coordenado por Valdenise Martyniuk, com quatro trabalhos selecionados, listados a seguir.

- 1) São Paulo, a metrópole na política, de Maria Paula Piotto Guimarães.
- 2) Estilo de vida nas publicidades imobiliárias: você finge que é verdade, eu finjo que acredito, de Adriana Baggio.
- 3) Unimaginable, de Valdenise Martyniuk.
- 4) Viva tudo isso! São Paulo, de Ana Claudia de Oliveira.

Os demais ateliês tiveram um trabalho cada, conforme disposto a seguir.

- 1) Ateliê São Paulo: pontos verdes.
 - Espaços verdes de São Paulo – visitas Parque da Água Branca, Parque Zilda Natel, Parque da Juventude e Parques Trianon e Prefeito Mário Covas, de Karin Thrall e Marília Jardim.
- 2) Ateliê São Paulo: práticas artísticas.
 - Territórios de cultura na cidade de São Paulo: interações e apreensões sensíveis, de Anamelia Buoro *et al.*
- 3) Ateliê São Paulo: mídia impressa.
 - São Paulo: discurso da programação e outras interações, de Simone Bueno.

Em 11 de dezembro existiram apenas dois ateliês. A oficina Semiótica e práticas educativas, que teve como coordenadora Moema Rebouças e como animador José Almir Valente, concentrou o maior número de trabalhos apresentados em todo o evento: oito.

- 1) Vitrinas de vitrinas: fotografias de Orlando da Rosa Farya, em Paris e Budapeste, de Fátima Nader.
- 2) As interações da cultura midiática na escola, de Maria Nazareth Pirola.
- 3) Editorial da *Capricho*: para validar a conversa, um oi, de Letícia Nassar.
- 4) Oficinas pedagógicas em *A gazeta* na sala de aula: os valores em circulação, de Marilene Matos.

2. Para mais informações, ver: <http://www.slideshare.net/_epigram/programacao-15538068>.

- 5) A construção de simulacros de alunos e professores na revista *Nova Escola*, de Juliana Castro.
- 6) A escola na rede, de Larissa Zanin.
- 7) A discursivização de professores/alunos: entre exemplo, perfume e um novo ser, de Flávia Souza e Maria Nazareth Pirola.
- 8) Práticas habituais ou práticas ressignificadas?, de Moema Rebouças.

Continuando o segundo dia do evento, o ateliê São Paulo: Mídia audiovisual, coordenado por Silvana Cavalheiro, viu Maria Gabriela Lyra e Silvana Cavalheiro apresentarem São Paulo e o feriado da Revolução Constitucionalista de 1932 nos telejornais de veiculação nacional, e Rafael Lenzi mostrar Os ritmos de São Paulo: entre o trânsito e a veiculação de telejornais na internet.

Na noite de 11 de dezembro ainda houve o lançamento do livro *Investigações nas práticas educativas da arte*, organizado por Moema Martins Rebouças e Maria Gorete Dadalto Gonçalves (Rebouças e Gonçalves, 2012). O livro reuniu

pesquisadores interessados nos processos que envolvem a formação do professor de artes visuais nos cursos de licenciatura nas modalidades presenciais e semipresenciais para analisar como eles se articulam a outros processos formadores de personalidades e inventividades, as quais englobam as diversas práticas sociais em suas dimensões artísticas, estéticas, culturais e comunicacionais (Colóquio..., 2012).

O último dia do colóquio, 12 de dezembro, começou com a conferência Reflexões semióticas da gestualidade, de Diana Luz Pessoa de Barros. Em seguida os últimos ateliês foram iniciados. Oito trabalhos foram apresentados – dois no ateliê São Paulo: comércio de moda nas ruas; três no ateliê São Paulo: práticas esportivas; e três no ateliê São Paulo: pontos emblemáticos. A seguir são enumeradas as apresentações e debates de 12 de dezembro.

- 1) Ateliê São Paulo: comércio de moda nas ruas.
 - Totalidade característica da capital paulista na Rua Oscar Freire e traços de particularização do comércio de luxo: movimentos de observação, consumo e vivência, de Kathia Castilho *et al.*
 - Formas de sociabilidade nos *shoppings* paulistanos e o novo *shopping* JK Iguatemi – uma análise sobre o consumo nos modos de vida da urbe, de Graziela Rodrigues *et al.*
- 2) Ateliê São Paulo: práticas esportivas.
 - Notas sobre o Museu do Futebol em São Paulo: o estádio, a cidade, as identidades, de Paolo Demuru e Paolo Sorrentino.
 - Formas do vivido – a prática de esportes náuticos na cidade de São Paulo: represa de Guarapiranga e raia olímpica da USP, de Ester Mendes.

- Jogos de visibilidade midiática no futebol de várzea em São Paulo, de Tatiana Rovina.
- 3) Ateliê São Paulo: pontos emblemáticos.
- Corpos da Paulista: avenida e passantes – por uma etnossemiótica dos corpos, de Renata Baboni.
 - Figuratividade da ponte estaiada Octávio Frias de Oliveira, de Luciana Cotrim.
 - As ruas são para dançar ou “nos jardins suspensos do Minhocão” – subvertendo o uso a partir das formas do vivo no Elevado Costa e Silva, a partir das ações do coletivo cultural Baixo Centro, de Pedro Santo.

3 CONCLUSÃO

O XVIII Colóquio do Centro de Pesquisas Sociosemióticas reuniu em dezembro de 2012 o resultado de muitas pesquisas realizadas ao longo do ano, cumprindo seus objetivos de congregar pesquisadores e estudiosos, promover evento de cunho científico centrado na semiótica, publicar os resultados relevantes de suas pesquisas e promover o intercâmbio com outras entidades.

O colóquio fechou um ano produtivo para as pesquisas em comunicação no Brasil. Foram inúmeros eventos nacionais e internacionais, nos quais entidades e pesquisadores brasileiros e estrangeiros se propuseram a entender questões relacionadas aos discursos, às práticas sociais e às questões nas quais a comunicação se relaciona com a política, a economia, os movimentos sociais, o folclore etc.

REFERÊNCIAS

COLÓQUIO DO CENTRO DE PESQUISAS SOCIOSSEMIÓTICAS, 18., 2012, São Paulo. **Programação...** São Paulo: CPS/PUC-SP, 10, 11, 12 Dez. 2012. (Seção de página eletrônica). Disponível em: <http://www.slideshare.net/_epigram/programacao-15538068>.

PUC-SP – PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO. Centro de Pesquisas Sociossemióticas. **Perfil detalhado.** São Paulo: CPS/PUC-SP, 2008. (Seção de página eletrônica). Disponível em: <<http://www.pucsp.br/cps/pt-br/apresentacao/cinco.html>>.

REBOUÇAS, M. L. M.; GONCALVES, M. G. D. (Orgs.). **Investigações nas práticas educativas da arte.** 1. ed. Vitória: EDUFES, 2012. v. 1. 360 p.

CALENDÁRIO DE EVENTOS INTERNACIONAIS E NACIONAIS

Iury Aragão*

1 EVENTOS INTERNACIONAIS

Association for Education in Journalism and Mass Communication (AEJMC) 2013

Data: 8 a 11 de agosto de 2013

Local: Washington, D.C.

Informações em: <<http://www.aejmc.org/>>

International Association for Media and Communication Research (IAMCR) 2013

Data: 25 a 29 de junho de 2013

Local: Dublin City University – Dublin (Irlanda)

Informações em: <<http://iamcr2013dublin.com/>>

XI Congresso da Federação das Associações Lusófonas de Ciências da Comunicação (Lusocom) 2014

Data: a definir

Local: Vigo (Espanha)

XII Congresso Latino-Americano de Investigadores da Comunicação da Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIC) 2014

Data: 6 a 8 de agosto de 2014

Local: Pontificia Universidad Católica del Perú – Lima (Peru)

II Fórum Confibercom

Confederação Ibero-Americana das Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação (Confibercom) 2013

Data: 26 a 28 de maio de 2013

Local: Instituto Superior da Maia (Ismi) – Porto (Portugal)

Informações em: <<http://www.confibercom.org/main/>>

* Doutorando em comunicação social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMSP).

XVII Colóquio Internacional da Escola Latino-Americana de Comunicação (Celacom) 2013

Data: 2 e 3 de outubro de 2013

Local: Quito (Equador)

VIII Seminário Internacional do Observatório Ibero-Americano da Ficção Televisiva (Obitel) 2013

Data: setembro de 2013

Local: Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina Ciespal – Quito (Equador)

Informações em: <<http://www.eca.usp.br/cetvn/nptn.html>>

IV Seminário Obitel Nacional

Data: novembro de 2013

Local: São Paulo (SP)

Informações em: <<http://www.eca.usp.br/cetvn/nptn.html>>

Painel Obitel**Ecreea Conference**

Data: outubro de 2013

Local: Universidade Lusófona – Lisboa (Portugal)

Informações em: <<http://www.eca.usp.br/cetvn/nptn.html>>

Centre for Communication and Global Change (Orecomm) Festival 2013

Data: 13 a 16 de setembro de 2013

Locais: Malmö (Suécia) e Copenhagen e Roskilde (Dinamarca)

2 EVENTOS NACIONAIS**V Seminário de Integração Institucional da Federação Brasileira das Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação (Socicom)**

Data: 28 de março de 2013

Local: Centro Cultural da Intercom – São Paulo (SP)

Informações em: <<http://www.socicom.org.br/>>

34º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Intercom

Data: 4 a 8 de setembro de 2013

Local: Universidade Federal do Amazonas (Ufam) – Manaus (AM)

Informações em: <<http://www.portalintercom.org.br/>>

XII Intercom Norte

Data: 1 a 3 de maio de 2013

Local: Faculdade Martha Falcão (FMF) – Manaus (AM)

Informações em: <<http://www.portalintercom.org.br/>>

XIV Intercom Sul

Data: 30 de maio a 1º de junho de 2013

Local: Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) – Santa Cruz do Sul (RS)

Informações em: <<http://www.portalintercom.org.br/>>

XV Intercom Centro-Oeste

Data: 30 de maio a 1º de junho de 2013

Local: Instituto de Ensino Superior de Rio Verde (Iesriver) – Rio Verde (GO)

Informações em: <<http://www.portalintercom.org.br/>>

XV Intercom Nordeste

Data: 12 a 14 de junho de 2013

Local: Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN) – Mossoró (RN)

Informações em: <<http://www.portalintercom.org.br/>>

XVIII Intercom Sudeste

Data: 3 a 5 de julho de 2013

Local: Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Bauru (SP)

Informações em: <<http://www.portalintercom.org.br/>>

XXI Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós)

Data: 4 a 7 de junho de 2013

Local: Universidade Federal da Bahia (UFBA) – Salvador (BA)

Informações em: <<http://www.compos.org.br/>>

VI Encontro Paulista de Professores de Jornalismo do Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ)

Data: 26 e 27 de abril de 2013

Local: Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) – São Paulo (SP)

Informações: <<http://www.fnpj.org.br/>>

II Encontro Sul-Brasileiro e V Encontro Paranaense de Professores em Jornalismo do FNPJ

Data: 26 e 27 abril de 2013

Local: Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) – Ponta Grossa (PR)

Informações: <<http://www.fnpj.org.br/>>

VI Encontro Rio/Espírito Santo de Professores de Jornalismo do FNPJ

Data: 9 de maio de 2013

Local: Faculdades Integradas Hélio Alonso (Facha) – Rio de Janeiro (RJ)

Informações: <<http://www.fnpj.org.br/>>

VI Encontro Mineiro de Professores de Jornalismo do FNPJ

Data: agosto de 2013

Local: Universidade Federal de Viçosa (UFV) – Viçosa (MG)

Informações: <<http://www.fnpj.org.br/>>

I Encontro Nordeste de Professores de Jornalismo do FNPJ

Data: 22 de abril de 2013

Local: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – Vitória da Conquista (BA)

Informações: <<http://www.fnpj.org.br/>>

I Encontro Norte de Professores de Jornalismo do FNPJ

Data: a definir

Local: a definir

Informações: <<http://www.fnpj.org.br/>>

I Encontro Centro-Oeste de Professores de Jornalismo do FNPJ

Data: a definir

Local: a definir

Informações: <<http://www.fnpj.org.br/>>

XI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor); III Encontro Nacional de Jovens Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor; e Cerimônia de Premiação da 8ª Edição do Prêmio Adelmo Genro Filho de Pesquisa em Jornalismo da SBPJor

Data: novembro de 2013

Local: Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB) – Brasília

Informações em: <<http://www.sbpjor.org.br/sbpjor/>>

IV Encontro Nacional de Pesquisadores em Publicidade e Propaganda (Pró-Pesq PP) da Associação Brasileira de Pesquisadores em Publicidade (ABP2)

Data: 22 a 24 de maio de 2013

Local: Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo – ECA-USP – São Paulo (SP)

Sociedade Brasileira dos Profissionais e Pesquisadores de Comunicação e Marketing Político (Politicom)**XII Congresso Brasileiro de Comunicação e Marketing Político**

Data: 17 e 18 de outubro de 2013

Local: Universidade Federal do Juiz de Fora (UFJF) – Juiz de Fora (MG)

VII Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas (ABRAPCORP)

Data: 15 a 17 de maio de 2013

Local: Universidade Católica de Brasília (UCB) – Brasília

Informações em: <<http://www.abrapcorp.org.br/porta1/>>

IX Congresso do Fórum Brasileiro de Ensino de Cinema e Audiovisual (Forcine)

Data: 15 a 19 de agosto de 2013

Local: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) – Campinas (SP)

Informações em: <<http://forcine.org.br/site/congressos/>>

XVII Encontro da Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (Socine)

Data: 8 a 11 de outubro de 2013

Local: Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul) – Florianópolis (SC)

Informações em: <<http://www.socine.org.br/>>

XVI Conferência Brasileira de Folkcomunicação (FOLKCOM 2013)

Data: 26 a 28 de junho de 2013

Local: Universidade Federal do Ceará (UFC), *Campus* Cariri – Juazeiro do Norte (CE)

Informações em: <<http://www.redefolkcom.org/>> e <http://redefolkcom.blogspot.com.br/>>

IX Encontro Nacional de História da Mídia (Alcar 2013)

Data: 30 de maio a 1º de junho de 2013

Local: Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) – Ouro Preto (MG)

Informações em: <<http://www.jornalismo.ufop.br/historiadamidia>> ou pelo endereço eletrônico: historiadamidia@icsa.ufop.br

UM PASSO DECISIVO PARA A CONSOLIDAÇÃO DAS CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

Elias Machado*

1 UMA DEMONSTRAÇÃO DE MATURIDADE

Até meados da primeira década dos anos 2000, era um sonho pensar que seria possível construir uma entidade capaz de congregiar todas as associações científicas e acadêmicas relacionadas ao campo das ciências da comunicação. Este projeto estratégico somente se concretizou depois de mais de cinquenta anos da fundação do primeiro curso superior em jornalismo no país, comemorados em 2 de setembro de 2008, durante assembleia geral realizada em Natal, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), demonstrando a maturidade da área no Brasil.

A criação da Federação Brasileira das Associações Científicas e Acadêmicas da Comunicação (Socicom), ao mesmo tempo em que significou um salto qualitativo na estruturação das entidades, representou uma inflexão no tipo de relação predominante entre as principais lideranças de pesquisadores brasileiros das ciências da comunicação. Antes da Socicom, predominava entre as diversas associações existentes a fragmentação histórica de interesses, com umas se opondo às outras, sem que se pudesse vislumbrar no futuro próximo uma atuação conjunta com o objetivo de constituir uma representação institucional comum.

Por um lado, podia-se compreender o divisionismo entre as lideranças acadêmicas da comunicação como decorrente da forma pela qual o campo científico da comunicação se estruturou. Havia a necessidade de compatibilizar as demandas de formação profissional de caráter mais técnico – para atender a alunos – com os anseios mais abstratos dos professores, oriundos de disciplinas como filosofia, sociologia, psicologia, antropologia, ciência política ou letras. Em contrapartida, era evidente que o modelo adotado pouco contribuía para, no plano interno, afirmar as ciências da comunicação como um espaço multifacetado, aberto para uma pluralidade de práticas e disciplinas e, no plano externo, se legitimar como uma grande área de conhecimento no sistema geral das ciências.

* Professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); e diretor de Relações Nacionais da Federação Brasileira das Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação (Socicom).

Para se chegar ao novo patamar de relações, o movimento político na área de comunicação teve que passar por ao menos três grandes etapas: *i)* ocupação de espaços dentro do sistema universitário a partir da formação profissional; *ii)* legitimação acadêmica com a abertura dos cursos de pós-graduação por meio de articulações interdisciplinares; e *iii)* reconhecimento do caráter multifacetado da área por meio da constituição de sociedades científicas específicas para agrupar as diferentes disciplinas ou objetos de interesse. Nenhuma destas etapas se caracterizou por uma unidade plena na ação entre todos os segmentos envolvidos (profissionais, empresas, universidades e comunidade científica).

A ocupação de espaços dentro do sistema universitário para a formação enfrentou resistência ferrenha tanto dos profissionais quanto das empresas jornalísticas, posição que se mantém até a atualidade, com a campanha que culminou com o fim da obrigatoriedade do diploma para o exercício do jornalismo em 2009. A legitimação acadêmica começou a ser conquistada com a criação dos primeiros cursos de pós-graduação – em 1970, a Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), seguida pela criação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ), em 1972 –, e com a fundação da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), em 1977, e da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós) em 1992. O reconhecimento do caráter multifacetado do campo foi alcançado por meio do pioneirismo da Sociedade Brasileira dos Estudos de Cinema (Socine), fundada em 1996, vindo a se aprofundar com a criação da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), em 2003.

No caso da constituição da Socine, embora a decisão tenha sido paradigmática, porque apontou a direção para um novo tipo de estruturação do campo das ciências da comunicação no país, não houve uma oposição das principais lideranças da área, visto que o cinema é considerado um espaço híbrido que, dependendo das circunstâncias conjunturais, afilia-se tanto às artes como à comunicação. O passo chave para o surgimento da Socicom aconteceu com a concretização do projeto da SBPJor, em novembro de 2003. Como a dicotomia entre jornalismo e comunicação ainda mobilizava, entre os pesquisadores, de um lado, paixões separatistas e, de outro, muitos preconceitos, para algumas lideranças – em particular às vinculadas à Compós, a partir da SBPJor – poderia configurar um movimento que levaria à ruptura do campo científico da comunicação. Na verdade, o verdadeiro motivo era outro: fortalecer as associações específicas para aumentar o peso político das ciências da comunicação.

Para superar as resistências, a SBPJor decidiu, com o apoio decisivo da Intercom, estabelecer duas frentes de ação: *i)* afirmação do jornalismo como uma das disciplinas

constitutivas das ciências da comunicação; e *ii*) estímulo à formação de outras entidades científicas ou acadêmicas capazes de aglutinar as diversas comunidades de especialistas. Em alguns casos, como o da Associação Brasileira de Pesquisadores em Relações Públicas e Comunicação Organizacional (ABRAPCORP), a SBPJor participou ativamente da fundação; e para outras, como a Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (Compolítica), serviu como exemplo. Quatro anos depois, o número de associações (nove) possibilitou que a Intercom capitaneasse o processo de organização do I Fórum de Associações e Entidades Científicas da Comunicação (Socicom) incluído na programação do congresso anual realizado em Santos, São Paulo.

No I Socicom, discutiram-se as principais dificuldades da área e verificou-se que, ao contrário do que se poderia pensar, a diversificação das entidades havia fortalecido a unidade da comunicação como campo científico com objetivos comuns. Além de dissipar os temores relacionados a uma possível fragmentação da área, os representantes presentes deliberaram pela institucionalização do fórum dentro do congresso da Intercom e a eleição de uma comissão formada por Ana Médola (Compós), Elias Machado (SBPJor), Eugênio Trivinho (Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura – ABCiber) e Margarida Kunsch (ABRAPCORP), para formalizar as futuras ações conjuntas.

Entre um congresso e outro (de 2007 a 2008), a SBPJor, em comum acordo com a Intercom, percebeu que havia condições de aproveitar o clima existente para propor a criação de uma federação das associações, sacramentando o processo de institucionalizar a representação das ciências da comunicação. A comissão de institucionalização se transformou em comissão de elaboração dos estatutos, e passou a contar com a inclusão de Valério Brittos, da seção brasileira da Unión Latina de Economía Política de la Información, la Comunicación y la Cultura (ULEPICC-Brasil). Com esta formação, recebeu a missão de concluir o trabalho para submissão aos representantes de todas as entidades até o congresso da Intercom de 2008, realizado na UFRN, em Natal.

A conclusão com pleno êxito do processo de criação da Federação Brasileira de Associações Científicas e Acadêmicas da Comunicação (Socicom) deveu-se a três fatores complementares: *i*) a necessidade, no plano nacional, de unidade na defesa dos interesses estratégicos do campo científico da comunicação; *ii*) a percepção comum de que, uma vez conquistada a representação específica, era fundamental o fortalecimento das ciências da comunicação como uma grande área do conhecimento; e *iii*) a unidade na representação das entidades brasileiras nas associações científicas e acadêmicas internacionais, fortalecendo a luta pelo reconhecimento dos países ibero-americanos em entidades como International Communication Association (ICA) e International Association Mass Communication and Research (IAMCR).

2 OS DESAFIOS DAS PRIMEIRAS GESTÕES

A primeira diretoria da Socicom¹ teve como principais desafios estruturar a entidade do ponto de vista administrativo e legitimá-la entre as associações da área e perante a sociedade, além de contribuir para a construção de fóruns internacionais de representação do pensamento comunicacional ibero-americano. Uma vez mais, a Intercom proporcionou apoio decisivo, emprestando e liberando o espaço da sede social localizada na av. Brigadeiro, em São Paulo, para as reuniões periódicas da diretoria. Sem a infraestrutura da Intercom, teria sido inviável a plena instalação da Socicom, ante a falta de recursos para custear despesas administrativas.

Como uma entidade recém-constituída, a Socicom conseguiu cumprir com seus compromissos programáticos graças aos repasses das afiliadas e a acordos de cooperação para projetos estratégicos, como o firmado com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), decorrente da articulação entre o presidente da Socicom, José Marques de Melo, e o então assessor de Comunicação do Ipea, Daniel Castro. A disparidade de condições estruturais existentes entre as afiliadas (algumas delas com muito poucas fontes de arrecadação permanente) inviabilizava a definição de taxas de associação e anuidade com valores elevados. Para reduzir os custos administrativos, a direção decidiu manter os fóruns anuais durante os congressos da Intercom e contou com o apoio das afiliadas para compartilhar os custos de deslocamento dos dirigentes para as reuniões periódicas em São Paulo. A compreensão dos associados possibilitou a fixação de taxas capazes de viabilizar a participação de todos nas diferentes atividades programadas.

Nos primeiros meses, foi necessário atuar em três frentes para legitimar a Socicom: *i)* entre as entidades da área de comunicação; *ii)* com os gestores da ciência e tecnologia no país; e *iii)* com as associações internacionais. No plano das relações com as associações, a direção teve a sensibilidade de acolher sugestões de ajustes nos estatutos feitas pela Compós para integrar todas as afiliadas e atuou para garantir novas afiliações, além de manter audiências com Antonio Ibañez, diretor do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), e Silvio Da-Rin, diretor do Ministério da Cultura (MinC), e também com Jorge Guimarães, presidente da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), Marcio Pochmann, presidente do Ipea, e Renato Janine Ribeiro, diretor de avaliação da Capes. Em termos internacionais, a Socicom liderou o movimento para a criação da Confederação Ibero-Americana de Associações Científicas e Acadêmicas da Comunicação (Confibercom), em 2009, na Ilha da Madeira.

1. Formada por José Marques de Melo (presidente), Ana Médola (vice-presidente), Elias Machado (diretor de Relações Nacionais), Anita Simis (diretora administrativa), Margarida Kunsch (diretora de Relações Internacionais) e César Bolaño (presidente do Conselho Deliberativo).

Após dois mandatos, a Socicom conseguiu conquistar plena legitimidade na área, contando em suas fileiras com a participação de quinze associações acadêmicas e científicas em atividade no país. As visitas às agências de fomento como Capes e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) contribuíram para aumentar a visibilidade do campo científico da comunicação, por meio da divulgação de sua complexidade e diversificação, e para fortalecer a reivindicação por sua transformação em grande área de conhecimento. A liderança da Socicom possibilitou a realização do I Congresso Mundial Ibero-Americano de Comunicação, em São Paulo, em agosto de 2011, trabalho coordenado pela diretora de Relações Internacionais, Margarida Kunsch.

O acordo de cooperação firmado com o Ipea garantiu – pela primeira vez e em tempo recorde para a escala nacional – a elaboração de estudos sistemáticos sobre o campo científico da comunicação financiados com recursos do governo federal. A contratação de pesquisadores por meio de edital para executar pesquisas específicas sobre o campo da comunicação significou um marco histórico, uma vez que permitiu a profissionalização destas atividades, antes aleatórias, sem uma metodologia comum e relegadas a iniciativas isoladas de pesquisadores individuais. O levantamento da história do campo comunicacional possibilitou a compreensão das ações empreendidas pelas diversas associações científicas e acadêmicas, o mapeamento do perfil dos profissionais e a identificação das demandas reconhecidas pelos órgãos de Estado como de caráter estratégico para a formulação de políticas públicas para o desenvolvimento da indústria brasileira das comunicações.

A renovação da parceria com o Ipea, após a publicação do primeiro *Panorama da comunicação e das telecomunicações no Brasil*, representou a continuidade da elaboração de indicadores nacionais sobre o campo da comunicação e inclusive de indicadores comparativos com outros países latino-americanos ou do BRICS. Antes deste acordo, faltava, para os órgãos de governo, o acesso a informações suficientes para orientar suas ações de longo prazo. Este tipo de estudo, muito comum entre os formuladores de políticas públicas nos Estados Unidos ou na Comunidade Europeia e em outros setores até mesmo no Brasil, simplesmente inexistia no caso das comunicações, uma das indústrias consideradas de ponta na atualidade. A partir desta iniciativa pioneira, que, por enquanto, depende de renovação periódica, passam a existir condições para tornar permanente este trabalho, com a inclusão dos indicadores da comunicação na lista de setores analisados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Com o crescimento da importância estratégica do campo das comunicações, cada vez mais o governo passa a ter necessidade de planejar suas ações de forma mais criteriosa e orientado pelo conhecimento pleno da realidade de cada região. A definição das prioridades de investimentos nas cadeias produtivas das diferen-

tes indústrias (desde o *software*, passando pelo jornalismo, pelo entretenimento, até o audiovisual) pressupõe a análise detalhada de seus pontos críticos para a formulação de possíveis soluções. A multiplicação das matrículas de estudantes de graduação nos cursos de comunicação (mais de 250 mil), por exemplo, em um período de contração do mercado de trabalho, poderia ter sido evitada, caso houvesse um estudo prévio das demandas prioritárias para a formação de profissionais. Isto evitaria a duplicação de vagas desnecessárias em determinadas regiões, enquanto, em outras, falta oferta de trabalhadores especializados em setores estratégicos para a sociedade.

3 ROTEIRO DE AÇÃO PARA OS PRÓXIMOS ANOS

Depois de quatro anos de gestão em que se assentaram as bases para a atuação da entidade nos planos interno e externo, a consolidação da Socicom passa por quatro ações complementares: *i)* coordenação política unificada para colaborar na elaboração de políticas públicas; *ii)* proposição de projetos estratégicos para captação permanente de recursos; *iii)* definição de metas para atingir o objetivo de transformar as ciências da comunicação em uma grande área do conhecimento; e *iv)* manter a posição de liderança na Confibercom.

Uma vez superadas as resistências iniciais, decorrentes de temores infundados de uma possível fragmentação do campo científico da comunicação, cabe agora à Socicom assumir sem receios a função de coordenação política da área, atuando como principal interlocutor dos órgãos de Estado na formulação de políticas públicas. De uma vez por todas, deveria ficar claro que a Socicom nunca teve como missão substituir as afiliadas em suas atribuições específicas, mas, sim, cumprir com uma tarefa muito mais ampla de representação política de todo o campo científico da comunicação.

Enquanto persistir o receio de acordo com o qual a Socicom tenha de renunciar a este papel de liderança política de todas as entidades em nome da unidade da área, o campo científico da comunicação continuará apostando nas interlocuções isoladas, centradas em interesses particulares, em vez de agregar esforços na defesa de projetos comuns. Somente a articulação com os ministérios e agências de fomento (CNPq, Capes e Financiadora de Estudos e Projetos – FINEP) e a participação permanente em fóruns comandados pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e pela Academia Brasileira de Ciências (ABC) levará a Socicom a ocupar os espaços estratégicos essenciais para a representação política das ciências da comunicação.

A participação da Socicom nos fóruns da ABC e da SBPC tem como propósito, ainda, reivindicar a indicação de pesquisadores das ciências da comunicação para integrar os quadros da ABC e para receber a medalha do Mérito Científico,

entregue todos os anos pelo MCT aos pesquisadores com contribuições relevantes para o avanço científico no país. É urgente que o campo da comunicação possa reverter a situação atual, em que mais de 35 anos depois da fundação da mais antiga sociedade científica da área – a Intercom, em 1977 –, não tenhamos nenhum entre os mais destacados pesquisadores indicados para a condição de membro titular da ABC.

A solução para reduzir esse déficit de representação institucional do campo científico da comunicação pressupõe a habilidade dos diretores da Socicom para convencer as entidades filiadas reticentes de que todos ganharão com o fortalecimento político da federação. Em casos particulares – como as contribuições para as políticas públicas, indicação de membros para a ABC ou Mérito Científico e a escolha dos representantes no CNPq e Capes –, são inegáveis as vantagens de se passar a atuar de forma unificada, discutindo internamente as diferenças para apresentar propostas consensuais do campo científico da comunicação.

Como a federação não possui meios de financiar propostas estruturantes dependendo unicamente das anuidades pagas pelas filiadas, outra prioridade para os futuros diretores é a elaboração de projetos estratégicos permanentes, tais como o firmado com o Ipea, a fim de colocar a competência técnica dos especialistas da área a serviço da produção de conhecimentos para subsidiar as decisões governamentais no campo das comunicações. A compreensão de que a elaboração e aprovação destes projetos seja fundamental para o futuro da Socicom pode levar à criação de grupos de trabalho para a coordenação destas atividades em relação direta com as áreas de interesse das afiliadas especializadas em cada uma das propostas.

Além de negociar a renovação do acordo com o Ipea, a Socicom poderia articular novos projetos em setores de ponta – tais como televisão digital, políticas públicas para comunicação, regulamentação da comunicação, produção de *software* para indústria do entretenimento, políticas de incentivo à inovação na indústria das comunicações, o futuro da indústria de jornais, políticas para a pós-graduação em comunicação, entre outros – para apresentar ao MCT, MEC, MinC e Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), às agências de fomento como FINEP, Capes e CNPq e, ainda, às comissões de Educação e de Ciência e Tecnologia da Câmara dos Deputados e do Senado Federal.

Outra proposta com potencial para ser bem recebida pelos ministérios e agências de fomento, e implementada em parceria com as secretarias estaduais e municipais de Educação, seria a de organização das Olimpíadas Nacionais de Comunicação. Como se trata de uma área estratégica para o desenvolvimento das sociedades contemporâneas, este seria o momento de o Estado brasileiro ter um programa permanente de educação para os meios de comunicação visando propiciar aos alunos do ensino médio o conhecimento acerca do modo de funcionamento e das particularidades

da indústria das comunicações. Seria uma oportunidade de esclarecer questões complexas, como liberdade de expressão, direito à informação, regulamentação das comunicações, políticas públicas de comunicação, legislação de comunicação, ética da comunicação, entre muitas outras.

Na lista de prioridades da Socicom, caberia incluir, ainda, a elaboração de metas e prazos para atingir o projeto estratégico de transformação das ciências da comunicação em uma grande área de conhecimento. Ficando somente no plano da proposta abstrata, corre-se o risco de avançar muito pouco em prol de sua concretização, mantendo *ad infinitum* a área em condição subalterna às demais no sistema geral das ciências. A melhor maneira de evitar este tipo de encaminhamento que prorroga no tempo a execução de uma meta é determinar ações e prazos a serem cumpridos pela diretoria no sentido de viabilizar as ciências da comunicação como grande área de conhecimento.

Por fim, a Socicom, como filiada de referência para a fundação da Confibercom, tem de defender a profissionalização das atividades da confederação por meio da elaboração de um plano de metas e de projetos de parceria com a União das Nações Sul Americanas, a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal) e a Secretaria Geral Ibero-Americana. Além de propor acordos de cooperação com os principais órgãos multilaterais da região, a Confibercom necessita aproveitar as oportunidades existentes no Programa Ibero-Americano de Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento (em espanhol, Programa Ibero-Americano de Ciencia y Tecnología para el Desarrollo – CYTED) e no Programa Sul-Americano de Apoio às Atividades de Cooperação em Ciência e Tecnologia (PROSUL) para alavancar ações conjuntas para a sustentação de nossa confederação.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BRAGA, J. L.; MARTINO, L.; LOPES, M. I. V. (Orgs.) **Pesquisa empírica em comunicação**. São Paulo: Paulus, 2010.

FARO, J. S. **A universidade fora de si**: a Intercom e a organização dos estudos de comunicação no Brasil. São Paulo: Intercom, 1992.

GROTH, O. **O poder cultural desconhecido**. Fundamentos da Ciência dos Jornais. Petrópolis: Vozes, 2011.

MACHADO, E. SBPJor: uma conquista dos pesquisadores em Jornalismo. *In*: MELO, J. M.; KUNSCH, M. (Orgs.). **Panorama da comunicação e das telecomunicações no Brasil**. Brasília: Ipea, 2010. v. 2, p. 123-129.

MELO, J. M. **História do pensamento comunicacional**. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. **História política das ciências da comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad, 2008.

MELO, J. M.; CASTRO, D. (Orgs.). **Panorama da comunicação e das telecomunicações no Brasil**. Brasília: Ipea, 2012. 4 v.

POOLEY, J.; PARK, D. (Orgs.) **The History of media and communication research: contested memories**. New York: Peter Lang, 2008.

ROGERS, E. M. **A history of communication study**. A biographical approach. New York: The Free Press, 1994.

SANTAELLA, L. **Comunicação e pesquisa**. São Paulo: Hacker, 2001.

SCHRAMM, W. **The beginnings of communication study in America: a personal memory**. Edited by CHAFFEE, Steven Chaffee e Everett M. Rogers. London: Sage, 1997.

EDITORIAL

Coordenação

Cláudio Passos de Oliveira

Supervisão

Everson da Silva Moura

Reginaldo da Silva Domingos

Revisão

Andressa Vieira Bueno

Clícia Silveira Rodrigues

Idalina Barbara de Castro

Laeticia Jensen Eble

Leonardo Moreira de Souza

Luciana Dias

Marcelo Araújo de Sales Aguiar

Marco Aurélio Dias Pires

Regina Marta de Aguiar

Olavo Mesquita de Carvalho

Regina Marta de Aguiar

Celma Tavares de Oliveira (estagiária)

Patrícia Firmina de Oliveira Figueiredo (estagiária)

Editoração

Aline Rodrigues Lima

Bernar José Vieira

Daniella Silva Nogueira

Danilo Leite de Macedo Tavares

Jeovah Herculano Szervinsk Junior

Leonardo Hideki Higa

Daniel Alves de Sousa Júnior (estagiário)

Diego André Souza Santos (estagiário)

Capa

Shine Comunicação

Livraria

SBS – Quadra 1 – Bloco J – Ed. BNDES, Térreo

70076-900 – Brasília – DF

Tel.: (61) 3315 5336

Correio eletrônico: livraria@ipea.gov.br

Missão do Ipea

Produzir, articular e disseminar conhecimento para aperfeiçoar as políticas públicas e contribuir para o planejamento do desenvolvimento brasileiro.

ISBN 978-85-7811-174-8



9 788578 111748 >

ipea Instituto de Pesquisa
Econômica Aplicada

S2E

SECRETARIA DE
ASSUNTOS ESTRATÉGICOS
DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA